

Ok-A ONÇA MISTERIOSA

Liberato Póvoa

liberatopvoa@uol.com.br

Fazendas localizadas em terreno de brejo padecem o pesadelo do atoleiro, que engole reses inteiras, sem que outro remédio exista para impedir os prejuízos, senão rodear os sumidouros com cerca de arame, que aterrar é impossível. Como se não bastassem os atoleiros, existe o sucuriú, formidável réptil que, inobstante não venenoso, mata as rezes por constrição, a ponto de triturar-lhe os ossos para engoli-las inteiras.

Entretanto, quer pela facilidade com que se movimenta nas cercanias das serras, pela esperteza que lhe dificulta a caçada, pela valentia com que recebe os cachorros numa acuação, matando-os a tapa e às vezes investindo contra o próprio homem, a onça pintada pontifica entre os maiores pesadelos das fazendas.

A caçada de onça - quem afirma é o sertanejo - é extremamente perigosa, pois, acuada, ela se torna imprevisível: pode ficar remoendo a raiva manifestada em pavorosos miados ou pode investir contra os onceiros e, às vezes, contra o caçador. Dizem os entendidos que não se pode errar o primeiro tiro numa onça acuada, pois quando a fumaça da pólvora se dissipa, a bichana está em cima. Existe até o ditado, segundo o qual uma coisa está tão certa como a onça vem na fumaça.

Casos de onça e caçadores desenharam histórias e mais histórias no sertão, onde conheci muita gente que sentiu ao vivo as emoções de uma caçada, após acuar o terrível felino numa árvore, no topo de uma caleira ou recanteada numa gruta.

Lendária se tornou a imensa e misteriosa onça pintada que viveu por muito tempo nas terras que cercavam a fazenda Jardim, do coronel Abílio Wolney, a cinco léguas de São José do Duro, cheia de grutas e socavões muito propícios à fera. A onça esturrava à noite, arrepiando de medo os moradores.

Embora monstruosa, capaz de carregar na cacunda um marruá, a onça do Jardim tinha uma peculiaridade; só comia animal de montaria. Não se teve notícia de um só bezerro que tivesse morrido em suas garras, e o imenso rebanho da considerada a maior fazenda da região não foi molestado. Em compensação, dizem que não sobrou nem mesmo um jumento, e de certo época em diante, o pessoal das redondezas estava andando a pé, por não ter sobrado um mísero rocinante para se pôr a sela.

Afirmam que raramente a bichana comia a presa; limitava-se a sangrá-la e abandoná-la exangue, como se tivesse o sádico prazer de ver o sangue correr. E de tal forma ficou audaciosa a onça, que vinha matar animais no pátio da fazenda, à plena luz do dia, e às vezes dentro do curral, encostado à casa, quando sua fúria exterminadora impôs que à noite se recolhessem os animais às mangas de pasto e aos currais, para melhor serem vigiados. E até se registrou o caso de uns tropeiros que acamparam à beira de um carregamento, peando animais de montaria e de carga e colocando-lhes ao pescoço chocalhos para facilitar a localização de madrugada, na hora de arribar de novo em viagem. Pela manhã, encontraram todos mortos, sacrificados um por um pela misteriosa onça. E tão especialista era, que os tropeiros não escutaram qualquer sintoma de ataque.

Mandaram vir caçadores da Bahia, do Piauí e de outros Estados para dar cabo da pintada, sem resultado; a fama da onça gerou histórias, segundo as quais ela havia aparecido e conversado com caçadores, dizendo-lhes que era o espírito

do velho coronel Wolney (pai de Abílio, dono da fazenda) e que estava comendo o que era dela.

O mito da onça do Jardim, que só foi comparável à celeberrima Mão Torta, de igual mistério, terminou por acaso, quando um dos moradores da região (cujo nome não me lembro), andando perto de umas grutas, foi surpreendido por uma chuva repentina, obrigando-o a refugiar-se numa das lapas. Passada a chuva, ele foi saindo, quando reparou duas luzes esverdeadas faiscando em cima do portal da saída da gruta. Sem saber o que poderia ser aquele par de luzes, puxou instintivamente o cão da espingarda e seguiu em frente. Era a terrível onça que estava de bote pronto para atacar. Quando menos esperou, o felino já pulava em cima, que nem deu tempo de ele levar a arma ao ombro, usando-a apenas como proteção. Com o pulo, a espingarda disparou, e, para sua felicidade, o tiro atingiu bem entre os olhos da besta-fera, que estrebuchou ali mesmo, em cima do caçador, que branco que nem cera, ainda ganhou umas lanhadas no estertor da morte da bicha. E as marcas no seu corpo serviram de prova de valentia, uma espécie de troféu de guerra.

De frouxo e medroso, o caçador por acaso entrou no rol dos heróis do Duro.

oOo

Ok - A HISTÓRIA DE VICENTE

Liberato Póvoa

Acho que Vicente é dali mesmo, do sertão. Humilde, sempre de cara alegre, pedindo a bênção pros mais velhos e chamando-os de “meu tio” e “minha tia” e escondendo sua pobreza na cachaça que lhe tingia de vermelho o rosto empapuçado.

Não sei por que razão o Vicente só me chama de Tõe. Talvez porque se tenha afeiçoado a Tonho, meu irmão cinco anos mais velho, que segundo eu soube, andava pra cima e pra baixo na cacunda de Vicente.

Sempre de chapéu de palha meio quebrado de lado, corpo franzino, pele pretejada mais pelo sol do que por natureza, Vicente vive ainda hoje pelo sertão do Duro, morando – se não me falha a memória – no arraial de Taipas.

Tem outros irmãos: Inácio, Arlindo e Belô, uma geração que veio do velho João Roxo, todos chegados a uma pinguinha, todos esbrugados no cabo da ferramenta na labutança de fazer serviço alheio. Como Vicente, os irmãos, parecidíssimos, debulham-se em gentilezas e subserviência, atrás do agradar a todos, que os têm na conta de gente boa, apesar da pinga e não obstante a pobreza, que, afinal, não é defeito nenhum.

Quando via Vicente caminhando nas ruas do Duro, sua atenção com a gente, lia-lhe nos olhos uma tristeza imensa, que se deixava notar na fala mansa, nos gestos largos, na incerteza de encontrar um lugar para aboletar-se na rua até descer a serra no dia seguinte para voltar a Taipas.

A falta do braço direito, do qual restou apenas um toquinho escondido na manga curta da camisa, deve de ser uma das razões da tristeza de Vicente. Com, o braço esquerdo, para muitos inútil e desajeitado, Vicente pica fumo, enrola cigarro, capina roça, racha lenha e dele faz seu ganhame de vida.

Normalmente, a fala pastosa e molenga das pessoas cachaceiras causam asco a todo mundo. Mas não conheci ninguém que tratasse mal a Vicente por esse motivo, talvez por vê-lo falto de um braço, inspirando pena, pois, perante a irmandade, ele não tem ninguém no mundo: não se casou, não amigou pelo menos para ter nos filhos uma escora na velhice. E com o tempo conspirando contra ele a cada dia, a velhice vai tomando feições de pesadelo para uma pessoa que não tem um taquinho de chão para brocar uma rocinha, vivendo de plantar em terra dos outros.

Desde menino, já conheço Vicente com um braço só, e algumas pessoas apelidando-o de Vicente Bracinho, não por escárnio, mas para diferenciá-lo de outros Vicentes, que o nome não é lá rotulado de raridade.

Como criança não tem noção de quando está ou não ferindo suscetibilidades, fiz certa época uma pergunta, que para um adulto poderia parecer embaraçosa:

Por que você só tem um braço, Vicente?

Ele deu um suspiro, folguejou fundo e, compreendendo minha curiosidade, começou: ‘

- - É, Tõe... é a vida...

E contou. Trabalhador que nunca recusara serviço, estava labutando nos quefazeres da moagem da Baixa Grande, ora torando cana, ora espumando garapa

nos tachos de cobre, ora enformando rapadura nas bancadas. Fazia de tudo (que disposição não lhe faltava), desde o tanger as juntas de bois ao redor do engenho até socar a cana nas moendas para desmanchar em garapa.

E nesse último serviço estava ele, entretido em empurrar a cana nas moendas gritantes, enquanto o lamento do engenho furava a madrugada misturando-se com o alarido do tangedor de bois e o fuá dos fazedores de melado e rapadura.

Escutou-se o grito de Vicente, mas ninguém deu ligança, que a gritaria e a zoadada abafavam tudo. Quando assuntaram que a garapa que escorria no cocho estava pisada de sangue é que deram fé: pararam os bois e foram socorrer Vicente, cujo braço direito estava esmagado até três dedos do ombro, e ele ficara dependurado pelo trapo de braço entre as pesadas moendas de jatobá.

Anos atrás, quando aqui estive, vi Vicente medindo as ruas com seus passinhos de fogo-apagou e calça arregaçada até a canela, caminhando avexado, como é do seu feitio. Lembrei-me do caso do engenho e arrepiei-me todo. Dei-lhe o cigarro e conversamos, um bate-papo mais meu do que dele, pois se limitava a dizer “a pois, num é?”, “acredito” e “sim, sinhô”, afastou-se com a caminhar miúdo para dobrar a primeira esquina, com sua tristeza imensa e seu jeito de mártir vivo.

Há um tempão, vi Vicente nas Taipas. Tinha parado de beber há tempos, e mais recentemente, na certeza de que teria um papo gostoso no nosso próximo reencontro, soube que ele ainda estava lá pelas Taipas, com seu jeitinho de sempre, pedindo a bênção pros mais velhos e fazendo seus servicinhos que o braço único permite, para ganhar a vida.

oOo

Ok-ELEIÇÃO TEMPORONA

Liberato Póvoa

Hoje está sendo realizada a eleição temporona em São Sebastião do Tocantins, para escolher um novo Prefeito, já que o eleito teve anulada sua escolha porque ele chegou às urnas apatrocado por dois partidos, e a lei só permite um.

Desde meus tempos de menino, só me recordo de uma vez, em que houve uma chamada eleição suplementar, nos anos sessenta, e conto o caso mais adiante, pois é preciso traçar um desenho do que eram as eleições daquele tempo, em que nem rádio havia direito, quanto mais a urna eletrônica de hoje.

Na época das eleições a cidade fervilhava de gente do mato, muitos analfabetos e poucos eleitores (pois analfabeto não votava ainda), entupindo a casa dos cabos eleitorais e chefes políticos, que naquele tempo não havia a "Lei Etelvino Lins" para impedir a compra de votos através da muda de roupa nova e da pança cheia. No dia 3 de outubro, o matuto se extasiava, sentindo-se o rei do acontecimento: a corrida atrás de voto era incansável, e a vitória, apertada, pois o eleitorado era escasso. Nas imediações das seções eleitorais, moças bonitas e cheirosas de ambas as partes, procuravam cativar os barirus com promessas de presentes e de dançar com eles no baile da vitória, em troca do precioso voto. E havia tabaréus, que nada tinham de bestas, tirando proveito de tudo:

- O xente, moço, cê lavô a égua!
- Uai, e pro mode quê?
- Rôpa nova, precata nova... Adonde ranjô?
- O pessoal de Dito Póvoa qui me deu nas inleição.
- E cê votô nele mesmo'
- Uai, eu nem num voto!... Sei lá assiná meu nome?

Enquanto o PSD formava seus currais eleitorais, a UDN tinha seus eleitores de cabresto, e isto se transformava no fiel da balança que decidia o pleito.

As filhas de Augusto Rodrigues – Diran, Nem, Quiniana, Dasse, Lélia - eram terríveis, movimentando os comícios, de um lado. Do outro, as de Totó Aires - Dolores, Todinha, Iracema, Leda - não ficavam para trás, agarrando com unhas e dentes os preciosos votos para o partido apoiado aquele ano.

Por tradição, os Póvoas sempre foram udenistas. e os Costa, nossos parentes perto - e no arrebentar das cordas uma só família -, eram pessedistas. Os Rodrigues, assim, gozavam da cômoda situação de ser assediados de todas as formas pelos chefes políticos de ambos os partidos, à cata do precioso apoio. E apesar da movimentação eleicoeira e dos bate-bocas nos comícios, as diferenças eram esquecidas logo após as apurações, quando uns chegavam a gozar com a cara dos outros alegando que haviam tomado tantos eleitores. A briga ficava para o pleito seguinte.

Agora vem a história da eleição suplementar a que me referi.

Em 1960 o pleito foi acirrado: pela UDN, o candidato era tio Dito; pelo PSD, tio Joca; ambos, ex-prefeitos; ambos, de prestígio e cunhados entre si: Tio Joca era casado com tia Culininha, irmã de tio Dito. Vencer a eleição seria uma espécie de tira-teima, e apesar de todos os esforços, tio Dito venceu com apertadíssima margem. Mas, para espanto geral, o PSD denunciou uma suposta fraude na Seção Eleitoral de Taipas, onde os Azevedo eram pessedistas. Um recurso com sabor de

satisfação moral perante o governo estadual, que era pessedista (Juca Ludovico, sobre quem o histórico recurso de Galeno Paranhos surtira efeito retardado e inócuo). Assim, pouca esperança era de ter sucesso num recurso de um distritozinho socado cá no sertão e sem influência política nenhuma.

Não se sabe por que cargas d'água (talvez a influência do governo pessedista), o TRE de Goiás acordou, julgou o recurso com uma rapidez nunca vista e declarou nulos os votos da Seção de Taipas, marcando eleições suplementares somente para aquela urna. Para o pequeno arraial dirigiu-se todo o poder econômico dos partidos e do governo, que arranhou até tropas do Exército, mas o resultado foi a confirmação do resultado anterior.

Antes, porém, da decisão do tribunal, houve inquérito para apurar a denúncia da dita fraude que dera origem ao recurso. Ambos os partidos apressaram-se em arrolar testemunhas, nem sempre esclarecidas. O fórum estourava de gente, e o Dr. Magalhães, juiz de Direito, dirigia os trabalhos, ouvindo e apurando tudo, mas, apesar de sua sisudez, nem sempre conseguia conter o riso dos matutos depoentes, que, entre tímidos e apavorados, prestavam depoimento, preocupados em dizer o que lhes havia sido mandado dizer pelo chefe político, geralmente ali presente conferindo a fala. Uma das testemunhas, por nome Joaquim Velho, da Terra Vermelha, em dado momento, foi interrogada pelo sisudo Dr. Magalhães.

- O senhor confirma que viu gente da UDN colocar votos a mais na urna de Taipas?

- É verdade, inhô sim!

O juiz, olhando por riba dos óculos, encarou o pobre Joaquim Velho, já literalmente acossado pelo povarêu que entupia o fórum, fechou a cara e voltou à carga:

- O senhor sabe que mentir na Justiça dá cadeia. O senhor VIU mesmo?

O velho roceiro assuntou o ambiente, cofiou a barba e respondeu, quebrando aquele silêncio de claustro:

- Quê dizê, "Seo" dotô juiz, qui vê... VÊ mesmo eu num vi não...

O juiz cerrou o cenho e estranhou:

- Mas o senhor não disse há pouco que gente da UDN tinha colocado voto a mais na urna?

O depoente coçou a cabeça, olhou nas rodeanças caçando prumo e desembuchou:

- É verdade qui falei, e isso eu num nego! Mas meu cumpadre ali - e apontou um chefe político, que procurou esconder-se no meio do povão - falô qu'eu dissesse assim, de formas qui o sinhô tem de assentá aí no papel é qu'eu vi mesmo, sinão eu fico mal cum meu cumpadre...

O fórum quase veio abaixo, de tanta gargalhada.

oOo

Ok-HONORÃO E CHICO ME-DÁ

Liberato Póvoa

Morando na Santa Maria, Honório Cardoso parecia um nobre: negro, alto, andar espigado, gestos finos, mãos calosas e muito respeito no tratar os outros. Com muita propriedade retratou-o o prefaciador de meu livro (Rua do Grito, 162), José Alencar, quando viu um Honorão a "pose de escravo liberto".

Muito se conta sobre Honorão: ora, verdade; ora, invenção do povo. Verdade, por exemplo, foi o episódio em que, vendo a cana esturricada pela seca braba e, malgrado as penitências na cruz-das-almas, a chuva refugava, seu irmão caçula, Lolô, deliberou por conta e risco próprios, ir até à rua e furtar dos braços de São José o Menino-Deus, dizendo que só o devolveria quando o padroeiro mandasse chuva.

Honorão ficou terrificado - beato que era - quando soube da ação revel do seu irmão benjamin, imaginando um castigo de cima, mas acalmou-se quando Lolô disse ser apenas um memento para o santo carpinteiro lembrar-se da precisão do povo: com tantos pedidos no mundo inteiro, o padroeiro podia atrapalhar-se, mandando sol aos que pediam chuva e esta aos que pediam sol. Assim, ficava bem consinado: chuva pra quem tinha goderado o Menino-Deus.

No mesmo dia, Honorão organizou uma procissão de desagravo ao santo, para ir devolver-lhe o sagrado pimpolho de olhos de conta. E ao retomarem da rua sob o sol causticante a cozinhar o juízo, já desceram os morros da Santa Maria de-baixo do maior pé-d'água, e não houve mais perca de cana e mantimentos por falta de chuva, dali em vante.

A postura de Honorão era elegante, lembrando um patriarca de tribo, entonado sempre num paletó de brim e com a camisa de algodão cru abotoada até o gogó. Suas decisões era seguras, só tomadas após demorados estudos sobre a viabilidade de qualquer providência: levou meses e meses a estudar se punha no seu sítio o nome Nova Vida ou Vida Nova, e acabou botando um deles - nem sei qual - que, de resto, não pegou. Permaneceu o tradicional e imutável Sovaco da Ema.

Embora muito cortês e fino, Honorão era cheio de sestros: só bebia água de cabaça ou de moringa, pois dizia que água de pote, de tanto entrar copo e sair copo, era sobejo dos outros.

Seus hábitos eram sagrados, e nada no mundo o fazia modificar um costume, por mais estapafúrdio que fosse. Dono de uma lavoura de cana, fabricando rapadura, açúcar-da-terra e pinga, sempre acudia os que iam atrás de doce pra temperar o café e a garapa dos meninos. Entretanto, tinha por hábito dar mel de engenho só aos sábados. Durante a semana, podia-se comer rapadura, beber garapa, experimentar uma gostosa puxa, mas mel, não: só no sábado. Chegasse quem chegasse atrás de mel, Honorão jamais abriu precedente. Não havia razão plausível para tal atitude, mas era seu costume. E este era sagrado. O mais amigo dos amigos voltava de lá sem mel, a não ser no sábado.

Lá pelos anos vinte, ocorre que lhe chega ao engenho um tal Chico Me-Dá, morador nas Bicas, perto da fazenda de meu pai. Chico Me-Dá era tido e havido por botador de feitiço e por isso era temido pelos que o conheciam. Ninguém ousava contrariá-lo. E Chico chega justamente pedindo um pouco de mel num dia de semana.

Honorão, confirmando sua natureza de inflexível, quebrou pau no ouvido e não deu o mel. E Chico saiu dali visivelmente contrariado.

De madrugada, foram acender a fornalha, mas esta não havia jeito de pegar. Botaram querosene em cima dos bagaços de cana secos, dos gravetos, trouxeram uma tocha e deitaram em cima. Levantara aquele rolo de fumaça, mas fogo, nada! Acabou foi Honorão resignando-se em perder a garapa toda, que azedou.

- Isto tá cum jeito de feitiço! - alguém palpitou no caso.

Ouvindo um e outro e convencendo-se de que aquilo era coisa botada, Honorão mandou um positivo buscar Joaquim Paraguaio, curador de fama, meio-índio-meio-gente, morador ali no município de Conceição do Norte, exímio mandraqueiro e desmanchador de coisa ruim.

Paraguaio veio. Chegou, benzeu a fornalha e disse a Honorão:

- Óia, mano - ele tratava todo mundo de "mano" - tá disamarrada a fornaia.

Todo mundo ficou curioso em saber o autor daquele malfeito. E Paraguaio, que não declinava nomes, mas dava indícios, sentenciou:

- Você vai sabê quem foi qui fez o malfeito, pois por castigo ele vai caí no fogo - e riscou um palito, jogando na fornalha, que crepitou num fogaréu danado.

Dias depois, Chico Me-Dá estava dormindo numa cama de varas, e ao rolar durante o sono, caiu justamente no fogo aceso da sala onde dormia.

Vocês já imaginaram uma coisa dessas!?

oOo

Ok-PEDRO DINHEIRO

Liberato Póvoa

Um dia - eu era menino - apareceu lá em São José do Duro um forasteiro, até muito simpático e tratável, cabelos escorridos e tez clara, jeito de nordestino. Mas o modo de falar e de se vestir mostrava ser pessoa andada, com um verniz de instrução suficiente para se impor perante muita gente.

Nem lhe lembro a profissão, mas sua aparência excluía a de um braçal qualquer e como que afastava a hipótese de aventureirismo.

Chamava-se Pedro, só Pedro, embora sua postura de gente mais pra mais do que pra menos reclamasse um sobrenome qualquer.

As andanças pelas lonjuras deste Brasil ensinaram-lhe muita coisa, ficando famoso nas redondezas pela capacidade de prestidigitação, de fazer ilusionismos.

Num lugarejo modesto, onde jamais passou um mágico, os ilusionismos de Pedro, classificados de sofríveis pro entendedor, causaram sensação lá no Duro. Circos, propriamente ditos, não conhecíamos por lá, e os que apareceram foram uns cuja "companhia" era apenas o dono do circo (que fazia o indefectível palhaço) e sua mulher (trapezista), como o Circo do Carrapicho, ruim até dizer chega. Quando esses "circos" davam na inventiva de encenar uma peça qualquer para variar as palhaçadas apelativas, precisavam recrutar o pessoal da cidade como figurantes, em troca do ingresso (e vou ficando por aqui, para não passar vergonha nos outros, pois me lembro de figurantes que até compunham a Câmara dos Vereadores dali).

Mágico, mesmo, o único que aqui pintou foi Pedro, que pegou a fazer coisas estranhas: botava coisa pra sumir aqui e aparecer acolá, realizando truques simples, os quais, no entanto, cresciam nos olhos do povo, como um Houdini do sertão.

A bem da verdade, Pedro só fazia suas artimanhas ilusionistas para divertir quem quisesse, e nunca cobrou um tostão de seu ninguém. O nosso povinho crédulo dizia que no dia em que Pedro cobrasse pelo seu magnetismo quebrava a pauta, e perdia a força.

Numa de suas sessões de meia dúzia de curiosos, inventou de fazer papel virar dinheiro. Como, não sei. O certo é que ele "transformava" papel em notas de um cruzeiro (daqueles azuis, com o almirante Tamandarê), de dois (amarelas dum lado e azuladas do outro, com o duque de Caxias) e até as de cinqüenta, com a princesa Isabel, naquele tempo em que dinheiro valia e que um centenário de dez tões dava pra gente comprar quase toda a taba de pirulito de tia Palmira e a bandeja de doce de leite e cocada que dona Zefa vendia.

E o povo cresceu os olhos, crente que era dinheiro mesmo.

E como o truque do dinheiro calou mais fundo na impressão do povo, o homem, que não tinha sobrenome, ganhou um: passou a ser conhecido como Pedro Dinheiro.

Como tínhamos Pedro Pichuri, Pedro de Brito, Pedrinho Sapateiro, Pedro Piceca, Pedrinho Açougueiro, Pedro de Olímpio e até um Pedro do Meio (por ser Pedro e morar entre outros dois xarás), nada mais qualificante que um nome que caracterizasse sua habilidade: bastava que se falasse "Pedro Dinheiro", que todo mundo sabia.

Pedro Dinheiro era um camarada jovial, sem ser conversador; bom de papo, sem ser enfarento, e não sei de nenhum malfeito que ele tenha cometido para empurrá-lo pra nação dos chegantes, que sempre respiram a aventura e são danados pra dar o quinau nos outros.

O povo dali era muito hospitaleiro, abridor de porta pra qualquer andejo, caçador de amizades (hoje, tudo está mudado, e só os troncos antigos cultivam esse hábito. Gente de fora é desconfiada, e ali é o pau que há). E Pedro, não demorou muito, achou até casamento: casou-se com Nanoca, gente dos Aguiar, criada por Doralina: moça prendada e instruída nos quefazerres domésticos.

Quando fui embora enfrentar mundo, deixei Pedro Dinheiro trabalhando ali no Rio da Conceição, onde construiu patrimônio, ajudado pela disposição de Nanoca.

Ao retornar, fazendo uma viagem pra trás nos escaninhos da memória, reparei que Pedro Dinheiro também é um significativo retalho na colcha de nossa historiazinha particular. E fui indagar aqui e acolá para tentar pegar um paradeiro dele, quando minha mãe me contou que ele falecera há uns anos no Rio da Conceição, não sei de quê.

Se não contribuiu de outra forma para a nossa história, pois nem profissão lhe conhecia, foi, com certeza, o primeiro mágico que apareceu no sertão.

oOo

Ok-A TROPA UBÍQUA

Liberato Póvoa

Desde 65, labuto no serviço público, tendo passado por chefias, diretorias, burocracia simples, enfim já fui de tudo como gente que trabalha pro governo. Assim, mais do que ninguém conheço as manias do funcionário, que usa de mil artificios para burlar o trabalho. Desde as doenças na família, as mortes providenciais de parentes e o clássico papel do paletó na cadeira, tudo isto é motivo para o nosso barnabé enforçar o serviço ou fugir dele após bater o ponto. Há funcionários (isto, na capital, pois no interior todo mundo conhece todo mundo) que não tem mais pai, mãe, tio, avô e outros achegados, que já foram enterrados para justificar ausências. Mas o paletó, realmente, é utilíssima indumentária, não como vestimenta, mas para marcar a presença do funcionário no seu local de trabalho. Com o paletó ali no encosto da cadeira, está garantida a desculpa para as fugas do serviço. Quando alguém pergunta pelo funcionário, respondem naturalmente:

- Está por aí. . . O paletó dele está na cadeira.

Com o paletó na cadeira de trabalho, está garantido o cineminha, uma fugidinha e até um eventual "bico" fora.

A presença do dirigente da repartição modifica totalmente o ambiente de trabalho: na frente do chefe, o funcionário quer mostrar-se eficiente, trabalhador, ativo e útil. Com o chefe "na casa", ele está sempre com um processo sendo compulsado, um telefonema, para que a imagem seja a de quem está trabalhando. Diante de qualquer viagenzinha do superior, a repartição esvazia-se, pois ninguém fiscaliza ninguém (e quem não precisa sair de vez em quando?). É flagrante o contraste da repartição com o chefe e sem ele.

Mas esse negócio de fazer fachada não é treita privativa de servidor público de cidade grande. Conheci um prefeito da vizinha Natividade que, sendo um dos políticos mais hábeis dali do interior, aprontou uma de deixar de queixo caído o mais finório dos funcionários vivaldinos da capital. Hoje, ele reside em Goiânia, e se me furto a mencionar-lhe o nome é porque o caso é por demais conhecido por aqui e não quero sair das minhas amenidades sertanejas para caçar briga com seu ninguém.

No tempo de Juca Ludovico, inexistindo estradas e veículos em todos os lugares, o escoamento da produção era feito por tropas. Havia tropas de vinte, trinta jumentos, que vinham trazer arroz, feijão, milho, penas de ema, couro e outras coisas e levar sal, café, querosene, medicamentos, etc. E os animais cargueiros entravam na rua chacoalhando as bruacas e tilintando os chocalhos, dando um ar de progresso à cidadezinha aqui do nosso interior.

Em Natividade, a prefeitura mandou fazer um campo de pouso a um quarto de distância da rua, onde pousava o teco-teco do Estado nas épocas de caçar votos

ou de visita de alguma grandoria do governo. Aliás, o campinho de pouso até teve seus dias de glória, quando a Cruzeiro do Sul incluiu Natividade na rota Goiânia/Belém por muito tempo. Mas, acabando-se o "vão da fome", voltou o campinho à utilidade de sempre.

Um dia, o prefeito recebeu a notícia de que o governador iria passar em Natividade, onde daria uma volta em toda a cidade: iria à prefeitura, visitaria obras, hospedando-se na casa do prefeito, onde almoçaria, retornando à tardezinha.

O prefeito mandou arrancar as malvas da praça, ciscar o lixo das ruas, fazer bandeirolas para enfeitar as esquinas onde passaria Sua Excelência e até traçou um programa para dosar adequadamente a curta, mas preciosa, permanência da grande autoridade, cuja visita poderia render-lhe prestígio... e verbas.

O homem chegou, ficando muito bem impressionado com a cidade. Quando estava na varanda da casa do prefeito, viu passar uma enorme tropa tilintando chocalhos e estalando tacas para dobrar a primeira esquina adiante. O prefeito explicou que era o meio de escoamento da produção e que naquele interior o progresso era medido pelo número de tropas que entravam e saíam.

Ao chegar à prefeitura, a comitiva oficial foi interrompida por outra tropa, que durante alguns minutos tomou conta da rua, tangida pelos arreeiros, ante os olhares satisfeitos do prefeito e do governador, este já impressionado, a ponto de perguntar:

- Prefeito, esse movimento é constante aqui?

O prefeito, com um ar de naturalidade e até descanso, respondeu:

- Não, Excelência, agora está pequeno. O movimento maior é na safra. Pena que não tenhamos estradas e recursos para melhorar a região.

E durante o dia, o governador viu passar tropas à sua frente, pois em todas as esquinas por onde passava via, invariavelmente, uma tropa.

E retornou a Goiânia com a melhor das impressões da próspera Natividade, disposto a prestigiar o diligente prefeito e ajudar a região com os melhoramentos possíveis.

Mal sabia o governador que o astuto prefeito, macaco velho na política, contratara uma tropa sem carga nenhuma, para, durante a estada do homão, cruzar a cidade o dia inteiro, sempre nos locais onde a comitiva estivesse, para dar a impressão de muitas.

E, se não me falha a memória, no pleito seguinte, ele chegou à Assembléia, mostrando que, para quem tem cabeça e esperteza, até bruaca vazia pode ser preciosa para subir na política.

oOo

Ok-O TOURO HOLANDÊS

Liberato Póvoa

Dizem que o coronel Afonso Carvalho era pobre, paupérrimo, a ponto de, certa vez, ter de vestir um saco de estopa amarrado pela cintura, porque, durante um banho de córrego, uma vaca comedeira de roupa levava sua calça única, atraída pelo sal do suor.

Muita gente diz tê-lo conhecido sem um centenário no bolso, andando com os pés esparrados no chão, bebendo cachaça e caçando briga.

Virou amigo de meu pai, de quem era compadre e com cuja sobrinha se casou, porque, de certa feita, meu pai o impedira de matar um desafeto, nos seus tempos de pobreza e valentia. Por ter evitado tornar-se um criminoso, meu pai ganhara um fiei amigo.

Ficou rico, dono de loja, casa boa, fazenda e outras propriedades. Mas sua riqueza não foi sem causa.

Começara com urna carguinha de couro, uns amarrados de pena de ema, umas graminhas de ouro, caminhando sessenta e tantas léguas, tocando um jegue cargueiro para vender à Casa Braga, exportadora de Barreiras, na Bahia. Honesto, pagava religiosamente seus compromissos e os Braga foram fornecendo-lhe cada vez mais mercadorias.

Afonso botou pra frente, sempre merecedor da confiança dos Braga. De empregado de Marcos Rodrigues, passou a patrão, mas manteve o vizinho e amigo sempre amparado, ganhando a vida como caixeiro da loja, enquanto sustentou o comércio.

Conversador, bom de papo e sempre cheio de assunto (que ele contava com um jeito todo afobado de rir mais do que conversar), foi vereador, presidente da Câmara e muito influente em São José do Duro. E sentia verdadeiro prazer quando lhe afirmavam, a riqueza e lhe gavam a loja, o carro, a fazenda Beira d'Água, pois ele não escondia - ou, por outra, fazia até questão de propalar - que era rico, que não devia nada a seu ninguém e que tudo que tinha estava "compro e pago".

Vaidoso, sem ser petulante, era quem primeiro chegava com as últimas novidades. Nessa megalomania, incluía o gado da Beira d'Água, que era bom, mas quando ele soube, numa revista, da existência da raça holandesa, mandou buscar, não sei onde nem como, um touro, que seria o primeiro representante estrangeiro no município.

Para não correr o risco de degenerar o sangue de sua gadama boa, seus vaqueiros, Oliveira e Otávio, tinham ordens expressas de castrar qualquer curraleiro que entrasse nos seus domínios, pois não queria misturar o sangue de pé-duro com seu rebanho apurado, que Afonso Carvalho queria ser o melhor em tudo. Com o advento da riqueza, até um "coronel" acrescentaram-lhe ao nome.

Quando o touro chegou à Beira d'Água, os vaqueiros estavam viajando para os gerais, aonde na seca o gado era levado para uma temporada de refrigério.

O touro - que embora aparentemente não mostrasse raça alguma, pelo berro, pelas orelhas e chifretes sem fê - custara uma fortuna, e Afonso dizia maravilhas da raça: muito leite, mansidão e a característica cor chitada, ainda mais que estava se tornando raridade gado cirigado nas rodeanças do Duro. E ele imaginava a Beira d'Água um dia salpicada de preto e branco, substituindo aos poucos as cores moura, alvaçã, raposa e mestiça que toda rês de ordinário mostra.

Voltando dos gerais, Oliveira e Otávio vieram à rua prestar contas ao patrão e padrinho. Contaram os casos de atoleiros, de sucruíu e onça, que, graças a Deus, não haviam bulido com o gado naquela quadra de ano.

- Mas na Beira d'Água, meu padrim - era Oliveira - tinha gado estranho na manga de pasto.

- Botaram pra fora, né? - disse Afonso, todo satisfeito.

- Realmente, meu padrim, realmente! - respondeu Otávio - Mas, de conformidade com as orde de meu padrim, capamo primeiro antes de soltar.

- Fez bem, fez muito bem!

Afonso sentia-se poderoso, dador de ordem.

- E tinha marca de alguém? - indagou.

- Inhor não, meu padrim, mas era pé-duro de chifrim mirrado...

- Fez bem, fez bem! Pé-duro não quero na Beira d'Água! E se o dono aparecer, eu pago, né mesmo? É só reclamar.

Aí, Oliveira ainda comentou, para arrematar o caso:

- Eu, mais compadre Otávio, tivemo um trabaio danado mode recantiar aquele patueirim chitado, né, compadre?

- Chitado?! - Afonso sentiu uma coisa.

Oliveira e Otávio tinham castrado o precioso holandês, sem ao menos deixar uma solitária cria.

oOo

Ok-FOGO CRUZADO

Liberato Póvoa

Chico Me-Dá era temido mandraqueiro. Mesmo antes de "proibir" a fornalha de Honorão de pegar fogo, fazendo-o perder a garapa na moagem, Chico Me-Dá era respeitado. E para completar o círculo de feitiçarias nas Bicas, onde morava, sua mulher era tida e havida como feiticeira também. Tida, não: era feiticeira mesmo, segundo os mais antigos, que deles só alcancei a notícia.

Chico e a mulher viviam às turras, feito cachorro e gato, sempre trocando desaforos. Chico tacava um feitiço nela, e a velha passava uma semana dormindo. Era um sono irresistível. Ao fim de uma semana, ela se levantava, ainda bamba, mercê do jejum forçado. Era só recuperar-se um pouquinho, botava um feitiço em Chico Me-Dá, que dormia por igual período. E viviam naquele fogo cruzado, semanas e semanas um botando o outro pra dormir.

Meu pai, escrivão de coletoria (naquele tempo havia esses cargos) lá pelos anos vinte, acompanhava seu cunhado, o coletor (também havia uma familiocraciazinha disfarçada) até a fazenda Água Boa, onde este morava. Meu pai residia meia légua adiante, no Santo Antônio, e estava apenas esperando um cafezinho pra poder medir estrada no rumo de casa.

Nesse ínterim, chegou uma desconhecida de meia idade, mas toda alquebrada, apoiada num bordão, dando a impressão de que, se lhe puxassem o apoio, o tombo era certo.

- Uma esmolinha, pul'amô de Deus!

- Pede a Emidia lá dentro, dona! - ordenou o coletor, que, pelo jeito, conhecia a pedinte.

Voltando da cozinha, onde recebera um agrado, a mulher estendeu a mão para meu pai, pedindo também.

A mulher saiu vagorosamente, gemebunda, apoiando-se no bastão com todo o peso do corpo, e meu pai indagou:

- Quem é, Joãozim?

- É a mulher de Chico Me-Dá, Bera! Pra ser direito, nem sei o nome dela.

- Coitada!... Vai chegar lá no Santantônio à boca da noite! . . - ainda comentou meu pai, todo condoído, vendo a pobre esmoler quebrando a curva da estrada que dava pro Santo Antônio, com o peso debruçado sobre o bordão.

Com menos de dez minutos, meu pai chinelou na estrada, no seu caminhar ligeiro, que dispensava montaria para viagem de légua e légua e meia. Andou, andou, e nada de topar com a mulher de Chico Me-Dá. E ele tinha fama de caminhador.

Apertou o passo, no rastro da velha, que denunciava estar adiante, e numa curva lá longe, no lugar por nome Estreito, ele enxergou a mulher, andando desembaraçada, levando o bastão mais no feitiço de arma do que de arrimo.

Acelerando o passo, ele cortou caminho pela chapada, e, desviando-se dela por dentro do mato, chegou ao Santo Antônio. Lá, ficou atento, pois sabia que ela estava chegando a qualquer momento.

De fato, Pouco depois, ela apontou no canto da cerca de arame que ficava no mesmo alinhamento da casa da fazenda, a coisa de trezentos metros; vinha recurvada, apoiada no bastão. Uma aproveitadora, era visto.

Dando de cara com meu pai, que ela deixara na Água Boa, a mulher ficou descabreada, ainda mais na hora em que ele comentou, só de gauchada:

- Andou ligeiro, hein, dona!

Ela, numa sengraceza danada, gungunou algo ininteligível, sempre de cabeça baixa. Meu pai, que era muito positivo e meio cético para essas histórias de mandraquice, disse:

- Dizem que você é feiticeira...

- Inhor, não, "seu" Liberato; é istúcia e indaga do povo.

Ele foi lá dentro e pegou um volumoso Chernoviz, aquele livrão de prescrições médicas.

- Tá vendo? Tudo aqui é feitiço. Escolho à minha vontade e de acordo com a necessidade! - e foi folheando o livrão, para continuar - Você já deve ter esquecido muitos dos que lhe ensinaram. Eu, quando esqueço, corro no livro e recordo tudo. E tenho feitiço até para fazer chover fogo. Por isso, não tenho medo desses feitichinhos bestas!...

Com a esmolinha no saco, a mulher de Chico Me-Dá, muito sem jeito, tratou de pegar a estrada das Bicas, onde, seguramente, o marido já a esperava para fazê-la dormir mais uma semaninha...

oOo

Ok-BERTO

Liberato Póvoa

Nos fins de semana, chegava Berto, com um balaio enorme cheio de coisas de roça: mandioca, batata doce, banana-três-quinas e farta-família, maxixe, quiabo e outras quitandas para oferecer de casa em casa.

- Quanto é a mandioca, Berto?

Naquela voz mansa e preguiçosa, Berto arriava o balaio e dava o preço:

- É duas raiz pel'um minréis. . . - respondia numa frase curta, que, por conta de sua conhecida paciência, era um nunca acabar.

- Então, me dê um mil réis de mandioca e se o preço for o mesmo de sempre, completa o troco em banana e batata.

- Tira aí... - e na sua inocência brejeira, virava-se de costas para que o freguês pensasse que ele estava maldando de ninguém. O próprio freguês era quem tirava a mercadoria do balaio, com Berto virado pracolá, e se ninguém contava uma dúzia de bananas com quinze unidades ou um mil réis de mandioca com quatro raízes em vez de duas, era porque a confiança que ele tinha em sua freguesia não merecia ser traída por umas coisinhas a mais.

Pés rachados esparramados no chão, mãos calosas de segurar o cabo de ferramenta, roupa de algodão carocudo tecido no tear da roça, Berto entrava em tudo quanto era casa, vendendo uma coisa aqui, outra acolá, recebendo o agrado de uma xicara de café, um prato de arroz com feijão inteirado com farinha.

Quase não conversava, e quando o fazia era apenas para pedir a benção pros mais velhos ou oferecer o que trazia da roça:

- Ancê qué batata? - indagava com a fala arrastada.

Um dia, pela primeira vez na vida, vi Berto contrariado, e, apesar de menino, pouco sensível aos problemas que se passam no lado de dentro das pessoas, quis saber o porquê. Era de tardezinha e seu balaio, que sempre ao meio-dia já estava desocupado, ainda estava àquela hora pra cima do meio.

- Que é que você deixou de vender, Berto?

- Os mamão... Infusaro tudo.

- Uai, Berto, nunca infusa nada que você traz... sempre você vende tudo...

Ele coçou a cabeça, baixou o balaio pra poder conversar e mostrando-o, disse:

- O povo aqui parec'inté qui abusô de mamão, apois ninguém compra.

- Nem vô mais tê trabaio de tirá mamão na roça. Vão fica lá é pros João-congo engordá.. .

Acabou distribuindo aos fregueses os que sobraram, pra não voltar carregando peso morto, que ele mesmo nem comia mamão.

No dia seguinte chega Berto, com um enorme sorriso nos lábios emoldurados pela barba negra e fechada, dizendo que tinha descoberto a causa do problema dos mamões infusados. E depois de arriar o balaio, falou com um quê de sapiência, que pra ele não era de duvidar, pois conversava pouco justamente para ficar assuntando as coisas e tirando uma linha:

- Adispois qui zanzei qui nem besta, cum o balaio pesado na cacunda, é qui arreparê qui todo quintale aqui da rua tem um pé de mamão carregado. E pensá qui eu surupembava no quebrá da barra mode trazê esses infiliz. . .

Berto morreu. Morreu o Berto que andava de balaio na cabeça vendendo por quase nada as quitandas trazidas da roça. O progresso, os supermercados, as mercearias mataram-no.

E nasceu um outro Berto, um Berto diferente, sem a roupa de algodão grosso e caroçudo e sem o balaio à cabeça; um Berto que tomou um banho de loja e foi contagiado pelo progresso; um Berto mais malicioso, que já não vira a cara pracolá quando conversa com a gente, falando até em aposentadoria pelo Funrural.

Eu gostava mais do outro. de meus tempos de menino.

oOo

OK-O VAQUEIRO QUE VIROU ALCANFOR

Liberato Póvoa

Li certa vez, parece que numa publicação avulsa que abordava fenômenos inexplicáveis, que existem inúmeros casos de pessoas que, sem mais nem menos, desapareceram. Não sumiram como somem muitos, correndo de dívidas ou mesmo por motivos de Justiça atrás ou até por razões ideológicas. Estas não desapareceram, no sentido exato da palavra, mas apenas saíram de cena, passando a viver em outro lugar, com nome falso. O livro "Os Subversivos", de um ex-espião tcheco (cujo nome não me ocorre) relata numerosíssimos casos de pessoas que, industriadas pela KGB (serviço secreto soviético), anoitecem e não amanhecem no local, passando a viver sob nome falso e uma estória-cobertura adequada noutro país.

Estou falando é de pessoas que, sem notícias de seu paradeiro, sem indícios de haverem morrido, simplesmente "sumiram do mapa".

Certa época, conversando baba de quiabo com uma turma de curiosos lá do Duro, uma pessoa falou no assunto de gente que desapareceu misteriosamente, "virando alcanfor", como diz nosso filósofo sertanejo. Cá comigo, apesar das notícias que são veiculadas sobre a visita de extraterrenos e do testemunho de Erich von Danniken em "Eram os Deuses Astronautas", continuei meio banzo na história, sem querer acreditar. Especulei praqui, pracolá, e ninguém me deu sintoma de um caso ocorrido.

Apois bom: dias depois, indo a Barreiras, na Bahia, com Pedrinho Açougueiro ver, como advogado seu, umas terras enroladas que ele tinha lá pras bandas de Formosa do Rio Preto, proseamos um bando, e ele, muito do bem informado sobre as coisas da boa terra, falou-me num vaqueiro que desaparecera misteriosamente quando campeava com um companheiro lá pros lados do Brejo de Cariparé, pra lá do Riachão das Neves.

Apesar de não ser inédita a notícia de tais desaparecimentos, pois eu já lera a respeito, achei que era uma preciosa oportunidade de tirar a limpo aquele caso, comentadíssimo na Bahia. E estando em Barreiras, resolvi esclarecer o assunto, para descobrir, de uma vez por todas, se era verdade ou abusão do povo.

Cariparé fica a cerca de cem quilômetros de Barreiras, e, levando Pedrinho a tiracolo, fomos bater lá justo na região onde se dera o misterioso desaparecimento.

E lá escutei, ao vivo, da boca de quem conhecia o vaqueiro, cuja mãe ainda morava ali nas imediações de Canudos (que não é o do Conselheiro).

Chamava-se Mamédio, filho da velha Chica Preta, e vaqueiro do finado Chiquinho dos Santos, na fazenda Vargem do Meio, a 3 léguas ali do Cariparé. Um dia, campeando com um seu companheiro da mesma fazenda, Mamédio rasgava a jurema da caatinga ajuntando o gado do patrão, e seu companheiro ali perto, de forma que percebia o movimento de Mamédio.

Como é norma na Bahia, mercê do trançado de espinho da caatinga, o vaqueiro vive é encourado, com gibão, peitoral e perneira.

Os dois vaqueiros labutavam no ramerrão de sempre, um gritando aqui e outro acolá, atrás das brabezas de Chiquinho dos Santos.

De uma hora para outra, o companheiro não ouviu mais motivo de Mamédio, e, largando o gado, partiu em busca de companheiro, que era conhecedor dali como da palma da mão. E briquitou em vão, gritando por ele, até disurir, voltando para casa, que já estava escurecendo.

No dia seguinte, cerca de dez vaqueiros pegaram o batido de Mamédio, pelo rastro da mula nos carreiras da caatinga. E, misteriosamente, à medida que andavam, iam encontrando, em locais diferentes e muitas vezes distantes um do outro, as esporas enganchadas num pau seco, o gibão dependurado num toco, a perneira noutra lugar, dando a entender que Mamédio ia conscientemente livrando-se de sua indumentária, haja vista o cuidado em dependurar cada peça. E mais intrigados ficaram quando ao cabo de três dias, encontraram o animal em que Mamédio montava, a mula: trespassada pela fome, roera a casca do pau onde fora amarrada, deixando-o liso desde o pé até onde seu pescoço alcançava. E após dez dias de inútil busca, sem o menor sinal de carniça, de sangue ou notícia de moradores das vizinhanças, desistiram.

E daquele dia pra cá (já faz uns vinte anos), nunca mais se ouviu nadinha a respeito de Mamédio. O companheiro, que com ele campeava quando do misterioso desaparecimento, assombrou e largou a vaqueirice, e até hoje nem sei se sabe mais montar a cavalo.

Dizem - aí, já digo que deve ser abusão do povo - que encontraram um espojadouro no meio da caatinga, para onde os rastros conduziram Mamédio, antes de se transformar num bicho, que, tempos depois, assombrou todo o povo das rodeanças pela peculiaridade como agia: matava os animais e comia-lhes apenas o mole da venta, não escapando boi, bode ou carneiro.

Daí pra frente, não posso garantir se a fantasia se mistura com a realidade. O que posso dizer é que ouvi um bando de gente que conheceu Mamédio e que, como por uma só boca, garantiu que ele virou alcanfor.

oOo

DE ZEOUINHA, NÉ VELHO E CURSINO-OK

Liberato Póvoa

Lá pelo fim dos anos cinqüenta, chegaram lá no São José do Duro uns baianos e se alojaram com as famílias na Rua dos Grilos, perto da casa de Zé Amâncio: Zequinha, Zé Vital e outros, que logo se relacionaram com o povo, dando os filhos pra batizar, trabalhando para os fazendeiros da rua e mostrando uma prestimosidade que comprava a gente. Zé Vital, por exemplo, me conferia um ar de importância, chamando-me de Xará, pois aquele tratamento era como se aumentasse minha idade pra virar gente grande, talqualmente ele. E eu ficava todo cheio escutando Zé Vital conversar alegre, com a chapa da dentadura dançando-lhe na boca.

Mas o início foi difícil, principalmente para Zequinha, que ocupava uma casa aberta no curral de Quinca Valente. A molecada, capitaneada por Jandir, irmão do dito Quinca, veio enfiar assombro na alma do pobre do Zequinha, que, chegante, não conhecia seu ninguém:

- Ói lá, moço, "seu" Quinca Valente não vai gostar dessa ocupação. É bom o senhor ir ter com ele!...

Zequinha, muito direito, pensou, repensou e resolveu ir falar com o tal homem dono do curral e da casa aberta, enfrentando a valentia daquele tal Quinca. E foi. Relutante, mas foi, assim no feitio de bode arrastado pra canoa.

Passou a manhã indo e vindo na calçada que pegava de fora-a-fora desde a esquina até Augusto Rodrigues, passando na porta de Quinca. Ali, esperando Quinca, passou horas, até que este apareceu na porta com a inseparável canivete "Corneta", roletando um talo de munguba. Zequinha mirou a cara fechada, os olhos esgazeados e sérios de Quinca, e aproximou, dizendo, antes que o homem pudesse notar-lhe a presença:

- Bom dia, "seu" Quinca! Tão dizendo aí que o senhor é valente, mas venho pedir pra relevar minha falta na ocupança de seu curral.. .

Nem chegou a completar, pois Quinca começou a ri, desacoroçoando Zequinha. O "valente" não era qualidade; era sobrenome: Joaquim de Abreu Valente.

É Zequinha ficou sendo foi agregado de Quinca.

Lá na casa de mãe, morava um patrimônio vivo de São José do Duro. Era o Né Velho. Desde que me entendi por gente, já conhei Né Velho com a voz atrapalhada, boca aberta, caminhado miúdo feito rolinha fogo-apagou, dando notícia das coisas. Manoel Corrente, mas é simplesmente Né Velho, atravessando a casa dos mais de setentanos, morando com minha mãe, como gente da família, continuando a tradição de ver passar sob o teto aqui de casa quatro gerações dos Corrente: a velha Maria Corrente (mãe), Chica (irmã), Maria Corrente (filha de Chica, sobrinha de Né) e Nádia (filha desta e sobrinha-neta de Né). As duas primeiras morreram, as duas últimas foram-se embora. Ficou Né.

De primeiro, ele morava com tia Diana Póvoa, carregando leite e ombreando feixe de lenha do Progresso para a rua. Em certa época, a velhice de Né não combinou mais com a de tia Diana, e ele danou a estampar valentia pra riba dela, e

meu pai carregou-o aqui pra casa, e foi quem ficou fazendo companhia a minha mãe nos seus solitários dias de viuvez.

Nê desconhecia até mesmo a idade, respondendo que tinha sete, cinco e vinte anos, mas minha mãe, reunindo trapos de reminiscências e retalhos de informações aqui e acolá, conseguiu registrar Nê e arranjar-lhe uma aposentadoria pelo Funrural, pelo menos para roupas e remédios, que ele padecia de uma asma desgramada, que de vez em quando o fazia sofrer demais.

E no seu não dizer coisa com coisa, Nê Velho era um retrato vivo dos dias antigos por que o Duro passou e cujas ruas experimentavam diariamente o caminhar miúdo dos pés rachados que só agora pouco tempo antes de ele morrer vieram tomar contato com uma alpercata arreada.

Joaquim Cursino sempre morou no Santo Antônio, enquanto viveu. Primeiro, com Chica Corrente (irmã de Nê) e depois com Rosaura, assim meio "passada no brejo", gorda em despropósito, dizendo o povo que, levada pelo juízo meio ralo, tomou tártaro pra morrer e, errando na dose, fez foi engordar.

Cursino vivia da rocinha numa ponta de mato e de trazer areia da Água Boa para arear trem, mangaba, puçá, caju, coco macaúba e outras burundangas que a natureza oferecia nas quadras de ano, para, em troca, ele trazer da rua o que lhe faltava: café, sal, fumo, rapadura.

Prestativo, serviçal, disposto a fazer tudo para agradar, Cursino vivia arqueado por um escadeiramento causado pelo peso. Dava a vida e um pedaço da alma para agradar a meu pai, seu padrinho, e em cujas terras morava. E uma noite, tendo que mandar alguém à rua para uma precisão qualquer; meu pai chamou-o:

- Cursino, amanhã, ao romper do dia, quero que você vá lá na rua pra mim. Mas tem que ser cedo!

No dia seguinte, apesar de meu pai acordar com as galinhas, cedeiro demais que era, já encontrou a rede de Cursino vazia. Indagou, mas ninguém dava notícia. Lá para o meio-dia chega Cursino, suado que nem tampa de cuscuzeiro, mas com uma satisfação enorme de dever cumprido estampada no rosto servil.

Na ânsia de servir, saíra, no quebrar da barra, para cumprir a ordem, sem ao menos esperar para saber o que iria fazer.

oOo

A VACA DE AUGUSTO RODRIGUES - OK

Liberato Póvoa

Pinga era o que não faltava na venda de Calça Boa. Estabelecido perto do mercado, Calça Boa vendia de tudo: cachaça, arroz, feijão, rapadura, querosene, farinha baiana. Nascera comerciante. Baixo, mas não muito, pançudo, e muito, já de cabelos agrisalhando-se, Calça Boa fazia tudo que era negócio: comprava porco e gado e ele mesmo açougava, comprava bode, galinha, mantimento, recebia roça na palha para não perder conta, e tocava a vida, sacrificosa, mas mansa. Obeso, a camisa não segurava nos botões, ficando aberta da boca do estômago para baixo, e nas horas em que não estava jogando gamão e dama com Cantu e Eliseu Cavalcante na porta da venda, era deitado no balcão cochilando para arpoar um escasso freguês que ali encostava atrás de uma quarta de fumo ou burundanguinha à-toa, que Calça Boa vendia mesmo de um tudo.

Um dia, Calça Boa chega à casa de Augusto Rodrigues, que, sentado numa espreguiçadeira, mão na boca, entonado no indefectível paletó de brim escuro, matutava sobre a vida: o gadinho bom da Fazendinha, o serviço do Correio que ele exercia no lugar de Vivina, que era titular do cargo, os filhos - Dasse, Quiniana, Nem, Joaquim, Tonho e Lélia - estudando no ginásio, à exceção do mais velho, Zé, que não tivera natureza nem disposição de passar da escola de Coquelin e Diana para o ginásio recém-inaugurado. E Calça Boa vem subtrair o paciente Augusto de seus pensares:

- Boa tarde, seu Ogusto - disse, subindo os degraus da porta de entrada.

- Boa tarde, Calça Boa, vamos sentando! - respondeu com sua voz fraca e preguiçosa fazendo menção de levantar-se, mas Calça Boa foi mais expedito e sentou-se a seu lado.

Viera a negócios, o que Augusto estranhou, pois não tinha trato algum com o comerciante. Antes que houvesse qualquer conversa, Calça Boa foi direto ao assunto: viera ver se o outro lhe compraria uma vaca azulega que o filho Zé lhe dera para pagar uma conta na venda. Augusto Rodrigues mordeu os lábios e não chiou porque não era de alarde, mas, contrariado, desembolsou o dinheiro, para deixar a vaca ali mesmo na Fazendinha. Se não comprasse, Calça Boa era bem capaz de, no outro dia, estar vendendo carne gorda no açougue, e com justa razão, pois recebera a vaca como pagamento.

Sorridente, Calça Boa lambeu a ponta dos dedos e voltou escamando as notas graúdas que o choroso e contrariado Augusto lhe entregara.

Nem bem chegou o fim do mês, Calça Boa, sacudindo a pança, atravessa a praçona e entra na Rua dos Rodrigues, chegando à agência do Correio, grudada na casa de Augusto:

- Bom dia, seu Ogusto!

O velho Augusto separava correspondências no balcão e, ao ser cumprimentado, olhou por cima dos óculos escanchados na ponta do nariz para assuntar o que era.

- Bom dia! Vou ver se tem carta. Pera aí!

Não, Calça Boa não viera atrás de carta. Era a vaca azulega, que, pela segunda vez, entrara na contabilidade da venda como conta recebida. Augusto Rodrigues, mais uma vez, fechou a cara; pediu um menos no preço; Calça Boa ponderou; Augusto reclamou, queimou a priquita e Calça Boa também queimou de lá ameaçando buscar a vaca e açougar. Por fim, entraram num acordo: pagou; pagou, mas desautorizou fiar pinga pra Zé. Se fiasse, o prejuízo seria de Calça Boa.

Na primeira vez que Zé apareceu na venda com coisa de bebida pra anotar no borrador, Calça Boa, mesmo contrariado em perder tão bom freguês, deu o breque: barrou o crédito. Com isto, volta Zé ao pai caçando dinheiro. Dá-não-dou, dá-não-dou, dá-não-dou, e Zé fala em vender a vaca azulega. O velho sai do natural e pede respeito? Não dá dinheiro nem deixa torrar a vaca nos cobres:

- Vendo!

- Não vende!

- Vendo sim! - teimava Zé - Até já tratei com Tintino...

E para pisar no pescoço da conversa, o velho, numa rara atitude de energia, decide:

- Não adianta! Trabalho perdido cê vender! E quer saber mais? É você vender e eu tornar a comprar, t'ouvindo, corno?

oOo

FALANDO DE CACHACEIRO - ok

Liberato Póvoa

Cachaça tem levado muita gente à miséria, quando não leva à cova. Tal qualmente o cigarro, pinga é vício muito do trabalhoso de se abandonar, segundo dizem, pois eu mesmo - graças a Deus! - não sou muito afeito à bebida, e se tomo copo e meio de cerveja fico bestinha e sujeito a dormir um dia inteiro.

Gente existe que troca o sustento pelo copo, vende o derradeiro grão de mantimento para conseguir pinga, e quando nada mais possui para vender ou trocar, descamba para a treita, a safadagem e a vigarice, inventando ladinezas pra passar o quinau nos outros.

Toda cidadezinha que se preza tem seu cachaceiro notório, cartão postal da boêmia esmolambada, misto de vagabundo e herói, que fica na memória da gente, tanto quanto um benfeitor público e povoa nossas recordações com passagens de tristeza, de alegria, de melancolia, pois um farrapo humano muitas vezes nos leva a misturar dó com afeição, numa solidariedade inexplicável. Às vezes, são dois ou mais que a cachaça acaba levando a simbolizar a boêmia de um lugar.

Lá em Dianópolis sempre existiu esse tipo, e hoje existem vários, mas por estarem por aí cuspidando barbante e articulando prosa molenga, é bom mesmo nem falar, pois não sei se irão receber com bons olhos e ouvidos sua história. Mas dos que já se foram não peço por contar o que todo mundo sabe.

Um deles era Antonhão Pé-de-Janta, personagem central de um conto que está publicado no meu livro "Besta-Fera". O outro era Domingos Cachaça, que o leitor conhecerá daqui a pouco e que se constitui no único caso de morte por atropelamento por um carro-de-boi.

A imprevisibilidade de cachaça leva a atitudes inteiramente diversas: uns dão para contar vantagens e bancar o rico ou o importante, e uma vez encontrei um baiano, um senhor de Pedrinho, casado com Tina de Petronília, que andava correndo as ruas da cidade procurando saber quem tinha catado o dinheiro dele numa festa de ponta-de-rua; é que, na hora da cachaça, ele deu uma de bonzão e jogou pra cima um monte de notas graúdas, dizendo que ainda tinha mais e que aquelas não lhe fariam falta. Noutros, dá valentia, como Alexandre Gato, que, ao tomar urnas boas doses, foi à praçona insultar um desconhecido, chamado Paulo Afonso, igualmente valente, que andava esquipando um cavalo melado pela rua, sujeito a atropelar o povo; e no meio da praça armou-se a confusão, quando Alexandre Gato queria porque queria agarrar o chegante, que - dizia o povo - carregava na cacunda um bando de mortes. Este, de cima do cavalo, aproveitou a posição privilegiada e deu uma facãozada com o "Collins" na cabeça de Alexandre Gato, que não tugi nem mugiu, caindo ali mesmo, com os miolos latejando no buraco aberto pelo golpe, para morrer depois. O agressor, perpetrado o crime, ganhou a rua da igreja, perseguido por Demolício, que, de bicicleta, queria dar parte de herói, que não parecia passar de frouxo e só saiu atrás do homem porque sabia que não iria alcançar.

Domingos Cachaça, que, de tanto beber cachaça, agregou ao nome o da bebida, não era de caçar briga: era o tipo que se entregava à bebida de corpo e alma, virando a encarnação da treita.

Domingos Cachaça assistiu por muito tempo na Lagoinha, fazenda de meu tio Chico de Bené, terra cheia de pedregulho e morro, muito propícia ao alastramento da erva-café e erva-de-rato, que envenenam o gado, causando tanto prejuízo, que os fazendeiros às vezes promovem mutirões para arrancar a praga pela raiz. Inobstante os prejuízos, a erva era um valioso aliado de Domingos, para não falar da pobreza: desde que o gado ervado fosse sangrado ainda quente, sua carne poderia ser aproveitada.

E toda semana, a região da Lagoinha, do Discreto e os morros do Casco d'Anta era surpreendida pelo gado morrendo ervado.

Certa época, Domingos morava no Discreto, onde mais grassava esse terrível arbusto. E como a mortandade de gado intensificou-se após a chegada de Domingos, pegaram a desconfiar, pois quando ele estava fora o gado quase não morria. E desvendaram o mistério: descobriram que Domingos urinava no pé de erva e tangia o gado, que, atraído pelo cheiro do sal da urina, acabava comendo. E isto deixava o legendário cachaceiro na cômoda situação de desfrutar de um bom naco de carne, que nem sempre era fácil avisar o dono. Este, por sua vez, lamentava o prejuízo, mas dispensava a carne.

Até morrer atropelado por um carro-de-boi na porta de meu padrinho Otavinho, no Bairro dos Nove, Domingos Cachaça marcou presença na história do Duro.

oOo

CASTIGO FORA DE MODA -ok

Liberato Póvoa

Palmatória, lambada nas pernas, ajoelhar em caroço de milho, puxavancos de orelha tudo isto era castigo que se aplicava aqui pelo nosso sertão.

Não sei se nos lugares mais adiantados era conhecida, mas havia uma punição muito empregada por aqui que, pouco a pouco, foi desativada. Chamava-se "tarefa", e seus efeitos eram infalíveis. Pois, assuntem.

Quando um menino fazia malcriação, um puxão de orelhas ou meia dúzia de "bolos" às vezes corrigiam. Entretanto, quando, por gulodice, egoísmo ou birra, um menino reclamava que a comida ou a sobremesa era pouca e não dava "nem pra tapar o buraco do dente", o castigo era específico.

Era a "tarefa". Consistia em fazer o pequeno pantagruel ingerir uma quantidade absurda do pitêu reclamado, sob pena de, não o fazendo, levar uma tunda memorável. O normal era uma indigestão e a esconjuração daquilo pelo resto da vida. Nunca mais o comilão agüentava nem o cheiro do doce ou comida que achara pouco.

Contou-me alguém que meu irmão mais velho, o Nélio, ao ser-lhe oferecido um pires de arroz-de-leite, fez cara feia e atiçou-o acolá, emburrado:

- Só esse tantico? Desse tanto de arroz-de-leite eu não quero!

Minha mãe ainda tentou conciliar, mas meu pai, que não deixava escapar nada, ia passando justo na hora para presenciar a malcriação do primogênito. E dando-lhe um puxão de orelhas, sentenciou:

- Tá fazendo-se besta, moleque! Agora, você vai comer é uma panela inteira, cornol!

Na fazenda Santo Antônio, leite gordo e farto, foi colocada uma panela na trempe, com bastante leite. Nélio, esfriando as orelhas e recompondo-se dos pitos, encarapitou-se no fogão, e daí a pouco estava todo importante antegozando o momento de manducar o arroz-doce que bufava na panela, e até reprimindo os que espiavam na cozinha, na espera talvez de rapar o pregado:

- Sai daí, que é só meu! É meu e não vou dar nem um trisco a ninguém!

E acompanhou, lambendo os beiços, todo o ritual de preparação do arroz-de-leite, até que o conteúdo da panela foi distribuído em meia dúzia de pratos fundos, que foram levados para o banco do alpendre da porta da rua da fazenda.

Foi nada não.

O alpendre ficava ao pé da janela da sala, onde meu pai, sentado numa espreguiçadeira, pegou um volumoso "Chernoviz" e ficou lendo sem a mínima pressa, aguardando Nélio cumprir a "tarefa". De lado, a taca de sola ensebada. Se não comesse tudo, levaria uma surra de mijar nas pernas.

Os pratos, ainda fumegantes e salpicados de canela cheirosa em xadrez, trouxeram-lhe uma disposição enorme, e ele comeu o primeiro de estalo, lambendo a colher estanhada e partindo com voracidade para o segundo.

A sua frente, sentado nas patas traseiras, o cachorro esquelético e faminto de um dos agregados da fazenda espiava com os olhos pidões, acompanhando os movimentos de Nêlio e contentando-se com um e outro fanisco de arroz que caía no chão. O resto do pessoal, lá dentro; meu pai, sentado na espreguiçadeira, folheava o "Chernoviz", com a taca de lado.

De início entusiasmado, à altura do terceiro prato o arroz-doce começou a inchar-lhe na boca, e só conseguia engolir quando imaginava que a desistência seria traduzida numa surra. A maior inveja que tinha era daquele cachorro magrelo e morto de fome, que avançava com sofreguidão sobre os faniscos de arroz que caíam no chão. A vontade era correr, desaparecer, o diabo! Se arrependimento matasse, morto já estaria de velho.

Quando estava no maior drama, chega meu avô materno Benê, e enquanto meu pai o levou até os fundos e ficou por lá envolvido em conversas, Nêlio aproveitou-se da providencial saída de meu pai e foi até o oitão da casa despejando o arroz-de-leite para o cachorro, que leve mais disposição do que ele para enfrentar o restante.

Meu pai ficou abismado com o apetite de Nêlio, que não deixara um grão no prato. Só muito mais tarde é que a verdade veio a lume, para gargalhada geral.

Há muito não se tem notícia de "tarefa" por aqui. Não pelo medievalismo de sua aplicação, mas pelo preço em que andam as coisas nestes tempos de vacas magras.

oOo

O PESSOAL DO BREJINHO-ok

Liberato Póvoa

Todo mundo lá do Duro sabe onde é o Brejinho, arredado duas léguas do comércio. Muito pouca gente sabe, no entanto, que ali está o resto de três moirões fincados em meados do século XVIII, por ordem de Dom Marcos de Noronha, para delimitar as terras dos tapuias. Mas todo mundo sabe onde é o Brejinho.

Lugarzinho ataperado, como tantos outros, onde existem duas ou três casinhas de enchimento com quintal de mangas salobras e goiabal onde periquitos e maracanãs tagarelam nos fins de tarde, nada de especial existe por ali, pois sua própria condição de lugar acidentalmente histórico está no desconhecimento até mesmo dos moradores. Sem casa de telha, sem benfeitoria alguma e sem coisa outra que lhe confira importância, o Brejinho é conhecido pelo povinho que ali mora, o qual, de certo modo, caracteriza o matuto ali daquelas beiradas.

Creio que os três eram a família inteira: Zé Bueiro, Lino Cabeça-Gorda e Eleutério, todos irmãos. Zé Bueiro era o mais velho; Lino, o mais sabido, creio que o único eleitor dos três; Eleutério, o mais simpático e sempre cheio de queixumes.

Sobrenome, sei que tinham (quem não tem?), mas desconheço. Zé Bueiro, baixinho, barbicha rala, voz grave e limpa, sempre caminhando passos miúdos nas ruas do Duro, calçado na salga-bunda, chapéu de couro ensebado pelo uso e espurucado de polia, quase arrastando no chão o facão exagerado, respondia com um palavrão impublicável àqueles que ousavam chamá-lo de "Zé Bueiro".

- Ancê sabe quem é "Zé Bueiro"? É sua mãe, seu fio duma salta-moita!

E para qualificar com mais propriedade a genitora do desaforado, Zé Bueiro improvisava expressões adjetivas muito peculiares: "fio duma fuça-e-ronca" (porca), "fio duma mija-pra-trás" (égua), e por aí afora.

Lino, que pulava dentro da roupa quando o chamam pelo apelido devido ao seu grande volume craniano, vivia quase sempre na rua, arranchado na casa de Clide Valente, de quem era agregado e eleitor, e bebendo sua cachaça na venda de Joaquininha. Atencioso, reverente, Lino jamais deixava de cumprimentar os passantes conhecidos e de pedir a bênção aos mais velhos, a quem tratava de "meu tio", "minha tia", sem se falar nos "meu padrim" e "minha madrinha" arranjados nas festas de São João, de acordo com o costume para se tornar padrinho, madrinha, afilhado e afilhada, no saltar da fogueira.

Mas Eleutério, pelo jeito brejeiro, pela maneira de conversar, pela indolência e falta de senso crítico, era uma figura impagável: inobstante analfabeto, arribava com a família inteira para a rua e arranchava lá em casa três dias antes das eleições do dia 3 de outubro, para comer e beber de graça e zanzar pelas ruas no sem-que-fazer.

- Como vai, Eleutério?

- Eu aqui pelejano, fazeno das fraqueza força...

- E a família?

- Ela lá quexosa: a muié, cum doencêro... os minino, cheio de lumbriga...

Nunca vi Eleutério sem que estivesse fraco, precisado, com a família perren-gue, com filhos briqueitando de fraqueza.

Sempre que vinha cá na rua, trazia Canuto, o filho que lhe era os dengos: beirando seus vinte anos, tez desbotada tirando a amarela, cara de mamão macho, fala mansa, dentes corroídos, gestos maneiros, metido a falante e prosódico. Ao contrário do pai, que se limitava a dizer "apois é, né?", "é verdade!", "inhã sim" e "inhô sim", Canuto era até cheio de modas, puxando prosa e comentando as-suntos:

- Tô virando inleito. Já suletro num bando de nome...

- Gostei de ver, Canuto! Quer dizer que nas eleições já temos o seu voto, né?

Canuto chupava os dentes podres e arrastava sua voz, mostrando que não era nada besta:

- Mode votá, vô pricisá duma muda de roupa nova e um par de butina nova, meu tio! - dizia, insinuando que seu voto valia sua precisão no vestir e no calçar.

Aprendendo a ler, chega Canuto à "Loja Póvoa", queixando-se de dor nas vis-tas:

- As letra baraia, meu tio! - explicou a meu pai, que lhe aconselhou um par de óculos.

A falta de oculista era suprida pelos óculos que já vinham com um selinho indicando na própria lente a graduação, e o freguês ia experimentando até que en-contrasse um de acordo.

Meu pai pegou a caixa de óculos e um jornal "A Marcha", que, como integra-lista, assinava, e mostrou-o a Canuto, para testar os óculos. Depois de experimentar todo o estoque e dizer que nenhum servia, meu pai observou, já meio irritado com aquela paciência de Canuto:

- Assim também não é possível, Canuto! Toda vez que você bota os óculos você fecha os olhos...

Ao que Canuto respondeu sem pestanejar:

- Uai, meu tio, de zôï aberto eu inxergo sem ocro...

oOo

O APERTO É O PAI DA INVENÇÃO -ok

Liberato Póvoa

Todo mundo já foi menino, e todo menino é cheio de inventiva, ora para ser notado, ora para se livrar de momentâneo embaraço.

Meu irmão Nélio, certa vez (e já contei aqui), livrou-se de um incômodo castigo (comer, a muque, seis pratos fundos de arroz-de-leite) apelando para um cachorro magrelo que lhe espiava os coagidos movimentos da colher no prato. Por ter reclamado do tiquinho de arroz doce que lhe fora dado, foi intimado por meu pai a comer um aribê da mesma iguaria até enjoar, "pra aprender a não ser sameado".'

Aproveitando-se de que meu avô Bené chegara e que meu pai frouxara a vigilância ele empurrou o arroz-de-leite no faminto cachorro, e demorou muito tempo para meu pai compreender como ele conseguira comer tudo sem repunar. E foi o próprio Nélio - que, quando menino, não era gente - quem aprontou outra.

Ora se deu que um dia meu pai botou na cabeça de aventurar um ourozinho a lêgua e meia da rua, num lugar por nome Lavrinha, resquício de uma lavra de ouro de aluvião abandonada após a extinção do cativoiro.

Não que meu pai fosse garimpeiro, mas comerciante; entretanto, existe em todo comerciante uma ambiçãozinha de inteirar seus lucros com qualquer extra, para compensar os fregueses velhacos que não pagam conta antiga e deixam as novas decretado a amarelarem no borrador e no conta-corrente, já na treita de dar o quinau.

Pois bem, num domingo - ou sábado, nem sei -, ele pegou Nélio de companheiro, alceou a bateia, botou na cabeça um chapéu de palha trabalhado que lhe dera um velho xerente, e comeu estrada, a pé, com o filho atrás.

Na capanga de mescla, onde carregava a tralha de pitador e a cornija de carregar simonte, levou também uma xícara de esmalte para beber o café do quente-frio e trazer os faniscos de ouro que a esperança lhe soprara nos ouvidos como certos no achado.

A demanhã inteira labutou girando a bateia, e quando o sol meiou o céu, juntou o ouro arrecadado, ainda misturado no saibro pegajoso do fundo do córrego, botou na xícara, emborcou a bateia na cabeça, mercê do sol do meio-dia que fritava o juízo, entregou a vasilha a Nélio, e ganhou a estrada de volta.

Meu pai, na frente, e Nélio, atrás; ele, com a ferramenta no ombro, a capanga a tiracolo e o chapéu debaixo do braço; Nélio, só com a xícara esmaltada enfiada no dedo pela asa, única incumbência que lhe fora dada na volta.

De início, o menino ia levando com cuidado a xícara, embora o barro tivesse endurecido e aderido à vasilha, transformando-se num beiju, de sorte que ficava até difícil perder o conteúdo. Mas - olha um passarinho aqui, repara um animal acolá - Nélio acabou se distraíndo" e quando deu fê, estava displicentemente rodando a xícara no dedo. E o pior tinha acontecido: o ouro tinha se perdido.

Nélio nem queria imaginar o que o esperava, sabendo que um esbregue de meu pai doía mais que uma surra. A sua valência era que meu pai ia adiante, a

uns dez passos, seguramente fazendo planos para o ouro bamburrado. Como explicar? Meu pai jamais iria perdoar tamanha negligência, pois Nélio fora incumbido única e exclusivamente daquilo.

Mas o aperto é que é o pai da invenção. E Nélio logo imaginou um meio de safar-se. A medida que iam se aproximando da rua, ele ia ficando mais apertado e caçando saída. Desculpas não havia.

Mas cabeça de menino é coisa muito bem encomendada pra fazer coisa errada, e como meu pai ia lá adiante, alheio a tudo, Nélio marcou uma touceira de catolé na beira do trilho e correu no rumo, caindo desajeitadamente, por cima do capinjal que espremia à estradinha, com o cuidado de fazê-lo espalhafatosamente para atizar a xícara lá longe e principalmente chamar a atenção de meu pai. Dito e feito.

- Que foi, menino? - voltou meu pai preocupado.

- Caí. .. - ensaiou ele, espiando assustado a reação do velho.

- Caiu, como?

- Vinha caminhando, tropiquei e - pá! - caí...

Os olhos de meu pai cataram as mãos vazias de Nélio, atrás da preciosa xícara:

- Cadê o ouro?

- Derramou...

Foi a salvação de Nélio, embora meu pai ainda tivesse escarafunchado por ali, na esperança de reaver o que pudesse, logo desistindo com um "Ah" de raiva.

É isto. Menino tem uma capacidade inventiva espantosa. Mas na maioria das vezes só para encobrir o que erra. E não é?

oOo

MARIA GAGA -OK

Liberato Póvoa

De Formosa do Rio Preto, na Bahia, Maria Gaga chegou a Dianópolis há muitos anos, onde faleceu há uns vinte, se muito.

Embora tenha chegado lá com seus mais de sessentanos, Maria Gaga marcou época: gostava de festas, rezas, missas e de bate-papos, mas sua grande característica era a influência pelos estudos. Andava, dia e noite, com uma cartilha ilustrada debaixo do sovaco, mostrando a um e a outro que "sabia ler". Mas só "lia" o que tinha ilustração: onde havia uma casa, por exemplo, ela estufava o peito e "lia" com sua pronúncia que engolia "c" duro:

- 'Asa.

Onde não havia ilustração, ela saltava para onde havia: - Isso aí é uma 'adeira!

Num Sete de Setembro, arranjaram-lhe um uniforme igual ao dos meninos do grupo escolar, e na hora do desfile, lá estava Maria Gaga no meio dos meninos, toda pelintra e enfronhada na condição de "estudante".

Mas o entusiasmo dela não era só nisso: incutiram na cabeça dela que estudante tinha que fazer educação física. E não demorou que lhe arranjassem - só de galhofa - um calção e uma blusa de malha, indumentária que foi recebida com entusiasmo. E Maria Gaga meteu-se no uniforme de ginástica e saiu pela rua toda satisfeita, com um bando de moleques fazendo algazarra de suas pernas finas e pelancudas saindo das bordas do sumário traje, o que não a chateou de modo algum: aquilo lhe soava nos ouvidos como estímulo. E tendo sido num dia chuvoso, sua roupa ficou ensopada. E um resfriado violento foi o ônus de sua gloriosa exibição pública, o que quase a levou à cova.

Isto nada significou em termos de quebra de sua férrea vontade de aprender. Um dia - só de malandragem - disseram que, mercê da idade, ela não podia continuar matriculada, e precisava de ordem expressa do Governador. Maria não se constrangeu nem mediu dificuldades: arranjou jeito, pegou um ônibus e, ante o espanto do povo perguntando aonde ia, ela respondeu triunfante:

- Vô pra 'Oiânia falá" cum o 'Unvernadó!

E foi. Mas no meio do caminho descobriram-na sem passagem dentro de um ônibus que não ia para Goiânia coisa nenhuma, e desceram-na ali na Fazenda São Sebastião, a 18 quilômetros daqui, de onde uns viajantes, condoídos de sua situação e informados de que ela precisava estar em Goiânia de qualquer jeito, carregaram-na pra lá, onde a soltaram.

Maria Gaga andou bestando, por lá, onde não conhecia ninguém e onde seguramente não sabia nem pra que rumo ficava o Palácio das Esmeraldas, que dirá falar com o Governador. De lá, arranjou um jeito de vir até Brasília, onde ficou sete dias na Rodoviária, alimentando-se de pastéis e dormindo nos banheiros, onde lavava sua roupinha surrada. Ao fluir de uma semana, um motorista da linha que traz gente de lá pra cá reconheceu-a e por caridade carregou-a de volta po Duro, aonde chegou contando mais maravilhas do que Marco Polo contara no seu retorno do Oriente.

Aproveitando-se do entusiasmo de Maria, um grupo de gente resolveu, mais uma vez, brincar com ela: alguém desenhou um pedaço de papel-cartão, pregou-lhe o retrato e diste que era seu título de eleitor. Pois não é que no dia das eleições, Maria Gaga, não obstante analfabeta e com um título de mentira, teimou em exercer o direito de voto a qualquer custo, tendo o presidente da sessão eleitoral e os mesários suado para a dissuadirem e dela se livrarem.

Mulher opiniosa, teimosa que nem jegue quando chega na sombra, Maria Gaga não admitia que lhe duvidassem da palavra. Muitas vezes, só de malandragem a molecada falava:

- Maria, andam dizendo aí que você não usa calçola.

Ela não titubeava: ali, no meio da rua, diante de quem quer que fosse, ela arribava a saia e mostrava que estava de calcinha.

Outras vezes, diziam que ela estava com o sutiã cheio de pano para aumentar o busto: com a mesma naturalidade, tirava os seios pelancudos para provar que era mentira do povo.

Maria Gaga, de tão boas recordações, irmã daquela Madalena, rezadeira de fama, morreu analfabeta como sempre viveu. Não sei se foi sepultada com a inseparável cartilha cujas figuras "lia". Mas seu último desejo foi respeitado: queria que seu caixão fosse de pano quadriculado, e não do preto convencional.

No dia de sua morte, Edilton, um dos maiores gozadores de Maria, fugiu da gaiatice e teve um momento de seriedade com a maestria de exímio artista da madeira, fez-lhe o caixão forrado de pano quadriculado para conduzi-la à derradeira morada, respeitando-lhe o último desejo.

oOo

TIO DIRICO E A MULA INCENDIÁRIA

Liberato Póvoa

De mil oitocentos e noventa e poucos, tio Dirico era o único vivo da irmandade de meu avô Bené. Remediado, que rico não era, mas casara-se com uma ricaça de família, de quem se enviuvaria mais tarde para casar-se, em segundas núpcias, com a velha Ana, que, viúva, também arranjara um encosto para viver o resto de seus dias.

Tio Dirico era o símbolo de uma geração extinta: dono de uma fazendinha perto do Jenipapeiro, lá no sertão de Conceição do Tocantins, dava a vida para não sacrificar uma rês de seu rebanho, preferindo passar de arroz branco, a tirar uma curraleirinha mirrada para comer o cirigado de carne seca. Quando precisava apurar uns cobres para atender a suas precisões, é que sangrava uma vaquinha para vender a carne no comércio, reservando os rebotalhos de rejeitos para dar gosto ao de comer.

Quando a carne seca estava a três mil réis o quilo, entra tio Dirico na rua tocando o burro de carga rua adentro, para vender as mantas gordas debaixo das mungubeiras, que ainda hoje existem lá na porta de casa. Ali chegando e soube que a carne seca em Barreiras estava a quatro mil réis, nem arriou a carga, e tocou pra lá, e precisou que alguns parentes fossem tocaíá-lo na Maria dos Reis - caminho de Barreiras - pois o velho queria vender sua mercadoria mais bem vendida, pouco se importando se Barreiras estava a mais de trezentos quilômetros, do outro de um gerais inóspito e seco, com mais de setenta quilômetros sem água e nagejante de cascavéis.

Anos atrás, vem tio Dirico, na sua mula de arreios, cortando sertão para dormir no São João da Serra e chegar ao Duro pro almoço do dia seguinte. Na garupa, a maca estofada com a rede bordada e a coberta de algodão; no arção da sela, forrada com o coxonilho, a capa de mangaba atravessada para prevenção de chuva.

O sol cozinava os miolos, e tio Dirico seguia pensando na vida: o filho adotivo, Felisbino, assassinado, à-toinha, lá na Conceição; o sobrinho Dito mudara-se para Goiânia, puxado pelos filhos; os parentes mais chegados, mortos em 1919, durante o "Barulho" (como é conhecido o episódio de "O Tronco"), pela polícia goiana, por causa de política no tempo do mandonismo dos Caiado.

Mergulhado em suas meditações, tio Dirico não reparou a fagulha do cigarro de palha que saltou no coxonilho e passou para a garupa, começando a consumir a rede e a coberta; quando sentiu a súbita quentura na anca, a mula disparou, sendo contida muito longe, toda sapecada, e tio Dirico, com as costas penosamente queimadas, foi carregado para Goiânia, num táxi aéreo. Tio Francisco mandou meu primo Elio, que conhecia Goiânia, acompanhá-lo. Lá chegando, o sobrinho-neto "depositou-o" num hospital, voltando em cima do rastro, sem o cuidado de avisar os parentes que ali viviam. Também não deixou com tio Dirico endereço algum, nem telefone, nem nada.

Tendo recebido alta, tio Dirico, acostumado com lugarzinho pequeno, vai saindo todo ancho. O pessoal do hospital, pelas conversas dele durante o forçado internato, inteirara-se da lonjura de onde viera e sabia que ele não conhecia Goiânia, nem tinha a mínima noção de cidade grande. Mas o velho, simplório e talvez

pensando que a vida da capital era o ramerrão diário do interior, onde todos conhecem todos, chegou todo sério e falou com o primeiro que passava:

- Agora, cês me leva na casa de Dito!

Endereço, não tinha: conhecidos outros, pior; e não adiantou ele explicar que Dito era seu sobrinho, marido de Irene de João Rodrigues, ex-prefeito do Duro e pessoa muito conhecida. Chegou a dizer que o povo daí de Goiânia era tirado a besta, pois não era nem possível desconhecer quem era Dito.

Não sei como conseguiram localizar tio Dito (acho que o acaso fez com que aparecesse um conhecido no hospital), e carregaram-no pra lá.

Depois de se enviuvar pela segunda vez, tio Dirico passou a viver na rua e ultimamente vivia clamando que as coisas andavam ruins, pleiteando uma aposentadoria pelo Funrural. Parecia que se a aposentadoria não chegasse, ele morreria de fome, com sua cantilena eterna de pingar misérias.

Viúvo e sem filhos, vivia era da ajuda de um sobrinho, que lhe dava o sustento da boca, ou de outro parente, que o acudia com o fumo e o café. Morando em Belo Horizonte, sempre que eu vinha de férias, chegava tio Dirico pedindo-me para "desatolar o processo da aposentadoria", pois aquele dinheirinho estava fazendo-lhe uma falta danada. Como eu trabalhava no serviço público, sua imaginação simplória certamente era de que uma palavra minha lá em cima resolvia alguma coisa.

Tempos depois, numa das minhas vindas à terrinha, soube que tio Dirico morrera. Um dos seus velhos achaques levava-o à cova. Mas morrera tranqüilo e - para descargo de minha consciência - aposentado pelo Funrural.

oOo

PEDRO BOTO E OUTROS TIPOS -ok

Liberato Póvoa

Há certos tipos que acabam se transformando em patrimônio da cidade. Toda cidade que se preza, tem pelo menos um ou dois tipos característicos, geralmente daquela classe que os mais pedantes tratam de gentinha. É um tolo, um mouco qualquer e principalmente um cachaceiro, pois jamais vi cidade do interior que não tivesse o seu.

Em Dianópolis, existiam vários, sendo impossível, senão injusto, deixar de mencionar qualquer um. Às vezes, numa conversa descomprometida, a gente se lembra de um, e junta um retalho aqui e outro acolá para tentar reconstituir pelo menos um pedaço de sua personalidade.

O tipo cachaceiro de São José do Duro era Antonhão Pé-de-Janta (para não mencionar Domingos Cachaça, cujo nome dispensa comentários). Antonhão, não obstante sua compadragem com os influentes do lugar, acabou perdendo a vergonha, e se ainda não contei, vou contar as tretas de que se utilizava para sustentar o vício: desde beber e carregar o copo para trocar por cachaça até simular a morte de um neto para poder vender a mortalha.

Tirante Antonhão, uma dúzia, pelo menos, de tipos povoam a minha meninice e minha adolescência: Justina, cria da casa de Zé Anísio Leal, que virava bicho quando a chamavam de “porca”, mas, em compensação, delirava quando a chamavam de “corujinha”.

Chico Farinha-Seca, com sua inocência, recebendo sua aposentadoriazinha do Funrural e deixando-a nas mãos de alguém que conhece dinheiro, para pedir “uns cinco mil cruzeiro mode comprá uma taquim de fumo”. Chico era o abnegado guia do cego Lucas, ali do Barreiro, e o conduzia todos os domingos à missa, com uma paciência que só ele tem, como se gente sua fosse.

Cazuza, que vivia em andrajos pela rua, pilando café na casa dos outros (que casa ele não tinha) ou errando nas chapadas da Abadia, escondendo seus “ferri-nhos”, que eram guardados com ciúme e ganância como se fossem de ouro.

Berto, irmão de Cazuza, que arribava do Mato Seco, no quebrar da Barra, para vender misturas na rua e voltava com o balaio cheio de mamão, para depois verificar que todo quintal da cidade tinha pé de mamão carregado, explicando o porquê de não ter vendido nenhum.

Joaquim Cursino, gente lá de casa, escadeirado pelo trabalho e cheio de subserviência, trazendo agrados do mato para trocar por fumo, café, sal e outras coisas com o povo da rua.

Fico horas e horas relacionando cada um daqueles personagens, que, por si só, davam para se escrever páginas e páginas: os cegos Zé Traíra, João Marimbondo e Chico Luís, o louco Adivinhão, Né Velho (que morou décadas lá em casa), Cheiro (que não perdia jamais uma festa no meio da mocidade e só saía quando a festa acabava), Valfrido (todo conversador e cheio de um palavreado que demonstra uma inteligência invulgar) e muitos outros.

Uma figura, entretanto, que marcou toda a nossa geração foi Pedro Boto (aliás, muitos vinham cobrando-me umas linhas sobre ele). Pedro Boto era uma camarada baixo, cor de cuia, meio parrudo, coberto de pelancas (já me lembro dele velho), de fala ininteligível, mistura de fala com gungunado.

Como espécie de patrimônio da cidade, não tinha residência fixa: ora, dormia na casa de tio Dito; ora comia lá em casa; ora dormia nuns cômodos pertencentes à “Loja Póvoa” e que serviam de rancharia, e às vezes passava temporadas ali no Progresso, chácara que foi de tio Antunim e depois de tio Dito (e agora está dentro da rua). Vivia caminhando aqui pelas redondezas de casa, pedindo fumo e assustando nós, meninos, com seu ar zangado, que era só no aspecto, que Pedro Boto não era uma pomba sem fel incapaz de fazer mal a seu ninguém.

Uma noite, meu pai foi acordado por violentas pedradas na janela, e ao abri-la deparou-se com Pedro Boto: pálido, trêmulo, suado, ofegante, e foi logo falando aos berros:

- Berato! Berato! Cobra, Berato!

Tinha sido picado por uma malha de cascavel, quando perambulava ali nos morros do Barreiro, a coisa de um quarto de légua daqui. E, como que tangido pelo instinto de sobrevivência, Pedro Boto, que era tolo e tartamudo, teve a deliberação de matar a cobra e trazê-la, como que para mostrar que tipo de cobra era. Ele sequer sabia que havia soro (na época) para determinados tipos de cobra, e parece que uma coisa qualquer o guiou para que ele trouxesse o peçonhento rastejante.

Meu pai lhe aplicou uma injeção de anti-ofídico e mandou que ele dormisse lá em casa mesmo, para no dia seguinte ver como tinha reagido. De manhã, a esteira onde Pedro Boto dormia estava sem ninguém.

Pedro Boto morreu há coisa de trinta e tantos anos, na velha rancharia que lhe servia de abrigo quase sempre. Nós, que vivemos a época, quando fechamos os olhos, ainda sentimos como que um arrepio de medo do Pedro Boto, o pobre e inofensivo Pedro Boto, que a esta hora deve estar repousando no merecido descanso de sua sofrida existência, vivida de déu em déu pelas ruas do Duro.

oOo

O RETRATISTA DO DURO -ok

Liberato Póvoa

Era uma festa quando a gente ia tirar retrato: o banho severo com bucha de são-caetano, caco de telha pra tirar a tiririca dos pés, brilhantina nos cabelos, a roupinha de ver Deus. Não havia esses negócios de carteira de identidade, de título de eleitor, que menino é criatura sem vez com essa tal de responsabilidade.

Um retrato não era para qualquer ocasião: só quando alguém queria projetar no futuro um acontecimento de vulto. Em geral, reunia-se a família inteira, e para caberem todos na chapa, soía juntar um monte de gente - pais, filhos, noras, genros e netos, os menores no colo e nos braços dos maiores - para depois sair na revelação mais a expressão do esforço de cada um em acomodar-se de jeito a aparecerem na foto do que a tranqüilidade de uma família reunida.

O retratista era Antônio Leite, coletor e - nas horas de folga - o fotógrafo único da cidade. O privilégio do monopólio, entretanto, não lhe acrescentou melhoria alguma na sua técnica fotográfica, e sua máquina foi sempre a mesma: uma dessas antigas, de caixote, remendada: e encarapitada no tripé já meio bambo de tanto retratar a cara alheia.

Um retrato com Antônio Leite era demorado. Seu trabalho obedecia a um ritual já conhecido: ele se postava atrás do pano preto, focalizava, saía, consertava a gola do paletó, ajeitava o pescoço, endireitava a cabeça e às vezes até repuxava um sorriso no canto da boca do retratando e retomava ao refúgio do pano preto e quente de sua velha máquina. A operação era repetida cinco, dez vezes, deixando-o suado e nervoso, e quando batia a foto de seu "paciente" já cansado do vira-e-mexe, apareciam expressões angustiadas, mudanças de feições e não raro pelancas acrescentadas pelo trabalho fotográfico, numa espécie de cirurgia plástica às avessas. Lembro-me como hoje de Matias Circuncisão, estudante de Paranã, que, não obstante ser preto retinto, tinha no título eleitoral uma fotografia de branco; isto, sem se falar nos que saíam de olhos fechados e com expressões pouco recomendáveis para um documento.

Acho que Antônio Leite nem mesmo gostava de tirar retrato, pela sua nervosia nessas ocasiões. No dia da fundação da "União dos Trabalhadores de Dianópolis", a diretoria quis perpetuar numa fotografia a memorável data, que abria as portas para a escola gratuita aos filhos dos trabalhadores, entre outras serventias. E buscaram Antônio Leite para, sob o sol causticante do quase meio-dia, documentar o evento. Uma multidão se aglomerou em frente à União, rodeando Adontino, famosíssimo sanfoneiro, que empunhava sua afinada harmônica. E enquanto o retratista, já suando, ia e vinha, consertando um aqui, outro acolá, Adontino ensaiava uns acordes, esticando o fole de sua respeitada concertina. O toque de Adontino já estava enervando Antônio Leite que, certa hora, saiu zangando de baixo do pano e bradou:

- Pare isso aí, rapaz! No retrato não vai sair música, não!

Quando as freiras construíram sua capela no Ginásio, fizeram um presépio tão bonito e expressivo, que resolveram tirar uma foto para enviar à Madre Geral da Congregação, na Espanha. E a superiora, madre Belém, pediu os préstimos de Antônio Leite, pai de quatro alunos ali do Ginásio: Toni: Berilo, Clélia e Dorival:

- Señor Antônio, nosotros queríamos que usted retratase el Niño Jesús para enviarlo a la Madre General, en España. Está tan lindo, que merece uma foto!

Não havia dúvida. Era fácil, pois o objetivo era fixo, não precisava o puxa-encolhe de consertar roupa, corrigir expressões e outras inconveniências que só as pessoas têm; era só regular a máquina, colocá-la na posição certa e bater a foto.

E assim fez. Arranjou tijolos para calçar o tripé da máquina, chegou mais pra lá o foco, consertou a imagem na manjedoura (para não perder a mania de consertar), centralizou o altar e, com todo o respeito e cerimônia, bateu a foto, na presença das interessadas beatas, perfiladas assistindo à operação.

Três dias depois, as freiras mandaram buscar a fotografia para enviar à Madre Geral, lá na terra de Franco. Não houve jeito de encontrá-la, e Antônio Leite alegara que havia queimado, pois entrara luz na hora de revelar. E desistiram de bater outra foto.

Na verdade, a foto não havia queimado. Saíra perfeita, clara, inconfundível. Só que, no ajeita-ajeita de Antônio Leite, saíra o retrato do teto da capela, acima do altar. Nem o altar nem o Menino-Deus tiveram a ventura de ficar dentro do foco.

Agora, com o progresso, existem lá fotógrafos experientes, mas tivemos que passar pelo respeitado Augusto Gago. Mas isto é outra história.

oOo

O SÃO JOÃO DE ANTIGAMENTE – ok

Liberato Póvoa

Há umas semanas, comentei o melancólico fim dos foguetes-de-rabo que pipocaram na minha infância, alegrando as festas, procissões e iluminando as noites fechadas de cidade sem luz elétrica, que Dianópolis aquele tempo era válida pelo querosene e pelos bibianos de flandres que o velho Henrique fazia aproveitando latas vazias.

Outra coisa que morreu por lá foi a fogueira de São João, que animava as noites do santo primo de Jesus.

Na véspera da festa, já começava a animação: a gente ia pro mato, cortava uma árvore de seus cinco metros de altura, preferentemente copada, e, estirada no espaldar de uma cadeira ou num cavalete, era enfeitada com sacos de pipoca, garrafas de vinho, rodas de bolo, roletes de cana e outras prendas, tudo bem amarrado nos galhos. Ali no terreiro diante da casa, cavava-se um buraco e enfiava-se a árvore, ainda de tarde cedo.

À noite, colocava-se lenha em seu derredor, tocava-se fogo, enquanto a molecada esperava ansiosa que o fogo consumisse o caule, até a árvore cair. Como a madeira era verde e demorava-se a consumir-se, a menina, cá embaixo, já ficava de olho nas guloseimas que iriam pegar, na hora do "avança". Uns, mais impacientes, de vez em quando, saltavam por cima da fogueira e, fazendo do tronco um eixo, rodopiavam, apressando a queda.

Quando a árvore começava a dar motivo de cair, a menina se empurrava em bloco, acompanhando o movimento do cai-não-cai. E a queda era concomitante com o assalto coletivo, quando a molecada - e eu no meio - aos trancos e barrancos, disputava as prendas, às vezes aos tapas que acabavam quase sempre numa diferençazinha a ser apurada depois.

Para açular ainda mais os ânimos, os mais malandros - tipo Manoel de Joaquininha, Guducha, Generino, Petinha e um senhor de Daltro de Dodô - jogavam bombas cabeça-de-negro e traques no bolo, causando um fumaceiro dos diabos e esmorecendo os mais mofinos. Acabado o saque, partíamos para outra fogueira, pois a queima das fogueiras nunca coincidia horário, para garantir a festa em todas. E o negócio ia até noite alta.

Terminada a queimação das fogueiras, havia outras diversões: assar batata-doce no borrarho, carne seca nas brasas e arranjávamos até uma compadragem de São João: punha-se um tição no chão e pronunciava-se uma oração mais ou menos assim, repetindo-se o que o outro dizia:

*"Eu juro/ e prometo/
Por S. João/ S. Pedro
São Paulo/ todos os santos/
Da cor do céu/
Que Fulano é meu compadre".*

E assim, ficava-se compadre, padrinho, afilhado etc., de acordo com as preferências de cada um. E esse pacto era (e é até hoje) respeitado: tenho um bando de compadres "de São João" e até um padrinho (Otavinho).

Mas a compadragem de São João também servia para resolver situações melindrosas: quando minha mãe era nova, um rapaz de nome Chicada danou a arrastar a asa pro lado dela, doido pra namorar. Mas parece que da parte dela p interesse já nascera morto. E a gentileza de Chicada deixava-a em situação difícil, por receio de magoá-lo. E pra resolver o problema satisfatoriamente, convidou-o para saltar fogo, acompadrando-se no São João. E como compadres ficaram, até hoje. A saltação de fogo resolveu o caso, pois compadre não namora comadre. Ele vive acolá na Bahia, já com a barreira dos oitenta ultrapassada, mas sempre devotando aquele estima à comadre Regina, e para selar ainda mais o pacto de compadrança, estabeleceu que minha irmã Regininha é sua afilhada. E ela o chama de "meu padrinho", com bença e tudo.

Quatro dias depois de São João, repetia-se a festa, com as fogueiras de São Pedro e São Paulo, que eram em menor número. Motivo: só faziam a fogueira as viúvas, que eram impedidas pela tradição (não sei por quê) de fazer a de S. João. Era o repeteco da festa anterior, com avanço dos moleques, estouro de bombas e traques no meio dos avançadores, havendo ocasiões em que sala gente completamente surda dali; ainda me lembro de uma bomba que estourou no pé-do-ouvido de Tonho de Vivina, que o deixou meio besta sem escutar as coisas um bando de tempo.

Agora, de volta a Dianópolis, vendo o asfalto corrido diante das casas, compreendi que as fogueiras haviam sido sepultadas pelo progresso, pois se bem tivessem pensado, haviam deixado pelo menos os buracos para se fincar o pé-de-pau cheio de prendas.

oOo

CAZUZA - ok

Liberato Póvoa

Desde que me entendi por gente, Cazuzza já perambulava nas ruas atrás de não sei o quê. Frequentava a casa de todo mundo aqui do Duro, mas fazia ponto na calçada de Osório Coutinho, ao lado da velha igreja, onde ficava horas e horas conferindo seus ferrinhos: argolas, pregos, pedaços de flandres e coisinhas de metal que achava pelas ruas.

Louco, acho que de nascença, Cazuzza era uma pomba sem fel: calmo, olhar pregado no incerto, não mexia com seu ninguém, salvo quando provocado por Manoel de Joaquininha, Guducha, tio Dema, e outros rapazolas, que, só para atazaná-lo, subtraíam-lhe um dos ferrinhos que ele guardava com descomedida ganância.

Aí, ele se desesperava, mas não atacava ninguém: clamava e chorava em altos brados, até que encontrasse o prego enferrujado ou o parafuso imprestável, que para ele eram ouro. Outras vezes, a turma, para colocar-lhe um fim no sofrimento, apresentava-lhe um exatamente igual, num doce e propositado engano:

- T'aqui, compadre, seu ferrinho!

Não fumava, não bebia. Mas adorava pilar café, que naquele tempo não havia essas facilidades de o café já vir torrado e moído. Se adorava pilar café, era porque, nos momentos em que ficava só, raspava a mão no fundo do pilão e jogava na boca um punhado para saborear aos poucos. Pedia - e até implorava - que o deixassem pilar café. Ciente de sua fraqueza, e honesto, apesar de louco, Cazuzza já pedia que mandassem alguém para vigiá-lo. Muitas vezes montei guarda junto ao pilão, espiando Cazuzza, que me contava casos desconexos, falando dos "profetas da Abadia", das "caveiras de viola" e outras coisas de sua insana imaginação, não conversando coisa com coisa.

Sempre sujo, ensebado, Cazuzza despejava na fralda da camisa a comida que lhe davam e sala comendo rua afora. A roupa acabava-se-lhe no corpo, esmolambada pelo uso e pelas pontas de pau, quando se embrenhava nas chapadas da Abadia para esconder seus miseráveis teres. Quando ganhava uma roupa nova, juntava-se muita gente - uns, para ajudar; outros, só de farra - para levá-lo ao córrego da Barra, dar-lhe um banho e vesti-lo à força. O corte de cabelo era precedido da mesma novela. Mas a barba ele próprio fazia, arrancando à unha, fio por fio, mirando-se no fundo de uma lata de talco.

Tinha pavor de soldado; corria até de arma de brinquedo, e certa vez, ao mostrar-lhe um revólver de plástico que ganhara de presente, recebi um violento murro nas costas, que caí entalado, sem fala. Mas quem bateu não foi o compadre Cazuzza (como o chamávamos), foi o pavor doentio de armas.

Chovesse ou fizesse sol, Cazuzza jamais deixou de descer a serra, a pé, para ir à romaria da Sicupira, a cinco léguas da rua, e dizem que até à do Bonfim, que fica lá muito longe, pros lados de Natividade.

Dava pena ver a molecada atazanar-lhe a paciência: "Cazuzza, cadê a tesoura?". Não sei por quê, mas quando lhe faziam esta pergunta, ele se enfezava e 9% jogava pedras, na sua justificada irresponsabilidade de louco. Bem assim, quando o mandavam rezar, ele respondia que era "maçom pro lado da Igreja".

Morando na rua e dormindo em qualquer lugar, embora tendo em Teodoro e Berto dois irmãos trabalhadores militando na lavoura, Cazuzza raramente ia aonde

estavam os seus. Quando saía da cidade era para guardar seus ferrinhos nos "escondidos" da Água Boa e para trazer notícias dos "profetas da Abadia".

Cazuza, mercê das chuvas nas costas e da solama a quase lhe arrancar o couro nas chapadas do Estreito, adoeceu e ficou com uma tosse convulsiva e braba, que o fez aquietar-se, como jamais ocorrera. E uma tarde, quando jogávamos bola na praçona, vimos frechar gente na casa de Marcos Rodrigues: compadre Cazuza acabara de morrer, deitado no corredor.

Até o jogo de bola parou, e uma coisa ruim ficou assim engasgada na minha garganta. Muita gente chorou a morte de Cazuza, cuja memória é reverenciada intimamente com muito carinho e cuja imagem parece estar ainda ali de pé, no quintal de cada casa aberta, socando café.

Dos personagens que povoam a memória dianopolina, Cazuza é aquele que, não obstante não tenha feito nada de especial para marcar sua passagem, nem tenha se transformado em símbolo de nada, representa não sei como nem por quê, uma grande e misteriosa força na evocação da meninice de todos aqueles que o conheceram.

Não sei se existe santo louco. Mas se existir, não tenho dúvidas de que Cazuza é um deles, pelo bem que sua lembrança traz à alma de todos nós.

oOo

ROSENDO CARA-SUJA

Liberato Póvoa

Dos apelidos de ocasião, daqueles que se costuma pôr na gente em determinados casos, um ficou por muito tempo sem que eu pudesse alcançar o significado. Quando me chamavam de "canelas de siriema", eu sabia que era devido às minhas pernas finas; mas quando diziam que eu era um "Rosendo Cara-Suja", ficava meditando o porquê do apelido. Depois, indagando dos mais velhos, meu mano Osvaldo, estudioso da nossa gente, contou-me que o personagem inspirador do apelido de fato existiu.

Nos tempos em que, tendo passado a Coluna Prestes, os jagunços de Abílio Batata e outros tipos de valentões no sertão aqui de São José do Duro, ficou muito popular a figura de Rosendo, morador nas terras da Beira d'Água, a duas léguas daqui. O nome lhe veio a propósito. Para ele, água só no copo, e só tomava banho quando a chuva o surpreendia em viagem, e seus pés só viam água quando atravessava um córrego.

Metido a valente, Rosendo Cara-Suja, que - dizia o povo - não gostava do apelido, andava sempre com uma garrucha de dois canos, um facão e um punhal enfiados na cinta, com o cinturão apinhado de balas, que os tempos eram brabos, mercê da jagunçama que ainda campeava por ali. Sua figura caricata, apatrochada de armas, despertava a chacota das pessoas, que riam longe dele, pois sua fama de valentão podia uma hora achar um cristo.

Certa vez, numa festa, surgiu a oportunidade de lhe testarem a decantada valentia de costurar desafetos no punhal e pisar impunemente nos calos alheios, que, tirante ele, todo mundo só tinha mesmo era frouxura. Após unias talagadas de pinga, um valente marchou de passo duro pra cima dele, disposto a agarrá-lo, a despeito daquele arsenal que carregava na cinta. Rosendo percebeu que o homem não estava ali só de propaganda, e, segurando a garrucha na mão direita e o facão na esquerda, gritou aflito para a mulher:

- Vem cá ligeiro, Senhorinha! Pega estas armas, senão este desgraçado me toma elas! . . . - e jogando as armas para Senhorinha, largou a valentia de

uma banda e, resignadamente, levou sonoros tabefes.

Mas conseguiu livrar as armas... Rosendo tinha uma égua, que era tratada com mais carinho do que um filho, e até chegou a comprar uns metros de bulgariana barata e fez uma roupa para ela, isto para livrá-la das mutucas, que sempre viviam atazanando sua egüinha.

A compra da bulgariana e o feitio da roupa foi depois de ver seu precioso animal sofrer com as ferroadas do incômodo inseto, muito abundante naquela quadra de ano. Antes da roupa, Rosendo, que era muito engenhoso, tivera uma luminosa idéia: arranjou uns molambos velhos, misturou com palha seca de arroz, fez um círculo em torno da égua e tocou fogo. Assim ele conseguiu correr com as mutucas... e com a égua.

Conta-se muitas patacoadas de Rosendo Cara-Suja, todas com rompantes de valentia e cheias de peculiaridades que só ele sabia improvisar.

Certa ocasião, por causa de um bate-boca numa festa de mutirão, Rosendo foi desafiado por um vizinho. Fazendo valer sua fama de valentão - e, a bem da verdade, tinha estampa por causa dos apetrechos que portava - empunhou sua garrucha e o facão, cortando com este o vento, assim como que dizendo "não vem, que morre!". Mas o desafeto, talvez conhecendo o caso anterior da frouxura de

Rosendo, não se intimidou e foi em cima dele, cobrindo-lhe a cara de tapas, que ele recebeu sem tugar nem mugir, não usando as armas nem como escudo para se livrar dos sopapos.

Acabada a briga e serenados os ânimos, vieram inquiri-lo:

- Uai, Rosendo, como é que você deixou o homem bater em você desse jeito?

Mas ele não perdeu p compostura, redargüindo:

- ó xente, cê num viu qu'eu tava co'as duas mão ocupada não?

Impagável, a figura de Rosendo fazia-lhe jus ao nome. Nem o rosto ele se dava ao trabalho de lavar. Não digo o rosto: nem a boca. Achava simplesmente desnecessário cumprir os mais elementares preceitos de higiene; e até se zangava quando lhe falavam em lavar pelo menos a boca de manhã:

- Você nem ao menos lava a boca antes de tomar café de manhã, homem de Deus?

E ele respondia em cima da bucha:

- E por um acauso eu cumi estrume?

oOo

COISAS DE ASSOMBRAÇÃO

Liberato Póvoa

Se existe uma coisa em que o sertão é pródigo é de causos de assombração. Aí na cidade grande é assunto vasqueiro, e existe gente que até nem acredita em aleivosia. Mas aqui, no entremeio de qualquer conversa, sempre existe alguém que conta uma passagem, seja acontecida com ele próprio, seja na conta do ouvir dizer.

Ainda esturdia, estava numa roda de conversa, noitinha, quando me lembrei de um caso que teria acontecido com Messias, que foi vaqueiro de meu sogro, mas eu tinha muita cegueira de ouvi-lo da própria boca do Messias, que é tido como destemeroso, não dando ouvidos para medo de coisas do além. Até já me dissera ele que uma noite dera "carona" para uma visagem, na garupa de sua mula. Carona forçada, mas nem por isso ele passou pra lista dos assombrados com defunto. Pois ele estava ali, e futuquei-o sobre o caso que o sertão todo conhece. E ele contou, baforando um cigarro lavado que fiz questão de dar-lhe para deixá-lo mais à vontade. Conversa do povo: um bicho tocaiara-o na aguada do brejo que marca a chegada da fazenda. E ele não relutou em contar o seguinte:

"Lá pra cinqüenta e tantos, ele mais Dominguinha, sua mulher, estavam ali no Engenho, fazenda de meu sogro, numa empreita de curral. O vaqueiro era Adelino.

Muita caça, Messias costumava esperar catingueiro nos pés de embiruçu, e, sem pólvora branca pra cartucheira, assuntou com o velho Josias vaqueiro na Avenida, o qual se prontificou a fornecer-lhe um tanto lá no fim da semana, contanto que ele - Messias - fosse buscar.

Como a precisão é mãe dei pressa, no primeiro sábado Messias arreou um cavalinho preto marchador que ele tinha e tocou pra Avenida, a coisa de três léguas paridas, de tarde cedo, mas teve que esperar o velho Josias voltar do campo, o que aconteceu à tardinha. Lá mesmo, ele carregou os cartuchos e panhou estrada de volta.

Na volta, passou pelo Carrinho, onde, já noitinha, o povo se preparava pra ir ao terço da velha Ana Viúva, que rezava S. Sebastião a um quarto dali, na Fazenda Pouso Alegre, do lado de lá do S. Pedro.

Proseou um bando com o povo, bebeu café, pitou o palheiro e, lá pelas nove horas, desimpediu o povo pra ir à reza e o cavalinho preto sacudiu os cascos no rumo do Engenho, que fica a légua e meia do Carrinho. Quando ia passando no corgo João de Oliveira, sentiu uma puxada no chapéu, e, instintivamente, consertou-o. Ao chegar ao porteira do fecho do Engenho, novo puxão. E antes de descer do cavalo pra abrir a porteira, o chapéu de couro, misteriosamente, já havia sido puxado várias vezes, tanto que, no amontar, ele já deixou o chapéu calçando a perna na sela. Aí, ele sentiu um arrepiozinho quando botava o chapéu na cabeça, parecendo que este estava flutuando; também os cabelos do braço pareciam mais um luís-cacheiro, mas medo - dizendo Messias - nem um pingo.

Mas o negócio encrespou quando ele saltou a aguada do brejo a tarefa e meia da casa da fazenda: ao confrontar o pé de tarumã (que até hoje está lá), ele divulgou uma espécie de bola que saiu do pasto ali ao lado e, vindo por cima da cerca, caiu-lhe justamente na frente. E no cair - dizendo Messias - já não era mais uma bola, assumindo forma de porco, ora de cachorro em pé nas duas patas traseiras, e o certo é que, porco ou cachorro, o bicho estava avançando era nele, que, sem tempo pra desapear do cavalo, ainda deu três tiros de cartucheira, mas

quando deu fê estava no chão, e a arma lhe caíra das mãos. Diz ele que não se lembra de ter caído do cavalo, pois era duro de escanchar, mas o cavalo tinha sovertido no mundo.

No chão, seu único arrimo era a peixeira, que o instinto de sobrevivência fê-lo pegar, para tentar livrar-se daquele medonho não-sei-que-diga. E o bicho em cima. E ele, peixeira em punho, se defendendo como podia: esfaqueava em cima, o bicho parece que encolhia e vinha-lhe nas pernas; esfaqueava em baixo, pinicando o chão com a faca, e o bicho já estava em cima de novo.

Lá uma hora, sentiu que a faca pegou. Aí, o misterioso ser se desmanchou numa fumaça, que foi desvanecendo-se até sumir. Mas medo Messias disse que não teve um trisco. Com o pé localizou na erscuridão a cartucheira e pegou.

Ao chegar à porta da fazenda, o cavalo estava remoendo no cocho e ele bateu à porta. Quando Dominguinha abriu e veio com uma candeia, Messias assombrou-se, vendo - dizendo ele - o tal bicho avançando-lhe em riba o resto da noite. E no dia seguinte, foi mais Adelino assuntar o local: o que havia de tampo de capim no chão era demais, e ainda retiraram as balas enterradas dos três tiros que dera. Ele não se lembra de ter reparado algum rastro."

E Messias disse que ainda tem coisa pra contar. Só espero que não sejam causos como os de João Caroço e Felipe Tampa, que mentiam tanto e tinham histórias tão estapafúrdias, que o povo os carregava pra tudo que é canto, onde os sustentava, só no afinco de ouvir os episódios que botavam no chinelo até mesmo o Barão de Münchhausen.

Mas até prova em contrário, Messias é gente séria.

oOo

MANDRAQUICE EXISTE? ORA, SE... -Ok

Liberato Póvoa

Lá pelas bandas do Engenho, fazenda de meu ex-sogro onde passava alguns dias em julho, descansando, num lugar dito Verdadeiro pra uns e Furnas pra outros, morava um senhor de Ezique, gente de lá mesmo, nascida e criada ali e com cujos familiares mantenho a mais perfeita avença. E o tal Ezique - que não conheço, mas não refugo um encontro a qualquer hora - dizem que sabe cruzar os pauzinhos numa inhaca tocada pelo feitiço.

Desde muitos anos, mercê de morar em Belo Horizonte, eu não tinha notícia de gente mandraqueira, desconsertadeira da vida alheia. Sempre existiu feitiço, sempre existiu inhaqueiro pelo sertão, mas no mais das vezes gente anônima, pois o bote fatal é sempre dado no escondido.

Os desmanchadores de feitiço - estes, sim! - sempre foram declarados, como um famosíssimo Joaquim Paraguaio, que assistia perto da Cabeceira Verde, a três léguas do Engenho, onde era o império da velha Maria Segurada, que benzeu e curou meio mundo até morrer há coisa de quase vinte anos, se muito. Paraguaio morreu há mais de cinqüenta anos, após desenlinhar a vida de um bando de gente e deixar um rastro de lenda em torno de seu nome.

Morto Joaquim Paraguaio, meio-índio-meio-gente, restou o velho Severiano, morador na beira do Itaboca, o qual, apesar da idade, com seus quase oitentanos bebia sua pinga farta e operava seus prodígios. Muitos anos atrás, no afinco de conhecer o velho, encasquetei-me: botei o carro na estrada, contornei tocos, vadeei grotas e encafinfei sertão adentro mais de sessenta quilômetros e acabei foi passando a noite no casebre miserável do llegendário preto, que me contou passagens de sua vida e me prometeu "fechar o corpo" numa próxima ida. Mas o velho Severiano, o "escravo do Divino", é assunto para daqui a uns dias, que uma hora destas tratarei dele.

Contava-me meu sogro que existia por lá um outro curador por nome Albertino, que estva dando trabalho pros botadores de feitiço, pois o homem parece que de fato tinha força.

Surgido há muito tempo, passei a conhecê-lo (tanto que fui seu advogado numa pendenga na Justiça por conta de curandeirismo), Albertino até que não tinha conquistado a confiança do povo, que, embora crédulo ao extremo, sempre vê essas novidades com um pé na frente e outro atrás. A resolução de um caso surgido - e tido por inexplicável - é que deixou o povo besta, de queixo caído e beijos afastados.

Assuntem só.

Morava na Barra Nova meu amigo Rafael Cardoso, conhecido de Deus e o mundo, pois nasceu, cresceu, viveu e ainda vive lá, com sua familiazinha de dezesseis filhos (vivos, forante os que Deus carregou antes do prazo). Dentre esses filhos, Santo Cardoso, casado com Tina, mulata até bem-aparecida, morava ali nas rodeanças.

Tão bem apessoada, pro gosto do sertanejo, Tina, sertaneja de ombrear a enxada e fazer limpa de roça de mantimento no rabo da ferramenta, logo despertou a cobiça do Ezique, um camarada comum. E o xamego de Ezique foi crescendo pra riba da mulher de Santo, que, inocente, não via nas intenções gulosas nada de estranho.

Mas como Santo era muito caseiro, pacato e dificilmente saía de casa, Ezique não achava brecha pra ir ali pertinho, no mesmo Verdadeiro, para onde se mudara Santo, puxado pelo sogro, o velho Eliziário, também sogro de Ezique.

Santo, inocente: Ezique, de olho comprido pra cima de Tina, mulher de Santo, cunhado dele-Ezique.

Passado algum tempo, Santo pispiou a sentir-se perrengue, com umas macacoas sem fundamento, e não houve gente que desse volta na misteriosa doença. Na verdade, nem ele mesmo lhe sabia a origem.

Com a imobilidade de Santo - que ficou sem jogo no corpo, grudado na cama -, o esperto Ezique viu-se com a corda toda para cortejar a mulher do concunhado, agora inválido.

Logo, o sertão inteiro encheu-se da notícia da doença de Santo, que sempre fora homem disposto e trabalhador, admirando como quebrara de carnes a ponto de fazer suas precisões levado por mãos dos outros. E talvez continuasse inocente do que ocorria entre sua mulher e o casanova sertanejo, o qual - dizendo o povo - já estava com ela alceada; em outras palavras: tinha-lhe tomado a mulher.

Como quem está perdido não carece escolher estrada, da legião de palpiteiros veio um conselho:

- Lev'ele lá no Albertino!

Ora, qualquer fiapo de esperança servia numa agonia daquelas, e os próprios familiares de Santo carregaram-no para o homem ver.

Malmente Albertino, assessorado pelos seus espíritos, benzeu Santo Cardoso uma vez, que tudo sumiu, e Santo voltou com as próprias pernas, após ouvir o sentencioso Albertino dizer:

- Fizeram feitiço pra matar você e tomar sua mulher!

Nem carecia esmiuçar, pois na boca do povo já corria o xamego de Ezique e Tina.

Ao voltar, Santo até quis matar a mulher, que fugiu pra casa do pai, com quem passou a viver, não sei se até hoje, pois mulher é uma nação de gente que costuma voltar com a mesma constância.

Por sua parte, Santo não quis - nem era besta de querer - confusão com Ezique, pois - sabe-se lá se seu concunhado não tinha outro feitiço engatilhado como defesa?

oOo

O TROPEIRO DO JALAPÃO-Ok

Liberato Póvoa

Criado nos padrões inflexíveis de meu avô, meu pai herdara muita coisa: desde o gostar das coisas certas, até a maneira jocosa de contar casos, enfeitando-os com gestos e expressões cheias de graça, improvisadas de acordo como as circunstâncias encomendavam.

Os conhecidos passavam o tempo sentados no balcão da "Casa Póvoa", conversando e rindo das tiradas gracistas que, no meio de um bate-papo, enchiam a loja de gaitadas.

Raro freguês saía dali sem levar pelo menos uma agulha ou um metro de sutache, mesmo os desconhecidos, pois se procuravam um pedaço de madraço pra camisa, já lhes era sugerido levar a linha, os botões, o forro, a mescla pra calça, o chapéu de palha ou de massa pra completar o vestuário, sem se falar nas alpercatas arreadas, que iriam deixar o freguês todo lorde. Tudo isto ele ia vendendo, enquanto entremeava anedotas e troças que fazia qualquer um descrever que atrás daquela cara risonha e franca se escondesse um severo pai de família, acordador às quatro da madrugada e inflexível na criação dos filhos. O freguês, desprevenido, ia comprando sem sentir o impacto da conta.

Um dia, chega-lhe ao balcão da lojona um tropeiro desconhecido, dizendo ele vir dos gerais do Jalapão vender sua carga de couro de veado e amarrados de penas de ema. Com o dinheiro apurado, o homem ia comprar um bando de coisas em diversas lojas, mas na "Loja Póvoa" só ia ser coisinha à-toa.

O tropeiro foi recebido com um largo e convidativo sorriso e meu pai - que puxava de uma perna, por conta da grangrena que quase lhe roera um quarto - desdobrou-se num ir e vir para atender o freguês, que não sabia dizer "não".

Uma hora depois, chega o homem, contrariadíssimo, à "Casa Ponto Certo", de meu irmão Nélio, que, cheio de astúcias e herdeiro por excelência das presepadas de meu pai, foi logo colocando-se à disposição do tropeiro; este, contrastando com a cara aberta de Nélio, entrou carrancudo, e foi logo justificando quando ouviu o tradicional "às ordens".

- Bem que as pricisão é muita, meu sinhô!

- Isto é bom, porque é sinal que vai comprar de acordo com elas! - pilheriou Nélio, que, dentre nós doze, foi o que mais puxou ao velho, e levava a vida comendo mudubim e contando lérias enquanto atendia a freguesia na loja. Não perdia a oportunidade de lembrar um caso engraçado ou uma ocasião de fazer os outros de besta para provocar risos. Tudo ensejava uma léria qualquer.

E foi esse personagem que presenciou as rebarbas da raiva que meu pai, inadvertidamente, causara no iracundo tropeiro do Jalapão.

- Mas o senhor não vai levar nada? - perguntou Nélio.

- Bem qu'eu pricisava uns botão de "nalho", nanuscada, linha de "nalha", tempero...

- Então, por que não leva, homem de Deus? Tenho tudo aqui...

- Intê qu'eu tinha uns cobre, mas o diabo dum véio aculá em tomô tudim!

- Tomou, como? - Nélio espantou-se, pois roubo era raro ali.

- Entrei naquela lojona - e apontou a direção com o cabo da chibata - mode comprá umas burundanguinha de nada, e o desgraçado do véio ia contano uns causo de ri e vendeno outras coisas. Comprei ferramenta, roupa e inté sapatina de muié, e nem muié tenho, seu moço!...

Nélio interessou-se:

- E onde é essa loja?

- É uma lojona grandona na quina daquela rua. O desgraçado do véio com cara de macaco ia contano uns causo, cunversano bestage e tomano os cobre da gente; o miserave ia caxingano lá dentro e voltava c'uma nuvidade pra mode impurrá no égua aqui. Eta véio iscumungado do diabo!

- E o senhor sabe quem é aquele velho? - perguntou Nélio.

- Sei lá de qui zinferno saiu aquele urubu véio caxingó?! - e emendou com outros adjetivos condizentes com a raiva recolhida.

- Pois ele é meu pai... - disse Nélio calmamente, para ver a reação do homem.

O tropeiro raspou a goela desacorçoado, sapateou assim sem jeito e só pôde responder, coçando a cabeça e gaguejando:

- Ancê... ancê sabe qui ele inté que tem umas graça ingraçada?!

Foi a derradeira vez que ele esteve ali.

oOo

A CIÊNCIA DE SÉRGIO CANELA-ok

Liberato Póvoa

Sempre que ia à fazenda "Pintado", meu pai munia-se de todas os remédios necessários para prevenir do impaludismo, pois as enseadas do córrego do mesmo nome são até hoje famosas pela sezão que provocam. Mas ele próprio sabia serem inúteis o quinino, a aralém e a metoquina, porque seu impaludismo era crônico. Evitava ir ao Pintado nas épocas chuvosas, pois contava como certo cair de cama, com aquela febrezinha rasteira e intermitente e a vontade de vomitar.

Forçado por um compromisso indelegável e sobretudo inadiável, teve que se arriscar e foi superintender pessoalmente um serviço na fazenda, parece que uma ferra, pra poder dar a sorte pro vaqueiro.

Caiu de cama - já era de se esperar. Febre intermitente, moleza no corpo e uma vomitadeira que nada lhe parava no estômago: era cair dentro, e ele botava pra fora. Tomou quinino, sumo de melão-de-são-caetano, e nada de pelo menos paliar a doença até criar forças para atravessar o sertão, subir a serra e alcançar o comércio pra caçar recursos. Apesar daquela febre teimosa, que não atava nem desatava, e do corpo moído como de quem houvesse levado uma tunda, o que mais o incomodava era o vômito, que fazia o peito dolorido do enorme esforço.

Era vaqueiro o velho Sérgio Canela, que o fora de meu avô desde a passagem da Coluna Prestes por aqui e que gerara unia prole imensa para exercer a vaqueirice, sempre para gente ligada a nossa família.

Contava o povo que o velho Sérgio era tirado a mandraqueiro, rezador em qualquer macacoa, e diziam, até, que cobra que ele saltasse espichava ali mesmo, durinha. Abusão do povo ou não, eu era menino mas ouvi muita gente dar testemunho de verdadeiras as faculdades de "magnestimo" do velho Sérgio, que conheci pessoalmente.

Meu pai, embora profundamente religioso e respeitador da crença alheia, era meio cético com essas coisas de benzeções. Mas não se opôs a que seu velho e servil vaqueiro, sempre jeitoso e cheio de "inhá sim", benzesse um barbante de algodão e lhe amarrasse ao pescoço, à feição de um colar, com a recomendação de que não o tirasse, pois ali fora amarrado para estancar o vômito. Dentro daquela filosofia de que "quem está perdido não procura estrada" e como meu pai estava escamado e entregue à moleza de corpo terrível, pouco ligou que lhe amarrasse qualquer coisa no pescoço, que dirá cordão.

Dias depois, já recuperado, creditou a estancação do vômito depois da amarração do cordão a uma coincidência ou mesmo ao efeito de algum dos remédios que vinha tomando, pois ele, sinceramente, não alcançou na ciência do velho Sérgio qualquer indício que levasse à credibilidade de um cético que nem ele.

Acabado o serviço, juntou os trens, escanchou no burro de arreios e veio embora, esquecendo-se da benzeção e do cordão bento, que, talvez por descuido, lhe ficara no pescoço, já encardido de suor e poeira.

Já em casa, uma indisposição causada por alguma coisa mal comida começou a embrulhar-lhe o estômago, com aquela sensação de que o vômito aliviaria de vez. Mas este não passava na garganta. Tomou vomitórios, poaia, água morna e até meteu o dedo na goela, mas o bafume no peito continuava agoniando-o, sem conseguir vomitar.

Aí, minha mãe lembrou-se da reza do velho Sérgio no cordão passado no pescoço e sugeriu que retirasse. Na angústia em que se achava, meu pai daria até

um pedaço da alma para sair-se da incômoda situação. Sentado na beira da cama, com os cotovelos enfiados nos joelhos e a testa apoiada nas mãos, estava completamente entregue. E com um gesto concordou, sem ao menos levantar-se:

- Se bem não fizer, mal é que não vai fazer, Pode tirar!

Foi o tempo de desatar o nó: o vômito, há muito tempo contido e represado em lenta agonia, saiu em golfadas, que lhe lambuzou as calças, não lhe dando tempo nem de afastar as pernas para vomitar no chão.

Esse foi só um exemplo, que o velho Canela era capaz de muitas coisas inacreditáveis.

Meu pai contava outro caso de um dente cariado que, vez por outra, era ex-comungado por doer, e, de certa feita, pegou-o desprevenido na fazenda, sem recurso de remédio que desse volta na dor. E, na servilidade de sempre, veio-lhe o velho vaqueiro adjutorá-lo com suas mezinhas de magnetismo. Rezou no dente, fez com a ponta da faca um círculo no chão (dizia meu pai que - não sabe se era impressão - parece que no tocar na ferramenta no chão ele sentia responder em redor do dente) e, com um raminho (ou um tição, nem me lembro), rezou, até a dor passar.

Dizia meu pai que daquele dia em diante nunca mais sentiu dor naquele dente. Morreu com o toquinho do infeliz doedor, que chegou a desmanchar-se, mas, dor mesmo, só a lembrança.

oOo

O ESTOURO DA BOIADA-ok

Liberato Póvoa

Sempre que me dá uma folguinha, pego um daqueles livros antigos que compro no "sebo" (na tentativa inútil de recompor os que tive em criança), e passo horas lendo trechos de antologias, como a "Seleta Literária", de Maximiano Gonçalves, a insuperável "Flor do Lácio", e esqueço o mundo.

Isto não só me permite ler retalhos do que há de melhor, como trazer reminiscências dos tempos ginasianos, quando o severo padre Magalhães nos obrigava a esmiuçar raízes e precisar o étimo das palavras.

Tornou-se célebre, celeberrimo, no meu tempo o trecho "O Estouro da Boiada" que uma antologia estampava em duas versões: a de Euclides da Cunha ("Segue a boiada vagorosamente, à cadência daquele canto triste e preguiçoso.. .") e a de Rui Barbosa. Em cima daqueles dois textos o padre Magalhães trabalhava com afinco, comparando estilos, confrontando expressões e fazendo a classe inteira perder a cabeça com uma série de exigências.

Cá comigo, sempre gostei mais de Euclides da Cunha, pois Rui acabava engasgando-me com seu vocabulário erudito demais para nós, ginasianos, e, ainda por cima, socados num sertão onde só se lia o que era de escola e raros exemplares do extinto "Ecos do Tocantins", que chegavam por lá mandados por um amigo de meu pai, ali de Porto Nacional.

Mas a imagem do estouro da boiada ficou-me na cabeça. Eu não podia imaginar que um magote de gado pudesse fazer um estrago daqueles, descrito pelos grandes escritores.

E pude aquilatar, por uma simples amostra, o que uma boiada desgovernada pode ser capaz de obrar.

Foi lá em cinqüenta e tantos - eu devia regular meus doze anos, se muito, e me deu a influência de ir com meu cunhado Moreno e vários peões para o Pintado (fazenda de meu pai, a quinze léguas, no sertão), juntar uns bois para vender fiado a um matadouro que se instalara nas imediações do campo de avião.

Mas esta é outra história.

Tudo correu bem, e, apesar de ser um gado meio arisco e esquerdo com curral, formou-se um magote de mais ou menos umas trinta reses, dentre elas uns patueiros renitentes e sacudos acostumados nas capoeiras e enseadas do sertão, onde não havia cercas, e as fazendas limitavam-se por riachos, grotas e pés-de-morro.

Esses bichos, de início, danaram a querer voltar pro seu pasto, até que, enlotalados numa maloca com sinueiros mais passivos e conformados, foram tocados estrada afora, no rumo da cidade.

À noite, chegamos ao Jenipapeiro, onde o dono, velho conhecido, cedeu o curral, para sairmos de madrugada, a fim de alcançarmos a Serra do Funil ainda de dia, pois subir aquelas pirambeiras medonhas à noite não era só temerária: era impossível.

Fazendo marcha de apressado, chegamos à serra ainda de sol alto; dava para alcançarmos o plano antes da boca da noite e encurralar o gado em cima, no planalto.

Justino Rocha, vaqueiro do Pintado, com seu vozeirão graúdo, ecoava autoritário na bocaina da serra, tangendo o gado e cuidando que nenhum boi tomasse trieiro diverso. Eu ia no coice do magote, só mesmo de companheiro, levando atravessada na lua da sela uma pesada capa de mangaba.

Quando os patueiros do sertão desconfiaram que estavam deixando seus pagos, desembestaram pra trás, e não houve remédio que os parasse. Por um ês-não-ês, eu seria defunto: o experiente Justino, xingando pra quantos capetas havia no inferno, bradava com o gado passando de fiapo, levando tudo nos peitos e derrubando o cavalo de lado, sob a bruta liderança de um marruá de saco grande, que consumira dois dias de campo na pegação lá no Pintado.

O estralar das tabocas foi diminuindo, até que sentimos que o magote já estava lá muito dentro, esguaritado no mundo. Só ficaram seis cabeças.

Dali em diante, ao subir qualquer outra serra, eu jamais ficava no coice da boiada. Felizmente, foi a primeira e a derradeira vez que presenciei um tendepá daquele.

E vi que Rui Barbosa e Euclides da Cunha não exageraram. E olhe que só eram poucas reses, estourinho à-toa. Avalie uma boiada inteira!

oOo

GARIMPANDO IMAGENS NO PASSADO - ok

Liberato Póvoa

Hoje, tudo está muito diferente. No mais longínquo povoado, o progresso se encarregou de desmanchar o que havia de característico na pacatez e na indolência do interiorano.

Raras cidadezinhas mantêm o costume - saudoso costume - de, à tardezinha, levar-se uma cadeira para a porta da rua para contemplar o pôr-do-sol ou se reunir com amigos no bate-papo de despedida do dia. Hoje, quem é que tem tempo de abstrair-se um pouco do corre-corre para ficar no sem-que-fazer?

No meu tempo de menino, de manhã e à tarde, essa cena era vista em quase todas as casas: de manhã, para quebrar o friinho matinal nos primeiros raios de sol; à tarde, para descansar as pernas numa espreguiçadeira, enquanto a meninada brincava na praçona (hoje, Praça Liberato Póvoa - que era meu pai).

Cidadezinha sem carros nem movimento, o cavalo e o burro é que eram a valência no transporte de gente, e toda casa que se prezasse deveria ter um moirão fincado na frente; era o "estacionamento". Outras tinha até árvores com fresca sombra: na porta lá de casa, ainda hoje existe uma fila de mungubeiras (aliás, só restam três pés), e o tal progresso se encarregou de arrancar os pés de "ficus" que perlongavam as duas praças, onde se ajuntavam os desocupados para fuxicar a vida alheia ou ver a molecada jogar bola, num "racha" improvisado com bola de mangaba, que bola de borracha ou de couro não eram conhecidos.

Padre, não havia. Só aparecia algum na época da romaria da Sicupira, a seis léguas da rua; em 1952 é que o bispo de Porto Nacional, D. Alano, mandou pra lá, o recém-ordenado padre Magalhães, com ânimo definitivo, que os outros eram andeijos e só iam por lá em desobriga.

Polícia, só o cabo Gregório e João Soldado: o cabo ficava mesmo era na rua zanzando pra riba e pra baixo, sem o que fazer, bebendo cachaça, e João Soldado, na mesma tiorega de ocupação, era lavrador e raramente era mobilizado para efetuar uma prisão. A cadeia, no entanto, era pavorosa: não é que houvesse carrascos ou torturadores; o problema é que era tão velha, que um eventual preso temia que lhe caísse em cima, qualquer uma hora. Talvez fosse esta a razão de quase não haver crimes.

Hoje, ninguém mais se senta à porta da rua de tardezinha; não existem mais as brincadeiras de esconder, de linha-de-ferro; não se vê mais menino brincando de "pirim", de "bom barquinho", de gado-de-osso; não se vêem mais os buracos de bola-de-gude, as "barrocas" de pião, os riscos de "finca" na terra úmida; as primeiras chuvas não ensejam mais os passeios pelos morros pedregosos do Barreiro e do Mato Seco atrás de caju; as "paneladas" do Sábado de Aleluia não existem mais; os roubos de galinha na Sexta-Feira Grande acabaram; não se cogita mais dos piqueniques no Saltinho; as lavagens de roupa no Poção, aonde íamos - a família inteira - para banhar-nos no córrego, enquanto as mulheres batiam roupa nas lajes que o margeavam; as caçadas de passarinho no goiabal que já acabou; os jogos de bola "Ginásio x Cidade" de todo domingo no campo velho de bola do pé de tamarindo; os passeios semanais de a pé ao aeroporto para ver o avião, novidade enorme até que nos acostumássemos com aquela verdadeira besta-fera de alumínio; o catecismo com as freiras e com o padre Lazinho para nos assustar com a história de que menino desobediente e que não vai à missa acaba ido pro inferno, onde o fogo queima sem consumir: as sabatinas de tia Diana com a palmatória pronta para corrigir os erros nas tomadas de lição de soletrar e nas

contas de dividir por; o medo do "careta" no dia de entrudo, com Bolacha e Demolício vestidos de carocha para vibrar lapadas de taca em nossas pernas secas; o entrudo que aterrorizava os pelintras, quando menino molhava menina e menina molhava menino, sob pena de sermos chamados de "zé-muié" se molhássemos um do mesmo sexo.

Tudo isso acabou.

Acabou porque o progresso chegou, afogando, destruindo aquilo que tanto nos marcou a infância e que hoje permanece apenas com pálidas recordações e enfeites na memória.

Os carros passam levantando poeira; os aviões sobrevoam a cidade soltando decibéis em nossos tímpanos; veio a música "pop"; chegou o minicassete e o computador. E passeia ante os olhos indiferentes da nova geração, que choraria de saudade se tivesse alcançado aqueles belos tempos em que vivíamos, de pés no chão, saltando muros de quintais alheios e vendo novidade em qualquer coisa que aparecia.

Na impossibilidade de reviver o sabor daqueles tempos, quando menino conhecia dinheiro por ouvir dizer que havia, contento-me em fechar os olhos e reviver apenas na memória os belos momentos que se foram. Irreversível e lamentavelmente.

oOo

VOCAÇÃO À FORÇA - ok

Liberato Póvoa

Houve uma época em que fiquei numa influência danada pra ser padre. Isto foi há coisa de mais de trinta anos, quando eu regulava lá meus quinze/dezesseis anos.

Quando me dei por gente, saído da escola de tio Coquelin e Diana, de suas sabatinas e da palmatória, peguei o colégio, que adotava uma pedagogia mais folgada, sem aqueles suplicios. Recém-chegadas da Espanha de Franco, num puritanismo importado diretamente de Madri e de Sevilha, vieram umas freiras para dirigir o Ginásio João d'Abreu, em Dianópolis. Junto com a fala embolada, um patoá que ninguém entendia, trouxeram debaixo daqueles hábitos pretos e sisudos a concepção de que tudo era pecado. O negócio era feio para nós, um rascunho de libertinos (para elas), apesar de no nosso sertão não existirem na época estas novidades de cinema, revistas e outras coisas que, em última análise, representavam pecado para as bondosas beatas. Éramos ainda xucros em matéria de safadeza; quando namoravam, os mais afoitos malmente pegavam na mão da moça... e olhe lá! E no Internato lá das freiras havia uma porção de internas, que, por viverem reclusas feito carmelitas, despertavam na gente um fogo danado: de Barreiras, havia a Marly Andrade, a Dimar, a Socorro Passos, a Maria José, a Marta Douradoe um magote de outras beldades que faziam a gente ficar rodeando os muros do Colégio para pelo menos ver uma delas, mesmo de longe. E as beatas fiscalizavam as meninas como galinha de pinto protegendo a ninhada contra ataque de gavião. Eta tempinho danado de bom!

O negócio com as freiras era rezar, rezar e rezar; no repicar do terceiro sino para a aula, já entrávamos na capela para rezar o terço, com seus mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos; antes de cada aula, vinha a Ave-Maria; no final de cada aula, mais "Glória Patri". No mês de maio, o terço era substancialmente encompridado pelas cerimônias do "Mês de Maria"; em outubro, da mesma forma, pois era o "Mês do Rosário". Só tirávamos férias de reza nas férias de escola.

Quando chegava novembro, aparecia um corado e bem nutrido jesuíta para, durante três dias, orientar o "retiro espiritual". E o jesuíta, com aquele vozeirão descomunal, tinha tamanho poder de persuasão, que era raro não acontecer aparecerem alunas informando terem "descoberto a vocação". Pelas mãos das freiras, saíram várias moças, que hoje permanecem com "esposas de Cristo" num convento qualquer da Congregação; outras parecem não ter dado certo com o "casamento" da vida monástica e voltaram para construir um lar profano mesmo e enchê-lo de meninos.

Numa das vindas dos jesuítas, apareceu por cá um já famoso padre Satúrio Céspedes, já madurão, mas de tonitroante voz de bronze, que era capaz de converter o mais empedernido dos hereges.

Durante o retiro, ao ouvir as dantescas e repetidas advertências do inesquecível padre ("Você vai para o Inferno! O pecador vai consumir-se nas chamas do Inferno! . . Inferno!... Inferno! . ."), me deu um trem ruim e eu pensei cá comigo: "Estou é perdido! O negócio é segurar meu lugarzinho lá em cima!", e confesso que me deu uma cegueira doida de ser padre, uma vontade danada e irrefreável, como se a batina fosse o salvo-conduto para avistar-me com São Pedro, ter intimidades com os anjos e passear livremente pelos corredores celestes.

Quando as freiras souberam que eu queria ser padre, ficaram para explodir de alegria, pois só um filho da terra (Joatan, e por sinal já foi nosso vigário e hoje

está em Natividade) se dignara a representar no clero nosso povinho. Na verdade, um de meus irmãos já estivera num seminário em São Paulo, mas a vocação fora providencial: não tinha onde ficar e se ajeitou com uns padres, mas só enquanto tomou fôlego para pegar outro destino. Chegou até a mandar uma foto de batina para casa, mas ficou só nisso. Outro da família, meu primo Napu, chegou a andar de batina ajudando missa, mas acabou desistindo da vocação, e hoje parece que tem até ojeriza de padre.

Eu era uma esperança. Mas foi só a conta de o terrificante jesuíta virar as costas, e meu medo passar, levando com ele emparelhada minha "vocação", para desconsolo das freiras.

Depois de mim, meu primo Elio (falecido há muitos anos em acidente de carro) teve uma súbita e temporona "vocação", angariando a imediata simpatia e proteção das freiras. E foi mais além: começou a chamar o vigário de "meu padrinho". Uma freira ajudou aqui; outra, ali, e ao chegar às portas das provas finais, ele (que já previra uma vergonhosa reprovação) conseguiu "virar o placar" e passou de ano com boas notas, pois durante a "crise vocacional" quase pelou os joelhos e calejou os dedos de tanto rezar na capela, participando ativamente de novenas e comunhões diárias.

Chegando o fim do ano, aprovado com distinção, sumiu do mapa e da vista das freiras, pois sua vocação aparecera por força de uma vidinha escolar meio capenga que levou a ter na simpatia das freiras a tábua de salvação.

oOo

ESCOLA EFICIENTE

Liberato Póvoa

Quando morava em Belo Horizonte, um colega de serviço veio pedir instruções sobre como proceder num caso surgido, que é mais de cunho familiar do que propriamente jurídico (já que fora este o propósito da consulta): sua filha, única do primeiro casamento e meeira dos bens daquele matrimônio, estava compelindo-o à força a dividir seus teres (uma casa, onde ele morava), pois ela queria logo sua parte. Expliquei-lhe que, sendo um condomínio, a solução lógica seria um comprar a parte do outro. Mas parece que a moça queria uma solução impossível.

Não sei o que foi resolvido, mas o caso veio demonstrar que hoje em dia o carro é que está puxando os bois. Pode até ser que eu tenha nascido, no século errado, mas sempre fui partidário da rédea curta, do mesmo tamanho daquela com que meu pai nos conduziu a todos os irmãos: a do respeito, da consideração, do reconhecimento, daquela em que tratar os pais por "você" era mesmo que xingar. Era uma escola de obediência cega, que nos dava uma baita vontade de ficar livres, mas cujos frutos deram a tranqüilidade de ter cultivado os princípios essenciais à pessoa dita de bem.

Quem seguiu, em Belo Horizonte, por quase quatro anos, uma coluna religiosamente diária no "Jornal de Minas", já sabia como era meu pai com todas as suas peculiaridades: era justo até demais, a ponto de, se necessário, dar razão a um vagabundo, em detrimento de qualquer dos filhos que estivesse errado; mentira, nem em sonho admitia, e nos pôs no caminho estreito de um procedimento rígido que beirava as raias do exagero.

Uma época, ele estava na fazenda com minha mãe e os dois menores colhendo café, e todo sábado, após a única aula (de educação física), eu caminhava os sete quilômetros que separavam a fazenda dali do Duro. E numa sexta-feira, à tardezinha, inventei de juntar meia dúzia de colegas para irmos, boquinha da noite, antecipando a ida do sábado. Coragem eu não tinha de ir sozinho: corriam lendas e contavam causos de seres horripilantes, como o pé-de-garrafa, o canjuri, o homem-gritador e outras aleivosias que assombravam o povo e cujo império era exatamente nos locais cortados pela estrada pelo número de pessoas que diziam ter visto tais latumias sobrenaturais.

Pois bem, chegamos à fazenda, todo mundo alegre, jantamos, contamos casos à beira do fogo, enquanto assávamos milho verde, tomamos coalhada com rapadura raspada e fomos dormir, pois no dia seguinte havia um bando de coisas à nossa espera: caçar periquito na manga, armar arapucas na capoeira e andar a cavalo.

Lá pela meia-noite, de lá do quarto dele, meu pai indagou:

- Você não vai ter escola amanhã, não?

Fiquei gelado, pois se mentisse era pior, e gungunei, lá no fundo da goela, que só ia haver aula de educação física, que não havia reprovação e coisa e tal.

Não conto nada, não: lá pelas três da madrugada, ele me surupembou e me tangeu para a cidade, enquanto meus companheiros ficaram roncando, ainda no primeiro sono, sonhando com o dia seguinte.

Aquela viagem compulsória, sozinho e a pé, passando pelos lugares visagentos em que a boca do povo encheu de bichos, espectros e monstruosas figuras, atopetados de outras coisas lúgubres cheias de ais, me-acodes, gemidos e

arrastação de correntes me encheu de tanto medo, que quase eu frouxo as cunhas antes de sair. Mas tive que ir, para alcançar a educação física, às seis da manhã. Como sabia de cor e salteado a estrada, ao aproximar-me dos pontos mal-assombrados, fechava os olhos e caminhava debaixo de uma luona bonita que prateava a estradona, que parecia não ter fim. Para mim, era abrir os olhos e verme no meio de uma legião de fantasmas querendo apertar minha garganta ou deixar-me meio gira com funestos gritos. Lembrei-me do lobisomem, dos mitos que corriam pela noite; cada sombra na estrada era uma criatura e cada farfalhar de folhas pisadas pelos bichos andejos era uma assombração que chegava.

Jamais me esquecerei daquele episódio. Se fosse hoje, o pai que fizesse isso seria chamado de desumano, de medieval.

Mas não me arrependo, pois tudo isto é lição.

A liberdade de hoje acaba formando nos filhos caracteres à feição de gelatina: soltam por aí uns frouxos, medrosos de enfrentar a vida sozinhos e sem objetivo definido, sempre escorados nos pais; na hora do pega-para-capar, negam o corpo, pois não aprenderam a enfrentar situações que só, uma iniciação em obediência ensina.

oOo

PROMESSA É PROMESSA

Liberato Póvoa

Superstição, espécie de compensação para com os entes divinos, a instituição da "promessa" é coisa que vem de tempos imemoriais.

As promessas variam: uns prometem celebrar missa; outros, esmola pro santo; outros, a abstinência de algo de que muito gosta, a título de sacrifício, sempre que se saem bem de uma situação difícil.

Há dois anos, na Igreja do Bonfim, em Salvador, vi uma galeria interminável de "ex-votos", simbolizando o reconhecimento dos fiéis por terem sido validos nos seus pedidos. E no burburinho de gente comprando fitas, verônicas e outras lembranças da famosa igreja, várias pessoas subiam de joelhos os degraus da calçada e iam até o altar. Indaguei a uma das mocinhas que integrava o grupo se estavam pagando promessa por um casamento já acertado.

- Não, moço; só aquela ali. Eu é porque passei no vestibular e estou cumprindo.

As romarias de Aparecida do Norte-SP, de Porto das Caixas/RJ, Trindade/GO, do Bonfim (aqui perto de Natividade) e outras manifestações religiosas repousam, em grande parte, no cumprimento de promessas. A literatura, a música e todas as manifestações da arte são pródigas na exploração do assunto. No limiar dos anos sessenta, o filme "O Pagador de Promessas" trouxe para nós a "Palma de Ouro" de Cannes.

Menino de andar de garupa, muitas vezes acompanhei o farrancho de meu pai, que ia com a família inteira para a romaria da Sicupira, a seis léguas da rua, pagar promessas: batizar um filho, dar um gado de esmola à pobreza, cortar o cabelo de um filho pela primeira vez e outras coisas prometidas. A Sicupira é um lugar deserto no sertão do Duro, cortado por um riacho, em cujas margens perlongam anualmente, no início de agosto, barracas de palha mandadas construir pelo festeiro e promesseiros de todo ano. Naquele lugar só existem túmulos de defuntos desconhecidos e a velha igreja, aonde todo ano o padre vai casar os amigados e batizar os pagãos. Diz o povo - conversa lá dele - que a Sicupira só pode receber gente na época da festa, para cumprir promessas, e que ninguém pode morar lá. É morar e morrer.

Durante os três dias da festa, cuja animação compensa os restantes dias desertos do ano, corre muita pinga, churrasco de graça, bêbados com voz pastosa e molenga caçando indagas e dando salva de trinta-e-oito, aventureiros, jogos de bozó e outras animações. Terminada a romaria, o silêncio cai sobre a Sicupira, para no ano seguinte voltarem as promessas. De vivente mais perto, só ficava o finado Plácido Roxo, cuja devoção e honestidade fizeram-no zelador da igreja e guardador do santo.

Eu pensava que promessa era coisa de interior e superstição de gente atrasada. Mas quando presenciei o tanto de gente bem apessoada lá na Igreja do Bonfim, concluí que na cidade grande existe também a devoção que já alcancei quando era menino de peito.

Faz-se uma promessa para si próprio e para outro cumprir (que é a mais comum), sempre vinculada a um sentimento religioso. Os ricos dão esmola em dinheiro à igreja, mandam matar matalotagem para dar carne a todos os pobres dali; os pobres por não terem dinheiro prometem ir a pé até à romaria para rezar um terço ou assistir à missa. Outras vezes, passam a rezar em casa um terço

anualmente, com café e bolo, no dia do santo, ou até patrocinam o giro da folia. Nas festas de São Lázaro, por exemplo, é praxe fazer uma mesa de comida para os cachorros, pois esses animais, segundo a Bíblia, aliviaram as chagas de Lázaro lambendo-as.

Há uns anos, presenciei cena inusitada: um senhor até arremediado, limpo e bem vestido, pedia esmolas de porta em porta. Diante do natural espanto dos conhecidos, ele, constrangido ao extremo, informou ter sido promessa que haviam feito para ele cumprir, de saco e bordão, exposto ao escárnio público.

Já cumpri promessa, Todo mundo já. E acho que muita gente cumpriu, pois quem é que nunca passou por aperto que não abrisse a boca atrás de santo?

Mas a pessoa mais peculiar para fazer promessa, foi, sem dúvida, a velha Maria Corrente, que ajudou a criar meu pai. Sempre que ele ia a negócios à Bahia, a velha Maria Corrente rezava muito para ele se saísse bem na viagem, que era um penoso estirão de dezenas de léguas e muitos dias de marcha. E fazia promessas e mais promessas. No seu retorno, transmitia-lhe a promessa, que ele devia cumprir:

- Meu filo, cê foi filiz na viage. Antonce vai pagá a promessa que fiz mode Nos'Sinhô São Jusé ajudá ocê. Prumiti a ele qui se ocê fizesse boa viage, ocê ia comprá uma saia rodada bem bunita aqui pra sua mãe véia!

E ele cumpria sem pestanejar. Promessa é promessa!

oOo

AMNÉSIA SERTANEJA

Liberato Póvoa

Na minha mesa de trabalho, em Belo Horizonte, em tinha uma imagem antiga de São Benedito, que Deija, minha irmã, me encarregara de vender. E olhando o santo de madeira bordado a ouro, que pertencera à minha bisavó, reparei que lhe faltava nos braços o Menino-Deus, e na cabeça uma vistosa grinalda de ouro que conheci na imagem, quando habitava o oratório de minha tia-avó Herculina.

Lendas diversas correm a respeito do santo preto, para justificar sua ascensão aos jardins da santidade. Na minha curiosidade de menino, certa vez indaguei a tia Herculina da razão de São Benedito ter nos braços o Menino Jesus, a exemplo de outros santos e algumas Nossas Senhoras, como a do Rosário e a do Perpétuo Socorro.

- São Benedito é santo, porque é o padrinho de carregação de Jesus, meu filho! Foi ele quem levou Jesus Cristo nos braços pra batizar na igreja! – respondeu convicta minha velha e falecida tia-avó.

“Padrinho (ou madrinha) de carregação” é a pessoa que leva nos braços o batizando para a igreja.

Depois que passei a estudar o catecismo com a madre Consolata e o padre Lazinho, é que fui saber que Jesus Cristo foi batizado na quadra dos trinta anos e que São Benedito, quando nasceu, Cristo já havia sido crucificado séculos atrás. Mas a devoção dogmática de minha querida tia-avó, que morreu com seus mais de noventanos, sempre “esclarecia” que, de fato, o santo preto tinha sido o padrinho de carregação de Jesus Cristo.

E a propósito de São Benedito, a ele se atribui o fato de, hoje em dia, a pessoa pagar o mal que pratica, no cumprimento da “lei do retorno”, quando, antigamente, às vezes era o filho, e muitas vezes o neto, pagava o mal do pai e do avô, às vezes já falecidos.

Diz a lenda sertaneja que São Pedro, como guarda e chaveiro do céu, também era o encarregado de anotar as maldades praticadas pelos homens, para depois cobrar, possivelmente em vida. De vez em quando, passava as vistas no livro e percebia o nome de alguém que estava em débito, e ordenava:

- Gabriel, dê um castigo em Fulano de Tal, que praticou maldade tal com Fulano...

Ao que o serafim retrucava:

- Mas, São Pedro, ele já morreu e está no Purgatório!...

- Então, que pague o filho! – impunha São Pedro.

- Também já morreu, São Pedro!

- Então o neto irá pagar! – ordenava São Pedro.

Um dia, São Pedro, já cheio de tanto anotar as coisas, e dando-se conta de que estava velho demais para aquele serviço, pediu ao Senhor que o aposentasse.

Com pena do velho santo, e tendo em vista que chegara ali no Céu um santo pretinho com parência de esperto (que era justo São Benedito), designou-o para

ser o guarda-livros, mas o santo, ao ser-lhe passado o serviço, foi logo esclarecendo:

- Bem, São Pedro, o senhor sabe que fui escravo e que não aprendi a ler nem escrever. Assim, se as leis daqui não forem contra, vamos fazer o seguinte: quando a pessoa praticar um mal na Terra, eu boto logo pra pagar, senão me esqueço.

É por isso que, hoje em dia, a gente mesmo paga o mal que faz, não esperando que filho ou neto o faça em nosso lugar.

Isto que relatei foi a propósito do esquecimento, pois existe gente que carrega uma amnésia encastoadada no juízo, como o caso que me vem à mente, ocorrido quando eu regulava meus oito a nove anos. Na verdade, a amnésia sertaneja vai mais por conta da indolência do que do próprio esquecimento.

Era um passatempo ficar encostado no balcão da “Casa Póvoa” assuntando meu pai despachar os fregueses, na maioria sertanejos que iam ali vender ouro em pó, couro de gato-do-mato e de veado, pena de ema e outras coisas do mato, pois naquele tempo não havia Ibama pra fiscalizar, e a caça era demais.

Como farmacêutico prático e comerciante, a ele era incumbido pela Campanha da Malária distribuir de graça pro povo medicamentos do Governo: Aralém, Metoquina e outros remédios amargosos à base de quinino, para dar vencimento às febres das beiras paludosas do Itaboca, do Pintado e outros corgos do sertão. E o povo do mato já sabia que o remédio era por ele distribuído, e nos fins de semana iam os sertanejos buscar na mão dele os comprimidos que davam volta no mal de beira de corgo. Por imposição do controle, ele registrava num livro os dados do recebedores do remédio.

Um dia, entrou um velho conhecido, já useiro e vezeiro em panhar remédio pra sezão lá com ele. Meu pai foi botando no papel os dados do velho, da mulher e do filho único, que lhes nascera depois de muitos anos de ajuntamento, de sorte que pai e mãe tinham um fuá danado com o moleque, que lá ficara em casa incomodado com o impaludismo que não alisava ninguém.

- Qual é o nome do menino? – indagou o velho Liberato.

O velho deu um nome lá – Lico, Tico, Dico -, nem me mais e só sei que terminava em “ico”.

- O e o nome de batismo? – voltou meu pai, que tinha um monte de gente perlongando o balcão, esperando a vez.

O velho botou a mão na boca, olhou pro teto, revirou o carço do olho, como se estivesse revirando a memória atrás de algo muito difícil de ser guardado. Meu pai, lápis na mão, debruçado no balcão, impacientava-se, mas o velho procurava ganhar tempo:

- Peraí, “Seo” Liberato. É um menininho já taludinho, com uns doze anos... me ajuda na roça... – e mostrava o tamanho do filho, estendendo a mão na horizontal.

- Francisco? – meu pai queria ajudar, lápis na mão e uma impacienzinha já campeando o juízo.

- Não, não! Peraí, não fale não, que tou quage lembrano!... – e comentava que era um menino muito do esperto, ladino, bem mandado e modoso, mas não havia jeito de lembrar-lhe o nome.

Depois de dúzia e meia de sugestões de nome que meu pai lhe dera, o velho, como se tivesse tido um súbito estalo na cabeça, falou afobado:

- Lembrei. Lembrei, “Seo” Liberato: é Guilherme. Guilherme é o nome que tá no batistel. Assenta logo aí no papel, senão esqueço.

COINCIDÊNCIA (IN)FELIZ

Liberato Póvoa

Coisa interessante é a tal da coincidência, em que um fato aparentemente normal pode, pelo inusitado do momento, transformar-se em algo que pode até virar notícia. Na verdade coincidências ocorrem a todo momento: falta-nos, talvez, a capacidade de registrá-la, ou mesmo porque a gente não vive na diária assuntando as coisas decretado, mesmo porque todo mundo, pelo menos teoricamente, é de Ter o que fazer na vida.

Morando lá nas alterosas, escrevendo em jornais e ouvindo a crônica policial pelo rádio do carro, ouvi um fato que pode ser incluído no rol das incríveis coincidências.

Quer ver? Então assunte só.

Uma jovem ia pela Avenida Afonso Pena (que é a JK de lá), quando percebeu estar sendo seguida, com certa insistência, por um rapaz. Como não o conhecia, tratou de apertar o passo, a fim de livrar-se do persistente acompanhante, que parecia querer guardar a mesma distância dela: quando a moça parava, pretextando espiar uma vitrina ou curiar um preço numa loja, ele disfarçava, olhava pra cima, grelava o olho no relógio de pulso e retomava a marcha paciente, tão logo ela rompia o passo com a bolsa tiracolada ao ombro.

Como o local era movimentado, nagejando de gente, ela acabou por não dar ligança em ter ao lado aquele jovem, até meio tiposo e bem apessoado e que, a bem da verdade, não tinha jeito de marginal: ao contrário, parecia um pacato transeunte que o acaso colocara ao seu lado naquele momento. Ademais, com aquele trança-chico de gente num vaivém de formigueiro, ele não era nem mané de tentar um assalto, porque na hora do pega-para-capar, o povo era até riscoso de linchá-lo, ou mesmo deixá-lo estropiado de tabefe para a polícia completar depois.

Pois bem, quando eles se aproximaram de uma esquina, já aparentemente dois conhecidos para quem os via, tão próximos estavam um do outro. E lado a lado andaram bons pares de passos.

Assim é que, num determinado instante, um fotógrafo (daqueles que ganham a vida registrando flagrantes na rua), cuidando tratar-se de um parzinho de namorados, acionou a máquina e aproximou-se da mocinha com o papelucho pra ela ir buscar a foto no dia seguinte no estúdio. A moça argumentou que não queria a foto, que sequer conhecia o seu acompanhante, rasgando ali mesmo o papel, para desconsolo do fotógrafo, que via esvaír-se a possibilidade de faturar mais uns trocados para inteirar o ganhome do dia. O rapaz, de sua banda, ficou ali flauteando e dissimulando no olhar de uma vitrina, de olho no resultado do leva-não-leva da foto.

Desvencilhando-se do insistente retratista, retomou a marcha. Nem bem andou meio quarteirão, o tal moço, aproveitando-se de uma

distraçãozinha da moçoila, arrebatou-lhe a bolsa, saindo às mil, confundindo-se com a multidão que formigava. Nem o tradicional “Pega, ladrão!” ela teve ânimo de gritar, pois, embora previsível, ela nem imaginava que um rapazinho de ar ingênuo por fora fosse, por dentro, refinado descuidista.

Aí, parece que o anjo-da-guarda lhe deu uma demão e lhe cutucou a lembrança: há poucos instantes, o retratista registrara o flagrante de estar junto ao larápio e, quem sabe, ele ainda não estaria por ali?! E virou os calcanhares de volta, encontrando o fotógrafo quase no mesmo lugar, ganhando a vida em registrar flagrantes e convencer os flagrados a levar a foto tirada asem prévia consulta.

Este lamentou não poder ajudá-la, pois ela mesma rasgara o papelzinho-referência (àquela altura, preciosíssima pista), pois a foto devia, sem sombra de dúvida, ter registrado a cara do meliante, confundido, minutos atrás, com seu namorado. Mas aconselhou-a a ir ao estúdio um pouco mais tarde para tentar, pelos negativos, identificar a foto que acabara de tirar.

No fim da tarde – o rapaz marcara a hora – ela foi, identificou sem dificuldades, pediu uma cópia e foi à Polícia, que deve Ter visto no azarado descuidista um velho conhecido, pois em questão de horas ele estava atrás das grades.

São as tais coincidências, que só acontecem uma vez ou outra, e esta é digna de servir para uma cena hichcockiana, pois, de resto, o espectador acabaria acreditando tratar-se de coisa de TV, que só acontecem em filme.

oOo

COISAS DE FAZENDICE

Liberato Povoá

Num dos meus livros de crônicas, contei um caso que entrou no anedotário da região lá do meu torrão de São José do Duro: o episódio em que oliveira e Otávio, vaqueiros do coronel Afonso Carvalho, caparam, por ignorância, um valioso touro holandês do patrão, cuidando que era curraleiro, pois tinham ordem expressa de capar qualquer curraleiro que pisasse na fazenda Beira d'Água. E sucedeu que estando ausentes, lá pelos gerais, quando da compra, a peso de ouro, do precioso holandês, os diligentes vaqueiros, bons cumpridores de ordens, logo que chegaram, vendo aquele touro frosteiro de chifretes minguados e berro fino e com orelhas à feição de pé-duro, trataram de passar a faca na trouxa do garrote, pensando que estavam fazendo muito bonito para agradar o patrão e padrinho.

Você já pode imaginar no que deu.

Acolá embaixo, no sertão de Conceição do Tocantins, Copetino era vaqueiro na fazenda Carrinho, e possui seu gadinho ganho na sorte dos patrões. Pastando ali perto, nas confrontâncias do Carrinho, o gadão nelore quase puro de Zuza Vaz tosava o capim da volta da serra, numa gleba de terra que Zuza comprara de um camarada enrolado por nome Olínger.

Um dia, vai um garrote de Copetino, anelorado, mais chegado a plebeu (pois tinha o sangue forte do curraleiro típico da região), assistir as vacas de Zuza, e este, antevendo uma parição de bezerras de orelhas mais miúdas que as de costume, não contou conversa: chegou o canivete nos guardados do garrote de Copetino, transformando-o num imprestável eunuco, que dali em vante só serviria para boi-de-carro ou para o canicho de um matadouro.

Não prestou, não: dias depois, lá no mesmo Carrinho, estavam uns conhecidos, dentre eles Rafael Cardoso, dono da Barra Nova, contando casos de onça sem cachorro, quando um deles, seguramente para atucanar os brios de Copetino, tocou no assunto da capação do seu garrote, para assuntar reação. Copetino, não sei se já armado de intenção ou se pra não fazer parte de frouxo diante dos outros, assegurou que iria pagar com a mesma moeda.

Ali de banda, Rafael Cardoso, piscando com o único olho bom por detrás de uns óculos de armação colada de "Durepoxi", e derrubando a cinza do palheiro com a unha encardida do dedo mindinho, comentou:

- Vai ver, Copetino, cê vai fazer tal qualmente seu tio Flavão fez com Abdão da Água Branca. E contou o sucedido, na era de trinta e poucos.

E vá escutando:

"Flavão, da fazenda Planalto, dito Flavão Preto, tinha seu gadinho roscofe, todo curraleiro de chifretes agudos e berro fino tipo assim corneta, todo pé-duro que não tinha raça nem por ouvir dizer. E seu criatório no Planalto, naquele tempo em que cerca era raridade, vivia era tosando o capim do território comum a todas as rodeanças. Os limites de uma fazenda era a barra de um corgo, um pequizeiro

torto, a nascente de um olho-d'água. Assim, nada impedia que o gado de muitos donos se misturasse.

Mais bem aquinhoado, Abdão quis melhorar a catadura de seu gado ali da Água Branca, e mandou vir um garrotão do Sul, que marcou estampa ali por perto: bichão robusto, cupinzão molejando no trote, carne compacta num corpanzil que inspirava respeito, que zebu mesmo só ele-Abdão por ora tinha. E gavava seu marruá, que – verdade seja dita – merecia.

Um dia, vem um curraleirinho sacudo de Flavão – que só era reprodutor porque não tinha outro – e dana a engraçar-se com as vaconas de Abdão, e com certo comodismo, pois zebu não é lá bicho de topar as aspas de um patueiro pé-duro. Raro um que não se amofina.

Foi a notícia bater nos ouvidos de Abdão, ele mandar passar a faca nos guardados do pacheco de Flavão.

Prestou, não: os mesmos fuxiqueiros que levaram o caso da intrujice do pé-duro também trataram de emprenhar Flavão pelos ouvidos, contando que Abdão tinha mandado o vaqueiro capar seu patueiro.

Ah, meu senhor, pra quê?! Flavão encheu-se de brios, e caladinho à moda de gato de tocaia, foi lá e fez o mesmo serviço no garrote azebuzado de Abdão. E para acabar de encher as medidas, ainda fez foi fazer uma carta desaforada para Abdão, dizendo que também tinha faca e sabia capar garrote.

O negócio peteceu: não podendo descontar com a mesma paga, Abdão arreou o cavalo, escanchou no cavalo de arreo e esquipou pra Conceição no afinco de dar parte às autoridades e exigir reparo.

Foi mesmo que risco n'água. Não deu em nada. Minto: deu; deu a confirmação da lei do sertão: como não havia autoridade, ficava ao dito pelo não dito: o que não tem remédio remediado está. Mais uma para ficar na conta de coisa de fazendice.”

Copetino escutou o caso, mas não abriu a boca pra dizer nem arroz. Só se notava no seu semblante a contrariedade pelo desmando de Zuza Vaz, que, segundo ele-Copetino, foi falto de consideração, pois devia de tê-lo avisado, que ele tirava o garrote do meio daquelas vacas grã-finas.

E eu cá fiquei oito de tempo só assuntando e aguardando qualquer notícia se algum dos garrotes nelore puro de Zuza Vaz aparecia da noite pro dia sem as trouxas, relegado a plebéico eunuco.

Mas sucedeu que, nesse meio tempo, uns pistoleiros mataram Zuza Vaz na porta de sua fazenda. Longe de mim ao menos pensar em Copetino estar por trás, pois até de uma capaço de garrote eu duvido que ele tivesse coragem. No mais a mais, debitaram o fato ao tal de Olínger, com quem Zuza já trocara bons pares de tiros por conta de terra grilada. Isto, dizendo o povo.

O BURRO PRETO DE DÔ AZEVEDO

Liberato Póvoa

Quando morava em Belo Horizonte, sempre que podia, ligava pro amigo Sisenando Azevedo. Digo "sempre que podia", porque aquele tempo o interurbano já custava os olhos da cara. Amigo velho de infância e morando Sisenando em Goiânia, os raros bate-papos que mantemos são balsâmicos, atonetados de recordações dos banhos aqui na Biquinha, dos passeios que fazíamos pelas rodeanças lá do Duro nos tempos de ginásio. Naquela época em que morava em Belo Horizonte, o Sisenando, geralmente muito bem informado, era quem me dava as notícias daqui. Agora, virou-se a moeda.

Pois bem, num dos últimos bate-papos telefônicos, sempre às carreiras (por conta de se pagar pra falar), espanando a poeira, desengavetando causos do tempo do onça e conversando lérias das mais diversas, veio a lume a figura do velho Sebastião Teixeira, tabelião do Cartório de Órfãos e Sucessões de Conceição do Norte, hoje do Tocantins.

Sebastião Teixeira sabia de cor o dicionário, escrevendo com palavras tão difíceis, que era necessário um "pai dos burros" de lado, pois o homem era uma coisa rara em matéria de falar e escrever difícil, capaz de botar no chinelo o próprio Luís de Gôngora, que criou essa escola da palavra complicada. E mais: quando escrevia para alguém, usava um bloco inteiro, numa só carta. Não eram, porém, só seus amigos e parentes que desfrutavam o privilégio de decifrar suas cartas: Sebastião Teixeira andou escrevendo suas quilométricas missivas para ministros e até para o presidente da República nos tempos getulistas. E consta que andou recebendo resposta e até honrarias.

E o assunto com Sisenando foi caminhando para outros nortes, entremeando política, ação discriminatória que assombrava o povo aqui no mato, botando em polvorosa o povinho acostumado a considerar-se dono do taquinho de chão cultivado e a considerar título qualquer escriturazinha de pé-de-pau.

Mas, no demudar da conversa, Sisenando coçou a língua até imiscuir no assunto geral a história do burro preto de Dô Azevedo.

Dô Azevedo, pai dele-Sisenando, tinha um burro sem nome, conhecido apenas pela cor, que vivia na fazenda "Chuva de Manga", a cinco léguas lá da Conceição.

Veza por outra, tenho dado exemplo de animais que parecem até humanos, como uma vaca que conheci e que, floreado respingos de ficção, incluí num conto que me valeu um prêmio literário na Faculdade de Letras da UFMG e outro na Academia Ribeirão-pretana de Letras, constando no meu livro "Besta-fera" com o nome de A Vaca Cristalina.

Tal qualmente minha vaca, o burro preto de Dô Azevedo parecia ter parte de gente no seu comportamento quase humano: Dô Azevedo podia botar no lombo do seu animal uma carga em Conceição e soltá-lo, que ele ia bater na fazenda, atravessando morros, escalando pirambeiras, saltando aguadas e vadeando córregos e riachos. Podia-se escanchar uma criança no burro preto, que ele ia levá-la na fazenda, sem riscos de se distrair pelo caminho com alguma touceira de um capim qualquer.

O mais interessante é que o animal, quando estava meio seco de carnes, com alguma pisadura ou precisando recuperar-se, sumia, passando longa temporada

desaparecido. Mas quando a suculência do pasto de primeiras águas lhe conferia fortaleza e dava-lhe aspecto sadio e disposto, o burro preto "apresentava-se" para o dono, como que se oferecendo para o serviço.

Animal de montaria que foge de roça e vai bater no seu pasto é comum demais, e ali no Engenho, fazenda de meu ex-sogro, existe um jegue de Edirson que, se levado numa viagem qualquer fora da fazenda, foge à noite, deixando o camarada a cheirar rabicho, como diz Carmo Bernardes. Se é solto numa roça, ele caça um jeito e passa pela cerca, nem que seja deitando-se e arrastando-se por baixo do primeiro fio do arame; se peado, rói a peia; se amarrado num moirão, rói a corda. Um dia, indo a uma pescaria (e desconhecendo as artimanhas do istucioso bogue), estranhei ver o pobre animal amarrado a um pé de sambaíba, mas com a cara para riba, com coisa de palmo e meio de cabresto reteso. E indaguei se era castigo; Edirson, então, explicou que era o único meio de segurar o maniento do jerico.

Ainda deve existir muita coisa aqui pelos matos pra se contar, muitos animais que se apegam aos donos e que parecem ganhar uma espécie de humanidade com o convívio humano. E um exemplo está em dois legítimos viralatas que tinha lá em casa, que, a exemplo de nossos telefones, só faltavam falar.

Enquanto na cidade grande vemos a violência campear em cada esquina e a incompreensão deitar normas de conduta a grande parte da população, até que a gente fica aliviado com a indolência do sertanejo lá no mato.

Inobstante a irracionalidade animal, ainda existe muita gente que deveria tomar umas aulinhas com o burro preto de Dô Azevedo, lá nos confins de Conceição do Norte, pra ganhar um pouco de humanidade.

oOo

ACABARAM-SE OS FOGUETES-DE-RABO

Liberato Póvoa

Nunca mais vi foguete-de-rabo, uma coisa que os fogos de artifício modernos se encarregaram de sepultar. Na verdade, um foguete-de-rabo era uma ameaça, pela imprevisibilidade de seu destino: caíam onde menos se esperava.

Era feito de um gomo de bambu entupido de pólvora, amarrando à ponta de uma vareta de taboca, de coisa de oitenta centímetros; no fundo do pequeno cilindro ficava um buraquinho, à feição de rastilho, onde se encostava uma brasa, para que, levado pelo empuxo, o foguete subisse a uns cem metros e lá em cima espocasse, clareando a noite; a vareta de taboca, que funcionava como rabo, caía geralmente em pé, espetada no chão, com grande perigo, pois era muito riscoso enfincar num descuidado passante.

Nas festas do padroeiro São José e outras comemorações religiosas, tio Pery fabricava os foguetes animando as festas com os pipocos, estrondando um eco que ondeava por muito tempo.

Nesses dias, o pessoal saía à rua devidamente protegido: não se acanhava em emborcar na cabeça uma bacia ou um quibane por prevenção, pois o impulso era tão forte, que os foguetes sumiam de vista, podendo, por uma infelicidade, tomar indesejado destino.

Tendo experimentado soltar um foguete certa vez, senti a força do impulso, calculando que, se não largasse a mão a tempo, era capaz de sair voando agarrado nele. Daí deve ter surgido a expressão "rabo-de-foguete", para caracterizar uma situação de aperto.

Na minha meninice, o fogo de artifício que se conhecia por lá era o foguete-de-rabo, até que, lá pelos meados dos anos cinqüenta, foi destacado para nossa comarca um juiz muito rígido - Dr. Wilson Azevedo - que viera diretamente do Rio de Janeiro e, talvez desconhecedor dos costumes do lugar, andou estranhando a capadura em diversos aspectos da nossa cultura. E certa vez, estando na igreja assistindo à missa do padroeiro, presenciou o tumulto causado por um foguete-de-rabo, que, desorientado, entrou chiando janela adentro e estourou no meio do povo, que deu um arranco, feito maloca de gado vendo onça.

Da igreja, ele saiu direto para o fórum, onde portariou a proibição àquela espécie de fogo. E os foguetes-de-rabo ficaram proscritos durante o tempo em que o draconiano magistrado ficou na cidade.

Sua saída foi o alvará de retorno dos animados e imprevisíveis foguetões, realegrando o povo e afastando dos ares os mais sofisticados adrianinos fabricados pela Caramuru ("Caramuru, os únicos que não dão chabu". Quem não se lembra?).

Quando voltou a liberação dos foguetes, que nem precisou revogação formal (o próprio povo se incumbiu de restaurar o costume. Ademais, o novo juiz, Dr. Magalhães, era daqueles entusiastas da cultura popular, e não estava nem aí para essas frescuras de tolher o povo), a cidade se realegrou.

O retorno dos foguetões coincidiu com a inauguração do campo de futebol, que o próprio Dr. Magalhães nos mandara fazer: cada um de nós deu a mãozinha necessária, no rabo da enxada, na arrancação de malva e na remoção de pedras. Dr. Magalhães, mais doente pelo Flamengo do que eu, era o técnico do time, pois,

ex-jogador de futebol e inclusive defensor da seleção goiana (era o "Galo" famoso), tratou de dar à inauguração o aparato que a ocasião merecia: uniforme novo, discursório e autoridades ali rentes. Ele, para quebrar a monotonia de nossa cidadezinha desmotivada, promovia partidas de futebol reunido inusitados times, como "Solteiros x Casados", "Magros x Gordos", sem se falar nos times dos velhos, que nunca haviam dado um pontapé em bola e jogavam de botina.

Pois bem, Dr. Magalhães mandou fazer várias mãos de foguetes-de-rabo, de forma a deixar marco histórico na inauguração, que teria como destaque uma partida de futebol, com o novo jogo de camisas. Durante as solenidades, seria entoado o Hino Nacional e o hino do Guarani, único time de respeito. Eu, apesar de sempre ficar de fora do jogo (quem manda ser "perna-de-pau"?), sentia-me importante, pois fora incumbido pelo Dr. Magalhães de compor o hino do time, calcado numa música marcial antiga.

Na hora da inauguração, lá estavam o padre, o juiz-treinador, o prefeito, vereadores e a rainha do time na beira do campo, já ensaiando os primeiros discursos. Os foguetes foram prudentemente acomodados numa espessa moita de marmelada-de-cachorro, bem atrás das autoridades.

Mas parece que o Cão atenta nos momentos mais inoportunos: um dos jogadores que integraria a partida inaugural, um tal de Zezé, filho de Antunim Borges, de Natividade, malinando, tirou um foguete e quis iniciar a animação, aproximando a brasa do cigarro no rastilho do foguete. Não sei se por imprática ou por ter o foguete se governando sozinho, o bicho não subiu - deu um chiado como que raivoso e foi cair direto na moita, de onde começaram a sair rasantes, espalhando o povo num pandemônio danado, botando gente pra correr, outros pra deitarem-se no chão, enquanto a fumaça dominou o ambiente.

Foi a mais estrondosa inauguração. Mas também foi a derradeira vez que vi foguete-de-rabo.

oOo

APRÍGIO

Liberato Póvoa

Quando se fala, hoje em dia, que se é honesto parece uma bruta vantagem, uma virtude; na verdade, não passa de obrigação. Mas numa época de trambiques e falcatuas, em que ninguém acredita mais em ninguém, a verdade anda vasqueira e raramente a honestidade faz ponto no caráter de alguém. Rui Barbosa, há mais de século atrás, disse uma coisa que, de tão profética, já é realidade hoje: "De tanto ver triunfarem as nulidades; de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto". Pura verdade ou não é?

É evidente que generalizar a sem-vergonhice e tachar todo mundo de safado seria injustiça; muita gente seria prejudicada, pois a generalização levaria os justos a pagarem pelos pecadores.

Os antigos diziam que o fio de barba garantia a palavra, que hoje tem que passar é pelo cartório, pois até a barba desapareceu, vivendo todo mundo, de ordinário, é de cara rapada. Paradoxalmente, quem cultivava barba são justamente aqueles rapazolas irresponsáveis, que não têm vergonha nem pro gasto, que dirá pra dar.

Meu pai foi criado nessa escola de rigidez e inflexibilidade, e procurou criar-nos de igual forma. Quando eu - já morador na cidade grande - vinha de férias pra cá, e precisava de alguma coisa na "Loja Póvoa", era só falar com ele, que dava sem pestanejar. Mas, às vezes, principalmente na presença de moças de minha idade, eu queria fazer parte de importante e falava para "pôr na conta", ele punha, como se fosse um freguês qualquer. No dia de vir embora, ele cobrava tranqüilamente, "para aprender a honrar compromisso". E eu tinha de correr os cobres, desinteirando o dinheirinho minguado que ele me dava de mesada.

Legendária honestidade possuía Cristóvão Araújo, de tradicional família de Formosa do Rio Preto, na Bahia, morador no Duro. Sua honestidade era tamanha, que quando ele viajava e lhe encomendavam qualquer compra, ele só adquiria exatamente o encomendado, custasse o que custasse,: nem mais nem menos, a cor exata, a medida certa. E ia além: se não achasse, devolvia exatamente o mesmo dinheiro - as mesmas cédulas e moedas entregues; não usava o dinheiro dado para nada, para devolver o que recebera. A gente podia até conferir a série das notas.

Meu tio Tonho Costa certa vez voltou do sertão com um negrinho na garupa: calado, indolente, vistas limpas de olhar pidão e muito quieto, apesar da idade em que todos os meninos se entretêm com qualquer brincadeira. Por boca dos outros é que soube que o pretinho desconhecido se chamava Aprígio, que ele mesmo não tinha iniciativa nem de declinar o nome.

Tio Tonho não tinha roça nem fazenda pra ensinar a Aprígio qualquer coisa compatível com sua capacidade e iniciativa. Era professor, e para não o deixar na ociosidade, tia Cota botava o negrinho pra varrer o terreiro, ciscar gravetos no quintal e arear trem. Aprígio, não sei se por indolência ou preguiça, passava um tempão fazendo uma insignificância: ficava meia hora esfregando areia e bagaço numa colher, e muitas vezes pegava no sono acocorado ao lado da gamela de trem. Quando acabava de arear os trens do almoço, já era hora de janta.

A história de Aprígio, roto retalho de uma vida quase desconhecida, está ligada a um fato que demonstra a honestidade, coisa que não é ensinada nem herdada, florescendo em qualquer cultura. Tio Tonho, em uma de suas andanças

pelo sertão, emprestou dez mil réis a um preto velho, que encontrara em seu caminho, para receber meses depois, quando por ali passasse novamente. E o velho sertanejo, para garantir o pagamento da mísera dívida, insistiu em que tio Tonho levasse o filho com ele, para devolvê-lo mediante a quitação do débito. Tio Tonho recusou-se a levar o menino, mesmo porque contrariava sua natureza de homem ilustrado e de bom berço, mas o velho insistiu tanto, que meu tio resolveu atender, mais para fazer a caridade subtrair o menino daquela miséria por uns tempos, do que propriamente para segurar compromisso de qualquer dez mil réis. Passada uma temporada na rua, tio Tonho carregou de volta o pretinho de olhar pidão para junto do pai, e nem sei se teve coragem de pegar de volta os dez mil réis.

Para provar que era honesto e que sabia confiar nas pessoas, o velho sertanejo não titubeou em dar o filho a um desconhecido, que poderia ter afundado no mundo para nunca mais trazê-lo de volta.

Não vi mais Aprígio, que, na boca do povo, havia sido vendido pelo pai por dez mil réis. Hoje, deve estar socado num ermo qualquer do sertão, empencado de filhos, pretinhos retintos de olhar pidão e de ar indolente, como o pai que vi sentado cochilando na beira de uma gemera de trem sujo, com uma colher estanhada e um bagaço de são-caetano na mão.

oOo

OS IRMÃOS COURO-DURO

Liberato Póvoa

Na festa de Conceição, anos atrás, topei com Deocleciano, morador na Pedra Preta, município da mesma Conceição do Norte, hoje do Tocantins, e mantivemos longo e delicioso bate-papo, cheio de "apois bom", "justamente!", "apois num é?", "ah, verdade!" e outras expressões que os Couro-Duro entremeiam em qualquer retalho de conversa.

Deocleciano viera pedir-me um encostozinho para ganhar uma aposentadoriazinha pelo Funrural, mercê do peso de sessentanos e de um mal que adquirira no levantar peso brocando roça: dizendo ele que estava rendido, não agüentando mais arribar o peso de tempos atrás. Como sertanejo, bastou que lhe oferecesse ajuda pois nem bem cheguei lá na rua, ele já riscava cobrando o adjutório. Briquitamos daqui pracolá, tirando ali com o Newman do Cartório o registro civil e empurrei-o para a entrevista, dando um bom impulso, para ver se Deocleciano se encostava debaixo da proteção da Previdência, aguardando agora o decisório dos homens lá de cima.

Os irmãos Couro-Duro sempre foram tidos por ladrões de porcos ali no sertão de São José do Duro. Não sei se por fama botada, mas o certo é que eles tinham essa má reputação. Aliás, estou nesta liberdade de dizer "Couro-Duro" porque estou Cá de longe e porque eles são analfabetos, pois não se contam os casos de pessoas que tiveram que se explicar no tapa e na peixeira por conta do apelido.

Quando o padre Magalhães inaugurou o serviço de alto-falante "Maranata" lá no Duro, era comum a gente oferecer músicas para os conhecidos. E um malandro qualquer pediu ao locutor (que, se não me engano, era meu primo Péricles) para transmitir uma música qualquer "oferecida a Antônio Couro-Duro". Malmente as bocas da "Maranata" ecoaram o aviso, precisaram segurar o "home-nageado" subindo a Rua de Baixo, que ele vinha babando de raiva para agarrar o autor da malfadada mensagem e costurá-lo na peixeira ou dar umas exemplares espanadas de facão "Collins" no lombo.

Antônio Couro-Duro era o tipo servil, cheio de inhô sim, meu patrão praqui, meu patrão pracolá, sempre embondado com um fazendeiro protetor. Negro, mas não muito, cara larga, um sorriso destes que assustam por se abrir numa cara fechada, Antônio Couro-Duro conservava os dentes afiados a poder de lima, parecendo um serrote. Fala mansa, escondia atrás de uma aparência pacífica o instinto malvado, e vez por outra estava às voltas com a Justiça por conta de brigas ou de ladroagem de porco no sertão.

Deocleciano Couro-Duro, mais calmo e portador das qualidades carneiristas do irmão, não tenho certeza de que gozasse da má fama, morava nas imediações do Pintado, fazenda de Nélio, meu irmão, e era - como ainda é, se já não morreu - gostoso ouvi-lo: voz grave, linguajar característico do sertanejo, conhecedor das inhacas e mandraquices e inteiramente alheio às novidades do mundo de cá da cidade. Há uns anos, Nélio estava com Solon, também meu irmão, na fazenda e pegaram de papo com Deocleciano, que não sabia que o "rádio" que estava em cima da mesa era um gravador, trapizonga que ele nem sabia que existia. E desandou a falar de um e de outro, dizendo que Fulano era macumbeiro, que Sicrano gostava de furtar, que Beltrano tinha se embelezado com a mulher de não-sei-quem-lá, e isto e aquilo. Quando, ao final da conversa, Nélio ligou o gravador e Deocleciano ouviu a própria voz, ficou assombrado e inquieto que nem barata no caco, não se sabe se com medo daquela engrisia

excomungada e mágica ou com receio dos Fulano, Sicrano e Beltrano, que fatalmente lhe reconheceriam a voz característica, cheia de "apois bom", "e apois num é?", "ancê tirô a palavra da minha boca". Mas ele foi tranqüilizado com a promessa de não ser mostrada a gravação a ninguém, exceto àqueles que, aqui na cidade, certamente, iriam se deliciar com o tempero gostoso da fala de Deocleciano.

Antônio Couro-Duro, conheci-o mais de perto, porque, durante umas férias que passei na Lagoinha, fazenda de tio Francisco (na época, promotor de Justiça), lá chegou Antônio pedindo proteção, pois o delegado estava-lhe seu rastro. Conquanto tio Francisco não lhe promettesse homizio, mesmo porque seu cargo seria comprometido, assegurou-lhe que durante o período em que ele estivesse ali não sofreria perseguição, e se o delegado ali fosse buscá-lo, tio Francisco iria com ele até à rua para garantir-lhe a integridade. De fato, dias depois, chegou lá o delegado Jacobina com dois soldados e carregaram Antônio para responder processo.

Durante os dias que antecederam a prisão, divertimo-nos com Antônio, que contava um bando de propaganda de valentia como a coisa mais natural do mundo, mostrando seus dentes serrilhados a cada sorriso.

Tempos depois, encontrei-o numa das esquinas da rua, todo gemebundo, escorado num bordão, caminhando quase de arrasto. Seu estado de saúde - dizia ele - agravara-se com um reumatismo torturador que nem a entrecasca de bureré dera volta. Tanto que o delegado nem cuidou mais de trancá-lo durante o dia, para ver se pelo menos ele pegava um pouquinho de sol para atenuar o reumatismo. Um dia, perante o juiz, numa audiência, ele se desequilibrou e caiu, que o bordão saltou lá longe, precisando que fossem dar-lhe arrimo para levantar-se.

Foi só o delegado e a polícia se esquecerem dele por uns momentos, era uma vez Antônio Couro-Duro. Deram notícia dele descendo a Serra do Rela, a pé, descambando pro sertão.

A doença era só treita. Nem sei se o pegaram de volta.

oOo

O EXCÊNTRICO

Liberato Póvoa

O Ernesto sempre fora um cara esquisito. Quando a moda era cabelos compridos, usava-os quase raspados; na febre do iê-iê-iê, promovia em seu apartamento festinhas ao som de valsas de Strauss; comprara um fusca, sabia dirigir, mas só andava de ônibus.

Assim, a vida do Ernesto era uma aberração. Dizia sempre: “ Eu não devia ter nascido neste século; eu dava certo era no século XIX, quando muito”.

Mas ia tocando a vida. Funcionário público, trabalhava como um maluco, mas no dia em que lhe ofereceram uma polpuda chefia, o Ernesto pediu licença sem vencimentos e foi trabalhar como vendedor. Sua maluquice, no entanto, não era nada em relação a sua sinceridade:

- Esta escova é boa mesmo?

- Cá pra nós, isto é uma boa bomba. Naquela loja da esquina existe artigo melhor e mais barato. Esta começa a soltar os cabelos logo no primeiro uso.

Não demorou uma semana como vendedor.

Um dia os amigos lhe ofereceram uma festinha no seu aniversário, deram-lhe presentes e na hora dos “parabéns pra você” fizeram uma saudação. Depois, como ele não se pronunciasse, lembraram-no de que tinha que agradecer. Pediram-lhe a opinião sobre a festinha, os presentes etc.

- Urna porcaria! Os presentes? Só se salvou a caneta, o restante vocês podem levar de volta!

Mas já o conheciam, de sorte que nem ligaram. E a festinha rodou valsas vienenses a noite toda, para alegria do aniversariante.

- Agora, sim, que a festa começa a melhorar.

Apesar de suas excentricidades, Ernesto era muito metódico e controlado. Tinha em casa até uma caixa de remédio com escrituração própria. Quando tirava um comprimido, dava baixa na ficha. E a qualquer momento podia dar a posição de suas despesas:

- De janeiro para cá já gastei 286,67 de pneus, 6,80 de comprimidos, 432,84 de gasolina, 1.453,99 de comida, 214,77 de roupas, 428,00 de calçados, 75,17 de luz...

E suas excentricidades não o impediram de achar uma namorada. Encontravam-se em plena rua, com o movimento da tarde, como se aquilo fosse comum, O pior é que os fins de semana ela passava internado em seu apartamento, e a namorada no dela. Às vezes ela arriscava:

- Ernesto, sábado vai haver uma festinha na casa de amigos. Quer ir?

- Não gosto de música moderna.

- Vamos pelo menos para olhar.

- Não.

E fim de conversa. Namoravam-se há vários meses. Ela quis levá-lo para conhecer a família. Ele rebateu, exigindo que ela levasse a família para conhecê-lo. E aconteceu a namorada levar a mãe até Ernesto.

- Muito prazer, Ernesto!

- Prazer.

A família da moça era só a mãe, pois era filha única, e a mãe, viúva. Viúva, mas uma senhora ainda forte e de boa conversa, que desde aquele dia demonstrara solidariedade aos gostos de Ernesto: também gostava de valsas vienenses, detestava música moderna e reprimia a filha quando esta criticava as excentricidades de Ernesto. Seria uma sogra excepcional.

Daquele dia em diante surgiu mais uma excentricidade: a moça tinha que levar a matrona a todos os encontros, por exigência de Ernesto. Nos encontros ele dispensava especial atenção à sogra, toda sorridente e apoiando-o em tudo, seguida pela filha. A velha estava a fim de um genro.

E no final das contas não deu outra coisa: dois meses depois, realizou-se o casamento de véu e grinalda. De Ernesto com a futura sogra.

oOo

MESSIAS DE POBRE

Liberato Póvoa

Não faz tempão, lá pelos anos setenta, chegou lá no Duro – minha mãe é quem conta – um camarada muito do falante que dizia operar milagres, fazendo coisas inacreditáveis, assim como que possuído de força e poder ou detentor de procuração dos espíritos.

Povo do interior, crédulo por natureza e inocente por tradição, logo cercou o homem com uma admiração que só se vendo.

Numa de suas promessas, disse a uma mulherzinha de ponta da rua que ia multiplicar seu dinheiro, um dinheirinho até muito para ela, que vinha juntando mês a mês da aposentadoria do Funrural.

O messiânico forasteiro, de quem se acercou toda a gentinha à moda de cachorro bandoleiro, prometera à esperançosa criatura que, se ela ajuntasse numa caixa sessenta mil cruzeiros (que era um pouco até muito pra ela, pois era o que tinha), ele benzeria, e o dinheiro se multiplicaria não sei por quanto. E mais: ela ficava com o condão de não ter mais necessidade, como acreditam aqueles que carregam no fundo da capanga uma imagenzinha de Santo Onofre.

Pois bem, acreditando piamente na promessa – pois o povo jurava de pés juntos que ele era cheio de magnetismo – a pobrezinha rapou os derradeiros tostões no banco, vendeu umas burundangas às carreiras, tomou dinheiro emprestado, já por conta de lavação de roupa e inteirou coisa de setenta mil, que colocou numa caixa de sapatos, de acordo com as instruções do tal multiplicador de dinheiro e prometedor de esperanças.

Ainda estava ali perto da pensão esperando dar o tempo que o milagreiro consinara para se efetivar o milagre, quando lhe deram notícia de que ele, saindo pelos fundos da casa, acabara de deixar a cidade, deixando no quarto da pensão a caixa atopetada de dinheiro amarrado, o que, à primeira vista, fê-la crescer por dentro e arregalar as vistas, de tanta alegria; mas, ao examinar aqueles embrulhos bem feitiños, reparou que era só papel cortado do tamanho de uma nota e arrumado, com uma cédula de valor vagabundo por cima para completar a simulação.

Que fazer? Defunto sem choro, meios ela não tinha de ir atrás, ainda mais porque nem sabia pra que rumo viajara ao espertalhão: naquele dia saíram três ônibus para lugares diferentes. O certo é que a pobrezinha só teve um remédio: botar a mão na cabeça e lastimar a sorte.

Não se ouviu mais falar no tal homem, e ela, sempre com uma pontinha de esperança, ficou de alcatêia, assuntando as chegadas de ônibus atrás de notícias, pergunta-aqui-pergunta-acolá, se ouvia falar em alguém que estivesse multiplicando dinheiro ou dar esperança pros pobres em alguma corrutela socada num cafundó qualquer, pois as notícias desses andejos costumam voar que nem folha seca no tempo das ventanias das primeiras águas.

Com o passar do tempo e a inexistência de qualquer notícia, ela perdeu as esperanças: o negócio era esquecer aquela cabeçada e voltar a ajuntar o dinheiro perdido, depois de pagar os empréstimos contraídos em função da desventura, sem se falar nas mãos comidas da soda e da decoada do sabão na lavação de roupa.

Foi nada não: passados oito de tempo – coisa de oito meses -, e ela já aposentada no desengano, chegou a notícia de que lá pelas bandas de Campos Belos chegara um homem que operava prodígios. Ela clareou as vistas, vislumbrando a possibilidade de ser o seu milagreiro, que, ao invés de multiplicar, fizera foi subtrair o seu dinheirinho suado da inatividade rural.

Procurou inteirar-se de como era ele: altura, cor, traços físicos, cabelos, o jeito de andar, e até o palavreado enganador que ele usava para engambelar os bestas. Não havia dúvidas: a descrição batia, e as informações não deixavam dúvidas: era o homem.

A Justiça, que vivia com pena dela, na pessoa do Juiz e do Promotor, expediu uma carta precatória, e lá o delegado botou a mão nele, recambiando-o para a cadeia lá do Duro, onde - quando muito - poderia multiplicar era os dias de reclusão.

A mulherzinha tivera sorte, pois o capadócio tinha até carro novo, além de dinheiro vivo, que lhe foi restituído tostão por tostão.

Querendo dar uma de esperto, pensando que o povo é besta, acabou foi provando ser mais otário que suas incautas vítimas, ao tentar incidir nos mesmos golpes numa cidadezinha da mesma região (é como se diz: o criminoso, obedecendo a um determinismo inexplicável, sempre volta ao local do crime). E a notícia de sua vez secou de vez a cacimba dos trambiques.

É o causo: Deus não dá asa a cobra. Imagine se todos os vigaristas fossem inteligentes?!

oOo

CIDADE X SERTÃO

Liberato Póvoa

Como diz meu amigo Carmo Bernardes, não se pode conceber uma casa de interior sem o pilão de pilar paçoca e socar café; o tacho de cobre bem areado pra refinar açúcar-da-terra e fazer doce de buriti; o forno de cupim numa meia-água lá fora para assar o bolo-de-arroz, a puba e o biscoito-de-galho, e mesmo a panela de ferro cascuda para se torrificar café com tolda..

Não se vá chegar ao extremo de dispensar a geladeira, o fogão a gás, a TV e outras utilidades que vieram trazer conforto à dona de casa. Mas hoje em dia é até sofisticação ter-se um pilão de pequizeiro, um tacho de cobre, um quibano ou uma peneira de taboca, uma colher-de-pau feita de gameleira, uma panela de barro ou uma gamela. Mas nós só vemos essas utilidades transformadas em adornos, espalhadas pela casa ou dependuradas pelas paredes.

O povo da cidade grande, às vezes até com raízes no interior, teima em negar suas origens, fazendo-se de desconhecedor. Um verniz de civilização foi o bastante para que ele tenha aderido aos pratos modernos, às maioneses, desprezando o tutu com torresmo, o arroz corri lingüiça, o palmo e meio de carne de gol assada na brasa e o frango caipira com quiabo gosmento.

Quem, no entanto, nunca viveu numa cidadezinha do interior; quem vegeta nesta seiva de pedra sem jegues carregando água nos barris enganchados nas cangalhas, sem andar de pés no chão apanhando caju e puçá no chegar das primeiras águas, não sabe o gosto do doce de leite visguento, cheirando a curral, apurado no tacho de cobre sem se mexer; o pé-de-moleque feito com gergelim torrado, levando uma cabeça de rapadura para dar o ponto certo; uma panelada de feijão com tocinho (com couro e tudo) deixada de molho de um dia para o outro e cozida na lenha numa panela de barro.

Não pode dizer que viveu quem não comeu um prato de paçoca de carne seca do sertão, preparada com pimenta-de-macaco, pegando sete dias de sol e sete de sereno, pilada no pilão com farinha de mandioca, cebola e cheiro verde; não pode dizer que viveu quem não tomou água com a concha da mão ou fazendo das folhas copo num córrego sossegado e gorgolejarite com a água tinindo de fria; não pode dizer que viveu quem não bebeu a espuma doce e sustanciosa, ainda quente do leite cru, ao romper do dia, quando o galo, o despertador do sertão, acorda o mundo para um novo dia.

Não é que eu abomine as novidades ou faça parte de mal-agradecido com todas as benfeitorias do progresso, mas o furor da indústria e a ganância do lucro estão estrangulando o pouco que ainda existe com cheiro de Brasil. O império dos enlatados e dos embutidos está acabando com tudo. A frieza do computador já assinou a sentença de morte de todos os costumes seculares, como o do fiado pro fim do mês, trazendo atrás de sua pretensa infalibilidade, a frieza de novas atividades sem um mínimo de sabença.

Foi-se embora a filosofia do povo.

Mas é a vida. Aliás, nem sei bem por que estou aqui a desabafar pregando no deserto e, ainda por cima, cutucando feridas de reminiscências, pois o tempo bom é o que se foi, tempo de paz, espírito desarmado contra tudo e contra todos. Hoje, se a gente quer viver, tem é que adotar o "si vis pacem, para beilum" ("Se queres a paz, prepara para a guerra"), porque a coisa anda é feia, medonha, principalmente para nós, indefesos consumidores, que somos o pára-raios que recebe todas as cargas e recalques dos grandes produtores e lhes pagamos os impostos, tostão a tostão.

O pior é que se a gente, por acaso, puxado por um saudosismo repentino, tentar voltar para, o interior, acaba é decepcionando-se com a invasão das inovações, com os toca-fitas, as calças "jeans" e a discoteque, que, a esta altura, já invadiram o sertão sob a forma de propaganda de rádio e outras coisas.

Resta-me o consolo de ter tido a oportunidade de gozar uma infância sadia andando a cavalo e comendo fruta do chão, sem lavar, ao menos, enquanto o pessoal daqui fica só com a notícia do que de bom existia por lá.

Podem até dizer que é mentira, que isto nunca existiu mas - por esta luz que está aluminiando! - ainda estou com o gosto das coisas rústicas que provei durante os tempos irresponsáveis de menino montando em jegue e caçando passarinho sem compromisso e hora de voltar pra casa.

oOo

A "COLA"

liberatopóvoa@uol.com.br

Dos nossos tempos de estudante no interior tocantinense, muita coisa ficou gravada: as malandragens, as serenatas proibidas à janela do colégio para as internas, os carões que a gente levava quando as freiras nos pegavam fumando; enfim, muita coisa.

Nossa turma de quarta série (que hoje é a oitava) tinha mais de quarenta, e vários deles deixaram presença marcada pelo tipo que representavam. Logo no primeiro dia, na hora da chamada, ficamos sabendo quem era o Raimundo: vindo de Angical, na Bahia, junto com os irmãos Dica e Gagai; o Raimundo era tirado a importante, conversador e cheio de lérias. Na hora de correr a lista de frequência, o padre Magalhães, professor de português, francês e latim e um purista da língua, fez uma espécie de reconhecimento, para ficar sabendo quem era quem. E olhando para o Raimundo, perguntou:

- Seu nome, filho!

O Raimundo, querendo fazer bonito perante as meninas (que eram a maioria da turma), encheu o peito e puxou a língua, todo empolado, arrastando os erres:

- RRRaimundo RRRômulo de Mendonça Teles

E falou tão empolado, que o padre indagou:

- Você é filho de alemão, meu filho?

Outro baiano, que viera na mesma época e se tornou meu grande amigo, foi o Zé Nunes, conhecido por Zé de Hermes, porque morava em Barreiras, na casa do cunhado Hermes. Alto, gigantesco, boa aparência, morava na casa de meu irmão Nélio, por ser primo carnal de minha cunhada Idinha. Fizemos tanta amizade, que nas férias o Zé me carregava pra terra dele, para se divertir com minhas tiradas humorísticas. Eu era uma espécie de capanga do Zé de Hermes, que me levava para tudo quanto era lugar, a ponto de eu passar a chamar seus pais de tio Zequinha e tia Ena. Como ele era o caçula, os velhos achavam muito boa nossa companhia, pois enquanto nós andávamos juntos o Zé não estava aprontando farras e bebedeiras, porque eu era menor (17 anos) e naquela época nem mesmo uma cervejinha eu me atrevera a provar. E aonde eu ia ele ia atrás. E vice-versa.

Dentro do ginásio, levávamos uma vida extremamente vigiada, pois as freiras espanholas, "importadas" diretamente da Espanha e ainda com aquele sentimento puritano do regime franquista, não admitiam qualquer olhar para o lado do sexo oposto, pois tudo era pecado, e as portas do inferno estavam escancaradas à nossa espera esperando apenas um rabo-de-olho nas meninas. Na hora do recreio, as meninas ficavam no pátio interno, e nós homens numa área coberta bem distante dali. O regime inquisitório das beatas extrapolava os limites do estabelecimento: quando a madre Arânzazu, uma espécie de Torquemada de hábito e véu, tomava conhecimento de que havia um namoro entre alunos do ginásio, mandava recado para a gente ir lá. E vinha aquele sermãozão comprido e ameaçador, falando em Céu e Inferno e outras coisas, com o intuito de nos fazer desistir o xamego. O poder de persuasão da freira era tanto, que raramente um namoro permanecia depois que ela chamava às falas. Se os pais concordassem com o namoro ou não, era indiferente, pois o poder das freiras era incontestável e se constituía num pólo decisório, que lembrava a Igreja no tempo da Idade Média, com seu poder divino, introduzindo-se na vida dos feudos e países.

De todos os colegas daquela época, o que mais ficou marcado na nossa memória foi, sem dúvida, o Marion. Filho único de Neco Almeida, vindo de Taguatinga, levava uma vida metódica: não fumava, não bebia, vivia rezando na capela do ginásio e levava um tempão para fazer o "nome-do-padre", o que era motivo de orgulho para as freiras, que mostravam o Marion como o exemplo da piedade e da contrição.

Marion era a distração personificada: às vezes, ia para a escola de meias e calçado numa havaiana, ou entrava em sala com um nó no meio da gravata preta ou com um "rabo" de pano amarrado nas arreatas da farda de cáqui.

Estudioso, dava até pena vê-lo atravessar noites e noites tentando preparar as provas parciais, para acabar ficando de segunda época. E deram-lhe a sugestão de fazer umas "colas" para a prova de matemática, cuja professora era justamente a madre Arânzazu. E ele preparou uns folhetos com teoremas e equações bem desenhados e bem explicados, para, na hora da prova, apenas transcrever, para tentar livrar-se da segunda época pelo menos aquele ano. Fez a prova direitinho, "colou" com um nervosismo denunciante e só não foi flagrado porque ele era nervoso mesmo, e a freira não deu maior lição, acostumado com sua corriqueira nervosia. Mas no dia seguinte foi chamado à Secretaria, onde levou um "sabão" da sisuda beata e até ameaça de suspensão, sem se falar no zero que tirara na prova: Marion esquecera dentro da prova, catalogados e arrumadinhos, todos os esquemas que utilizara. E o pior: estava escrito em cada um deles - "cola de matemática".

A BEXIGA DO DURO

liberatopovoa@uol.com.br

Tempos atrás, a Organização Mundial de Saúde - OMS - declarou ter sido erradicada definitivamente a malária da face da Terra, notícia recebida com grande alívio pelos que outrora viveram o drama da febre e do frio do impaludismo. Tempos depois, foi a vez da varíola que, segundo a OMS, foi riscada da lista das doenças. Não existe mais varíola, a conhecida e pavorosa bexiga.

Quando se fala em bexiga em minha cidade, os velhos chegam a benzer-se e a esconjurar a epidemia que, em 1926, quase dizimou a população de lá, que, sendo de mais ou menos duzentas pessoas, ficou reduzida a 136, pois a epidemia ceifou 64 delas.

Naquele ano, meu tio Antunim, regressando da Bahia, chegou à fazenda Açude com a filha Maria doente, corpo empolado, com jeito de catapora. Ali recebeu visita de amigos e parentes, dentre eles meu pai (irmão dele), que era o entendido de doenças e remédios. Na sua visita ele fora com sua primeira mulher, Mariquinha.

Diante da doença de Maria, meu pai, que já tivera bexiga quando estudava em Barra/BA, suspeitou que a garota estava com a doença e recomendou que tio Antunim a isolasse. Assim foi feito: tio Antunim transferiu-se para o Porto das Canoas (hoje fazenda São Sebastião, banhada pelo rio Palmeiras, a três léguas da cidade), onde lhe adoeceram os filhos Abenílio e Alzira. Dias depois, a primeira esposa de meu pai caiu de cama, falecendo pouco depois.

A notícia da bexiga espalhou rapidamente o terror na população. Mandaram um positivo a Barreiras/BA, a mais de 300 quilômetros, a cavalo, atrás de vacina, mas quando vacinaram o povo a contaminação já era grande. Ninguém ousava sair para visitar ninguém.

Como Abenílio estava à porta da morte, tio Antunim mandou buscar Justino Bento para fazer o caixão. Justino, mesmo sentindo-se condenado por não se ter vacinado, não deixou de atender ao amigo. Antes, porém, reuniu os filhos dividiu suas pobres ferramentas de carapina, despediu-se de um por um e foi atender ao chamado. Lá,

morreu de bexiga, e seu corpo foi jogado no rio Palmeiras, pois faltou quem o sepultasse. Quanto a Abenílio, escapou, mas ficou com o rosto bordado, pelo rastro da variola, morando em Paranã, até morrer, guardando no rosto a certidão da doença.

Perdendo a esposa e já tendo tido a doença, meu pai passou a andar de casa em casa para cuidar dos doentes, e fez de sua morada da fazenda Santo Antônio uma espécie de hospital, onde, após perder seu auxiliar, Gracindo Inácio de Jesus, de bexiga, passou a ser o enfermeiro, o cozinheiro, o cozeiro.

Na fazenda Prazeres, morava um agregado de meu avô, por nome Higino, com nove filhos. Todos morreram. Quando um adoecia, o outro ia cuidando até cair de cama, e acabou foi todos morrendo. Os últimos que ainda viviam, não suportando o mau cheiro dos corpos em decomposição, conseguiram arrastar os cadáveres para o terreiro, onde foram disputados por cães e urubus, num macabro banquete, que era uma tortura para os ainda sobreviventes, pois sabiam que seu fim iria ser aquele.

Na fazenda Funil, a família de Secunde, um morador que tinha oito filhos, foi extinta, a exemplo da de Higino, com os corpos igualmente disputados pelos urubus e cachorros.

Ninguém podia receber socorro, e muitos morriam de fome e sede. Os corpos passaram a ser queimados, para evitar maior propagação da doença. No sítio Piaus, de Augusto Rodrigues, morreu Joana, e Augusto prometeu a um morador por nome Zé Formigão uma matula se ele queimasse o corpo. Zé Formigão cumpriu a tarefa, mas não teve tempo de receber a paga: morreu de bexiga.

Na Vila de São José do Duro (Dianópolis, hoje), uma louca chamada Chica Doida cismou que São José Padroeiro era o culpado da pavorosa epidemia. E apanhando uma camisa de Antônio Martins, toda impregnada de pus variólico, foi à igreja e enfaixou a imagem com a advertência de que ele acabasse com a doença ou ficaria doente também. Chica Doida morreu dias depois, com o corpo coberto de bichos.

O bexiguento era um proscrito: ninguém ia visitá-lo sob pretexto algum, mesmo parentes. Quando alguém ia socorrer um enfermo com água, alimento, cachaça canforada ou creolina, esperava que o vento soprasse na direção do doente (para não receber o vírus) e ficava cá de longe a uma considerável distância e anunciava em voz alta, que estava deixando o auxílio em um determinado ponto, para depois o doente vir buscá-lo.

Hoje ainda se fala na pavorosa bexiga que assolou a região, e todos os que sentiram na pele o castigo do mal certamente levantarão as mãos para o céu com a alvissareira notícia de sua extinção.

A CAPELINHA DOS NOVE

liberato@povoa@uol.com.br

Não existe monumento. As famílias - acredito - mandaram construir uma capelinha simples e de adobes na ponta da rua, já pendendo mato adentro, para abrigar seus mortos. Por fim, o progresso foi escorraçando o mato, e a Igrejinha dos Nove foi se destacando, mas não o suficiente para se tornar vistosa, diante da usina de arroz de tio Dito e das casas disseminadas pelas imediações. O avanço das ruas parece tê-la empurrado para o centro da cidade.

Todos conhecem pelo nome de "Os Nove" a parte da cidade que leva à saída para a Bahia: "Fulano mora nos Nove", "Fui a uma festa nos Nove", e assim por diante. O nome, aparentemente sem propósito, está ligado ao fato histórico de 1919 que, por seu turno, está inserido na história política do Tocantins.

No início do século, a exemplo de outros Estados brasileiros, imperavam os coronéis, que mandavam e desmandavam dentro de seus domínios. Na Vila de São José do Duro (hoje, Dianópolis), a liderança político-econômica era exercida pela família Wolney, que tinha como patriarca o intocável e lendário coronel Joaquim Aires Cavalcante Wolney. Seu filho, Abílio Wolney, falecido em sessenta e poucos, exímio político e de cultura assombrosa, despontou como uma das maiores capacidades do Estado, elegendo-se deputado e sendo até cogitado para a presidência, provocando uma cisão entre os Wolney e a cúpula governista, liderada pelos Caiado.

Como represália, Totó Caiado, então presidente, nomeou gente de sua confiança para os cargos públicos da Vila do Duro, dentre os quais o de juiz municipal (Manoel de Almeida) e de coletor estadual (Sebastião de Brito Guimarães), sobrinho do coronel (mas seu inimigo político), a fim de dar um basta à hegemonia dos Wolney.

Anteriormente, um outro sobrinho do coronel Wolney, Agenor Cavalcante, fora morto pelo tio, quando, embriagado, foi desafiar a autoridade do respeitado chefe político dentro do próprio casarão onde o velho residia. Da cidade de Goiás, então capital, chegou

uma comissão de inquérito, presidida pelo juiz comissionado, José Basílio da Silva Dourado, que não chegou a qualquer conclusão sobre a culpabilidade dos Wolney.

Depois, por causa do inventário de um agregado de Abílio Wolney, chamado Vicente Belém, cujo rol dos bens o coletor estadual e o juiz municipal não aceitaram por entenderem haverem sido sonegados muitos bens do "de cujus", o coronel e o filho Abílio juntaram jagunços, invadiram o cartório e obrigaram, a punho de armas, aquelas autoridades a concluírem o inventário, simulando datas, "obedecendo" a prazos, culminando com a sentença do irado e coagido juiz, que a proferiu a muque, com cano de carabinas futucando-lhe as costelas. E, "julgado" o inventário, carregaram o processo.

Foi só o coronel, o filho e os cabras saírem com o processo, Manoel de Almeida (juiz) e Sebastião de Brito (coletor) viajaram para Goiás Velha e foram chorar queixas ao presidente Totó Caiado. O fato chegou a talhe de foice para servir de estopim da vingança do velho Caiado: comissionou o juiz Celso Calmon Nogueira da Gama e o mandou com setenta praças e quatro alferes para apurar a invasão do cartório. Mas a intenção velada era, sem dúvida, arrasar com os Wolney.

Chegando à Vila, o juiz procurou aproximar-se dos Wolney, que já haviam deixado o povoado e se refugiado na fazenda Buracão, a duas léguas dali, com enorme contingente de jagunços armados até os dentes. O juiz, velha raposa, fingindo demonstrar paz, foi desarmado à fazenda e lá convenceu o velho coronel a devolver-lhe o processo e a dispensar a cabroeira, em troca de sua impronúncia.

Assim fez o coronel. Malmente soube da fazenda inteiramente desguarnecida, o juiz mandou invadi-la com a força policial, e os soldados assassinaram e saquearam o lendário coronel, levando sua família presa para a Vila do Duro, no dia de Natal de 1918. Foi um caso assombroso, beirando ao inconcebível, pois o velho e respeitado coronel Wolney reinava como espécie de lenda viva.

O filho, Abílio Wolney, que conseguira furar o cerco, ficou revoltado (e estava coberto de razão) e viajou para a Bahia, onde recrutou mais de duzentos jagunços para tomarem a Vila e aniquilarem a força policial (àquela altura, o juiz já tinha ido embora, com a missão cumprida, deixando, apenas a soldadesca).

Quando soube da atividade de Abílio, o comandante da força, tenente Antônio Seixo de Brito, mandou recolher ao velho tronco de castigar escravos várias pessoas ligadas à família Wolney, como reféns, para obrigar Abílio a recuar: Wolneyzinho (irmão), meu avô Benedito e seu filho menor, Joca (amigos), o compadre João Rodrigues e seu filhos Nilo e Salvador, João Batista Leal (cunhado), Messias Camelo (sobrinho-afim de meu avô) e Nasário do Bonfim (camarada de João Rodrigues).

Quando a jagunçama atacou, em 16 de janeiro de 1919, os reféns foram friamente assassinados, e os nove foram enterrados em cova rasa nas cercanias da Vila, onde existe a capelinha, conhecida como a Capelinha dos Nove, dando nome àquele lugar.

Este episódio inspirou Bernardo Êlis a escrever o monumental romance "O Tronco, que, embora atribua nomes fictícios aos personagens, retrata com invejável capacidade narrativa toda a verdade. Mais recentemente meu irmão, Osvaldo Rodrigues Póvoa, reconstituiu toda a história e publicou "Quinta-feira Sangrenta", que abrange toda a história do município, dando especial enfoque ao sangrento episódio.

Quem leu "O Tronco" ou "Quinta-feira Sangrenta" certamente gostaria de conhecer a Capelinha dos Nove, que ainda hoje está de pé, como que guardando no seu silêncio e tristeza o desfecho da sangrenta história da nossa velha Vila de São José do Duro.

A COLUNA NO SERTÃO

liberatopovoa@uol.com.br

Ali no sertãozão de São José do Duro, onde nasci, até há uns pares de anos, o povo corria de gente e os meninos viviam pelados até a casa dos dez anos; e até há bem pouco tempo, quando ainda éramos Goiás, havia lugares em que o povo não dava notícia de nada, pois o rádio só tinha serventia para ouvir-se música sertaneja. No quebrar da barra e no entrar da noite, o rádio aberto a todo volume despertava o dia e acalentava a solidão noturna, com vozes das conhecidas duplas Tônico e Tinoco, Silveira e Barrinha, Cacique e Pajé, Jacó e Jacozinho, e até o escandaloso Valdik Soriano tinha suas explosões de popularidade.

Isto, no mato, pois cá na cidade já existe aquela influência pelos últimos sucessos, e a discoteque já teve seus dias de glória.

O dólar subia, o real (que na época era cruzeiro) fraquejava; saia presidente da República, entrava presidente da República; morria o Papa e elegiam outro, e o sertanejo nem tomava conhecimento nem dava notícia.

Numa das minhas conversas com Camilo Canela, na época vaqueiro de meu ex-sogro, espantou-me saber que ele conhecia detalhes sobre a Coluna Prestes, pois, além da desinformação natural do sertanejo, aquele movimento ocorreu no governo Artur Bernardes, quando Camilo deveria ser meninote cheirando a mijo e inexistia qualquer meio de comunicação.

- Eles era terrive, patrão! - e arregalava os olhos, gaguejando para impressionar.

- Terríveis, como, Camilo?

Ele tossiu em seco e afirmou, para espanto meu:

- Eles dero u'a surra ne mim, véio!

E contou o caso. Era meninote, mas já duro de escanchar, como sempre foi do feitio dos Canela. O velho Sérgio, seu pai, era vaqueiro no Pintado, fazenda do meu pai.

E um dia sua mãe lhe pediu para ir à Pedra Preta buscar duas quartas de fumo vazanteiro na mão da velha Chica, enquanto o velho Sérgio cuidava da carne que secava no varal para levar no cargueiro para o patrão na rua.

Na Pedra Preta, pegou na mão da velha Chica o meio metro de fumo e, quando, ao subir a ladeirinha de pendida, deparou-se com um bando de homens a cavalo que passava. "Deve de ser Zuca Rodrigues, que vai visitar o sogro", - pensou Camilo, sem dar muita ligança. Mas ao ser visto, três cavaleiros destacaram-se do grupo e romperam na sua direção. Os cavaleiros eram estranhos e começaram a conversar um bando de coisa numa língua enrolada que o menino não entendeu. Só pôde entender quando um deles perguntou:

- Cadê o cavalo sabaruno de fazenda, tchê?

Aí, Camilo, que já ouvira falar nuns revoltosos que andavam pelo sertão, entendeu que eram eles, e já se tinha informado de que no Pintado havia um cavalo sabaruno (cor de mel) muito bonito, chamado Barrinha. Camilo, todo medroso por conta das ameaças dos homens (que ficavam futucando-lhe o costelado com o cano das armas), para livrar-se deles, mostrou-lhe um magote de animais numa baixada, onde estava o cavalo Messias (parecido com o sabaruno), junto com a égua mais velhaca das redondezas.

Quando os revoltosos voltaram da malograda carreira atrás da água velhaca (que azulara no mundo, junto com o Messias e os outros animais), descontaram em riba de Camilo, aplicando-lhe uma surra de peia-pê-e-mão, que levantou vergões desde a apá até os rins.

Dando-se por vingados, caparam o gato rumo ao Pintado, do que se aproveitou Camilo pra descer do cavalo, tirar-lhe a brida com cabresto e tudo e, não acertando desarrochar a sela, meteu-lhe o facão no lampo da cilha, atirando os arreios na beira da estrada e mediu um capão ali perto e foi voando se esconder, chega o casaquinho de riscado ia ventando.

No Pintado, eles roubaram a carne no varal, deixando só os ossos. O povo, assombrado, correu pro mato e foi se esconder nos brocotós da serra, onde ficou até saber que os revoltosos estavam já muito dentro e que o perigo foi afastado. Trafegar no sertão era uma temeridade, pois parecia que os homens de fala esquisita eram a Cão em figura de gente enviados ali pra esquaritar o povo. Quando eles sumiram do sertão e correu a notícia aliviosa, o povo saiu dos cafundós para ver o estrago na trilha da Coluna: saques, o gado roubado e sacrificado bestamente (matavam uma rês só pra comer a rabada).

Depois que a Coluna passou, só se ouvia o martelar do ferreirinha, o piar das juritis e o grito escandaloso das curicacas. Da Coluna só ficou uma certeza: para que o sertão tomasse conhecimento de um fato, é preciso que ele acontecesse lá. Como a Coluna Prestes.

A FOME TEM CARA DE HEREGE

liberatopovoa@uol.com.br

Aqui na capital, nos fins de semana, os restaurantes ditos grã-finos ficam atotados de fregueses, querendo fugir um pouco da comida caseira, enquanto, paradoxalmente, os próprios restaurantes tentam atrair a freguesia com o chamariz convidativo: "Tome suas refeições aqui, onde você experimenta a deliciosa comida caseira".

Na hora do almoço ou da janta, os meninos de hoje inventam vontades, refugando o bife, a salada e o feijão, fazendo cara feia para empurrar garganta abaixo mirradas colheradas, como se a comida fosse até purgante. Deve de ser a diversificação de guloseimas que existe em tudo quanto é biboca, só pra subtrair o apetite da meninada, principalmente na cidade evoluída, pois no interior fica mais fácil de cevar os meninos. No meu tempo, era a rapadura que nos enganava o estômago, e assim mesmo, sendo ela o tempero do café, não ficava tão à vontade da voraz criançada. Hoje estão começando a aparecer as porqueiras da cidade grande para atrapalhar e eliminar aos poucos a fama de voraz que a meninada tinha. Sim, voraz: gosto de ver, por exemplo, ali no sertão, os filhos dos roceiros enfrentando um prato de pirão de osso ou uma tigela de leite gordo; após comer, lambem os beiços e nada sentem. Fosse um eu, que já perdi o costume de ter bucho de ema, logo-logo estaria de andadeira, que o estômago já fraquejou.

O apetite do nosso sertanejo é simplesmente assombroso, pois nem sempre há o que comer. No tempo da manga, a meninada vive de cara amarela, breada de manga; no tempo de pequi, basta se ter o sal e a farinha, pois pirão, além de gostoso, é forte e cheio de sustança, que a gordura o pequi já tem. Na hora do de comer, quando têm, os meninos comem ao redor de uma gamela, traçando linhas de domínio ("Daqui prali é meu; dali pracolá, é seu"), dividindo o bolo em porções mais ou menos iguais, e não raro a invasão do domínio alheio gera poucas e boas colheradas na cabeça do invasor. Enquanto na cidade grande os pais adulam os filhos pra comer, o sertanejo, de quando em vez, precisa é tomar à força o prato do seu:

- Cê vai é empanzinar de tanto comer, seu porqueira!

Deve ser o clima, deve ser a natureza, deve ser a fome crônica, que traz tanta disposição ao sertanejo, que come de tudo, come coisa de nos repugnar o estômago. Ninguém, por certo, desperta o apetite vendo o sertanejo devorar com ganância um prato de feijão com rapadura, como se estivesse a comer um suculento filé à francesa.

Passando ali pelo sertão de Dianópolis, muitos anos atrás, um médico itinerante aboletou-se num casebre muito miserável, onde o roceiro, sabendo-lhe a condição de "dotô", desdobrou ainda mais sua já natural gentileza para tentar atendê-lo, e desculpou-se por não ter o que dar de comer a tão ilustre hóspede, que ali estava cambaleante de fome:

- Se vossemecê num s'importá, dotô, nós aqui só temo canja mode o sinhô cumê.

Bambo de fome, disposto a comer até pedra, o médico clareou os olhos, nem esperando reforço do convite:

- Canja? Ora, lá em casa eu sempre gostei de canja; minha patroa, de vez em quando, faz canja pra mim e não deixo nem uma isca no prato. Para ser franco, prefiro canja a qualquer outra iguaria.

O roceiro e a mulher se entreolharam num misto de satisfação e perplexidade, e a mulher foi à cozinha preparar a canja para o doutor, que, diante da iniciativa, já amolava os queixos satisfeito.

Quando a roceira entrou com o prato fumegante e o pôs na banca de aroeira que servia de mesa, o médico quis refugar, mas como a fome tem cara de herege, comeu tudo, mas não pediu repetição.

Enquanto a canja da cidade grande é uma deliciosa sopa de arroz e galinha, bem temperada e às vezes com uma pitada de açafraão, no sertão é arroz branco, sem gordura e sem sal, cozido só na água, que o sertanejo inteira com qualquer coisa: um pedaço de carne seca assada um pouco de feijão e às vezes com rapadura raspada, o que aliás, era uma delícia (não sei se agora dá pra descer, pois com tantos anos de ausência, certamente meu estômago já se adaptou às frescuras da cidade grande).

Mas como disse: "A fome tem cara de herege", e na hora do aperto qualquer coisa desce.

Ali nos gerais do Jatobazinho, que era refrigerio do gado de meu pai no tempo da seca, um conhecido, campeando uma rês esguaritada, passou o dia sem comer, e, para inteirar as medidas, perdeu-se. E variado foi dar com os costados numa cabana, onde pediu pelo amor do que era de mais sagrado que lhe dessem qualquer coisa pra comer, que estava em jejum: fosse farinha seca, fosse rapadura, fosse o que fosse, que do jeito que estava comia até pirão de areia, se o estômago aceitasse.

A velha que morava no rancho, veio de lá com um prato de canja (a canja nossa) fria e uma porção de fava roxa, daquelas grandonas que amargam até dizer chega. Ele foi à pimenteira e amassou algumas malaguetas para dar um sabor melhor.

Trespasado de fome, ele comeu tudinho e ainda lambeu o prato, dizendo que fora a melhor iguaria que comera até então.

Quando voltou pra casa, encomendou um litro de fava e mandou a mulher fazer, bem temperadinha, para, ajuntado a um arroz bem feito, também lamber o prato. Não agüentou a segunda colherada. E como se diz: "A fome tem cara de herege, e é ela o melhor tempero".

A LÚGUBRE TAPERA DA ORAÇÃO

liberatopovoa@uol.com.br

Dos lugares tidos por mal-assombrados, a Tapera da Oração era o mais famoso. Situado a légua e meia da rua, a um quarto da nossa fazenda, a Tapera da Oração tinha tudo para arrepiar: apesar de situar-se bem na estrada real, que a atravessava, possuía algumas mangueiras frondosas de mangas azedas e cozidas de sol, pois além de manga de tapera ser por natureza azeda, as da Oração acabavam por se apodrecer no próprio pé, que ninguém era macho de ir lá apanhar uma só. Não bastasse o ambiente lúgubre, sombrio que lhe emprestavam as mangueiras, que se destacavam na chapada onde dominam o miroró, a sambaíba, o candeal e a japecanga, sob o mangueiral brotojavam sepulturas do pessoal dos arredores que ali sepultava seus mortos. E a estrada cavaleira calangreava por entre os gradis apodrecidos das covas e as carcomidas tumbas dos mais providos da sorte.

É verdade que a cruz-das-almas que marca as saídas de todo lugar e onde se enterram os anjos pagãos, são locais tidos como visagentos, mas a Tapera da Oração era mais que a cruz-das-almas, os cemitérios das chapadas e os locais de ouro enterrado, pois não se pode contar nos dedos o número de gente que teve arrepiantes visagens, ouviram gritos lancinantes e gemidos, ais, me-acodes, ai-meu-Deus-do-céu naquela tapera.

Meu primo Modestino, certa feita, ia para a Rua Nova, a menos de um quilômetro da tapera e como era dião claro e os tico-ticos, os periquitos, as fogo-apagous e joõesdebarro alegravam os pés-de-pau das redondezas, ele resolveu pegar umas mangas para levar pra casa. Ao chegar embaixo da mangueira mais carregada, ouviu o sacudir violento de um dos galhos, como se mãos hercúleas sacudissem a folhagem. O chão ficou salpicado de manga. Creditando o fato ao vento, que por sua cabeça não passou outra idéia, ele amarrou o animal, pegou os alforjes e foi catar as frutas. Mal colocou uma de cada lado do bernal, arrepiou-se todo com uma voz regougante que estrondou o pé do seu ouvido:

- Deix'essas mangas aí!

Olhando a clareira em seu redor e não vendo viva alma, só teve a iniciativa de escanchar na montaria e afundar no mundo, mofo e o suficiente para esquecer para sempre os alforjes, que lá ficaram.

De outra feita, vinha Teopompo de viagem, para atender a um chamado urgente do pai, que o recado dissera estar nas últimas. Como estava em Paraná, muito distante, a coisa de três ou quatro dias a cavalo, já recebeu a notícia com muito atraso. E apressou-se em atender. Chegando à Tapera da Oração, já no entrar do sol, quando a claridade do dia lusco-fuscava diluindo-se na escuridão, absorto em seus pensamentos, Teopompo estava com a cabeça muito longe, quando sentiu a mula empacar, arrepiar os cabelos e querer inutilmente livrar-se de algo que lhe retinha com vigor o barbicacho das rédeas, fazendo-a sapatear esquisita. Quando uma fresta da folhagem do mangueiral deixou filtrar-se a luz mortiça do crepúsculo, Teopompo reconheceu seu pai. Disse Teopompo ter visto seu pai fixando-o com os olhos arregalados sobressaindo das órbitas, e o rosto dissolvendo-se como cera amolecida. E o velho conversou longamente com o filho e transmitiu-lhe instruções sobre como cuidar da mãe, dos irmãos e até sobre o inventário, que começaria a correr brevemente.

Após a funesta sessão de conselhos, Teopompo saiu assombrando, a mula dando o que podia em velocidade até alcançar a cidade, onde lhe disseram que o pai falecera oito dias antes. A mula - dizem - no dia seguinte amanheceu morta na roça de pasto dos Valente, na ponta da rua. Teopompo mudou-se do Duro, deixando ali a mulher, Josa, e os filhos, Josino, Giovani, Jandir, Urânia, Cecy, Naninha e Miguelzinho; não se sabe se a mudança decorreu desse funesto evento, pois o povo pega a conversar muito e acaba inventando coisas.

Não se pode contar o número de gente que experimentou um assombramento na Tapera da Oração: gritos ao pé do ouvido, gemerolas, tapas nas costas, caronas misteriosas pesando a garupa das montarias, retenção de rédeas, o diabo!

A Tapera da Oração guarda a fama de tenebrosa. Talvez não seja arrepiante como antes, pois a rodovia que leva ao sertão passa por fora, e pela Tapera não passa mais a estrada cavaleira que leva às fazendas naquele rumo, mesmo porque hoje é raridade ver-se gente a cavalo. E isto fez com que o mato dominasse ainda mais, entupindo a estrada.

Mas até quando tive notícia, o povo parece que ainda nutre verdadeiro pavor do local. Como compadre Otilio, que nasceu e viveu na Rua Nova, pertinho da Tapera, que, de dia ou de noite, só passava por ali acompanhado, que sozinho ele se confessa virar "zé-muié" e muitas vezes ficava de dormida num local mais perto, esperando alguém que passasse naquele rumo para ele ir junto.

E como compadre Otilio, a Tapera da Oração fez muito macho virar "zé-muié" por lá.

A MALDIÇÃO DA CANABRAVA

liberatopovoa@uol.com.br

Todo mundo tem verdadeiro pavor de praga rogada, embora não se saiba, ao certo, se existe fundamento no resultado de tais imprecações. Diz o povo que praga de mãe pega, e se for rogada em cima do filho com vontade mesmo, este carrega essa maldição até o fim da vida. Vai para a cova com o pavoroso anátema.

No respeitante a praga de mãe, existe o exemplo do folclórico Romãozinho, que, segundo a lenda, fora incumbido pela mãe de levar ao pai, na roça, uma gamela de comida, como é costume no sertão. No caminho, o menino comeu o de comer, e, chegando de mãos vazias, disse ao pai que a mãe não lhe mandara comida porque estava era senvergonhando com outro homem. Explodindo de raiva, o pai foi para casa e castigou a inocente mulher de tal forma que lhe provocou a morte, enquanto Romãozinho dava sonoras gaitadas. Antes de morrer, a mãe amaldiçoou o filho, que, a partir de então, passou a vagar pelo mundo, com o espírito do Capeta encarnado, caçando jeito de atentar o povo, através de diabruras, como jogar pedras no telhado, soltar animais do ceveiro, cuspir nas panelas, mijar nos potes, não sem fazer acompanhar essas coisas com ruídos medonhos e apavorantes. É uma das versões que conheço. Mas há outras.

A menos de légua lá do Duro, existe um lugar por nome Boa Esperança, que - dizem os antigos - era domínio do Romãozinho, que quase matou de fome uma velha que ali vivia, de tanto jogar porqueiras nas panelas e nos potes. As latumias só acabaram quando Boa Esperança foi benzida.

Nos meus tempos de menino, vez por outra eu escutava histórias de patacoadas que cheiravam a coisas do Romãozinho.

Muitos casos de conseqüência de praga de mãe enriquecem o folclore de muitos lugares.

Há três anos, passando por Barreiras, na Bahia, para visitar minha irmã Reginha, o meu cunhado Oswaldo, que anda sempre viajando, mercê de sua atividade de comerciante, e contou-me um caso que estava em evidência por lá, e que, de certa forma, está vinculado a esse negócio de praga de mãe.

Contou-me ele que num lugar por nome Canabrava, naquela região mesmo, havia uma senhora muito disposta chamada dona Sinhá, que fazia tudo quanto era serviço, inclusive labutava no curral, tirando leite das vacas. Lá pelo ano de 46, dona Sinhá - que viveu até há pouco tempo, segundo se conta - desleitava uma vaca e estava nervosa por uma razão qualquer. E naquela labuta, chegou um de seus filhos, que não tinha mais de seis ou sete anos, e começou importuná-la com uma daquelas birras de menino. De cabeça quente, sem dúvida porque a vaca estava lhe dando trabalho, dona Sinhá bradou:

- Ora, vá pro inferno, você e essa vaca!

Quando acabou de tirar o leite, ela procurou o menino em tudo quanto foi lugar possível, mas não o encontrou. Deram notícia de seu rastro, junto com o da vaca, numa das estradas, mas não se soube mais de notícia nem do menino nem da vaca. Para inteirar as medidas, destampou um pé-d'água medonho na região, chovendo ininterruptamente durante mais de dez dias, enchendo as grotas, apagando vestígios e impedindo a monstruosa busca empreendida pelos moradores das rodeanças.

Frouxaram de mão. Foi a derradeira graça: nem o menino nem a vaca apareceram mais, até quando tive notícias de lá.

E tempos atrás, o povo da região de Canabrava noticiava com certo pavor o aparecimento de um homem todo cabeludo que surgia nas matas que rodeiam a Canabrava, inclusive para pessoas que conhecem com detalhes a misterioso caso do menino e da vaca.

Testemunhas oculares estão crentes de que - pela aparente idade do desconhecido - se trata do filho de dona Sinhá.

Se há um mistério no desaparecimento de uma pessoa, que parece até ter virado alcanfor, ouvi da boca de uma tia de um outro desaparecido o intrigante reaparecimento de um menino de menos de cinco anos, que passou dez dias no mato e foi encontrado a quase três léguas da casa. É neto de Adelino (velho vaqueiro do sertão) e em janeiro de 82 sumiu misteriosamente do terreiro de casa. O sertão estava alagado e durante mais de semana caiu água no município de Conceição do Tocantins, dificultando as buscas incessantes que mobilizaram parentes e conhecidos. No fim de dez dias (a mãe já tinha botado o menino na conta de morto, pois cobra, onça e enchente era o que havia), quando desconhecidos, passando por umas várzeas a quase três léguas, em lugar oposto ao das buscas, encontraram o menino chorando. O bichinho já era ladinozinho, que soube dizer onde morava, e os homens foram levá-lo aos pais, que quase deram um treco, de tanta alegria.

Refeitos da angustiante situação, apressaram-se em indagar ao menino como sumira e como sobrevivera no meio de tantos perigos. Ele, com seu curto vocabulário, explicou que saíra atrás de uma porca parida para brincar com os leitõezinhos e se perdera, sovertendo no mundo. Todas as noites, a madrinha dele colocava-o em cima de um pau para não ser comido por bicho do mato.

Não me lembro mais é como ele conseguiu se alimentar, pois consta que voltou sem vestígios de desnutrição. A madrinha eu não soube decifrar.

Mas logo que o aguaceiro medonho me permitir, vou decretado lá na Conceição apurar essa história direitinho, pra contar, pois conheço os pais e até sabia o nome do menino, que me fugiu da cabeça agora. Que vou, lá isso vou.

A MULA "DENGOSA"

Liberato@povoa@uol.com.br

Anos atrás, presenciei uma cena que me comoveu: no caminho de Conceição do Tocantins, num mês de julho qualquer, quando vinha da festa do Divino, testemunhei a fidelidade do cachorrinho "Turco", de um tal Raimundinho Piauí, que encontrei estendido no meio da estrada, sujeito a ser comido pelas onças que trilhavam naquela região.

Ainda vou contar esse caso, que merece a gente assuntar.

Aqui, a história, é outra, que mostra quão humana é, certas horas, a natureza do que chamamos de bicho bruto, que, não obstante ser capado do juízo, dá mostras de estar muitos furos acima de qualquer vivente dito racional.

A História registra o caso do caõzinho de Chopin, que acompanhou o fêretro de seu dono e permaneceu sobre sua sepultura, sobre a qual morreu de fome e sede.

Causos de "humanidade" de animais ocorrem aos montes, mas não carece a gente ir longe. Mesmo na cidade grande, a gente tem notícia de fatos dessa natureza.

Quando morava em Belo Horizonte, escrevi um conto, pelo qual me deram lá um prêmio literário e um diploma, sobre uma vaca que fora criada à feição de gente de casa, que sofria e se alegrava conforme sofriam e se alegravam os donos. Uma pessoa, lendo o conto, me contou a história de uma mula, pertencente a um bombeiro de posto de gasolina, e eu, muito especulador das coisas, fui atrás do homem pra me contar a história. E ele contou.

O José dos Santos - depois me tornei amigo dele - morador nos arredores de Sabinópolis, lá nas alterosas mesmo, me contou o caso de sua mula, a "Dengosa", inteligente e cheia de iniciativa, na qual andava montado para paquerar nas festas dos arredores da cidade, de onde Zé dos Santos era.

Como em toda cidade do interior, apareciam festas pelas rodeanças, e ele, rapaz bem apessoado e tirado a conquistador, pegava a "Dengosa", escovava-lhe o pêlo, engraxava os arreios, enfronhava-se na roupinha de ver Deus e chegava todo importante para desfrutar da cachacinha pura da terra, comer um churrasquinho de graça (pois de graça ele tomava, como eu, até injeção), dançar com a moçada e espalhar seu "charme", deixando, não raro, um coração pulsando em sua intenção e marcando um reencontro com o novo amor no próximo bate-chinelo que surgisse.

Mas o Zé dos Santos, muitas vezes, aproveitava que a pinga era de graça e resolvia "lavar a égua", no que acabava ficando mais bêbado que um gambá. Terminada a festa, montava na "Dengosa", que, sabida como ela só, pegava o rumo de casa e sacudia os cascos para a residência do Zé, que ficava do lado de dentro de uma cerca de arame com cancela.

Chegando à cerca, "Dengosa" empurrava a cancela com a cabeça e se esta estivesse trancada com a travanca pelo lado de dentro, a mula relinchava (ou zurrava; não sei se zurrava ou relinchava) até o Zé acordar, e ele, após abrir a cancela, escanchava de novo e só ia acordar quando ela parava no terreiro da casa, onde, diante do aviso da "Dengosa", o pessoal da casa vinha tirar o Zé de cima da sela.

Mas quando, ao chegar à cancela, os avisos da mula não conseguiam despertar o dono, esta permanecia de pé até que ele acordasse ou que algum passante visse a cena e visse abrir a porteira. As vezes - dizendo o Zé - a mula ficava até de manhã.

O animal voltar para determinado lugar sozinho não faz novidade nenhuma, e quando se viaja com montaria desse feitio, é necessário que a peiem com peia-pé-e-mão e lhe ponha chocalho, senão, no dia seguinte, ela amanhece no seu pasto.

Certa ocasião, indo ao Pintado, fazenda de meu pai, achei de amontar, na volta, numa égua velha que ele tinha e que devíamos trazer para a fazenda Olho d'Água Grande, de tio Dito. De lá, eu prosseguiria viagem na garupa do meu cunhado Moreno, conforme eu fora.

Na saída, houve a prevenção do vaqueiro para não deixarmos a égua à vontade, que ela era danada pra mode fugir de volta.

Foi nada, não. Lá pelo meio do caminho, passou um magote de cavalos no rumo do Pintado, e a égua endureceu o queixo pra voltar, que não havia remédio para segurá-la. Quando tentei dar-lhe um safanão, ela, talvez reconhecendo algum dos animais como pasteiro junto com ela, deu uma negaceada de corpo e, desprevenido, fui cair numa moita de capim, felizmente não me machucando, enquanto a danada correu com a sela, enlotando nos cavalos que passavam, e fiquei escutando seu relincho até sumir nuns brejos lá longe. Para mim, aqueles relinchos eram pura gozação por ter corrido com a sela e me deixado desmoralizado... e a pé. Ela foi bater na porta da fazenda, e o vaqueiro, vendo-a arreada e sozinha, tratou de pegar a estrada com outro animal arreado, alcançando a gente no Olho d'Água Grande.

O caso da égua velha é comum, pois todo mundo sabe que existe animal assim e não é de causar espanto. Mas animal feito o "Turco", de Raimundinho Piauí (que ainda vou contar) e da mula "Dengosa" já é mais raro.

E ainda existe gente que se considera mais inteligente que os bichos
Chamar os outros de burro, muitas vezes, é ofensa. . . mas é pro burro.

A QUARESMA DO MEU TEMPO

liberatopova@uol.com.br

No tempo da Quaresma, era costume fazer-se penitência: jejum, rezas e peregrinações no meio da noite fazendo lamentações nas proximidades dos cemitérios e sepulturas perdidas nas chapadas que circundam São José do Duro.

Na igreja, os santos eram cobertos com expesso tecido roxo em sinal de luto, que era aberto no Sábado de Aleluia, quando a meninada se reunia em grupos e perambulava de porta em porta pedindo arroz, feijão, carne, gordura e farinha, cantando:

*"Aleluia, Aleluia,
Carne no prato
Feijão na cuia,
Fogo no Judas!"*

E após disputada "panelada" debaixo de um pé de manga qualquer, comida que nem sempre saía a gosto pelo número de cozinheiros a temperar e a destemperar o de comer, colocávamos um boneco de pano do tamanho de um homem, amarrado escanchado em cima de um jegue, de preferência arisco e pulador, que era solto no meio da praça, enquanto nós, armados de cabos de vassoura, malhávamos o boneco. Naquelas alturas o pobre do jerico apanhava à meia, com tanto menino querendo tirar uma diferençazinha que vinha dos tempos da Bíblia com o asqueroso Judas.

Mas até chegar o Sábado de Aleluia, corríamos apertados. Por razões lá que não sei, os sinos e as campainhas da igreja eram substituídos por uma escandalosa matraca, com um som enfarento e funesto castanholando na porta de igreja, durante a missa e nas noites de lamentação. Nos dias consinados para lamentação, juntavam-se muitas pessoas, vinte ou mais, e iam, madrugadão, para o cemitério, para a cruz-das-almas e sepulturas solitárias de anjo e pecador entoando cantos fúnebres que botavam de pé nossos cabelos e obrigavam-nos a nos enfiar debaixo das cobertas, quando não achávamos uma costela de gente grande para ganhar amparo e segurança, pois o "plaque-plaque-plaque" da matraca parecia estar batendo era dentro da gente.

Lá longe no meio da chapada, ouvia-se um puxando a reza:

*"Lá vai outro padre-nosso,
Irmão das almas,
Pra Fulano de Tal"...*

Outro do lado de lá secundava, completando:

*"... que morreu de mal-nos-peitos,
Irmão das almas!"*

A matraca tinha seco lá no oco da noite representando a dor do mundo na Quaresma.

Hoje, não temos mais essas coisas, que viraram apenas evocações, e, se a gente pegar a falar muito, acabam é dizendo que é mentira. A Igreja acabou com um bando de coisas: por exemplo, deixou o povo comer carne na Quaresma, exceto na Sexta-Feira Gorda. Naquele tempo, não se comia nem toucinho; quem não tinha gordura de coco, passava a comida magra. Na Sexta-Feira Maior, o povo ficava em jejum rezando e mastigando folhas de laranjeira e raiz de jarrinha e calunga, cujo amargor chega a doer no pé do ouvido.

Hoje, isto é coisa inadmissível. Quem faz isso está sujeito até a virar notícia de TV como fato extraordinário.

Do jeito que o mundo anda, com tanto assalto e violência, bem que me dá saudade - uma bruta saudade - do medo que eu tinha da barulhenta matraca.

A VELHA BONFIM - MATADEIRA DE ONÇA

liberatopovoa@uol.com.br

Certos tipos, que às vezes nem conviveram com a gente por muito tempo, marcam-nos a vida através de passagens e até mesmo de notícias de passagens que a gente ouve contar.

No sertão do Duro, existiu uma figura que se tornou lendária: a velha Maria Bonfim. Não que ela fosse feiticeira, que tivesse uma característica física ou intelectual muito diferente do sertanejo comum. Mas a velha Maria Bonfim tinha uma fama que os homens, com raríssimas exceções, não tinham: era uma caçadora de onças.

Morando - dizem - em terras de Coquelin Leal, na Fazenda Uberlândia, a velha Maria Bonfim acabou com a raça de onças dali, e contam que até a época em que a vi pela última vez, há mais de 40 anos, cerca de setenta onças pintadas (sem se falar nas lombo-preto e suçuaranas) já haviam morrido debaixo das cacetadas da valente velhinha. Naquele tempo, inexistindo o IBAMA, matar onça era, além de um ato de bravura, um grande favor aos fazendeiros, mercê do prejuízo que a bichana dava.

Com meus dez anos, mais ou menos, conheci a velha Bonfim comprando uma ferramenta lá na Loja Póvoa: preta retinta, corpo mediano aparentando miúdo, dentes alvos e perfeitos, ela entrou na Loja Póvoa com seu cambão de cachorrinhos magrelos, todos arranhados por cima das costelas expostas de magreza; segundo ela, eram unhas de onça. Ela contou diversas passagens de sua valentia, com naturalidade de quem matava um carneiro num curral. E negou algumas histórias que lhe creditavam, dizendo que era invenção do povo, mas que na verdade ela havia matado umas setenta pintadas.

Meu pai contara que, certa vez, um senhor morador ali perto do Duro, "Seo" Anjinho, acuara uma onça num pé de puçá, mas a fera se apavorara diante da latúmia dos cachorros e investia contra "Seo" Anjinho, que não teve remédio senão gritar por socorro, no que foi acudido pela velha Bonfim, que açulou os cachorrinhos magrelos em cima da bicha e amiudou-lhe o cacete no lombo, deixando-a estirada debaixo do puçazeiro. E nessa vez, perguntei à velha se ela já havia matado uma onça a cacetadas junto com o velho Anjinho, ela desmentiu:

- Junto com ele, não! Matei junto com meu cachorro, né? O véio correu e só voltô quando soube que a onça tava iscanchelada e morta! - e confirmou, tintim por tintim, a história que eu havia escutado de meu pai.

Tio Coquelin, em cujas terras a velha Bonfim morava, deu-lhe um dia de presente um vistoso rifle papo-amarelo de repetição, para ajudar nas caçadas de onça. Pois o rifle enferrujou-se num canto de sua choupana, porque ela dizia que não sabia “coisar aquele bichado” e que confiava mesmo era nos cachorros no cacete.

Não lhe sei exatamente os métodos de matar onça. Dizendo ela, era biscando o cachorros em riba e amiudando o pau na besta-fera: só sei que quando acontecia de a bichana subir num pé-de-pau, ela encastoava a faquinha na ponta de uma vara e, a modo de chuço, matava a onça sangrando-a.

Há tempos, ouvi dizer que a velha Bonfim largara de mão caçada de onça, embora se sentisse em condições, porque certa vez, andando no piseiro de uma linha de caititus (pois ela não caçava apenas onça), quando se preparou para golpear um deles, o caititu - disse a velha - virou-se para ela e disse:

- O caititu maior vem aí atrás!

Ela tomou-se de verdadeiro assombro, largando ali no mato até a capanga com a muçuraca de pitadeira, abandonando de uma vez por todas a vida de caçar.

Dali em vante, nem onça, nem caititu, nem nada.

Era o fim da matadeira de onça, que assombrou o povo com sua coragice medonha e que se cansou de ganhar cortes de pano e libras de café, em troca da limpeza que fazia nas propriedades infestadas de onça comedeira de gado.

A VISÃO DE BERTO

liberatopovoa@uol.com.br

Um assunto sempre puxa outro. Mas desta vez o assunto é o mesmo de que já contei alguns casos: fantasmas, aparição de defunto.

No mês de junho de 1980 morreu um grande amigo meu, o prof. Carlos Alberto Wolney, o Carlinhos, uma espécie de homem dos sete instrumentos que havia lá em Dianópolis em matéria de educação: foi professor de educação física, de português, francês, história, geografia e outras matérias no Colégio João d'Abreu, sempre carente de professores.

Com a morte de Carlinhos, abriu-se uma enorme lacuna, e o ensino de lá ainda deverá capengar ainda por muito tempo até se recompor da enorme perda. Na época de sua morte, escrevi para a Câmara dos Vereadores de minha cidade, sugerindo uma homenagem ao Carlinhos, dando o seu nome a uma das ruas de lá. Tempos depois, soube, com alegria, que uma das ruas foi rebatizada com o nome de "Rua Professor Carlos Alberto Wolney". Justamente aquela em comprei casa e que passei a morar.

Carlinhos morreu dias após um acidente de carro: levado às pressas para Brasília, faleceu dias depois, baldados todos os esforços médicos.

A vida de Carlinhos era a de um abnegado educador. Como filho, era um exemplo: morava com a mãe, Palmira, que eu e os de minha idade chamávamos de "tia", e jamais deixou de prover-lhe o sustento e o conforto que os minguados salários de professor interiorano permitiam, jamais pensando em casar-se para não ter que dividir com uma esposa o carinho e o conforto dedicado à mãe. Católico, a voz grave e maviosa de Carlinhos destacava-se no coro da igreja, na leitura do Evangelho ou no ajudar à missa, que ele não perdia de jeito nenhum.

Cartas da época, que nem telefone havia, noticiaram-me o sepultamento de Carlinhos, como um dos mais comoventes da história do lugar, e o féretro arrastou a população inteira da cidade, além de muitas pessoas de Brasília, que lotaram ônibus para lhe dar o derradeiro adeus.

Tia Palmira, confortada pelos amigos e parentes, mas não conformada pela irreparável perda, sempre recebia visitas, que de certo modo são aguilhoadas em seu coração com as reminiscências do filho que se foi: gente de fora, gente da rua, gente do mato, que Carlinhos sempre considerou a todos - pobres e ricos, feios e bonitos, brancos ou pretos - com a mesma deferência.

E um dia, lá estava Berto, que morava no Mato Seco e vivia de vender quitandas e misturas na rua. Sempre que ia à rua, Berto passava na casa de tia Palmira, que fica no seu caminho de saída, para tomar bênção e conversar um pouco. Conversar mesmo, não, que Berto não era de conversar: era desse tipo calado, fala mansa, calmo e que só conversava quando lhe perguntavam algo.

Berto estava sentado num pequeno alpendre da casa, próximo à cozinha e em frente ao quintal, enquanto Tia Palmira labutava nos seus quefazeres domésticos, entremeados por dois dedos de prosa, quando a indolência da voz de Berto permitia um breve diálogo.

Dali a pouco, Tia Palmira viu Berto perder a cor, apoiar o rosto nas mãos escuradas nos joelhos pelos cotovelos, e transpirar muito, a ponto de em poucos minutos empapar a camisa. Ela o chamou várias vezes trazendo-lhe algo para beber, a fim de tirá-lo daquele estado de agonia, parecendo uma vertigem. Muito depois, Berto se recompôs e, diante da perplexidade de Tia Palmira, conseguiu falar:

- Era seu fio. Ele apareceu aí nesse lugá e falô cumigo. Ele me pediu mode manda rezá uma missa pra ele. Mas ele quê a missa é cum as rezas véia!

Só Berto vira Carlinhos.

Não se sabe se a missa com as "rezas velhas" deveria ser a missa em latim, ou se com os antigos ofícios e benditos que eram rezados antigamente. Tia Palmira mandou reunir todas as rezas antigas que eram cantadas na missa e cumpriu o pedido do filho.

Quanto à aparição de Carlinhos, não tenho dúvidas: além de conhecer Berto de longos anos, sua reação àquela hora só poderia ter sido motivada por algo sobrenatural.

ADUPLÍNIO

liberatopovoa@uol.com.br

Muitos leitores já conhecem o major Valentim, através de minhas crônicas. É aquele que certa vez comprou um rádio a bateria e, como não soubesse como desligá-lo, preferiu ir dormir na rede armada no chiqueiro dos bezerros para não lhe ouvir a voz, até que a bateria arriasse. Outros se recordam da topada que deu num toco, arrancando a cabeça do dedão do pé, mas deixando-o satisfeito por não ter estado naquele momento calçado na alpercata nova, que estaria sujeita a se desferrar, se calçado estivesse na hora do tropeço. Outras passagens do major Valentim enriqueceram a antologia folclórica lá do Duro.

Mas, morto o velho, cuja esperteza conseguiu ludibriar os revoltosos da Coluna Prestes lá pelos anos vinte, sobraram-lhe os filhos para continuar a antologia. Os filhos, não; minto: apenas o filho, Aduplínio, pois Celina, que compunha o casal único do velho major mais Aleluia, saiu-se muito bem, fazendo seu curso de normalista em Goiânia e voltando, já professora, para morar no Porto Alegre do Tocantins, a algumas léguas, lá pela divisa do município de Almas.

Enquanto Celina se desincumbiu airoso de sua tarefa de professora em Goiânia, o irmão, Aduplínio, amargava longos anos em Belo Horizonte para ultrapassar as barreiras do primeiro ano científico. E como a fronteira para o segundo ano era um nunca acabar, Aduplínio conseguiu engambelar o velho, dizendo-lhe que estava fazendo um curso muito especial e difícil, o "curso de repetência", que o major propalava aos quatro ventos com muito orgulho.

Dizendo haver concluído com méritos o citado curso, Aduplínio voltou ao torrão para, tempos depois, abocanhar gorda herança que o velho deixara aos dois únicos filhos.

Voltando à terrinha, ele chegou todo prosódico e falando difícil, fazendo-se de gente grande e para isto dizia desconhecer (só por pedantismo) todas aquelas coisas com que convivera até ir para a cidade grande.

Um dia, estava na rua almoçando na casa de um conhecido, em companhia de Chico Coelho, conhecido por ser um velho positivo e irreverente. Quando serviram o prato de arroz com pequi, Aduplínio, para fazer-se de gente importante, exclamou, chamando a atenção de todos da mesa:

- Que é isso amarelo aí no arroz?

- É pequi... - alguém respondeu sem entender a indagação de Aduplínio, que se fez de ignorante quanto àquela iguaria sertaneja replicando:

- Pequi? Que gosto tem? O que é pequi? - e alinhou outras perguntas sem cabimento, pois, criado no sertão, não poderia desconhecer.

E Chico Coelho, um negociante de voz espremida e paciência escassa que estava navegando por ali naqueles dias, enchendo-se de raiva com aquelas perguntas descabidas, exclamou até com certo desaforo:

- Não é pequi, não! Nê, não! É seu pai, seu sem-vergonha! É seu pai, porque quem criou você foi aquele pé de pequi que existe até hoje na porta de sua casa, lá no mato! Fazendo-se besta, hem?

Mas a sarabanda de Chico Coelho não corrigiu as perguntas de igual calibre que Aduplínio prosseguiu fazendo para se dizer importante. E na casa do pai, fez-se de não reconhecer quase nada, o que o pai achava natural:

- Que é isto aqui, meu pai?

- E foice, meu filho.

- Interessante. . . - e fazia cara de gentona, para prosseguir a inusitada sabatina:

- E aquele instrumento comprido, ali no canto?

- É um cavador, meu filho... - Major Valentim explicava minuciosamente e com orgulho para o pretinho lustroso e pelintra que lhe voltara importante da capital.

E Aduplínio foi perguntando e caminhando no terreiro, onde havia uma enxada no chão, com a lâmina virada para cima. Reparando aquele instrumento deitado no terreiro, e mostrando-se curioso, Aduplínio caminhou em sua direção e quando ia perguntando ao paciente major Valentim o nome daquilo, pisou na folha da enxada, que veio açoitar o cabo de guatambu bem na testa do curioso inquisidor, que, mordendo os beiços, só teve uma reação:

- Ô, enxada desgraçada!

Como se vê, logo a memória voltou.

ANTONHÃO PÉ-DE-JANTA

liberatopovoa@uol.com.br

Além das reminiscências de criança, devo a Antonhão a inspiração de um conto, com que venci o XIII Concurso de Contos da Universidade Federal de Minas Gerais, em dezembro de 1978, que incluí no meu livro “Besta-Fera e Outros Contos”...

Já me lembro de Antonhão medindo as ruas do Duro, com aqueles pés enormes que lhe valeram o apelido, e cheio de intimidades e compadragens com os influentes da rua.

Na minha concepção de menino, não admitia que ele tivesse nascido, tido infância, crescido como gente normal; para mim, ele já nascera grande, enorme, esquelético, encurvado pela altura, preto, de nariz afilado e com os pezões rachados de tanto trilhar do Fundãozinho pra rua.

Alma branca, Antonhão era uma pomba sem fel, incapaz de levantar o braço contra qualquer vivente. A sua perdição era a cachaça, e a rocinha acanhada que plantava com a mulher, Loura, e a cunhada, Doza, malmente dava para mear a seca, pois antes que as águas chegassem, seu minguado paiol não dava nem para semente do próximo plantio.

Quando bebia, limitava-se a dormir, muitas vezes debaixo das mungubeiras da porta lá de casa, de onde nada o fazia levantar-se. Quando a molecada o via esparrramado no chão, começava a atenzar-lhe a paciência.

- Ei, Pé-de-Janta!

Ele se limitava a levantar com a ponta dos dedos a aba do chapéu de palha, grelar os olhos mortiços e avermelhados de pinga e voltar a dormir.

Quando, porém, a meninada gritava: “Ê-vêm os soldados!”, ele se recompunha e, de um salto, ganhava a Rua dos Rodrigues, rumo ao Fundãozinho. Isto porque, certa ocasião, em conseqüência de uma intriga urdida por Manoel de Joaquininha e Guducha de Genésio, cabo Gregório e João Soldado deram-lhe uma carreira, levando-o perseguido até depois do córrego da Maria dos Reis. Aí, Antonhão passou uma temporada sem voltar à rua, nem mesmo para buscar a capanga de mescla que, no pega-pra-capar, ficara nas mãos de João Soldado, enquanto Antonhão levava no pescoço a marca da precipitada fuga traduzida numa assadura. Tempos depois, esclarecido o engano pelos próprios Manoel e Guducha, Antonhão pôde voltar a freqüentar a rua.

De outra feita, embalado pela pinga e ferido nos brios pela companheiragem, meteu-se a valente (mas só por fora e de longe): quando viu o cabo Gregório surgir na

ponta da rua, tirou o facão "Collins" e mostrou-o, retalhando o ar, como se provocando o cabo. Este, sentindo-se desafiado, pegou um soldado e começou a perseguir Antonhão, que ganhou o beco da igreja e afundou no mundo. O cabo também embecou atrás dele, que, acompanhado da cachorrinha magrela, seguiu ao rumo das chapadas da Abadia, sempre desafiando o cabo: quando via que a distância oferecia segurança, tirava o facão e retalhava o ar enquanto a autoridade parava; era só o cabo fazer menção de seguir, Antonhão tomava a iniciativa. Em certo ponto, um atalho encurtou o caminho dos perseguidores, que, estando-lhe quase aos calcanhares, obrigaram-no a recorrer a um capão fechado, onde se pôs a salvo. Mas só por enquanto, pois os ganidos da cachorrinha conspiraram contra ele, denunciando-lhe o esconderijo, sendo levado pro Duro, onde, após levar um sabão, foi liberado.

Seja pelo aperto passado, seja pela doença, que refletia um folguejar curto no peito seco que nem de passarinho, Antonhão passou uma temporada sem beber, causando estranheza em todo mundo, pois jamais ocorrera aquilo; pelo contrário, a cachaça fizera-o um carro de treitas: ninguém lhe fiava uma agulha enferrujada, se Loura não garantisse o pagamento; ultimamente, dera até para pedir água, beber e, à primeira distração, carregar o copo e trocar por uma dose de pinga.

Mas Antonhão parecia ter esconjurado a cachaça, e até passava de largo pelas bodegas, causando pasmo no povo. Milagre, dizia o povo.

Certa madrugada, chega Antonhão e bate à janela de meu pai, em prantos, pedindo socorro: morrera-lhe o netinho, Erasmo, ofendido de jararacuçu. Mesmo sabendo ser Antonhão um velhaco, meu pai condeu-se de sua desgraça, levantando-se e indo até a loja, onde lhe forneceu uma alpercata arreada e tecido para a mortalha do menino, e ainda fez minha mãe levantar-se de madrugada para costurar uma camisa de madraço e uma calça de brim. Ele agradeceu chorando e prometendo que iria pagar, apesar da fama de treiteiro.

Ao meio-dia, chega à loja um pretinho dizendo-se o neto de Antonhão. Meu pai tomou informações e soube que ele estava bêbado na venda de Joaquininha. E foi até lá, para saber como conseguia dinheiro, pois Joaquininha era famosa por jamais fiar cachaça.

Antonhão trocara a pinga pela mortalha e as alpercatas do neto, que estava vivo e à sua procura.

OURO DE DEFUNTO

liberatopova@uol.com.br

No tempo antigo, principalmente no interior, os abastados enterravam suas fortunas - ouro, jóias e patações - para deixá-las fora do alcance dos aventureiros, ladrões e de jagunços. Inexistindo bancos e cofres seguros, e sendo desconhecida a inflação, o seio da terra era um esconderijo mais seguro do que as burras e os baús.

Era o costume, ninguém estranhava. E com a imprevisibilidade da morte, não raro alguém carregava para a sepultura o segredo que não ousara confiar nem mesmo à mulher debaixo das cobertas.

Diz o povo que defunto que deixa dinheiro enterrado não encontra sossego no outro mundo enquanto não vem de lá oferecer a algum vivente o que deixou oculto, às vezes em locais funestos - taperas abandonadas, cruzes-das-almas, portas de cemitérios, às vezes dentro da própria casa.

Adianta a tradição que no momento do desenterro sobrevêm gemidos, me-acodes, "ai, meu Deus do céu!" e outras aleivosias, que seriam artificios do Capeta para desencorajar o ganhador, uma vez que a alma doadora dele se libertaria no momento em que o ouro deixasse a terra.

Conta-se de muita gente cujo enriquecimento - aparentemente sem causa - é creditado aos defuntos. E dizem que ainda existe muito lugar encantado, pois sendo norma desenterrar à noite, nem todo mundo é suficientemente corajoso para enfrentar o coro de latumias que aparecem na hora.

Lá pelo ano de 1946, eu regulava meus dois anos de idade, meu pai caiu de cama, sendo levado para Barreiras, na Bahia, para curar urna gangrena que lhe roía a popa. Lá permaneceu dois anos penando numa cama sem poder levantar-se, a ponto de assar as costas de tanto ficar deitado. Doutor Salvador, que o assistia, colocava pedaços de carne de boi em cima da ferida para a gangrena comer, e, assim, poupar a do seu paciente, enquanto aplicava injeções diárias da nova maravilha recém-inventada, a penicilina, que ainda era conservada no gelo e quase valia seu peso em ouro.

Inexistindo, na época, os recursos da previdência, os gastos com o tratamento saíam das porteiras dos currais da fazenda, indo, aos poucos, empobrecendo a família. Com minha mãe sempre ao lado, ele ocupava um quarto ladrilhado na casa que alugara.

Conta minha mãe que numa noite, estando ela entre dormindo e acordada, apanhou-lhe uma mulher desconhecida que, mostrando-lhe no meio do quarto um ladrilho solto, mandou que ela cavasse com as mãos a terra e apanhasse uma garrafa de ouro em

pó lá existente. Sob a orientação da estranha mulher do sonho, ela foi lá e tirou sem dificuldade o ladrilho e foi removendo a terra fora, dando logo com o gargalo da garrafa, para dali a pouco retirar o precioso frasco, quase cheio de ouro em pó. No entusiasmo do achado, que iria permitir o tratamento de meu pai num lugar mais recursoro, ela o chamou aos gritos, mas na hora em que o viu levantar-se de súbito - ele, que sequer podia mover-se da casa - ela se assustou e acordou do sonho.

Logo que acordou, reparou que de fato existia o ladrilho solto e vieram-lhe arrepios, quando ela se lembrou do sonho que acabara de ter. Mas faltou-lhe coragem para cavar.

Terminado o tratamento, durante o qual ela até evitava, de puro medo, olhar para o ladrilho, voltaram para casa esquecendo o sonho. Mas, dias depois, a mulher voltou em outro sonho avisando-a de que se ela não fosse buscar o ouro, este seria dado para Dos Anjos, uma senhora amiga da família, residente lá em Barreiras.

Tempos depois, aparece-lhe a mulher para dizer-lhe que o ouro havia sido dado a uns paraibanos chegantes em Barreiras. E não voltou mais.

Soube minha mãe, através de conhecidos, que no quarto onde ela passara dois anos, aparecera um buraco cavado justamente sob o ladrilho solto.

Nas minhas férias escolares, quando eu ia a Barreiras, costumava tomar sorvete no Bar Paraibano, de propriedade de uns nordestinos, que, chegando ali no condição de retirantes, ficaram ricos de uma hora para outra sem explicação.

QUE OS OLHOS NÃO VÊEM...

Liberato Póvoa

O "Guinness Book of Records", que, na falta o que fazer, dedica-se a registrar tudo quanto é espécie de recorde, consigna curioso recorde do pão-durismo: uma tal Henrieta Howland Green (americana, para variar) era tão sovina, que se alimentava de mingau de aveia frio porque era miserável demais para gastar um pouco de gás para aquecê-lo. Ela possuía em apenas um banco perto de 200 milhões de cruzeiros (ao câmbio de 76), mas era tão sovina, que seu filho teve de amputar a perna devido à demora em encontrar uma clínica gratuita. A mulherzinha, que botava o Tio Patinhas no bolso, morreu de inanição deixando uma herança estimada em 95 milhões de dólares.

Acho que este é realmente um recorde imbatível.

Todo lugar tem seu avarento, e a sovynice de alguns chega a ser lendária. Aliás, o próprio mundo da fantasia se encarregou de criar a figura do acima falado Tio Patinhas, que representa o sovina e onzenário no mundo dos personagens criados por Walt Disney.

Saindo do mundo da fantasia, a gente se lembra de vários personagens da nossa terrinha, que marcaram sua presença como agarrados aos tostões.

Um deles era tio Dirico - que Deus o tenha em bom lugar! -, mas fico até com remorso de citá-lo, pois o mais é fama, pois ele era do tipo chamado "controlado", que não era de esbanjar o dinheirinho apurado na venda de umas mantas de carne seca.

Outra pessoa que viveu até o fim da vida segurando com unhas (pois dentes não os possuía mais, para pelo menos não deixar pela metade o dito popular) o dinheirinho da aposentadoria do Funrural: Liberta, que, morando num lugar por nome Ponta da Serra, via-se em apuros, pois sua casa ficava à beira da estrada real e sempre havia alguém chegando na hora da bóia. Pois Liberta, para não despertar a atenção de possíveis e inoportunos comensais, fechava as portas e janelas e comia com a mão, para que o tinir das ferramentas no prato não indicasse que havia gente comendo lá dentro.

Muitos outros são citáveis, mas o recordista em termos de avareza por aquelas bandas era um velho por nome Jerônimo, vaqueiro da Fazenda Caraíbas, que morreu há muitos anos, de sorte que só alcancei a fama.

Uma vez, passando por aquela fazenda, meu pai deu na quadra de aboletar ali por uma noite. Como fazia um frio do capeta, ele pediu ao velho um couro para forrar o lugar de dormida, porque dormir em rede em tempo de frio era um tormento: o vento entra ali pelo punho e acaba é entrevando o vivente.

O velho Jerônimo, embora sovina, era antigo conhecido de meu pai e até freguês da Loja Póvoa & Irmãos. Meu pai era conhecedor de sua fama de unha-de-fome, mas não acreditava que sua sovinance fosse tanta, ao receber do avarento a recomendação no relutante momento da entrega do maldito couro:

- Cê num vai zunhar meu couro, Liberato, senão ele vai perder preço!

Diante daquela recomendação cretina e sem propósito, meu pai, após dizer-lhe um bando de desaforos, dispensou aquele safado obséquio e foi dormir na rede mesmo, enjeitando o couro.

De outra feita, passaram pelas Caraíbas tio Francisco e tia Marieta. Na hora do almoço, veio a velha (que se não era sovina de berço, aprendera com o marido), mulher do onzenário, com uma porção de carne cozida oferecer-lhes e desculpando-se, de antemão:

- Cês desculpa, porque o porco tava magro, mas a carne tá boa, tempera aí direito, que seu gosto pode ser diferente.

Tia Marieta temperou a carne e seu gosto e comeu até arrotar. Tio Francisco, velho conhecedor da dupla de avarentos, desconfiou daquela carne, mas como sempre teve estômago de ema, comia de tudo. Mas enquanto comia, assuntava um couro de jaleco espichado na cabeça de um moirão no terreiro.

Quando, já na estrada, tia Marieta, comentava a gentileza da velha, que, como o marido, não dava água a pinto, tio Francisco deu gaitada e perguntou:

- Você sabe que carne era aquela, Marieta?

- Uai, carne de porco e estava era gostosa!

Aí, ele redobrou a gaitada e disse:

- Nós comemos foi carne de jaleco, mulher! Era carne que eles cozinham pros cachorros!

Tia Marieta só teve uma reação: meteu o dedo na goela e botou tudo pra fora, maldizendo a hora em que parara para almoçar na casa do velho Jerônimo. Quase ninguém come jaleco e a carne desse vivente geralmente se cozinha é pra dar a cachorro mesmo.

OSÓRIO, O COLETOR

liberatopovoa@uol.com.br

Todas as vezes em que passo em frente a um guichê de banco, de loja ou de repartição pública, lembro-me de Osório Coutinho, o coletor do Estado lá em Dianópolis. Paradoxalmente, recordo-me dele justamente porque sua coletoria não tinha guichê, contrariando a praxe desse tipo de repartição. Sua coletaria funcionava num cômodo fronteiro da casa, contíguo ao alpendre de chegada.

Escuro, baixote, risonho, risinho de gargalhada fina, Osório era amigo de todo mundo, passeando sua calma nas pontas-de-rua à procura de algum carregamento de mercadoria com nota branca, para, com seu jeitinho maneiroso de sempre, mandar o contribuinte passar na Coletoria para cortar o talão do imposto, que ele era honesto e incorruptível.

Sempre vestido com camisa branca de manga comprida, Osório era calmo, paciente e de bom trato com as pessoas. Casado com Minervina, morava com eles a irmã, Ambrosina, muito parecida com ele, só diferindo no conversar: enquanto Osório era calmo e conversava baixo, Ambrosina não tinha papas na língua, e sua voz de taquara rachada atravessava a praçona, onde moravam, sendo ouvida do outro lado. Como não tinham filhos, Osório e Minervina criavam o filho de Iaiá Deuselina, o caçula, Zé Leal, que de tanto ser cuidado por Ambrosina, que se enviudara aos 15 anos, passou a ser conhecido por Zé de Ambrosina, até hoje, homem feito. Morando ao lado da igreja de São José, vez por outra a voz de Ambrosina estava interrompendo a concentração solene do vigário, quando irrompia janela adentro o som hilariante:

- Ô, José, vai pegar o urinol, seu murcho!

E Zé, criado corno filho, acabou despertando em Osório o instinto paterno, levando-o a arranjar com Ondina, costureira de boa procedência moradora a cem metros, na mesma praça, um filho, que veio acender no íntimo do coletor a chama da felicidade, e Osório pegou uma revista cheia de retratos de homens ilustres, e escolheu o nome: Charles, para homenagear De Gaulle; mas Ondina, cuja primogênita se chamava Reny, queria que o menino fosse Renivan. Tentou-se uma composição com um Charles Renivan, mas acabou vencendo Ondina, e o menino foi registrado como Renivan, mas conhecido por Charles, como o pai queria e como o chamava.

De pequeno, o menino passou a morar nas duas casas, pois Minervina, apesar de uma inicial e natural repulsa em conviver com aquele bastardinho, acabou aceitando-o

e tendo-lhe muita afeição, talvez para compensar sua esterilidade. Até casar-se, Charles/Renivan gozou de todos os privilégios na casa de Minervina, a quem chamava de Mãe Ina.

Encapetado, o menino pintava e bordava, com o beneplácito de Osório, que se extasiava e nem ligava para as artes do rebento, pródigo em fazer trampolinagens. Mas quando, nas brigas de todo santo dia, o menino levava a pior, Osório não refutava em ir à mais longínqua ponta-de-rua para discutir com o agressor do seu também menino. E diante de todo mundo, não se constrangia em agir meninamente respondendo no mesmo nível aos desaforos:

- Você que é feio, seu moleque atrevido!

Quando o primogênito estava grandinho, e vendo que não houvera reações no lar, Osório arranhou o segundo, Ubiraci, que lhe herdou a cor da pele, passando logo para debaixo da asa da tia Ambrosina, com quem muito se parecia. Bira era os dengos da tia: dormia com ela, comia pela mão dela e manobrava Ambrosina como queria, satisfazendo-se os mínimos gostos.

Por derradeiro, nasceu Zeila, que veio trazer o toque feminino à família. Os três foram criados com a mãe e com Minervina, que lhes deu educação, carinho, afeição, como se eles tivessem brotado de seu estéril leito.

Na casa de Osório todo mundo aprendeu uma lição de coexistência pacífica, da compreensão, e após a morte de Osório Minervina e Ambrosina mudaram-se para Goiânia, carregando Charles, Bira e Zeila. Os filhos dos três chamavam a ambas de vovó.

Finado Osório deixou muitas amizades no Duro. Políticos em visita à cidade costumavam ir à casa dele para bater papo, embora eu nem saiba ao certo que partido ele seguia. Prestativo, vez por outra estava levando uma pessoa ilustre para almoçar ou jantar com ele, o que gerava certa estranheza, pois todo mundo o conhecia como canguinho, que não gastava dez tões, a não ser forçado. E indagaram, certa vez a um médico chegante por que fora convidado para o almoço. E veio a explicação:

- Quando acabei de almoçar, ele, como quem não queria nada, me fez examinar todo mundo de graça: ele, a mulher, a irmã os filhos e até a empregada.

APRENDENDO COM OS BICHOS

liberatopovoa@uol.com.br

Não deixa de ser mistério o sentimento dos bichos. Tenho a impressão de que, se os bichos falassem, teriam muita coisa para nos dizer.

A exemplo de nós, humanos, todos os animais reagem à dor, grunhindo, berrando, chiando, manifestando-se nos conformes de seu modo de expressão. Se jogamos uma pedra num cachorro, ele sai ganindo; aliás, à simples menção de se abaixar para pegar uma coisa, ele já sai correndo. A Ciência, que está sempre buscando explicações para tudo, há muito já cuidou desse assunto, e Pavlov explica esses fatos com suas experiências sobre reflexos condicionados, assim como também explica a aproximação do gato na hora em que ouve o passar da faca no beijo da pia: é sinal de que se vai cortar carne, e sobrar-lhe-ão alguns rebotalhos de pelanca.

Se se observar um carreiro de formigas, principalmente as carregadeiras, poder-se-á ver que, naquele vaivém, algumas param, tocam-se as antenas e prosseguem, dando a impressão de que "conversaram" e deram algum recado.

Quando um bando de macacos ataca uma roça de milho, fica um de sentinela no olho do pau mais alto, com a incumbência de prevenir a chegada imprevista do homem. E quando este burla a vigilância do espião e ataca o bando, o sentinela é "chamado à responsabilidade" e leva exemplar surra de cipó, para aprender a prestar atenção. É o que diz o povo no sertão inteiro por uma boca só.

Também é voz geral - e muitos caçadores afirmam isto - que a guariba, quando está parida ao ser visada por uma arma de fogo, tira o macaquinho das costas e mostra-o ao caçador, gritando, como se querendo mostrar que se ela morrer a cria morre de fome. E nas raras vezes em que ela está desacompanhada do filhote, espreme o leite do peito numa folha e derrama, para mostrar que está amamentando.

Toda fêmea vira uma fera quando alguém se aproxima de sua cria. Certa feita, inventei de criar galinhas no quintal lá de casa, em Dianópolis, que era amplo e murado, e enquanto preparava a mudança para a nova casa, deixei umas galinhas na casa de mãe, e ocorreu que, nesse ínterim, uma chocou. Na hora de carregar as galinhas, ninguém avalia o tanto que penamos para segurar a fúria da galinha de pintos, que avançava na gente feito fera quando nos aproximávamos de sua ninhada.

Não se contam os casos de vacas que, contrariando sua natureza pacífica, botam pra correr o próprio dono, e é comuníssimo ela esconder o bezerro recém-nascido para dificultar sua localização, quando ela pare no mato.

Instinto? Sentimento? Não sei, ao certo. Em alguns casos, creio ser instinto de sobrevivência, mas não posso negar que alguns animais têm sentimento. Que têm, não tenho dúvidas!

Sempre que ia anualmente de férias para a fazenda, o vaqueiro matava uma rês para fazer carne-de-sol. E causava dó ouvir o lamento do gado na hora do sacrifício. Todos os bois e vacas mugem como se estivessem chorando, rodeando o local onde o machado impiedoso caiu sobre a nuca da pobre rês condenada.

E o gado que não se encontra naquele momento no local, ao se aproximar dos restos de estrume e folhas estendidas na beira do curral, faz o mesmo lamento, que corta o coração.

Carmo Bernardes, no seu romance "Jurubatuba", descreve a cena do gado chorando a morte do seu semelhante, de forma tão viva, que é ver o retrato da realidade.

Ainda não soube de um caso em que os irracionais tenham atacado senão tangidos pelo instinto da sobrevivência: é a disputa entre dois marruás para ficar com o rebanho; é o ataque da onça ao gado, para poder alimentar-se; é a zanga da galinha de pinto e da vaca parida de novo para proteger suas crias.

Numa briga entre animais inferiores, não tenho notícia de que uma briga tenha resultado morte como saldo, a não ser em brigas de galo e de exóticas brigas de peixe orientais, assim mesmo porque esses casos têm a cabeça do homem formulando inventivas. Animal mesmo não mata; é privilégio do homem. Animal, que eu saiba, não guarda rancor e não se vingá; quando muito, a gente vê um cachorro que costuma atacar determinada pessoa, mas pode mandar ver, que atrás dessa agressividade está um maltrato qualquer, e a agressividade do cão é mais uma forma de defesa do que uma vingança propriamente dita. O único animal que se vingá é o homem.

Por estas e outras é que acho que os bichos têm sentimento. E com uma vantagem: a não ser para disputar alguma coisa, bicho nenhum briga. E nenhum mata, senão para alimentar-se ou por defesa, pois vingança não é uma coisa que se alinhe nos estatutos dos bichos.

Temos muito - mas muito mesmo - que aprender com os animais, seja de que nação for neste nosso mundo violento.

IGNORANDO OS TROPEÇOS

liberatopova@uol.com.br

Em crônicas anteriores, tenho feito comentários sobre como vive o consumidor em seus apertos, sendo atacado de frente, de lado e até pelas costas, com a ofensiva dos aumentos.

Em janeiro, as coisas já se danam de aperto, porque a entrada de um novo ano parece ser o sinal verde para novos reajustes; nem é necessário que haja motivos: quando não é a falta de chuvas, é o excesso, e o resultado é que primeiro vêm os aumentos; a justificção é de somenos. Mal passa fevereiro, com o nosso lombo descansando e calejando-se com os novos níveis do custo de vida, chega março, que, a exemplo da sistemática de correção monetária, parece que fecha o trimestre reclamando novos aumentos. E, por incrível que pareça, encontram: antigamente era em março que vinha o reajuste do funcionalismo, uma classe que, inobstante já vir levando na cabeça as conseqüências de causas que ela não gerou, passou a ser onerada com nova carga, pois, se o reajuste dos barnabés não vem mais, o costume dos aumentos continua.

Ainda em março, começa o ano letivo, com a gente se assustando com os preços das coisas, as intermináveis listas de material escolar sem se falar nas anuidades, que inauguram o período de preço novo, exigindo, invariavelmente, uniformes novos, porque o próprio crescimento dos meninos impõe roupa maior.

E o ano vai caminhando, e a gente tropeçando nos aumentos do leite, do pão, do arroz e do feijão, porque o da gasolina nem se fala mais; a desculpa é um clichê: desestimular o consumo; mas quem é rico está pouco ou nada ligando que a gasolina suba até o último degrau; ele repassa o aumento para nós, assalariados, que, não tendo para quem repassar, acabamos levando a desvantagem de tudo, racionalizando os percursos, parando o carrinho de levar menino para a escola e de passear nos fins de semana.

Em maio, chega o salário mínimo, que é a comporta maior da represa, desaguando no leito largo do grande rio do consumo considerável massa para aumentar-lhe o volume.

E a escalada de preços vai achando motivo para todas as ascensões.

Com este negócio de mandar menino para a escola ainda fedendo a mijó, cedo a criançada aprende a escrever, e lá vão lápis e papel, apertando ainda mais o cinto que já está no último furo. E como consequência natural da influência de escrever, dos incentivos da TV com seus malditos comerciais, os filhos danam a escrever bilhetinhos a Papai Noel, exigindo até o presente que querem ganhar, obrigando-nos não só a cavar dinheiro, mas também a entrar na conta de mentiroso, pois temos que inventar tudo quanto é espécie de desculpa quando os pedidos estão acima de nossas posses. Alguns danadinhos - não se sabe se instruídos por alguém - já sabem exatamente quem é o Papai Noel, e procuram, de esperteza, o momento adequado para mandar tais bilhetinhos.

Este ano, fizemos lá em casa uma estimativa dos gastos até o fim do ano, de modo a que ficássemos munidos do estritamente necessário e pudéssemos saber das possíveis sobras para os supérfluos natalinos.

Mas quando vi a lista do indispensável, antevi a impossibilidade do Natal previsto, pois na regra de assalariado fazer as contas por antecipação só traz é desespero, sem se incluir aí os aumentos que virão daqui até lá. O dinheiro, a gente sabe que não vai dar mesmo.

E desprezei a lista, inutilizando-a (que remédio!), porque nesta época mesquinha estou com a filosofia do conterrâneo Carmo Bernardes, que vive reclamando, em suas crônicas, as durezas da vida:

- Pra não trazer contrariedade, é melhor a gente ir caminhando sem saber quantos tropicões e estrada tem.

OS ESPÍRITOS DE ATANÁSIO

liberatopovoa@uol.com.br

A sessão espírita de Atanásio, que se realizava em Contagem, a coisa de duas léguas do Duro, puxava muita gente todas as semanas, em busca da cura dos males do corpo, das quebras de feitiço, da arrenegação da bebida, do clarear dos caminhos. Se o povo se curava, não sei; só posso garantir é que o Atanásio se cercava de um mistério e de uma força de sugestão sobre o povo, que deitou fama no município inteiro. Dizem que ele tirava espírito, expulsava quebranto, desmanchava inhacas, benzia o gado pelo rastro, curava atrasos de vida e outras mandraquices sob a orientação dos espíritos.

Respeitado como Atanásio, só Palmeirinha, morador na Garganta, e a antiga Maria Dentão, do Açude, ambos finados. E por causa da sessão que se realizava na casa de Atanásio, Contagem ficou com fama de lugar pavoroso, arrepiante, embora não fosse local de paisagem que inspirasse isto: lugar limpo e meio acampinado, com seus corguinhos rastejando gorgolejantes como se fosse um pedaço de paraíso esquecido por aquelas paragens.

O pavor do povo não era o pavor de Venço, principalmente quando estava cheio de pinga, que Venço não era de virar o juízo com esses negócios de medo de visagens.

Venço morava na fazenda Duas Pontes, de Filuca Seabra, na beira do rio Palmeiras, pra lá do Condeú, já perto do Cajair, quase na saia da Serra Branca, que embeija o Estado do Tocantins com o da Bahia.

Baixinho, nem preto nem branco, tinha uma cor meio-alvaçã-meio-amarelo-barro-de-loiça, corpo franzino, feições esmirradas, mas muito prosista, casado com uma atoleimada, para não dizer mouca, mas tocava a vidinha sacrificosa de tomar conta do gadinho de Filuca nas Duas Pontes.

A cara de Venço era de quem vivia comendo iuiú dos brejos cheios de sucuriú e carne de galheiro daqueles gerais cheios de cascavel, em companhia da mouca taciturna, que não dava o prazer de uma companhia de prosa, obrigando Venço a ir de vez em quando na casa de Porfírio para prosear um bocado comendo beiju de massa na

desmancha ou dar com os costados no Cajair ou no velho Trasíbulo para descontar o longo tempo de mutismo passado ao lado da mouca.

Quando ia à rua, Venço descontava o atraso, enchendo a pança na casa de Filuca, e bebendo uma cachacinha na venda de Almiro de Fortunata e de Joaquininha, passando ali alguns dias.

Um dia, Filuca chamou-o e deu-lhe um bando de coisas para muni-lo do necessário para a tomada de conta do gado: deu-lhe uma carabina, munição, sal e outras coisas imprescindíveis para a sobrevivência nos gerais, que ficavam logo no subir da Serra Branca, onde Venço poderia apanhar o galheiro e defender o gado de Filuca das cobras e onças muito dadeiras de prejuízo.

E Venço, todo satisfeito, gastou uma parte do dinheiro em pinga, e saiu já meio cercando frangos em direção à Fazenda Duas Pontes. Podia esperar para o dia seguinte, mas a cachaça, a carabina e as balas fartas deram-lhe coragem de enfrentar com a mulinha queimada os morros que levaram aos altos da Fazendinha e descambavam na Contagem, o fatídico lugar onde reinavam os espíritos mexedores com gente.

Venço chegou à porta de Atanásio e só escutou o gungunar de gente, a cantoria estranha que o fez parar por um instante e desconfiar que estava sendo realizada uma sessão espírita.

Mais por boniteza e fanfarronice, Venço adentrou a casa e, para espanto de todos, quis mostrar que era corajudo e desacismado, e foi falando, todo metido a gente:

- Quá! Esses isprito atua é n'ocês aí, que ne mim eles num é besta!

O povo benzeu-se e previu algo terrível, pois os espíritos pastoreados por Atanásio eram famosos. Mas Venço, ou melhor, a pinga de Venço, continuou:

- Quero vê se eles é macho de atuí é aqui, ó! - e bateu com a mão rude e calosa num dos lados de seu próprio traseiro.

Nem bem acabou de falar, uma como que força estranha fez Venço se agachar na marra e ele saiu arrastando apavorado, com o traseiro ralando nos tocos de redor da casa de Atanásio, precisando que este saísse às pressas para esconjurar o espírito ofendido, que castigara a língua de Venço.

Após aquele episódio, Venço não quis mais brincar com espírito, e a sessão de Atanásio redobrou a fama, curando gente, desmanchando feitiço, desfazendo inhacas e abrindo caminhos que olho gordo havia fechado.

BARNABÉ

liberatopovoa@uol.com.br

Numa certa época, entre 1925 e 1930, apareceu nas cercanias do Duro uma epidemia de bexiga, que levou quase à extinção seu já minguado povo. Dizem os coevos, que ainda hoje vivem na região, que a epidemia começou quando meu tio Antunim, indo a passeio ao São Sebastião (fazenda a três léguas do Duro), já trouxe Maria, minha prima, com febre e começando a empapucar-se após ter entrado em contato com uns chegantes da Bahia com varíola em adiantado estado.

De Maria, a doença pegou no irmão, Abenílio, e afundou no mundo, causando mortes e mais mortes. Famílias inteiras desapareceram, pois os são iam tomando conta dos doentes; depois adoeciam e finalmente todos estavam acamados, resultando na morte, mais de fome e sede do que do mal terrível e contagioso.

Ninguém se aventurava a ir socorrer qualquer doente, pois o preço de caridade poderia ser a morte. Quando acontecia alguém prestar socorro, gritava de longe (assim mesmo se o vento estivesse a favor) e indicava onde os doentes podiam encontrar comida e água, pois remédios eram só a cachaça canforada para diminuir as coceiras espalhadas pelo corpo empolado, e a creolina, para as bolhas em adiantado estágio da doença.

Conheci a velha Maria Boneca, cega de um olho, que escapou da bexiga; a preta velha morava na nossa fazenda, Santo Antônio, e animada com o alívio que a creolina proporcionara às chagas do seu corpo, pingou também algumas gotas no olho borbuhlado de bexiga para ver-se aliviada. E o desinfetante, que era a felizmência do povo no caso da bexiga, cozinhou-lhe o carço do olho, deixando-a parcialmente cega.

O povo da rua não chegou a sofrer baixa alguma, mas vivia amedrontado, pois de todos os arredores vinham notícias de mortes diárias, e pouco demoraria alguém trazer o vírus a qualquer momento.

Meu pai, que morava na fazenda, ficara viúvo e com os filhos Nélio e Osvaldo ainda pequenos: a bexiga arrastara à cova a primeira mulher, Mariquinha.

Num lugarzinho de população escassa como o Duro da época, morrer quase setenta viventes era um alarme, assumindo proporções de absurdo. Dizem que os urubus e os cachorros rasgavam cadáveres insepultos: os parentes que podiam enterrá-

los não conseguiam levantar-se e os amigos ainda são não se arriscavam a fazê-lo de medo. Só foram enterrados os primeiros, assim mesmo por não se ter consciência do perigo da doença.

No clímax da mortandade, apareceu lá em casa o Barnabé, fiei amigo de família, oferecendo-se para ajudar tio Antunim na Beira d'Água, onde estava todo mundo acamado.

Meu pai tentou desviá-lo do seu intento, dissuadindo-o de todas as fora doença era terrível, matadeira, pegajosa, sem remédio. Mas Barnabé, levado por um sentimento de fidelidade e reconhecimento pela amizade que a ele dedicavam meu pai e tio Antunim, teimava em querer ajudar de todo jeito:

- Eu podia ajudar de algum jeito: um chazinho, meizinha...

- Adianta, não, Barnabé! É trabalho perdido! A doença é pior do que o mal-dos-peitos, pois mata em poucos dias. Vá embora cuidar de proteger você e a família, Barnabé! Vai lá não, homem!

Barnabé quebrou pau no ouvido e não escutou meu pai: foi para a Beira d'Água, onde passou a ajudar meu tio a tratar de Maria e Abenílio, que carregaram para sempre no rosto a marca indelével da doença salpicada no rosto.

Por ironia do destino, de todo o pessoal da Beira d'Água, de onde a doença partiu para matar nos arredores, só morreu uma pessoa. Justamente Barnabé.

BICHO INCONVENIENTE

liberatopovoa&uol.com.br

Tenho visitado muitos zoológicos e conhecido tudo quanto é nação de bicho, desde o nosso mais comum vivente até o mais sofisticado estrangeiro. Mas todo zoológico, por mais completo que seja, deixa muitas lacunas. Ora, é a dificuldade de se criar em cativeiro uns poucos amantes do ar livre; outros pela rareza da espécie, vivendo os poucos remanescentes numa redoma de proteção ecológica; outros, ainda, por razões não explicadas, mais acho, cá comigo, que é por absoluta inconveniência.

Um bicho que sempre é o dono da festa é o macaco, que, criado em casa, se afeiçoa ao dono, a ponto de ficar quase como "gente" da família. Meu avô materno, loiô Benê, era um que jamais ficava sem um macaco em casa para diverti-lo nos momentos de ócio (que no seu tempo eram muitos). No zoológico, então, ele é o palhaço a dar piruetas e a fazer ponto de interrogação com a cauda nos momentos de descanso ou atenção.

Assim como nunca vi zôo sem macaco, desconheço a existência de gambá criado preso. Bichinho incômodo, inconveniente, até que é uma criatura bonita, não morde, não ataca, mas tem trânsito livre no meio da bicharada, que dele foge às léguas mercê da catinga nauseabunda que expele nos momentos de defesa. Tão fedorento é, que se a gente passar de carro em lugar onde haja gambá, o fedor denuncia. E mais: já vi cachorro com as costas peladas do jato fedorento do bichinho.

Há coisa de nove anos, vinha eu de madrugada com a família pelas bandas da Chapada dos Veadeiros, em companhia de um amigo, Valdir Mota (que me ajudava a dirigir). O frio naquele lugar beira ao negativo, e vínhamos com os vidros do carro lacrados, porque uma frestazinha aberta parecia deixar entrar uma facada, de tanto gelo.

Lá pelas tantas (quatro ou cinco da madrugada), os faróis do carro iluminaram um animalejo preto-e-branco, com a cauda basta embandeirada trotando bem faceiro adiante.

Valdir parou o carro e disse que ia pegar o bichinho para criar, pois era filho de tamanduá-bandeira (não sei como ele iria criar um ente que só come formigas). E saiu num pega-não-pega estrada afora, o bichinho se esquivando, fazendo calangreios em sua frente.

Quando se viu perdido, nós só escutamos o barulho característico de um jato e um vapor que apareceu nítido no ar gelado em frente aos faróis do carro.

Estávamos a uns quinze metros, dentro do carro, com os vidros lacrados, mas o fedor foi tão grande, que em questão de segundos chegou até nós.

O Valdir teve de tomar um banho forçado numa grota gelada e trocou de roupa. Mesmo assim, viemos fazendo vômitos até Brasília, distante mais de 200 quilômetros.

Bicho assim é lá nação de animal pra zoológico?

JÁ TIVE MINHAS LADINEZAS

liberatopova@uol.com.br

Francisco de Britto, acadêmico goiano e tocantinense, falecido ano passado, num dos contos de seu livro "Massapê", mostra, com muita propriedade, a esperteza do caipira, por quem a gente nada dá em termos de matreirice. A suposição é a de que a apagada luz de sua leitura significa que o roceiro é besta e cru.

Conta Chico de Britto a história de um sujeito que queria se casar com uma parenta, à revelia de uma regra canônica qualquer, e o padre, zeloso de sua posição de pastor, fincou pé na parede, que não, que era pecado, que não iria permitir, e coisa e tal. O noivo, entretanto, não esmoreceu, e um dia apareceu na casa do padre para dar os nomes, levando uma garrafa branca com bem um quarto de um pó metálico amarelo, para presentear o vigário e tentar amolecer sua natureza. Região rica, povo escondedor de riqueza acobertada por uma miséria até certo ponto proposital, logo o padre concluiu ser ouro em pó. E entre o escrúpulo daquele suborno encapado como presente e a chance de levar uma vida menos sacrificosa dependente de espórtula de batizado e casório, acedeu e acabou fazendo o casamento.

O noivo, todo satisfeito, agradeceu ao vigário, e chegando em casa, tratou de esconder o resto da caçamba de latão que limara e engarrafara para engambelar o padre.

Quando li esse conto, intitulado de "Ouro em Pó", lembrei-me imediatamente de uma ladineza minha na época irresponsável de menino. Como em toda cidade pequena, na minha também tinha uma fazedeira de biscoitos e bolos pra vender. A nossa era Mixula (nem ela, quanto mais eu, sabia por que era conhecida como Mixula, se seu nome era Claudina). E ela fazia bolo-de-arroz pra vender, pagando aos meninos que se dispusessem a sair pela rua oferecendo a mercadoria e gritando:

- Aê, o bolo-de-arroz!

A medida era uma lata de sardinha, que servia de forma para o pedaço de quinhentos réis. Eu vivia doido para comer até uma bandeja cheia de bolo: um bolo-de-arroz gordo, com erva-doce e embrulhado com folha de bananeira, saído do forno, mas meu pai nunca foi de andar facilitando dinheiro na mão de menino: com doze filhos para criar, ele era quem cortava nosso cabelo (cabeça pelada com um topete, pra cortar menos vezes), botava meia sola nas precatas e fazia, ele mesmo, outras coisas, para o dinheiro poder render. Assim, ele não era de fazer agrado de dinheiro, e com razão.

Um dia, engenhoso como era, estava consertando um mosquetão (ou era um rifle papo-amarelo?) e limava uma peça de metal dourado. Eu, ali de atalaia. Foi só ele sair, eu fui ajuntar as limalhas, que recolhi num pedaço de celofane, guardei numa caixa de fósforos marca "Moça". Na verdade, eu nem estava com safadeza arquetetada: era só para "tirar onda" com a turma, dizendo que era ouro em pó.

E mais tarde eu estava me exibindo no meio da molecada, quando encostou o vendedor de bolo-de-arroz a bandeja na mão. Era Dorival Rodrigues, que já cursava o ginásio, mais esclarecido, que logo clareou as vistas pra cima de meu "ouro". Aí (já de molecagem), eu neguei o corpo, bancando o difícil, desconversando, até que, depois de muita conversa, ele "me convenceu" a trocar o "ouro" pela bandeja toda, indo embora só com a bandeja e o guardanapo, enquanto nós nos regalávamos com o bolo-de-arroz de Mixula.

Como se vê, ninguém está escapo de fazer uma ladineza na vida.

BURRO NÃO AMANSA: ACOSTUMA

liberatopovoa@uol.com.br

Como dizia meu conterrâneo Carmo Bernardes ao longo de suas gostosíssimas crônicas: a vida da cidade é emprestada. De fato, volta e meia, o sangue mexe, e sobe na gente uma cegueira de ver sertão, e o remédio é arribar pra lá: pegar a pinha de carrapato miúdo nas capoeiras, atravessar riachos, comer carne de caça (escondido do IBAMA), zanzar à-toa pelo mundo, de pé no chão, descomprometido com o tempo e com as gentes.

Quem nasceu naquele mundão traz na massa do sangue a natureza de sertanejo, sentindo saudade das primeiras chuvas encharcando a terra e exalando aquele cheirinho de primeiras águas; saudade do leite cru ainda quente bebido numa cuia ali mesmo no curral, escutando o berro grosso e gutural da bezerrada; da carne de sol assada num espeto de taboca em cima da brasa pra comer com o pedaço de beiju de massa de mandioca tirada no dia; saudade das conversas cheias de inventivas do sertanejo de língua "estrangeira", de tão peculiar, contando com gestos exagerados histórias de caçada de onça e de pescada nas beiras dos rios e até histórias do trancoso da noite e assombrando corajudos nas esperas de flor de embiruçu nas noites de lua cheia.

Mas tudo é diferente hoje em dia. O tempo de hoje é contado com horários para tudo; hoje ninguém tem mais a resistência de andar montado uma hora, que dirá dia inteiro ou vários dias rasgando distâncias na junta de gado, navegando de sol a sol, para dormir onde os cascos do animal levam e no momento em que a natureza pedir e o corpo reclamar, sem a preocupação de saber o dia e a hora guiando-se apenas pelo sol e pela lua.

Quando morava lá nas alterosas, ia embarcando, na primeira oportunidade que me atravessava à frente; ia de carro, ia de ônibus, ia de avião, que era mais rápido; bem que gostaria de ir num bom cavalo esquipador, forrado com um coxonilho ou um pelego de carneiro cor de abóbora, mas a distância não recomendava: de lá pro meu torrão é chão que dá abuso! A concessão do progresso em cima de rodas é apenas uma concessão, que aceito meio amuado, com coisa de sem outro jeito, mas sem parte de mal agradecido por força da precisão.

Mas se dispensava - por não ter outra valença - o cavalo, por impotente pr'essa distanciona toda, não dispensava a carne seca, a farinha de mandioca, o leite cru no curral, a rede armada na casa dos bezerros, para assuntar a vida passar, o tempo ca-

pengar caminhando devagarzinho ali na minha frente, sem pressa de ver o sol descambar e a boca de noite engolir o mundo.

Sem essas imagens adrede fabricadas no pensar, uma viagem ao sertão perde a graça e fica aguada.

Diz o ditado: "Burro não amansa; acostuma"; é assim - o sertanejo, que saiu do seu casulo e abriu caminho mundo afora para viver uma vida postiça de civilizado. Mas volta e meia, o sangue alvoroça, chacoalha nas veias, a vontade chega, e o negócio é levantar poeira.

Enquanto você, leitor, está lendo estas caraminholas de sertanejo com jeito de acostumado e não amansado, eu me imagino lá naquele mundão, num bem bom, sem relógio, sem rádio ou qualquer liame com o mundo, a não ser a inexplicável folhinha para assuntar o dia de volta. Enquanto me esqueço da vida rebuçado numa coberta à beira do fogo de candeal, para rebater o frio de meio de ano, aqui o mundo está virando às avessas, com estas coisas de horários e compromissos, como este meu compromisso de julgar os outros e às vezes até deixar escrita uma coluna para não faltar na minha ausência, pois, afinal, o leitor também pode até não gostar, mas também acostuma.

OS CANELA

Liberato Póvoa

Conheci bem o velho Sérgio Canela: preto, alto, bigodões, chapéu de couro, dentes perfeitos, vivendo de vaqueirice. Na verdade quando o alcancei, já eram seus filhos que lhe desempenhavam os misteres, bons de escanCHA e perfeitos vaqueiros que sempre foram.

Dizia o povo que o velho Sérgio - homem bom, paciente, cheio de "inhô sim", leal e servil - tinha estranhos poderes: rezador de fama, curava quaisquer males a poder de reza, arrancava dente sem tocar a mão na boca do paciente (apenas com as rezas fortes que sabia), estancava vômitos e outras coisas que a boca do povo fez questão de afamar no sertão inteiro. Contam que o velho Sérgio, desde menino, sempre teve "magnetismo", isto é, poderes estranhos: quando sua mãe pilava arroz no pilão do terreiro, o menino Sérgio ia no lugar onde a velha soprava o arroz, e pegava com as mãos as rolinhas fogo-apagou, que ficavam sem poder caminhar, que dirá voar. Até velho, conta o povo, cobra que Sérgio Canela saltasse morria ali mesmo espichada, sem que ele triscasse nela.

Meu pai, por exemplo, contava que Sérgio Canela, de quem era vaqueiro, lhe sarou uma dor de dente terrível certa vez e de maneira tão eficiente, que o dente acabou virando um caquinho e desmanchando-se com o correr do tempo, mas nunca mais doeu. De outra feita, o vômito do impaludismo de meu pai foi estancado com um cordão de algodão bento passada ao pescoço. E dias depois, como ansiasse por vomitar após uma coisa mal comida, só pôde fazê-lo quando minha mãe se lembrou do cordão (já todo sujo de suor) e o retirou. Ao retirar o cordão, nem deu tempo de ele se preparar, pois vomitou no colo mesmo.

Vaqueiro de meu avô, depois de meu pai, Sérgio Canela deixou uma geração de bons vaqueiros: José, Boaventura (o Boa), Camilo que, por sua vez, se encarregaram de presentear o sertão com excelentes vaqueiros.

Morto Sérgio Canela, guardei mais apego a Camilo Canela, que era vaqueiro de tio Dito e depois de meu ex-sogro. Fala apressada, mãos calosas e quase deformadas do trabalho rude, Camilo nos extasiava com o ponteio de sua viola bem afinada, com que acompanhava as folias no giro pelo sertão na época dos Santos Reis, da Festa do Divino e da Senhora da Conceição. Nas nossas férias, íamos para a fazenda ouvir os casos de Camilo, de quando apanhou dos revoltosos da Coluna Prestes, do fuá das eleições no

tempo do pessidê e da udeene, quando a pinga corria solta e as matalotagens dos fazendeiros catavam os votos que soíam escapar dos currais eleitorais. Passávamos quase noite inteira escutando Camilo tocar viola e contar os "causos" num linguajar rico e cheio de expressões insubstituíveis, mudando o nome das pessoas porque sua língua não dava para soletrar os nomes certos:

- Depois, patrão, esturdia nós fumo ajuntá um gado de Elco...

- Quem é Elco, Camilo? - o nome soava-nos desconhecido.

Ele se ria como se fazendo chacota da gente ou imaginando que estivéssemos fazendo chacota era dele, e respondia:

- Uai, num me diz qui ancê num cunhece Elco!? Elco, home, marido de Dorinha e genro de Dito!

Não dava para entender mesmo, pois o genro de tio Dito era Wellington.

Para homenagear Camilo, meu primo Washington (Osto, no dizer de Camilo), foi buscá-lo no sertão para batizar a filha em Brasília, pois queria perpetuar nessa compadragem uma estima que já era de anos. Em Brasília, Camilo ficou maravilhado: tanto carro, gente nas ruas ("Será que esse povo num tem que fazê? Ê o dia intirinzim pra riba e pra baixo caminhamo?!"). E naturalmente quando uma precisão apertou Camilo ele quis saber onde era "o mato" em Brasília. Mostraram-lhe o banheiro e ensinaram-lhe como puxar a descarga. E uma tarde, Camilo entrou no banheiro e passou quase uma hora: de minutos a minutos escutavam o barulho da descarga - tchóóó - e aquilo causou estranheza. Foram ver: Camilo puxava a descarga, água subia até quase à borda do vaso, e ia repetindo. Ao ser surpreendido explicou:

- - Tava lavano os pé! Mas o diabo dá água some toda hora!...

ORIGINALIDADE CAPENGA

liberatopovoa&uol.com.br

Certa feita, Carmo Bernardes contava um causo escutado na rua, como original, e depois de muito tempo lia a mesma coisa num clássico da literatura mundial, parece que Mark Twain. E manifestava o nosso cronista sua frustração em reproduzir o fato como original. Daí, andar muito vasqueiro com essas histórias de acreditar na originalidade de certos episódios, contados como em primeira mão e, no final, descobrir que são novidades de cabelos brancos.

O povo que conhece a gente que escreve em jornal tem uma pontazinha de vaidade em ver seus casos reproduzidos, se possível com a citação de quem contou. Coisa de auto-afirmação. E às vezes a gente embarca numa canoa sem remo ao sabor da corredeira.

Quando morava em Belo Horizonte, estive no MEC, em Brasília, onde um senhor de Cai-Cai, goiano de Trindade, até muito bonzinho, mas desses cheios de novidades, divertia os colegas de repartição com suas histórias originais. E, diante de tanta coisa que ele dizia ter presenciado ou mesmo ter ouvido dizer que ocorreu com um parente, um amigo ou coisa, passei a espia-lo com um pé fincado no chão e outro na desconfiança.

Ele contava causos de pescaria, de caçada de bicho que ria pros caçadores, de visagens e até de coisas corriqueiras, para deleite dos colegas, e eu no meio.

Meu sobrinho Filon e minha ex-cunhada Telva, um dia, chamaram Cai-Cai e pediram pr'ele contar uns causos, que eu escrevia num jornal lá de Belo Horizonte e às vezes alguma coisa podia ter interesse numa futura crônica.

De início, ele ficou relutante, mas depois parece que se transformou num boneco daqueles que a gente dá corda e não quer parar mais. E lá vem coisa: só faltou Cai-Cai dizer que tinha pegado carona em disco voador, que de assombração arriba e abaixo ele deu notícia de tudo.

Dentre as inúmeras histórias, que me consumiram bons pares de horas só bebendo cafezinho nas costas do Governo, ele me contou uma que teve sua dose de humorismo e originalidade. Ele disse lá onde aconteceu e deu até o nome do pessoal

personagem do inusitado episódio, morador aí pelas bandas de Trindade, se não me trai a memória.

Morrera um fazendeiro e mandaram um caminhão à rua buscar o caixão. De volta, o caixão no meio da carroceria, toparam com um saco-às-costas que ia de a pé na mesma direção. Este abanou a mão pedindo uma ponga. Acederam, e o homem subiu. O carro tocou pra frente. Daí a pouco, começou a chover, e o carona, despercebido de um agasalho, não achou mal nenhum aboletar-se dentro do caixão, até que a chuva parasse.

Mais diante, dois outros bateram a mão pedindo carona, e o caminhão parou. Subiram, e tocaram pra diante, debaixo de uma chuvinha fina de molhar tolo. Viram aquele caixão, mas não deram ligança, pois sabiam da morte do fazendeiro e até iam pro enterro.

Quando o peneirar do chuvisco cessou de tamborilar no caixão, o que estava dentro, alheio ao mundo - como alheios estavam os outros dois da presença de alguém dentro do esquite - levantou a tampa e, vendo aqueles dois sentados na grade da carroceria, indagou:

- A chuva já parou?

Não conto nada.

Foi mesmo que soltar o Capeta em cima do caminhão: os dois com o susto, saltaram do caminhão, que ia às vinte, e se estrumbicaram na beira da estrada, que até a mucuta que levaram deixaram no veículo. Cai-Cai não soube explicar se morreram ou se machucaram, pois as gargalhadas dos ouvintes taparam o fim da história.

Pois bem, escutei aquilo e botei na conta das histórias originais que me contam.

Agora - vocês assumem como são as coisas - estou lendo a Almanaque Sadol 83, quando vejo uma daquelas curiosidades que ilustrem esses almanaques. Sob o título "Defunto de Morte", o almanaque conta:

Aconteceu em Burundi, na África: um motorista de caminhão transportava um caixão a 100 quilômetros de distância para enterrar nele um parente.

No percurso, seu ajudante resolveu tirar um cochilo, e para ficar mais confortável na traseira do caminhão, deitou-se no caixão macio, forrado de cetim. Mais adiante, o motorista parou para dar carona a cinco viajantes. Iam todos tranqüilamente, quando o ajudante, acordando, levantou a tampa do caixão fazendo os passageiros saltarem apavorados, em pânico, para a morte."

É o tal caso. Se a gente vai confiar no que os outros contam, pode dar com os burros n'água. O Carmo Bernardes, pelo menos, foi respaldado por Mark Twain. E eu, que estou na base é do Almanaque Sadol?

MANEIRAS DE FALAR

liberatopovoa@uol.com.br

Quando desço a serra e piso no sertão, passo horas e horas assuntando o modo de conversar do povo, seu linguajar, os trejeitos do rosto, a abundância de gestos largos para explicar as coisas.

E ao reencontrar um conhecido, vem aquele abraço exagerado e comprido, com o bafo do sarro do cigarrão grosso de fumo vazanteiro de corda e o conversar alto, como se a gente fosse surdo ou estivesse a dez metros de lonjura.

Mas é sempre agradável e remanescente cada reencontro, quando se repisam histórias e se relembram passagens que se repetem num rever temperado de expressões típicas que só a gente entende.

De certa feita, estando numa fazendola que eu tinha lá no sertão de Conceição do Tocantins, pude sentir bem de perto a inocência do sertanejo. Discutíamos a distância entre uma fazenda e outra daquelas redondezas. Camilo Canela, vaqueiro ali da fazenda Engenho, afirmava:

- Dá cinco léguas!
- É não, compadre! - replicava outro.

E discutiram bastante, cada um sustentando seu ponto de vista relativo à distância entre o Engenho e a Chuva de Manga, de Dô Azevedo.

- É obra de quase dia inteiro de passo de animal, compadre Camilo!
- Depois - continuava Camilo - Tionilo saiu do Toco Preto de manhã, e antes de meidia tava lá!
- De trote, dá, mas de passo ou de a pé, dá não! - justificava o outro.
- Depois, ele foi de carro de boi.. . - desdenhou o vaqueiro.

Como o vagaroso meio de transporte leva um dia inteiro para comer cinco léguas, se muito, o compadre estranhou:

- Uai, de carro de boi! E foi correndo assim mode quê?

- Foi mode presentá pros fiscal do banco qui tava de chegada na Chuva de Manga.

É que, segundo Camilo, Dô Azevedo relacionara no cadastro bancário um carro de bois com as juntas e, não os possuindo no momento, apelou para Tionílio, que foi correndo levar o carro e os bois antes de inspeção.

E o compadre só pôde completar:

- - Fazê feira cum chapéu dos outro dá é nisso!

o-o-o

Joaquim Velho, da Terra Vermelha, conversava com o povo, que, na sua casa, aguardava o vigário, seu hóspede no sertão.

Em determinada hora, chegaram várias pessoas para dar nomes para casamentos e batizados, aproveitando o padre, que estava em desobriga, e no dia seguinte iria dizer missa e atender o povo.

Chegou uma mocinha com um menino nos braços.

- É pra batizar, filha? - indagou o padre Magalhães.

- É, inhô sim!

- O nome da criança, filha! - ordenou o vigário, caneta em punho, para anotar numa folha de papel.

Ela gungunou lá um nome qualquer, deu o seu, mas embatucou quando o padre pediu o nome do pai do menino.

- Quem é o pai do menino, filha? - o padre já estava impaciente.

A mocinha ficou vermelha, balbuciou alguma coisa ininteligível e acabou ficando sem responder, com vergonha de dizer-se mãe solteira.

Quebrando o silêncio de expectativa do ambiente, Joaquim Velho adiantou-se, explicando em alto e bom som:

- O mínino é fio de capuêra, seu padre!

Estava explicado.

o-o-o

De outra feita, discutia-se a masculinidade, falando-se de meu tio Chico de Bené, que tivera vinte e tantos filhos, e tia Marieta ainda estava nova e forte, apesar de muito parideira; do coronel Abílio Wolney, que falecera na casa dos oitenta e deixara menino ainda nos braços, e de outros que, apesar de casados de velho, como Custódio de Mercê e Jesu, não frutificaram o casamento.

Joaquim Velho, ali de lado, só assuntando a conversa.

Daí a pedaço, a conversa pendeu pra sua banda: cutucaram-no, indagando-lhe sobre sua disposição nesses casos. Ele, fazendo um gesto com os braços, apenas riu, respondendo:

- Quá! Nesse assunto, eu tornei a virá minino!

CAPITÃO SIQUEIRA

liberatopovoa@uol.com.br

Exatamente no dia 28/6/1923 - historia Osvaldo Póvoa, em "Quinta-Feira Sangrenta" - chegou aos sertões de Goiás o capitão Antônio César de Siqueira, para assumir o comando da 49 Companhia de Polícia Militar de Goiás, substituindo, em Natividade (onde tinha sede), ao tenente Pery de Araújo Brito, que se rebelara contra seus superiores, escapando de um fuzilamento sumário mercê de gestões do Dr. Deocleciano Nunes e devido a uma ameaça de nova sublevação da tropa.

O capitão Siqueira assumiu o comando com a especial incumbência acabar com o banditismo no Norte do Estado, especialmente no município de São José do Duro.

Não se sabe de onde procedia esta controvertida figura, que se tornou lendária. Dizem que era de Mato Grosso e, no Rio de Janeiro, assassinara o namorado de uma irmã sua, fugindo para Goiás. Quando uma nova versão do cangaço foi inaugurada em Goiás (com centenas de jagunços, especialmente da Bahia, semeando o terror, a soldo de chefes políticos), o capitão Siqueira foi convidado para a missão de acabar com a jagunçama que para cá afluiu após o massacre de 1919, quando a polícia goiana matou vários chefes de família, importantes, levando os descendentes a contratarem pistoleiros, que acabaram fazendo desmandos desautorizados e por conta própria.

De um momento para outro, Antônio César de Siqueira viu-se comissionado no posto de capitão e aquartelou-se em São José do Duro, passando a morar no casarão do chefe político Abílio Wolney (que se encontrava na Bahia, fugindo de perseguições). Aproveitando-se da casa abandonada, o capitão abriu uma grande loja no cômodo em que funcionava a farmácia. E estabeleceu um estranho e rendoso, senão paradoxal, monopólio-oligopólio comercial: ninguém podia vender, senão a ele, nem comprar, senão dele.

Como chefe militar, ninguém tinha topete de levantar objeções ao seu mandonismo, embora o povo já estivesse desconfiado daquele curioso espécime de militar travestido de negociante, acobertado por um enorme contingente de soldados: "Havia soldados tropeiros, soldados vaqueiros, soldados pagos pelos cofres públicos para o desempenho das várias tarefas que o comércio exige" ("Quinta-Feira Sangrenta", de Osvaldo Póvoa, pág. 136).

Os soldados eram mandados para os municípios vizinhos para comprar farinha, rapadura, cereais, açúcar-da-terra e outros produtos para sortir e empório do capitão

Siqueira, que despachava cargueiros de couro para a Bahia, de lá trazendo outras mercadorias.

Só ele vendia, só ele comprava. Soldado não via a cor do dinheiro, que o capitão se incumbia de descontar nos fornecimentos. O gado das pessoas envolvidas no "caso do Duro" era abatido e vendido, aberta e descaradamente.

Em compensação, ninguém vendia um só palmo de terra ou um bezerro pé-duro sem a anuência do capitão, que para isto extorquia bons e valiosos contos de réis dos interessados na compra e venda.

Dois anos e alguns meses o esperto capitão sugou a região, extorquiu o povo e cometeu arbitrariedades, sendo-lhe debitadas cerca de vinte execuções, todas sumárias e inadmissíveis: a pretexto de garantir a saída de certas pessoas da Vila, principalmente aquelas que relutavam em negociar com ele, iam dois ou três soldados até fora do povoado, e estes mandavam que o escoltado corresse, para, em seguida, atirar-lhe nas pernas. Se escapassem, sorte delas; mas se eram atingidas, caíam e eram sangradas pelos soldados, que ali as abandonavam aos urubus. Isto aconteceu com os irmãos Apolinário e Estêvão Elesbão, Marcolino, Sebastião Frigi e seu filho Horácio Frigi, Manoel Três Paus e outros, tendo sido identificados como matadores de alguns deles os soldados Antônio Rocha, Manoel Pedro e Chico Mourão, capitaneados pelo sangrento Manduca, um sargento que cumpria cegamente as ordens de Siqueira.

Para que o leitor avalie o rombo que o ganancioso e atrabiliário capitão Siqueira deu na economia daquele município, basta dizer que em dezembro de 1925, seu pai, Manoel Siqueira, veio visitá-lo e levou nada menos que 600 contos de réis. Mas, trocando em miúdos: naquele tempo, um conto de réis comprava nada menos que 15 bois erados, de chifre virado! E só fazer as contas: 9 mil bois.

Depois de tudo o que fez, ele saiu impune, deixando uma triste e dolorosa fama, que até hoje é lembrada.

Tempos atrás, nas minhas especulações, soube que Siqueira ainda vivia, velho e caduco, enfurnado lá pelas bandas de Marabá. Mas certamente lúcido o suficiente para recordar-se de tudo o que fez.

ORA SE EXISTE FEITIÇO!...

liberatopova@uol.com.br

Está desaparecendo a figura do feiticeiro. Creio que, mortos aqueles notórios mandraqueiros, que inspiravam terror a toda a comunidade de uma região, ficou mais fácil aos novos manterem-se no anonimato para lograr uma certa impunidade, representada pela proscricção do povo (quem é que quer amizade com eles? Num deslize qualquer uma palavra mal compreendida pode a vaca ir pro brejo, ao se angariar a desavença com tais sujeitos).

Será que existe gente com capacidade de fazer um "malfeito" pros outros?

Não conheci pessoalmente, mas por informações da tradição oral, tipos que pintaram e bordaram no sertão lá meu: Chico Me Dá e sua mulher, que trocavam feitiço - ele a enfeitiçava e ela passava uma semana dormindo; quando acordava, botava um feitiço nele fazendo-o dormir por igual período - num verdadeiro fogo cruzado.

Além de Chico Me Dá e de sua velha, que moravam ali nas Bicas, a coisa de légua do Duro, ficou famosa a figura de Maria Dentão, moradora no Açude e afamosada no livro "O Tronco", de Bernardo Élis como a velha Berandolina, que fazia misérias com seus poderes.

Para rebater os "malfeitos" existiu no sertão o mais famoso de todos os curadores: Joaquim Paraguaio, que era mestre em desfazer tais malfeitos, sendo carregado para muito longe, a fim de desmanchar inhacas e mandingas. Como discípula deixou a velha Maria Segurada, que sempre se dedicou a curar o povo a poder de raízes e força mental.

Tudo parece simples abusão do povo, mas a experiência tem mostrado que existem o "olho gordo", a inveja, traduzidos em forças mentais que os parapsicólogos tentam explicar. Quanta gente que possuía vida estável e equilíbrio financeiro "deu pra trás" inexplicavelmente? Quanta moça rica, bonita e até exigente nos seus gostos de namoro se casou com um indivíduo sem estampa nenhuma, sem nada que justificasse uma louca paixão?! Quantos casamentos se desfizeram da noite para o dia sem explicação nenhuma?!

O sertanejo fala muita coisa para tentar explicar tais fatos: unha raspada na pinga bota qualquer um doido; chá com cabelo de mulher torrado faz voltar namoro, e

assim segue, observando-se sempre que "o negócio entra pela boca, bebido ou comido". Dizem, entretanto, os entendidos, que basta se ter a intenção e se acender uma vela para ocorrer algo de mal, pois se pro mal a gente leva um minuto, para o bem é necessário muito tempo, comparando-se aquele à doença, e este, à cura.

Folcloristas, dentre eles Alceu Maynard Araújo, no seu bem documentado "Medicina Rústica", contam a história da temida Maria Xangô, moradora nas margens do São Francisco, no município de Penedo/AL, que era famosa pelos "malfeitos" que fazia, chegando a causar a morte daqueles não guardavam muito boa avença com ela. E o folclorista cita vários casos testemunhados por moradores transmitidos na comida, na bebida, no cigarro e até no aperto de mão.

Um caso concreto ocorreu em minha família. Meu pai - eu já me referi em um dos meus livros - era cético com esses negócios de feitiço, e chegou a desafiar a mulher de Chico Me Dá a fazer algum contra ele. Casando-se em primeiras núpcias, com pouco tempo sua vida virou um inferno: não havia a mínima condição de convivência debaixo do mesmo teto.

Diante daquela inexplicável mudança, aconselharam-no a consultar um curador. Embora não acreditasse, ele pensou: "Quem está perdido não procura estrada" e nada custava tentar. Foi. E o curador lhe disse que havia um "malfeito" que tinha sido jogado num doce de casca de laranja, prescrevendo-lhe o curador um "trabalho", que consistia em rezar o rosário durante nove dias na cabeceira da cama da esposa. Mais como descargo de consciência do que por crédito ao fato, ele realizou o "trabalho", num período em que a mulher estava viajando para Santa Rita do Rio Preto, na Bahia.

Quando ela retornou, nem parecia a mesma. E viveram felizes, até que ela morreu de bexiga, durante uma terrível epidemia que grassou lá pelos anos vinte e três ou vinte e quatro, deixando-o com dois filhos pequenos, Nélio e Osvaldo, que minha mãe acabou de criar.

Dali por diante, ele passou a acreditar. Eu por meu turno, sigo-lhe os passos, que não sou nem besta, pois tudo o que tem nome tem dono.

ONÇA, ERVA, "TOQUE" E ATOLEIRO

liberatopovoa@uol.com.br

Pelo volume de medicamentos veterinários que a gente vê nas propagandas, é de se presumir o prejuízo que o rebanho, principalmente o bovino, sofre.

Quando eu era menino, não me constava que existisse tanta doença, e, ali na parte do sertão em que vivi, apareciam, vez por outra, doenças, como a aftosa, a gambarra, a caruara, a manqueira, o mal-de-pontas, mas, que me lembre, nunca assumiu caráter epidêmico, à exceção de uma aftosona braba que deu há muitos anos, quase dizimando até a caça: os veados, abundantes nas voltas de serra, escassearam, que não se achava nem pra remédio. Tudo quanto era bicho de casco partido minguou. Forante esta que deu, doença nunca foi o deus-me-livre do sertão.

Os maiores causadores de prejuízo de gado são, tradicionalmente, nos locais brejados, o atoleiro e o sucruíú; nos morros, a erva-café; a onça, nos pés-de-serra, nos gerais, o "toque", e a cobra, em tudo quanto é lugar.

Nos brejos existem certos lugares onde o atoleiro costuma cobrir um boi inteiro, a modo de areia movediça: quanto mais o animal se movimenta, mais se afunda; salvar um animal dum sumidouro desses é obra do acaso: só quando alguém, por sorte, passa por ali, e puxa a rês com o laço atado aos chifres (e, mesmo sendo mansa, ainda não se deu notícia de uma rês que não investisse contra seu salvador, vidrada de ferocidade).

Ainda nos brejos, outro grande inimigo é o sucruíú (ou sucuri), enorme cobrona que vive ensombrada nos pântanos rendilhados de buritizeiros. Ao sentir aproximar-se o animal, a cobrona arma o bote e, no momento exato, laça o animal pelos meios e, conservando a cauda presa numa raiz no fundo do paul, deixa a rês caminhar um tanto e depois puxa-a de volta, movimento que faz, continuada e pacientemente, até que a vítima se exaura em fraqueza, para matá-la por constrição. Já foi encontrado sucruíú com mais de 30 palmos, ou seja, mais de 6 metros, dizendo o sertanejo que chega a engolir um boi inteiro, para depois ficar em longa digestão, com os chifres atravessados na bocarra, ali imóvel, deixando nascer-lhe capim nas costas.

Nos locais morreados, o pesadelo é a erva-café, arbusto da família das asclepiadáceas, que, ingerida pelo gado, intoxica e mata, não sendo de todo um prejuízo

completo, pois se a rês é descoberta ainda viva, ou, se morta, ainda quente, a carne pode ser aproveitada, pois na sangria o veneno se escoar no sangue, e a carne pode ser comida.

Nos pés-de-serra, a onça (antes de se rarear e virar espécie em extinção) costumava devastar as malocas pasteiras nas imediações. Enquanto a suçuarana e a lombopreto acabavam com bezerros, porcos, potrinhos e bodes, a pintada ou canguçu não respeitavam vacas e bois: postando-se em local estratégico (geralmente um tronco ou barranco), acima do nível da vítima, salta-lhe sobre o dorso, crava-lhe as garras nas ventas, torcendo-lhe o pescoço para desconjuntá-lo e, em seguida, sangra-a, deixando-a exangue. Às vezes, deixa-a ali mesmo, vindo todas as noites comer a carniça; outras vezes, principalmente quando está parida, arrasta a vítima até perto do esconderijo, alimentando-se durante dias e ensejando a que ali caçadores se postem de tocaia para dar cabo da terrível comedeira de gado, o que nem sempre é certo, pois parece que a fera tem um sexto sentido e, às vezes, desconfiada, deixa de voltar à carniça. O veneno, que poderia resolver o problema, é arma de dois gumes: quase sempre, o faro dos cachorros é que localiza a carniça, e eles compartilham - em horários desencontrados - do banquete da bichana. Em certos locais, notadamente nos gerais, a onça impera absoluta, fazendo com que fazendeiros - antes do Ibama - promettessem recompensas aos geralistas, que promoviam caçadas nos socavãos das serras e, lá uma vez por outra, aconteciam pegar uma pintada. Quando isso ocorre, é uma festa: o vitorioso caçador levava o couro e a pata da onça para provar - como autêntico troféu - que matara a fera, a fim de receber a recompensa prometida. E a esperteza do geralista, que não é besta nem nada, fazia-o andar com o couro e a pata peregrinando de fazenda em fazenda, com a mesma conversa, e vezes havia quem recebesse várias recompensas. Quando, por acaso, era descoberta a trama, o geralista safava-se muito bem, dizendo que a moça dava prejuízo em todas as rodeanças.

Outro prejuízo muito comum é o "toque", embora pouco conhecido. Na seca, leva-se o gado para os gerais, por causa da vegetação dos brejos. E nas águas, ele retorna do refrigério para as fazendas. Quando chove nos gerais, a água, ao respingar na areia, faz com que esta se impregne nas folhas do capim, que, ao ser comido, enche o bucho do gado de areia, empanzinando-o e causando-lhe a morte. Diz-se, então, que o gado morreu "tocado".

Para prevenir-se, o sertanejo apegar-se às rezas, pois remédio não há para deter onça, acabar com atoleiro e evitar "toque", como se já não bastasse a jararaca, a cascavel e jararacuçu e a tira-peia, que fazem a diabo.

O VELHO VÍTOR, IGNORANTE E BOM

liberatopovoa@uol.com.br

Desta última vez em que estive no sertão tocantinense, não tive a oportunidade de me avistar com o velho Vítor, mercê do corre-corre que sempre encolhe as férias.

Preto, retinto, baixinho, pernas arqueadas como se ele houvesse sido criado no lombo da montaria, pés rachados de tanto andar descalço nos gorgulhos da fazenda Montes Claros, no sertão de Conceição do Tocantins, o velho Vítor morava com a velha Deltrudes, companheira de muitas décadas, também preta e talqualmente idosa como ele.

Acho que ele devia ser lá do limiar do século, pelos causos que contava, acontecidos no tempo do onça, de que ele se dizia testemunha ocular. Uma espécie de cascão cobrindo a pele, à feição de placas de tiririca, era a forma de certidão de sua idade, cheia de experiência, de mansidão, de subserviência e sobretudo de uma ignorância indolente, pois morando há quase cinqüenta anos nos Montes Claros, não tivera sequer a deliberação de adquirir pelo usucapião a terra de que sempre cuidou, a qual lhe garantiria uma propriedade; se Deus não lhe deu herdeiros pela esterilidade do leite, um pedaço da terra, se vendida, propiciar-lhe-ia pelo menos viver como gente e mudar-se do ranchinho, que vivia num cai-não-cai. Enquanto isto, Vítor vinha sendo ilhado por posseiros, que estão agora em cômoda situação, pois estes, sim, é que levaram a sério a escola da esperteza.

Não obstante a idade, que reputava na casa dos quase setenta, o velho Vítor ainda homem de campear seu gadinho ralo espalhado nas enseadas do córrego São Pedro, fruto da sorte na vaqueirice temporona que exerceu por alguns anos.

Sempre que me aventurava a ir dar uma pescada de traíra nos porongos do leite dos córregos que passam lá nos Montes Claros, o velho Vítor se desmanchava em oferecimentos para acompanhar a gente, e se incumbia de consinar os pontos onde havia peixes e de arranjar as iscas mais adequadas, sem se falar nas caçadas de jacu, em que ele mostrava as taperas menos preguiçosas de caça, para que não voltássemos de mãos abanando. Quando falava em paga, ele pulava de banda, que estava ali por gosto, e não atrás de recompensa.

No nosso último encontro, tive a cadência de contar nada menos que dezoito cachorros que ele criava e que o acompanhavam por todo canto, lembrando aquelas célebres matilhas de caça à raposa feitas pelos nobres europeus de antanho. Numa

região sem recursos até para o sustento, os cães não passavam necessidade, pois ele saía para caçar pacas e veados unicamente para alimentá-los. Desta vez, soube que sua matilha dobrara, sendo agora quase quarenta. Contrariando a praxe sertaneja, o bom e resistente velhinho jamais afogou os filhotes, que sempre são uma expectativa de ameaça de divisão do sustento da família.

Seu amor pela cachorrada é tanto, que certa vez uma de suas cadelas pariu no mato, e ao descobrir a ninhada, ele foi em casa buscar um balaio para levar os cãtulos para seu rancho.

Quando retornou, ao contar os filhotes, sentiu falta de um. O velho passou dois dias no mato procurando o bichinho, que àquela altura, devia estar no bucho de algum bicho do mato, que burlara a vigilância da cadela para ganhar um almoço de carne macia. Quase foi para a cama pela perda do cachorrinho.

Deus que guarde, lá no céu, o velho Vítor, com sua bondade, o que é um exemplo para este mundo cheio de malvadeza, enquanto vida teve.

O POVINHO LÁ DE CASA

liberatopovoa@uol.com.br

Lá em casa, perdi a conta do tanto de gente que meus pais criaram: pegavam crianças, ensinavam as coisas, botavam na escola e casavam. Passaram por lá parentes, conhecidos e às vezes até estranhos, que nem sei de que buraco saírem.

A maioria eram moças (pegadas meninas), como Diná, Dulce, Miranda, Maria Corrente e outras. Quando eu era pequeno (e menino lembra-se de tudo), ainda alcancei a velha Rita, já embodocada, curvada pelos anos, tendo morrido - pelas contas que se fizeram - com 108 anos. A velha Rita era quem cuidava de meu irmão Tonho, e brincava com ele pacientemente fazendo do menino o dodói dela, a ponto de ter sido preciso ir "desmamando-o", porque a velha Rita, com seu entusiasmo, estava tratando-o como se fosse menina: fazia bonecas de pano e ficava com as calungas vadiando com ele.

Nesse negócio de criar filhos dos outros, lá em casa existe até a particularidade de ter passado sob seu teto nada menos que quatro gerações: a velha Maria Corrente, mãe da velha Chica, mãe de Maria Corrente Neta, mãe de Nádia. A velha Maria Corrente foi cria de meu avô, e depois de Chica meu pai é quem pegou a incumbência de acabar de criar as três gerações. A bisneta da velha Maria Corrente, Nádia Maria, morou com minha irmã Regininha, "emprestada" por minha mãe, cujo caçula, Deodato, já está com seus mais de 40 anos. E Nádia está com Regininha para a ajuda da criação dos netos.

Forante aquele monte de moças, hoje casadas e com os filhos - uma fieira! - chamando mãe de vó e a gente de tio, lembro-me até de um tal de João Capanga, que se aboletou lá em casa muito tempo e, não desconfiando, foi ficando, ficando, até que meu pai, muito positivo, deu-lhe o breque, pois quem tem filho barbado é gato.

Os filhos foram crescendo, casando-se, esvaziando a casa, e por fim morreu meu pai em 71, e com isto o casarão, que abrigara doze filhos e outras crias, ficou tão grande, que, apesar das reformas promovidas para diminuir espaço, só ganha ocupante quando a gente vai lá de férias com mulher e filhos.

Para quem sempre viveu de casa cheia, a solidão de minha mãe era em parte quebrada pela presença de Nê Velho, cria de meu tio Antoninho e filho da velha Maria Corrente. Há muitos anos, Nê Velho saiu da casa de tio Antoninho e foi lá pra casa, não sei por que razão, falecendo anos atrás com seus quase noventanos e com inocência de menino.

Há uns anos, ela arranhou uma companheira, e ambas se entendiam como se irmãs fossem. Mãe nunca teve natureza de ralhar com os mais de sessenta netos, que vivem botando a casa ao avesso, e dona Evarista, que ela arranhou na Bahia, se incumbia de dar o basta à traquinagem da meninada. Tão certo se deram, que mãe arranhou sua documentação e aposentou-a pelo Funrural. Era a companheira de missa, de conversa e uma zelosa caseira, que nos deixava inteiramente à vontade: antes, minha mãe fazia suas viagens como visitas de médico, e voltava em cima do rastro, preocupada com as galinhas, com as plantas, com a casa empoeirando-se e entregue ao mandonismo dos netos. Há poucos anos morreu-lhe dona Evarista, após mais de duas décadas de companheiragem.

Por fim, com este negócio de ser viúva, sem filhos pequenos, quase sempre minha mãe viaja, porque os filhos estão espalhados que nem filhos de nambu: uma filha na Bahia, uma em Taguatinga, um em Belo Horizonte, o caçula em Porto Nacional e eu aqui em Palmas, os outros moram todos lá mesmo, indo todo dia pedir a bênção e tomar o café das duas da tarde.

Falando em dona Evarista, há uma particularidade na boa, mas positiva velhinha, que nunca cheguei a entender: lê de tudo - romances inteiros - e até critica os leitores de evangelho da missa dizendo que ela lê melhor. Mas não sabe nem assinar o nome.

Numa das últimas eleições, minha mãe pensou em ensinar-lhe a assinar o nome, para tirar o título de eleitor e assegurar mais um votinho lá pro partido dela. Pelejou, pelejou, mas acabou largando de mão. O negócio de dona Evarista era ler; escrever, nem a muque.

O MISTÉRIO DA MINA DOS TAPUIAS

liberatopovoa@uol.com.br

Veza em quando, pego um daqueles livros que li na infância e garro a ler, revivendo aqueles tempos.

Reli, pela enésima vez, "Lendas e Mitos do Brasil", de Theobaldo Miranda Santos, e, entre meia centena de interessantíssimas lendas, há uma que faz parte do folclore matogrossense, de que já me ocupara em tentar uma explicação.

É a lenda da Mãe do Ouro. Diz ele que em Rosário, às margens do rio Cuiabá, morava um rico e ambicioso mineiro, senhor de muitos escravos, os quais eram obrigados a entregar-lhe diariamente certa porção de ouro. Um de seus escravos, ao passar uns dias sem achar uma única pepita, andava triste e cabisbaixo, já antevendo o castigo que lhe seria infligido, quando lhe apareceu à frente uma formosa mulher de cabelos touros que, ao saber o motivo da tristeza do negro, disse-lhe:

- Vá no comércio comprar uma fita azul, vermelha e amarela, um pente e um espelho para mim, pois vou ajudá-lo!

Mais que depressa, o negro cuidou de trazer-lhe o que pedia. Então, ela lhe indicou um lugar onde havia muito ouro. O escravo apanhou sua bateia, garimpou algum tempo e conseguiu uma grande quantidade do precioso e cobiçado metal, levando-o ao seu senhor, para tentar livrar-se do castigo que o aguardava. O patrão, naturalmente, quis saber onde ele encontrara aquele aribê de ouro. Mas o negro se recusou a dizer-lhe, pois a misteriosa benfeitora o prevenira que mantivesse em sigilo a jazida, em troca da permanente cata no misterioso local.

A negativa do escravo acarretou-lhe castigos sob o implacável chicote do feitor, fato que se repetia diariamente, até que o negro, não mais suportando o iracundo senhor, implorou à misteriosa mulher que o liberasse do compromisso do segredo: diante do sofrimento do escravo, a mulher aquiesceu e mandou dizer ao dono do negro que levasse 22 escravos e cavasse até o fundo da promissora mina. Quando o senhor e os escravos estavam lá no fundo do buraco, o barranco ruiu, soterrando todos. Com a morte do senhor, o escravo adquiriu sua liberdade.

A mulher era a misteriosa e lendária Mãe do Ouro.

Esta é a lenda.

Em Dianópolis, formada perto de uma rica mina de ouro, a Mina dos Tapuias (hoje, no centro da cidade, ao lado da Rodoviária), aconteceu um fato parecido no fim do século passado.

Contam os mais velhos que escravos dos donos da mina cavaram profundo buraco, até que toparam com um veio de ouro tão fabuloso, que tinha de ser cortado a machado. Ao começarem a exploração do veio (que, diz a tradição, atravessa a cidade por mais de quilômetro e meio), decidiram paralisar o trabalho para uma estrondosa comemoração na Vila de São José do Duro.

Enquanto a festa animava o povoado, adveio uma chuva, que dava a impressão de que estava voltando a época de Noé. E pela manhã, encontraram o descomunal buraco soterrado e cheio d'água até ao beicho. De nada adiantaram os esforços para a retirada do entulho e dreno da água, usando surrões de couro e ferramentas rústicas.

Passaram-se mais de cinqüenta anos sem que ninguém voltasse a falar da mina. O terreno dentro do qual ficava a jazida foi acabar nas mãos de um dono de boteco por nome Solteiro, cria do meu padrinho João Barbosa. Este trocou a posse do lote com meu irmão Tonho por uma bicicleta velha, achando que tinha feito um grande negócio. Naquela época, beirando 1960, chegava aqui o doutor Irineu de Macedo Soares, do Rio de Janeiro, que se engraçou com o lugar e decidiu-se a passar uns tempos por aqui. E, não sei se sabendo da história da velha mina ou por mero acaso, propôs a Tonho a compra do terreno. E Tonho, ao receber a proposta de quinhentos cruzeiros, não contou conversa: vendeu-lhe o lote, com mina e tudo.

Macedo Soares soubera depois que alguns de minha família tinham se cotizado para tentar recuperar a mina, sem resultado, pois não dispunham de recursos técnicos, e decidiu reexplorar a jazida, com algum proveito, pois parece que o teor aurífero é dos melhores do Tocantins.

Depois que fui embora para Belo Horizonte, não fiquei sabendo mais do resultado da famosa mina.

Macedo Soares foi-se embora há muitos, anos e fiquei sem saber se ele chegou a bamburrar. Dizem que não chegou a achar a fábula de ouro que os antigos noticiam como certa.

Soube que ele passou a concessão de exploração para uma firma do Rio, que andou fuçando por lá, e o resultado é que não ouvi mais falar em sua exploração.

O certo é que ela continua ali perto da Rodoviária, desafiando quem quiser investir em busca da fortuna.

Deve ser coisa da Mãe do Ouro.

O MACACO CAVALEIRO

liberatopovoa@uol.com.br

Certa vez, trouxe lá da fazenda uma fotografia muito peculiar: uma gata mamando numa cachorra.

Quando conto o caso a alguém, normalmente sou acusado de mentiroso, pois todo mundo sabe da rivalidade entre gato e cachorro. E para não me fazer de aumentador das coisas, fazia questão de mostrar o retrato.

Aliás, na fazenda eu soube que num lugar por nome Descoberto, a distancinha dali, havia uma gata rajada que não tinha constrangimento algum em deitar-se ao lado de uma cachorra de peitos balançantes e, folgadoamente, furtava o leite da ninhada que ficava escondida atrás de uma touceira de banana do quintal.

Eu tinha que ir lá buscar uma encomenda de uns beijus de tapioca na mão de Abel, e, como sempre ando munido de uma câmara fotográfica, levei.

Não era propósito ir tirar a foto, pois simplesmente pensei que era lero-lero de povo que não tem o que conversar. Quando estava lá é que me veio a lembrança da gata mamadeira na cachorra. E especulei:

- Onde é que tem uma gata aqui que mama numa cachorra?

Cristóvão, irmão de Abel, achou graça e levou-me até lá. Mandou a cachorrinha deitar-se, e nem precisou botar a bichana no jeito: bastou que a cadela se deitasse, que ela foi, toda fagueira, chupar o resto do leite dos peitos quase secos.

Tão sem vergonha era a gata, como paciente a cadela, que parecia achar gosto no peito, até cochilando com o movimento da gata.

Aproveitei e bati a foto, que até uns tempos estava lá em casa. É pena que não tenha saído muito boa, porque se fotografia fosse meu ganha-pão eu já teria morrido de fome; mas estava para quem quisesse ver.

É o caso de se dizer que o gesto da gata e da cachorra contraria a natureza.

Mas a natureza sempre está pregando peças na gente.

Eu era menino, mas ainda guardo uma vaga lembrança de uma cachorra velha chamada Piratinga que vivia lá em casa. Também lá vivia um macaco, este muito cheio

de regalias, pois, ao contrário de outros exemplos dessa nação de bicho, o nosso não vivia com tradicional corrente atada à cintura circundada por uma correia de couro. Para quem não conhece as astúcias desse bichinho quase-gente, é bom explicar que se ele for amarrado com uma corda ou mesmo com uma tira de couro com fivela, ele tem a deliberação de desatar o nó ou desafivelar a correia.

Isto é só para explicar. Mas vá escutando.

Ao contrário, também, de outros macacos, que pulam para o ponto mais alto quando se aproxima um cachorro, esse era o contrário: quando Piratinga passava perto de seu canto, ele pulava lá de cima escanchando na cachorra, parecendo um vaqueiro.

Mansamente, Piratinga andava com seu esperto “cavaleiro”, o que, de início, causava curiosidade na meninada; depois, a figura daquele minivaqueiro passou a integrar a rotina de lá.

Quando a velha e parideira Piratinga se cansava da carga, já tinha um jeito: deitava-se. Aí, o macaco saía, todo sem graça, e aboletava no seu canto. E sua esperteza era tanta, que, na época do cio, quando Piratinga era cortejada pela cachorrada, a macaco de olhos limpos feito de gente tratava de buscar um lugar mais seguro. Quando havia uma briga de cachorro na rua, e Piratinga tomava partido, o safado do macaco, ao ver a cadela rumar para a briga, tratava de pular fora e ficava só espiando a bagunça, que ele não era nem besta.

Durante muito tempo, Piratinga teve a companhia do amigo em seu lombo; e com a paciência de mãe que várias barrigadas lhe haviam ensinado, suportou o símio sem chiar.

Um dia, houve uma briga de cachorro do outro lado do muro, que se comunicava com nosso quintal por uma abertura no alicerce. Piratinga afinou os ouvidos, localizou o tendepá e galopou pra lá, a fim de tomar parte na briga.

Foi a perdição do pobre macaquinho: o buraco só coube Piratinga. A testa dele bateu no tijolo do muro e ali mesmo ele estrebuchou e morreu, apesar das tentativas de reanimação.

CHICO FARINHA SECA, O ANJO FEIO

liberatopovoa@uol.com.br

Desde meninote, conheci Chico Farinha Seca.

Francisco Muniz Ferreira era seu nome, que só ficou conhecido quando preparavam sua papelada para a aposentadoria do Funrural. Baiano da Barra do Rio Grande, ele morou no Duro há muitos anos, vindo talvez tocado pela seca junto com outros retirantes espalhados pelo município.

Por razões de nascença e de doenças, Chico Farinha Seca era cheio de deformações físicas: cego de um olho, a boca torta e andava todo enviesado, em consequência do reumatismo. Por isso, às vezes lhe faltava firmeza nas pernas levando-o frequentemente a cair pelas ruas. Um defeito nas cordas vocais deu-lhe uma voz de timbre muito alto, uma fala fina. Alguém disse que ele tinha uma falinha seca. E falinha seca aqui, falinha seca acolá, acabou conhecido por Farinha Seca.

Ao contrário do que muita gente pode supor, Chico, fisicamente tão mal dotado, não carregava nenhum recalque, nenhuma frustração pelos seus defeitos: ao contrário, tinha um coração de ouro, uma bondade sem limites, tão grande que seu caminhar desmandiocado e sua feiúra de Quasímodo, passaram a torná-lo até bonito. Sorria até quando o chamavam pelo apelido.

Chico não tinha a mínima noção do valor das coisas materiais, não conhecia dinheiro, mas era capaz de alimentar um papo durante algum tempo.

Como uma espécie de patrimônio da cidade, cuidaram da sobrevivência de Chico: mãos caridosas juntaram documentos e certidões para aposentá-lo. E aposentou-se. E dava todo o seu dinheiro - dinheirinho de pouca serventia para outro qualquer, mas para ele muito - para uma pessoa controlar e assim evitar que ele saísse distribuindo para os mais desgraçados de sorte. E ele conhecia tão bem o dinheiro, que costumava pedir "cinco mil cruzeiros pra comprá um taquim de fumo", outras vezes, recomendava ao "patrão" para fazer uma economiazinha mode comprá uma casa".

Farinha Seca não perdia missa ou novena, principalmente as do padroeiro, São José, e quase sempre carregava com ele o cego Lucas, puxado pelo bastão. Pacientemente, bondosamente, ele conduzia seu amigo cego para a igreja. Seu amigo cego, tal qualmente Chico, estava quase sempre com um sorriso nos lábios (talvez por não

presenciar as misérias do mundo), mesmo nos momentos mais inoportunos, mostrando seus dentes gastos e o olhar apagado fixo num ponto indeciso no ar. E Lucas ajoelhava-se, sentava-se, levantava-se e benzia-se, conforme lhe ordenava seu guia, Chico Farinha Seca.

O dinheirinho que o governo lhe dava mal aliviava suas necessidades, mas Chico sabia e dizia que já era muito para quem não tinha nada. E estando recebendo esse benefício, ele achava que deve repartir com alguém.

- Chico, você não está comendo sozinho! Você está procurando dinheiro acima do normal!.. - advertia seu "patrão".

- Patrão, eu tô ajudando uns pobrezim qui tão precisano muito, coitadinhos! Quem tem alguma coisa deve ajudá, né, patrão?

- Mas você vai acabar é ficando com fome, Chico, pois o pouquinho que tem você divide com os outros...

Chico, com um sorriso na cara amarela e pelancuda, coçava a nuca o respondia:

- É o jeito, patrão! Que é que a gente é de fazê, né?

Todos os domingos, o cego Lucas vinha do Berreiro para assistir à missa na rua. E era conduzido à igreja por um anjo para rezar aos santos. Chico Farinha Seca, o anjo feio, morreu, mas sua imagem ficou.

O LENDÁRIO VELHO SEVERIANO

liberatopovoa@uol.com.br

De há muito eu tinha uma cegueira danada pra conhecer o velho Severiano, de quem o sertão inteiro dizia maravilhas por conta de seus propalados extraordinários poderes: cura de feitiço, "fechamento" de corpo, consertame de vida dos outros, o que atraía gente de tudo quanto era canto, atrás da mezinha pras reimas do corpo e pras amarrações de vida.

Há coisa de quase trinta anos, quando morava em Belo Horizonte, vim ao sertão disposto a localizá-lo e conhecê-lo, mesmo porque queria fazer-lhe uma apurada consulta, que ninguém está escapo de qualquer inhaca botada no lombo.

Durante a Festa do Divino, ali na Conceição do Tocantins, soube que o velho Severiano estava por lá e me encasquetei pra agarrar a oportunidade, indo bater lá, onde botei um camarada pra campeá-lo, pois queria conhecê-lo, a custo do que fosse preciso.

Não demorou muito, apareceu-me na casa onde me hospedara um senhor muito simpático, preto retinto, chapéu de couro ensebado, voz grave e pausada, palavras medidas, e o meu encarregado de busca logo falou:

- Taí o velho Severiano.

Alegrei-me e cuidei de fazer amizade, o que me facilitou o ele ser compadre de meu irmão Nélio, o que me deixou assim como que com o burro à sombra, colocando o lendário velho inteiramente à vontade:

- Vim de longe, meu tio, mais de duzentas léguas, pra conhecer sua ciência.

Ele, apesar de acostumado a receber gente de tudo quanto é oco de mundo, sentiu-se satisfeito, e batemos longo papo, quando fiquei sabendo que estava na época aproximando os oitentanos e que desde os quinze - sem modéstia nenhuma - operava verdadeiros milagres, sendo respeitadíssimo curador, quiçá o último remanescente de uma nação de gente que deitou fama nesse particular.

Como era já noite, marcamos para o dia seguinte o exame que ele, de muito bom grado, se dispôs a fazer-me, pois, com a festa do Divino, o entra-e-sai de gente

atrapalhava. Fui levá-lo no seu pouso, aproveitando os derradeiros retalhos de conversa pelo caminho.

No dia seguinte, ele veio, nem esperando que eu fosse lá: viera pagar o trato; e me recanteou num quarto, meio no lusco-fusco, examinou minhas unhas, encalçou as veias do braço, mediu-me da cabeça aos pés com um barbante de algodão que desenrolou da capanga de couro e sentenciou:

- Nesta sexta-feira que vem, vossemecê tem de ir lá no rancho do velho, mode eu benzê. Vá de dormida. Não deixe de ir, t'ouvino?

E deu o itinerário: depois do Brejo, passar pela estrada tal, quebrar à direita, levando pela frente o morro Testa Branca etc. Resultado: era coisa de onze léguas, para eu poder chegar ao seu rancho, nas margens do violento ltaboca, que se agiganta e esbraveja nas cheias.

Na véspera da viagem, sobreveio-me uma violenta e inexplicável febre, parecendo até que era para me tirar da viagem.

Mas fui, e à boquinha da noite, era a vez de eu pagar o trato. Ele já me aguardava; sua casuca de palha já abrigava um bando de hóspedes, que nas vésperas das sextas-feiras ali chegam em busca de seus poderes, atraídos pela fama do velho Severiano.

Aboletamo-nos - meus companheiros e eu - e jantamos um cirigado, carne de peba e um cafezinho de rapadura pra rebater o tempero, e logo cedo nos deitamos nas redes armadas na sala aberta, onde escutamos histórias interessantíssimas ocorridas com ele, curas miraculosas que ele se atribuía, desmanchação de feitiço e coisas que, segundo ele, estavam passando o quinau nos cientistas.

Pela manhã, no nascer do sol, ele nos acordou e fez as benzeções, os "fechamentos" de corpo e outras rezas, conforme a necessidade de cada paciente, e depois mandou preparar umas garrafadas, com raízes e precedidas de um estranho ritual de dizer um patoá desconhecido, enquanto aguardava que os frascos, expostos ao sol do terreiro, abrissem fervura.

Nessa solenidade toda, só foi nos despachar depois do almoço, e eu carreguei aquelas mixilangas, que tomei um bando de tempo em Belo Horizonte, seguindo as rígidas prescrições e uma dieta que só faltou foi me matar de fome. Não sei nem dizer se fiquei bom, pois, afinal, nem sabia de que mal padecia. Dizendo o velho Severiano, eu precisava de seus remédios, o que é possível, pois, com a trabalhadeira toda que deu, com a raizama arrancada, o mel de tiúba empregado e uma série de ingredientes, era para ele ter pelo menos cobrado o trabalho; e tendo sido de graça (como, aliás, ele faz com todo mundo), tenho a impressão de que algum valor tem.

De vez em quando toava o velho Severiano Barbosa lá ou no sertão, ele me cobrando outra ida lá, "pra mode fechá o corpo", e eu, quebrando o pau no ouvido, ia mornando. Mas como o velho curador morreu sem quebrar a pauta e minguar seus poderes, e eu não pude reencontrá-lo para um novo ritual de "fechamento" de corpo, deve haver alguém que lhe tenha tomado o lugar, como sempre ocorre no sertão.

O "HOMEM GRITADOR"

liberatopovoa@com.br

Mitos e lendas fazem parte da vida do sertanejo. É o saci-pererê, a mula-sem-cabeça, o boitatá e uma infinidade de outros seres fantásticos que povoam a imaginação do sertanejo, sempre crédulo e supersticioso.

Aqui nas minhas bandas do Tocantins, não se sabe o que é o saci-pererê, mas já se fala em mula-sem-cabeça que - dizem - foi amante de um padre. Muito se fala, nos locais ribeirinhos, no negro-d'água e na mãe-d'água, e em todos os pontos do sertão, teme-se o pé-de-garrafa, que a imaginação sertaneja pinta de diversas formas, mas sempre com o pé de solado redondo que faz um rastro semelhante ao fundo de uma garrafa, daí seu nome. O lobisomem, creio que é uma figura que passeia pelo Brasil inteiro, pois até no exterior é conhecido (ou imaginado), temido e retratado nos filmes de terror que desfilam pelos nossos cinemas e pela TV.

Um mito, mais temido que o próprio lobisomem e que a mula-sem-cabeça, é peculiar da minha região e cujo nome nem mesmo consta nos dicionários e tratados sobre folclore. É o canjuri, que o povo concebe como um caixão cheio de ossos que fica rolando nas encruzilhadas e fazendo o barulho arrepiante de tíbias e caveiras na madeira seca, ecoando longe e assombrando os cavaleiros. Se existe similar, desconheço, mas desde menino, tremia de medo do tal canjuri.

Recordo-me também de um ser sobrenatural que assombrava o povo nas madrugadas e que o povo chamou de "homem gritador". Ele gritava na Água Boa e quase simultaneamente nos Machados, no Estreito, no Fundãozinho, locais relativamente distantes para permitir a locomoção de alguma coisa terrena a tempo de fazer suas latumias quase na mesma hora. Dizem que o grito do "homem gritador" era pavoroso, semelhante ao de uma pessoa que estivesse sendo submetida a uma esganadura. O pavoroso berro ecoava nos socavãos dos morros do Bom Jesus, ondeando pelas baixadas e deixando o povo de cabelos em pé. Os mais corajudos e desacismados tremiam ao ouvir o longínquo gritar do misterioso ser invisível. O "homem gritador" chegou a gritar quase dentro da cidade, levando os mais entendidos a acreditarem tratar-se do espírito de algum assassinado.

Uma tarde, meu padrinho Juvêncio estava atrás do cemitério, em cima da cerca de uma roça de mandioca, esperando as cutias que estavam dando prejuízo à roça de meu outro padrinho, João Barbosa. Tarde calma e modorrenta, sol entrando, ele descansou a espingarda em cima das pernas apoiadas num dos paus da porteira, esperando a caça que não tardaria a chegar, obedecendo ao costume de vir roer mandioca no chegar do crepúsculo.

Súbito, a quietude da tarde sonolenta foi violentamente quebrada pelo grito do "homem gritador", que quase o deixou surdo, parecendo que a misteriosa boca estava quase a morder-lhe as orelhas, de tão perto. Um calafrio subiu-lhe à espinha, e ele foi descendo vagarosamente da porteira, para ganhar calma e assuntar que diabo de bicho tinha dado aquele grito horrendo, que de há tempos corria com o povo. Dindinho Juvêncio não era o que se pode dizer valentão e incrédulo nessas questões de assombração, mas estava acostumado a varar matas e pular aguadas de noite atrás de caça ou em cima de um pequiheiro numa espera de veado. Mas aquele grito, se lhe pregou um susto enorme, deu-lhe a idéia de desmascarar o tal "homem gritador" que todo mundo só dava notícia pelo gritar medonho.

Virando-se, nada viu. Mas, em pouco espaço de tempo, ouviu de novo o grito de um lado do carreiro ladeado pelos pés de miroró; gritava de um lado e na mesma hora gritava de outro, de sorte, que o melhor que ele achou foi parar e tentar identificar que engresia era aquela. No meio do mato ralo, ele conseguiu enxergar uma ave semelhante a uma sariema, que dava o medonho grito e pulava para cair adiante, de onde dava outro. Aí, ele se encheu de coragem e pensou: "Agora, vou matar esse bicho e levar pra mostrar ao povo que a assombração é pura impressão causada pelo grito, dessa ave".

A coisa de dois metros, ele mirou a espingarda que catava um galheiro a cem metros de distância e com a qual jamais errava um tiro, e atirou. Ouviu um último grito. Ao dispersar-se a fumaça, só estava o lugar da bala e dos chumbos no chão. O bicho desaparecera, como que por mistério pois um bater de asas seria facilmente notado. Mas acabou-se o mito do "homem gritador".

Em compensação, dindinho Juvêncio começou a passar uma situação difícil dali por diante, precisando sair da cidade, e foi ser motorista do MEC em Brasília, hoje aposentado.

O GIRO DA FOLIA

liberatopovoa@uol.com.br

De quando em vez, dormia perto de nossa fazenda uma folia. Na cidade grande, quase não se conhece folia. Aliás, sabe-se que existe porque o folclore ainda não morreu de todo; ainda existem pálidas garatujas retratadas nas revistas, nos jornais, que mostram manifestações da cultura popular, dentre elas a folia.

Para quem não conhece, é bom que se dê uma noção do que representa a folia, e não esse arremedo que se vê nas reportagens, com foliões enfeitados e bem vestidos, como que adrede preparados para tirar retrato.

Por ocasião de determinadas festas religiosas - a dos Santos Reis, do Divino Espírito Santo, da Senhor do Rosário, por exemplo - o festeiro, escolhido no ano anterior, promove a folia, reunindo um bando de foliões que percorrem o sertão angariando esmolas para o santo da festa. É a ironia de pedir esmolas a quem dela está precisando. Mas o fervor religioso e a força da fé desconhecem dificuldades.

O "giro" da folia dura obra de quarenta dias, sendo ansiosamente esperado, pois nesse período os foliões criam até banha, de tanto passar bem, e os moradores do itinerário disputam o privilégio de acomodar os foliões num pernoite, quando oferecem do bom e do melhor, na suposição de que agradando à folia estão agradando o santo. Existe até o cântico do "Agasalho", entoado ao som de caixa (tambor), dos pandeiros e da viola, através do qual os foliões, chegando à porta da fazenda, pedem agasalho, com o alferes pedindo vênia com a bandeira cortando o ar.

O mais pobre dos sertanejos sacrifica o último bacorinho, a derradeira galinha poedeira e consome todo o mantimento restante no paiol para tratar bem a comitiva que lhe trouxe o privilégio de abrigar por uma noite a bandeira da misericórdia.

De manhã, repete-se o "beijamento" da chegada, o alferes percorre todos os cômodos da casa, para depois cantar o agradecimento e sair com a folia rufiando a caixa estrada afora, até que os ouvidos piedosos percam o som dos mensageiros da bem-aventurança, que prosseguem o "giro", deixando atrás uma família como que bafejada pelo espírito sagrado, por ter agasalhado o santo, representado por aquela bandeira

enfeitada de fitas coloridas e rendilhada de notas de dinheiro que mãos trêmulas de emoção ali pregaram com alfinetes e até com espinho de tucum..

Na passagem da folia, os moradores oferecem gado, galinha, porco e outros animais para o santo, muitas das vezes cumprindo promessa, e no dia da festa, esses bens são leiloados e do dinheiro destina-se uma parte para promover a festa, custear as despesas do padre e o resto é simbolicamente depositado no cofre da igreja. O gado, não raro, é sacrificado para ser desmanchado em churrasco ou distribuindo à pobreza, de acordo com a promessa de quem dá. Corre muita pinga, e às vezes surgem arranca-rabos pelo excesso.

Nos tempos bons de Dianópolis, as folias, que sempre terminavam em cantoria na igreja, onde foliões entoavam as últimas catiras e dançavam as últimas rodas, estiveram em recesso por longos anos, porque, no entender do padre - dizem - era desculpa pro povo beber cachaça às custas do santo, explorando a fé popular.

No meu retorno de Minas, vi com alegria que estava se restaurando a velha tradição das folias, que se multiplicam pelo sertão, levando ao mais longínquo casebre de beira de serra o baticum gostoso da caixa e aquela esperança de melhores dias.

Bem verdade que o povo, durante o recesso das folias, só respeitava a decisão do padre no tocante a entrar na igreja, e continuava a comemorar a tradição, com "giro" e tudo, mas havia sempre um sentimento de clandestinidade.

Anos atrás, em Conceição do Tocantins, assisti à reabilitação da folia, quando se restaurou oficialmente a bandeira da misericórdia, sob vivas e lágrimas da igreja cheia.

Corre uma superstição antiga, de que morre um folião em cada "giro" da folia, o que não intimida e em nada diminui o entusiasmo para o ano seguinte. Acredita-se mesmo que o folião foi chamado pelo santo.

O que ocorre, na verdade é que o sertanejo, mal nutrido e com o estômago acostumado com rapadura e farinha, excede-se nas comilanças fartas e gordas e acaba sucumbindo com problemas de indigestão, de tanto comer.

O GANHADOR DA LOTECA

liberatopovoa@uol.com.br

Certa vez, escrevi uma crônica sobre doutor Manoel Dias Pinheiro e seu irmão, doutor Alceu, primeiros médicos do Duro, que erradicaram daquele sertão a mentalidade de que leite com manga é veneno, mel de abelha com melancia é morte certa, ovo com cachaça azul o couro da gente, e outras bestagens.

Ambos voltaram pro sul de Goiás: doutor Alceu esbarrou no meio do caminho, em Brasília, onde mora até hoje; doutor Manoel, não sei ao certo, mas deve ser lá pelas bandas de Goiânia, após passar boas quadras de tempo pelas rodeanças de Campos Belos. Ambos, trazendo no sangue a vocação da criação de gado, possuíam fazendas nas cercanias da capital goiana.

Doutor Manoel, vitorioso na vida, todo fim de semana ia para Caldas Novas deliciar-se com a tepidez das águas da Pousada para esquecer-se um pouco das lidas ambulatoriais e do corte do bisturi.

Um dia, o vaqueiro do Dr. Alceu - um negrão alto, fornido, assim meio falto de dentes, pés rachados, mas prestimoso como ele só - pediu ao Dr. Manoel que o levasse numa de suas idas à Pousada do Rio Quente, de que tanto ouvira falar, pois queria conhecer o tal lugar.

Dr. Manoel, sempre dado a satisfazer a vontade do povinho com quem conviveu no tempo de menino, aquiesceu, prometendo levá-lo na primeira oportunidade, prevenindo-o de que levasse um calção para poder banhar-se nas tão famosas águas.

No dia aprazado, lá se foi o vaqueiro, com o Dr. Manoel, trazendo sua muçuraca de viagem num sapicuá de mescla azul e até uma pequena matula num bocapiu, pra mode fazer uma boquinha na viagem.

E rumaram para Caldas Novas, onde ao redor da água formigava de gente: turistas, gente rica, rapazes e crianças fazendo verdadeiro alarido, escritinho maritaca no goiabal ou periquito na manga, deixando o negrão bestinha com o movimento.

Abobalhado, sem saber o que fazer, o negrão supunha que a Pousada fosse um porongo de água quente, mas não um poço tão concorrido: supunha-a um daqueles peraus de beira de serra onde a gente banha é pelado. E a presença de tanta gente nagrejando na beira d'água inibiu o vaqueiro, que se limitou a ficar assuntando aquele povaréu medonho formigando, com a meninada salpicando chuviscos pra cima e moças e rapazes pulando do trampolim que encimava a piscina.

- Cumequiá, rapaz, vem ou não vem? - lá no meio da piscina, o Dr. Manoel animava o negrão.

Como o vaqueiro amou na sua inibição, o Dr. Manoel enterrou nele umas três ou quatro talagadas de pinga, deixando-o espiritado, para voltar a incentivá-lo:

- Vamos lá, rapaz, larga de frouxura!

Estimulado pelas doses de pinga, o negrão desacochoou a fivela do cinto, arriou as calças, ficando só de calção, o que não deixou de chamar a atenção dos circunstantes: era um calçãozão feito de saco de açúcar, que ia quase aos joelhos, mais tirado a ceroulas que a calção de banho.

E tchibungou n'água, cuja quentura o deixou entusiasmado, a ponto de desaparecer toda a inibição, e o vaqueiro passou a pular do trampolim – tchibum! - no meio do povo, batendo com as mãos e os pés, assustando as crianças e afastando os mais sérios banhistas. Estava à vontade. Tão desinibido ficou, que passou às raias da inconveniência: quando pulava do trampolim e voltava à tona, o pesado calção lhe ficava nos joelhos, e ele, sencerimoniosamente, se limitava a sungar o calção-ceroula, escandalizando o pessoal, que em questão de minutos, deixou a piscina, ficando ali apenas o solitário e entusiasmado banhista, espadonando água para tudo quanto era canto, metido num calção de elástico pouco confiável, que nem sempre permanecia na cintura após cada mergulho.

Quando Dr. Manoel viu que alguns começavam a ensaiar um protesto em nome da moral e da conveniência, espalhou no meio do povo que o negrão havia ganho sozinho uma fortuna na loteria esportiva.

Quando a notícia se difundiu, tudo se modificou: logo, chegaram sorridentes desconhecidos e carregaram o negrão de pés rachados pruma das mesas onde ele, entre doses de uísque importado e bebidas finas, dava gostosas gaitadas, mostrando a bocarra escassa de dentes.

Bebeu à vontade, sempre rodeado de bonitas moças, algumas das quais até insinuando um romancezinho interesseiro.

Quando terminou o passeio e voltaram à fazenda, Dr. Manoel indagou-lhe se havia gostado da Pousada.

- Ixe, dotô, o povo de lá é danado de bom! Me dero inté bibida fina!... Tô dôidio mode voltá!

Se Dr. Manoel o levaria de novo em outro fim de semana, não se sabe, pois era preciso inventar outra mais forte do que a da loteca para justificar a inconveniência do seu palafreireiro no meio do povo.

O FIM DO MUNDO

Liberato Póvoa

Aproximava-se o ano 2000. Os supersticiosos começavam a agitar-se inquietos, com a história de que "o ano 2000 não chegará", levando 1999 como presumível limite da existência do mundo.

A Bíblia narra a história de Noé, que todos conhecem como o fim do mundo, isto é, o primeiro fim do mundo, lá pelo quarto milênio antes de Cristo. Segundo o livro da Gênese, após ter sido Noé escolhido como o único justo a merecer a sobrevivência, este entrou na gigantesca arca com toda sua família, salvando-se da catastrófica inundação que varreu da face da Terra homens e animais.

Foi-nos ensinado, nas aulas de História Sagrada, que aquilo foi o "fim do mundo", coisa que já se cristalizou como dogma. Ao texto bíblico alguns "entendidos" acrescentaram, por conta própria, que, diante do pacto celebrado, entre Deus e Noé de que o mundo jamais voltaria a ser destruído pela água, o próximo fim do mundo seria pelo fogo. Para assombrar ainda mais o homem, o Apocalipse traz aquelas pavorosas predições.

Não há dúvida de que a Bíblia está cheia de verdades e de belíssimas passagens de profunda sabedoria, como os Provérbios de Salomão, os Salmos de Davi e o Sermão da Montanha, mas também não se pode negar que há mais simbolismo do que revelações explícitas. A prova disso está nas parábolas. Assim, é fácil deduzir que o Livro dos Livros é passível de interpretações, como vemos nas parábolas do semeador, do filho pródigo, do joio e do trigo, do grão de mostarda, da ovelha desgarrada e muitas outras.

Voltemos ao fim do mundo, que, dizem, seria vesperando 2000. Nada havia que justificasse que o mundo fizesse "puf!" e se acabasse. O que pode acabar é o homem, e voltemos à Bíblia com a história do dilúvio para demonstrar isto.

Existe um livro muito interessante, escrito com base em pesquisas científicas, que estou sempre folheando, devido a suas explicações lógicas para os fatos mais controvertidos. Trata-se da obra "E a Bíblia Tinha Razão", de Werner Keller. A edição que tenho é de 1964, da Melhoramentos, e creio que não haja sofrido alterações. Nas suas

383 páginas há explicações científicas para os pontos mais misteriosos, como dilúvio, Sodoma e Gomorra, a viagem à Terra Prometida, vários milagres e muitos outros assuntos do Antigo e Novo Testamentos.

O livro dá a explicação para o primeiro "fim do mundo", o dilúvio. Sabe-se que no ano 4.000 a.C., a população do mundo conhecido concentrava -se na Mesopotâmia (o Iraque de hoje), nos vales dos rios Tigre e Eufrates, que desembocam no Golfo Pérsico. Aliás, aquele lugar tem sido considerado como o berço da humanidade, que começou com os sumérios e acádios, vindo depois os assírios e caldeus, muito antes de Abraão e Noé.

Uma expedição comandada pelo explorador inglês "Sir" Charles Leonard Wooley, após exaustivas buscas, conseguiu reunir informações científicas seguras de que ocorrera ali, por volta do ano 4000 a.C., uma gigantesca inundação que estendera por 630 km de comprimento e por 160 km de largura, cobrindo todo o nordeste do Golfo Pérsico. Escavações posteriores mostraram camadas de limo e cacos de cerâmica que provam a existência da catastrófica inundação. Como ali se concentrava toda a população do mundo, este acabou mesmo, embora tenha sido um acontecimento local. Sobre a arca de Noé, que garantiu a sobrevivência da espécie humana, os habitantes da aldeia de Bayzit, no sopé do Monte Ararat, na Armênia, contam a história de um grande navio de madeira encalhado no cimo daquele monte, o que confere com a Bíblia (Gênese, 8:4).

Não é de estranhar que começassem a criar um clima apocalíptico para o fim de milênio. Nostradamus, o mais célebre dos futorólogos, anda assombrando meio mundo com duas funestas previsões, deixando nós, brasileiros, aliviados, ao dizer, em outras palavras, que o Brasil será o celeiro do mundo, quando este se acabar. Pelo menos não acabará pra nós.

A passagem do ano 999 para o ano 1000 foi um pesadelo para a humanidade, pois diziam que o mundo não iria "emplacar" o ano 1000. Houve corre-corre, confusão e morte, mas o dia seguinte amanheceu ensolarado, igual aos outros.

Enquanto alguns perdem o sono com estas histórias de fim do mundo, prefiro perder o meu preocupando-me com outras coisas, pois, para mim, o que está virando "o fim do mundo" é esse custo de vida, que não há quem dê jeito.

O ENTRUDO E OS CARETAS

Liberato Póvoa

Quando o Carnaval está chegando, já começa a festa que leva o ser humano a regredir aos costumes bárbaros dos tempos desregrados da Roma em decadência.

Sim, porque os dias de folia, que deveriam ser dedicados a uma diversão sadia, descambaram para uma falta de vergonha oficializada e uma violência descomedida, diante dos olhos compassivos das autoridades, que até estimulam os acontecimento mobilizando homens para garantir a normalidade do evento.

Antes existia o lança-perfumes, que em muito boa hora alijaram do Carnaval. Mas permanece a bebida sem limites e a senvergonhice nos tais cordões e bailes carnavalescos.

Podem pensar que sou um quadrado, um indivíduo anacrônico, que em vez de ter nascido nos tempos imperiais, veio a furo em pleno século XX. Mas não: diversão é diversão, bandalheira é bandalheira, safadeza é safadeza, e muitos foliões costumam valer-se do Carnaval para promover o que bem entendem em nome da diversão, praticando atos que, em condições normais, não praticariam. É uma questão de bom senso criticar tais abusos.

Carnaval gostoso era o do interior (digo "era", porque o vírus da evolução já chegou lá, contagiando tudo). Nos dias momescos, o mais importante era o entrudo, que os jovens de hoje desconhecem, por ter caído em desuso, à exceção de algumas cidades do sudeste tocantinense. Nos três dias de Carnaval, os homens molhavam as mulheres, e estas, aos homens. Nós, meninos, nos muníamos de latas de folha de flandres e seringas feitas de taboca e saíamos catando as meninas, ante o protesto daquelas que iam bem vestidas o faceiras pela rua. Quanto maior fosse o protesto, mais alegre era a brincadeira.

Havia gente que ia para a fazenda durante o entrudo, com medo de água fria. E no meio da brincadeira, ninguém escapava: às vezes, havia gente de fora, hospedada na pensão de Gustavinho (a única, naquela época) e quando estranhava aquela brincadeira esquisita, já estava feito pirão, com a roupa grudando no corpo. Certa vez, junto com a molecada da mesma idade, cerquei uma menina desconhecida perto do mercado em construção, e me encarreguei de subjugar-la, enquanto a turma fazia a festa da molhação.

E o negócio quase que deu água pelas barbas: o diacho da menina era filha de uns ciganos, que, diante da arenga da merdinha, andaram caçando a gente até com ameaça de espingarda.

Mas era um tempo bom, gostoso, irreversível.

O tom mais grave dos dias de entrudo (os dias do Momo não eram conhecidos por Carnaval, mas por Entrudo), ficava por conta dos “caretas”, figura que ninguém mais conhece, a não ser pela sua menção em alguma canção, como a de Caymi ("Boi, boi, boi/ Boi da cara preta/ Pegue esta criança/ Que tem medo de careta").

Para se transformar em “careta”, um homem vestia-se de mulher, de mendigo, ou colocava uma carocha, botava na cara uma horrenda máscara para se tornar irreconhecível e saía na rua com um chicote, dando lapadas nas pernas da gente sob uma algazarra geral. Havia até “caretas” certos: um deles era Bolacha, marido de Michula, que de tanto correr atrás da gente, ficamos nutrindo por ele um medo excomungado, mesmo sem a indumentária e o chicote. E Bolacha se divertia, dizendo que era capador de menino. Outro “careta” de quase todo ano era dindinho Juvêncio, facilmente reconhecível porque era magro e alto. No dia em que ele era o “careta” eu folgava, pois sendo meu padrinho só batia nos outros, e eu ficava todo importante, seguindo-o de perto, com a invejável prerrogativa de ser "amigo do careta"

Carlinhos de tia Palmira tinha uma espécie mais amarga de susto engatilhado para assustar a gente: uma vez, ele vestiu uma roupa do Capeta, com chifres, rabo e tudo, e saiu assombrando o povo nas pontas de rua, tendo causado até desmaios. Sua aparição dava mais medo do que as lapadas de Bolacha em nossas pernas.

Mas o que é bom e sadio acaba-se logo, para dar lugar a inovações, nas quais prevalecem o mau gosto, a libertinagem sem freios, o sexo, a bebida, as drogas.

E a grande maioria dos crimes que ocorrem durante o Carnaval atesta esse desregramento, pois aproveitando o clima que se estabelece, muitos já se colocam deliberadamente em estado de irresponsabilidade para praticá-los.

Já é tempo de voltar um pouco ao passado para correr-se dos “caretas” e perseguir meninas com uma lata d’água nas mãos, num divertimento sadio que precisa ser reavivado, ressuscitando uma tradição que no Brasil inteiro foi sepultada pelas malfadadas inovações do novo Carnaval.

COISA BOTADA

liberatopovoa@uol.com.br

Há coisas que a gente fica sem entender por muito tempo. Uma delas é a faculdade que certas pessoas tem de prever situações futuras, uma espécie de premonição como o velho Severiano, que morava às margens do córrego Itaboca, lá no sertão de Conceição do Tocantins.

Para tentar fazer meu cunhado, Moreno, largar a pinga, levaram-no até o velho Severiano para, como curador, arranjar um meio de ele se afastar do maldito vício. O velho, meio tirado a misterioso, conversou com ele e disse categoricamente:

- Isto foi coisa botada!

E recomendou que ele fizesse um determinado trabalho, que nem sei qual foi mesmo. Curioso, Moreno indagou-lhe quem fizera aquilo, transformando-o num pinguço, se antes de se casar ele não bebia. Como de costume, os curadores nunca declinam nomes, mas mostram os meios pelos quais se revelam os mandraqueiros responsáveis. E informou-lhe que logo após fazer o "trabalho", ele saberia quem era o culpado, pois este seria alvo de uma perseguição policial.

Moreno ficou sem acreditar, pois naquele ermo, que nem polícia havia, como poderia alguém sofrer perseguição, ainda mais que todo mundo era pacífico, não havendo a mínima probabilidade de crime, quanto mais perseguição por uma polícia que sequer existia?

Mesmo assim, ele se prontificou a fazer o trabalho, que seria num determinado ponto da Água Boa, a coisa de meia légua da rua. No local, malmente acabou de seguir as instruções do velho Severiano, notou que passava uma chusma de soldados no rumo da Santaninha, onde morava um fazendeiro muito conceituado, até compadre de meu pai, homem de vida misteriosa e hábitos rígidos, o qual, mercê de ser eu amigo da família, acho melhor não lhe dar o nome, por não ser de bom preceito mexer em nome de gente amiga nesses particulares.

O tal fazendeiro, a quem lhe tomava a bênção quando menino, produzia de um tudo no seu sítio, não dependendo de nada da cidade, tirante o sal e a roupa, que até as macocoas da família ele curava com as mixilangas e meizinhas do mato. No mais, tudo ele produzia na Santaninha: cereais, café, rapadura, açúcar, remédios do mato e até as alpercatas arreadas que os filhos calçavam, que ele era homem entendido de tudo. Conquanto misterioso (em suas terras, nem cobra a gente podia matar, porque ele não deixava, dizendo que o que estivesse dentro de sua cerca era dele) era pessoa muito bem relacionada na rua, com amizades e compadres, inclusive com meu pai, conforme eu disse antes.

Quando Moreno viu a soldadama seguir rumo a Santaninha, começou a acreditar no que dissera o velho Severiano.

E de fato parou de beber repentinamente, ficando assim vários anos. Foi morar na nossa fazenda Santo Antônio, a meia légua da Santaninha.

O leitor deve estar curioso por saber como e por que os soldados aparecerem por ali, se todos sabiam que o povo era pacato e que ninguém cometera crime algum. O tal homem chegara ali há mais de vinte anos vindo de Posse, cidade goiana. Lá - soube-se depois - ele matara uma pessoa (segundo consta, em legítima defesa), e após mais de vinte anos a família decidiu desenterrar o caso, por vingança ou por receio de prescrição (prescrito já estava àquela época), e mandou soldados para prenderem o fazendeiro, coincidindo com o dia do "trabalho" de Moreno, como que para cumprir a predição do velho Severiano.

O povo conta que ao chegarem à Santaninha os soldados, o dito cujo desapareceu na frente deles como que por encanto, e não houve jeito de ser encontrado, embora um sexto sentido dissesse que ele estava por ali. Em compensação, de volta à rua foram seguidos à distância por um gato preto de aspecto inamistoso, que miava e arreganhava os dentes para eles. Passados alguns dias na rua (que na Santaninha eles não foram bestas de pisar mais), os soldados forem-se embora e o caso morreu. O desaparecido reapareceu.

Tempos depois, Moreno já morava na rua, quando o tal homem apareceu lá em casa para ver o compadre e levar o filho para tomar a bênção ao padrinho. Na oportunidade, deu uma manga espada para Moreno, que a recebeu e guardou na geladeira, esquecido da recomendação do velho Severino de não receber nada das mãos da pessoa responsável pelo feitiço anterior. E um dia, ao abrir a geladeira, ele pegou a manga, que lhe caiu das mãos. Recolocou-a na geladeira, mas estranhamente a manga tornou a cair. Aí, ele pensou: "Só porque você está fugindo, eu vou comer assim mesmo!"

E comeu a manga espada, saindo pra rua. Já voltou bêbado. E nunca mais parou de beber.

COISAS DO OUTRO MUNDO

liberatopovoa@uol.com.br

A vida no outro mundo sempre foi cercada de mistério. Muitos dizem que tudo se acaba quando a gente morre, e esse negócio de defunto aparecer pra conversar com os vivos é coisa de abuso do povo. Outros dizem que morto aparecer em sonho não prova nada, pois assim como a gente sonha com coisa ocorrida na vida diária, pode muito bem sonhar com alguém que já morreu.

Pois vão confiando!

Quando militei na imprensa mineira, batendo na tecla de minha eterna e insossa brejeirice, fiquei cansado de receber cartas de leitores, que, aludindo causos daqui que espalhei por lá, contavam passagens acontecidas, como que homologando as matutices tocantinenses que eu narrava. Falavam de tesouros doados em sonho, de avisos, de uma série de coisas ocorridas com eles lá, que, se eram mentiras, isto ficava era nas costas deles, e não da minha invenção.

Todo mundo tem um certo medo de fantasmas, talvez devido àquele clássico temor do desconhecido, do misterioso. Conheci muita gente intemorata, gente que vive em locais sombrios ou perambula à noite através de taperas e diante de cemitérios como se andasse bem fagueira no meio da rua durante a luz do dia. Um deles é Quelé, ali na Beira d'Água, conhecido pelo seu arraigado ceticismo com relação a visões a coisas do outro mundo. Tanto é que atravessava tranqüilamente a pavorosa e terrificante Tapera da Oração, misto de tapera e cemitério, por onde - dizem - ninguém passava escapo de uma latúmia qualquer. E o destemor de Quelé já o fez famoso naquelas rodeanças. Não se sabe de um só episódio em que sua coragem fraquejasse ou que sua calma fosse posta em dúvida, que ele não tinha um fanisco de vacilação e medo.

Pois foi exatamente ele que passou por uma verdadeira prova de fogo: em 1976, morreu o influente coronel Afonso Carvalho, chefe político lá de São José do Duro, em cujas terras Quelé morava, e a quem chamava de "meu tio" e pedia benção, segundo o costume interiorano de se chamar assim os mais velhos.

Estava Quelé deitado numa rede, montando guarda em frente ao paiol de mantimento (que estava sem porta). Noite calma. Quelé pitando o cigarrinho de palha para espantar muriçoca, enquanto o sono não chegava.

Súbito, sentiu que lhe puxavam o punho da rede. Levantou-se e viu um vulto. Foi lá mais perto e conseguiu divulgar o coronel Afonso, pelo jeito, pelos cabelos agri-salhados e depois pela fala, quando este começou a conversar com ele.

Mas, estranhamente, o coronel permanecia de costas, e por mais que o corajudo Quelé quisesse encará-lo de frente - que medo ele não tinha um trisco -, o defunto sempre se virava, como se estivesse poupando o destemido Quelé de uma pavorosa visão.

E de costas o coronel falou com ele, pedindo que desse um recado a Mariquinha, sua mulher (minha prima por sinal): era para ela mandar celebrar uma missa oferecida ao Divino e comprar vários quilos de carne para dar de esmola à pobreza, mencionando até nomes de alguns pobres que deveriam receber a esmola. O coronel mencionou que já mandara celebrar a missa em vida, mas isto nada valeu, porque ele dera, como espórtula, ao padre, uma importância muito grande só por ostentação e vaidade; e que mandasse Mariquinha comprar a carne e não matar uma rês (pois ele era rico) para que não parecesse ostentação; que o fizesse sem que ninguém soubesse.

Perguntado (pois Quelé não só o ouviu, mas conversou com ele), o coronel disse que não aparecera para Mariquinha porque ela não iria resistir. Aí, Quelé fraquejou um pouco ao pedir:

- Mas o senhor não vai voltar aqui outra vez, não?

- Se você não der o recado - respondeu o coronel, antes de desaparecer -, eu volto para cobrar!

No dia seguinte, Quelé ganhou a estrada da Beira d'Água pra rua, para cumprir o desejo do coronel Afonso Carvalho.

Sobre aparições assim, não existem dúvidas, pois são incontáveis os casos registrados e até explorados no cinema e na TV. É claro que existem corajosos como Quelé da Beira d'Água. Mas, aos poucos, os derradeiros incrédulos acabam por acreditar. Podem até continuar destemidos, mas cientes de que os habitantes do mundo dos espíritos vêm de vez em quando para conversar com os vivos. E quase sempre para um contato com o fito de comunicar-se, pois esse negócio de assombrar fica mesmo é por conta da frouxura de nós, viventes.

O "ENTERRO" DO PDS

liberatopovoa@uol.com.br

Os mais antigos têm um medo excomungado de praga, de castigo divino, às vezes de coisas aparentemente sem propósito, dentro daquela filosofia de que "faz mal" (embora não se saiba que mal é que faz). Cá comigo, apesar de escolado e de ter lido muito sobre tudo quanto é assunto, sou também meio velhaco nessas coisas, não confiando muito na placidez dos acontecimentos, pois acho que tudo que se faz se paga. É a lei do retorno.

Há uma crença de que a gente paga os malfeitos e paga até a língua. Se não acontece com a gente, paga um filho, um neto. Isto é, pagava um filho, um neto: hoje, se a gente não estiver bem grudado na sela, é a gente mesmo que cai do cavalo. Diz a crença que lá em cima, São Pedro anotava num caderno as faltas dos viventes aqui na Terra. De vez em quando, ele, folheando o velho caderno atropetado de faltas, dizia para um de seus arcanjos auxiliares:

- Menino, tá anotado aqui que Fulano fez uma falta e está em débito. Precisa pagar.

O auxiliar dava uma assuntada e respondia:

- Uai, São Pedro, ele já morreu há muito tempo, São Pedro!

O velho porteiro divino raspava a goela, coçava o queixo barbudo e dizia sentencioso:

- Então, bota o filho dele pra pagar!

As vezes, na falta do filho, um neto pagava.

Depois, São Pedro ficando velho e esquecido, resolveu desburocratizar o Céu. E incumbiu São Benedito da tarefa. Mas o santo preto, analfabeto, e com receio de ser traído pela memória que já não divulgava mais as coisas com facilidade, tomou uma providência: malmente o pecador comete a falta, ele já vai botando pra pagar. Daí, a gente hoje pagar tudo o que faz. A demora é só São Benedito tomar conhecimento. Às vezes demora um pouco, porque o volume de faltas no mundo e a escassez de informantes

do santo levam uma certa morosidade ao progresso. Mas, de uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde, paga.

Pois bem, acho que existe um certo fundamento nesta história de se pagar o que se faz. É evidente que São Pedro e São Benedito são apenas para ilustrar. Mas que paga, isso paga!

Na campanha eleitoral goiana de 82 em Dianópolis, que foi marcada por grande movimentação e um falatório descomedido, a oposição, há quase vinte anos querendo ver chegar a sua vez, fez promessas e mais promessas para conseguir sua ascensão, tida como certa. Já no apurar das primeiras urnas, a euforia tomou conta do povo, aglomerado no pátio do Colégio João d'Abreu, em cujo auditório se realizavam os trabalhos de apuração. A cada resultado parcial, a gritaria explodia. E no final, lá para o descambar da madrugada, a cidade foi sacudida por longa bateria de fogos de artifício. Mas foi uma comemoração limpa, sem afrontas e desforço físico, murchando as promessas de desaforo de alguns, pois o prefeito eleito, Oliveira, os chefes políticos (Zeca Póvoa, Hagahús e outros) e o juiz eleitoral recomendaram prudência, para não vilipendiar o ferido PDS.

Mas parece que o Diabo atenta, e no dia seguinte, o povo viu passar nas principais ruas um cortejo: um grupo de enraizados peemedebistas inventou de fazer o "enterro do PDS", encomendando um caixão de defunto e reunindo um bando de carpideiras para fazer uma lamentação, ironizando a derrota do rival.

Muita gente se benzeu, antevendo naquilo uma afronta, por usar um caixão, coisa que pertence lá ao reino do respeito aos mortos. E zanzaram com esse caixão, conduzindo uns bêbados, acabando a farra na praça Getúlio Vargas, em frente à residência de Maria Póvoa, minha prima, talvez a mais radical pedessista, apesar de ter sido seu filho, Tony, um dos baluartes da campanha do PMDB; o marido, Rui, também do PMDB, e o filho Alemiro, eleito vereador também da oposição. Ali na porta de Maria, eles quebraram o caixão, ante a revolta de muitos e a gozação de outros.

Alguns dias depois, Tony, um rapaz inteligentíssimo e cheio de futuro, falece num acidente de carro. A superstição do povo ligou o fato a um possível castigo pelo macabro desfile, não por ter ele acompanhado o "enterro" (pois nem aqui ele estava), mas porque o caixão fora esfacelado à porta de sua mãe e pelo fato de ter sido ele um dos pilares da campanha. Poucos dias depois, vitimado por um mal (dizem que foi pinga), morre Pedrito Coxé, um barbeiro que abandonou a profissão para andar gozando tudo e todos, e foi ele um dos que fizeram o papel de defunto no caixão. Ai, o povo acreditou em castigo.

Dias depois, estava eu na casa de mãe, quando entra Amália, filha de Brás Cardoso, ali da Santa Maria, arrecadando dinheiro para mandar o irmão, Pedro, genro de Maria Facão, para Brasília, pois fora acometido de um mal estranho, que o fizera ficar vendo coisas e às vezes acordando assombrado, dizendo que estava vendo Pedrito. Acabou ficando meio zoró, com a cabeça fraca, requerendo cuidados médicos fora de lá, com eletroencefalograma e tudo. No Hospital São Vicente de Paulo, ele vivia rebuçado numa coberta, tremendo de medo. E viajou com seus estranhos sintomas para Brasília.

Pedro fora o outro "defunto" do caixão do "enterro do PDS".

Com isto, os outros acompanhantes do funeral trataram de ir embora lá do Duro, com as barbas de molho. E eu, sem querer mal pra ninguém, fico só assuntando as coisas.

O DERRADEIRO TECO-TECO

liberatopova@uol.com.br

Conheço gente que prefere morrer a entrar num avião. Casos existem em que as viagens aéreas desmancham até pretensões de futuro, incompatibilizando pessoas com certas profissões, como viajantes, representantes comerciais, executivos, jogadores de futebol, para não citar outras. Não é carecido ir longe na memória para que se lembre de Gerson, o "Canhotinha de Ouro", aquele que fumava Minister e recebia "cachê" de Vila Rica para provar que "leva vantagem em tudo, certo?". Como se pelava de medo de viajar de avião, e a profissão de jogador é um corre-corre aéreo, Gerson preferiu perder os milhões a viver eternamente com o coração na mão em cada véspera de jogo, e passou a faturar comentando aquilo que fez a vida toda: jogar bola.

Bem, mas estávamos falando em fobia de voar.

Quando morava em Belo Horizonte, eu era uma espécie de executivo na Escola Técnica Federal de Minas Gerais, indo freqüentemente a Brasília para descascar abacaxis no MEC ou cavar dinheiro com o Delfim, que era o dono do dinheiro naquele tempo. E numa das viagens, sentei-me ao lado do Secretário da Agricultura mineiro, Gerardo Renault, que - parece - era do mesmo time do Gerson. Desde o momento em que o avião taxava na pista até o desembarque no Planalto, o homem ia com os olhos arregalados, suando por tudo quanto era poro, como se com aquela viagem estivesse dando um adeus à vida. Quando a aeromoça trouxe o engana-estômago na bandejinha, o pobre passageiro, transpirando mais do que tampa de cuscuzeiro ou tirador de espírito, nem teve ânimo para deglutir um daqueles sanduichezinhos que se escondem debaixo de uma rodela de ovo. Se tivesse que pular de pára-quedas, era capaz de carregar a poltrona, tão agarrado que estava a seus braços. E o que mais me dava pena era vê-lo tentar conciliar a dignidade de Secretário de Estado com o frouxo que se escondia no seu íntimo, ainda mais com a turma de gente que levava em sua comitiva, pois todo secretário que se preza deve estar encamboado de um bando de puxa-sacos.

Fico brincando com a angústia alheia, como se eu nunca tivesse passado aperto em viagem aérea. Se bem me recordo, por duas vezes vi a porca mal capada com esse negócio de avião. Mas, dentro do pressuposto de que o piloto, se não tratar de andar direito, é o primeiro que vai pro beleléu, procuro ganhar calma com esse falso consolo.

A primeira vez foi em 62, quando viajei com meu pai de Brasília aqui pra Dianópolis num velho DC-3 da falecida Cruzeiro do Sul, que ia lotado, pois era início de férias, e não havia outro meio de transporte. A coisa de 50 minutos de voo, meu pai, sentado ao meu lado, em cima da asa do velho DC-3 da Cruzeiro do Sul, estranhou alguma coisa, mas, como que desligado do mundo, só fez um comentário:

- Uai, agora é que vi que a hélice tá parada...

Quando ele falou isto, é que fomos notar que o avião estava penso, como carro com pneu furado de uma banda. Foi um deus-nos-acuda: iam três freiras, que começaram a debulhar o rosário muito aflitas, e o medo generalizou-se, embora felizmente não tivesse chegado ao pânico, pois o piloto se apressou em acalmar-nos dizendo que aquilo era coisa tola e que o DC-3 era um avião muito seguro, que podia pousar em estrada e voar sem motor. O remédio foi voltar a Brasília, onde quase não conseguimos pousar: o avião só consegui chegar na cabeça da pista, ainda no barro, a 20 metros do asfalto, debaixo de um verdadeiro festival de ambulâncias e carros do Corpo de Bombeiros. Três ou quatro horas depois, repararam o motor e reembarcamos: só meu pai e eu, além da tripulação. O resto desistira. Dias depois, o velho DC-3 enterrou o nariz numa aterrissagem em Posse, salvando-se a tripulação e os passageiros por milagre de Deus.

Outra - esta, pior - foi no ano seguinte. Lembro-me até o dia: era o "Dia dos Namorados". Eu estava ali em Natividade passando uma temporada e no tal dia, lá pelas três da tarde, o subgerente do Banco da Amazônia, Bugre (hoje, aposentado), inventou de fretar um teco-teco para irmos a Dianópolis fazer uma surpresa às namoradas. Na época, ele estava quase noivo de Joélia de Quinca Valente, que mais tarde veio a casar-se com ele. Eu, nem namorada tinha. Mas vim, pois era meia hora de voo, e o piloto, Azeitona, conhecia a região como ninguém, de tanto voar fazendo frete. O aviãozinho de Azeitona levantou voo pouco depois das cinco da tarde. O dia estava claro, o céu limpo, o piloto era capaz de vir até de olhos fechados, tanto é que não nos preocupamos com a viagem. Aliás, mintou: quando assustamos do bate-papo animado já estávamos com uma hora de viagem. O fedamãe do Azeitona se distraía e acabara se desviando da rota. Em meio a um aperto perfeitamente previsível, o Azeitona conseguiu, naquele lusco-fusco, entre lobo e cachorro, identificar um acidente geográfico qualquer, que lhe permitiu cortar rumo linheiro e sobrevoar Dianópolis, identificada apenas pelo facho de luz elétrica, pois já estava quase que completamente escuro. Não foi muito trabalhoso encontrar o aeroporto. O perigo era encontrá-lo cheio de animais, que à noite ali faziam malhador, tanto é que, antes dos pousos da Cruzeiro do Sul e da VASP, o zelador do campo de avião ia antes da hora correr com os animais pra poder o avião assentar.

Como a gasolina do Azeitona estava pelas pontas, o negócio era arriscar no "olhômetro".

O Azeitona foi magistral (eta crioula competente!): conseguiu aterrissar no meio de um monte de jegues e vacas espalhadas na pista de cascalho e sem qualquer contratempo.

Também, foi a primeira e a derradeira vez que entrei num teco-teco.

O AVIÃO

liberatopovoa@uol.com.br

As viagens aéreas são, hoje em dia, muito tranqüilas. Dentro de um desses jatos modernos, a gente se sente em casa, mais seguro do que em terra, firme; aqui embaixo, existe o trânsito maluco e irresponsável das estradas, como se não bastasse o preço da gasolina, que afasta das rodovias justamente aquele que é mais carente, que possui o carrinho adquirido de segunda mão e, conseqüentemente, quem tem mais cuidado e prudência ao volante. Os mais abastados, para quem o preço do combustível pouco ou nada influi, é que dominam as estradas e nem querem saber se existe multa ou se o carro está em condições ideais de segurança.

Houve uma época, não muito distante, em que era temerário entrar-se num avião para uma viagemzinha: os seqüestros estavam em evidência, e quase diariamente se noticiava que um avião se desviara da rota, obrigando por um irresponsável, um maluco qualquer. Adiantavam pouco as revistas feitas nos aeroportos, pois sempre havia um jeito de burlar a vigilância, que acabou sendo abolida com a chegada da abertura política. Misteriosamente, acabaram-se aqueles fatos, como se a abertura tivesse também decretado o fim dos seqüestros de avião. Só se ouve falar em seqüestros no exterior.

Agora, o temor é o avião cair, o que, aliás, não está sendo muito raro. Mas, proporcionalmente, as viagens aéreas ainda são as mais seguras.

Lá pelos anos 50, quando a Cruzeiro do Sul implantou a linha de DC-3 que ia de Goiânia a Belém, escalando Dianópolis, o avião andou assustando o povo, que ia decretado ao aeroporto conhecer aquilo que aparentava um monstro antediluviavo, o qual acabou por se tornar familiar, passando a integrar o dia-a-dia interiorano.

Aproveitando o aeroporto, um grupo paraense resolveu construir ali nas imediações um matadouro, pois a região era bem provida de gado barato, sadio e gordo. E mandou para cá agenciadores para comprarem gado destinado ao abatedouro, além de alguns magarefes - Mocó, Tamborete, Toninho e outros, que se integraram à vida da cidade, indo-se embora quando o matadouro foi desativado, por razões que desconheço. Dizem as línguas que foi quebra do grupo.

Para transportar a carne, eram empregados velhos cargueiros pançudos, pouco maiores que os DC-3, que roncavam madrugada, cheios de quartos de bois dependentes ao longo do vão da aeronave.

De vez em quando, os comerciantes de lá aproveitavam a carona para ir a Belém fazer transações com o Banco da Amazônia, de onde voltavam com mercadorias, aproveitando a capacidade ociosa do avião. Muita gente andou pegando carona, pois era de graça.

Mas o obsoletismo dos velhos cargueiros andou causando transtornos: por duas ou três vezes, o peso da carne não permitiu que o asa dura alçasse vôo, devorando a pista toda e peitando na cerca do aeroporto, precisando que a carga fosse aliviada. Numa delas, o bicho deu um defeito logo na saída, levantando a parte traseira e enterrando o nariz na pista, levando a população a desejar novos insucessos de decolagem: como não havia frigorífico, toda a carne era distribuída de graça.

Os motores do avião velho nem sempre estavam em condições, pois os donos do matadouro, a princípio muito corretos nos negócios, começaram a passar a perna nos fazendeiros, logrando-os pelos bois comprados, e seguramente sua condição financeira não permitia fretar aviões mais seguros. Tanto é, que depois circulou pela cidade a notícia de que morrera o comandante Max, devido à falta de condições do rombudo aerocargas.

Um dia, pilou um deles lá no aeroporto. Trouxeram um mecânico e este andou "fuçando" as engrenagens, a título de "manutenção".

Na época, houve uma epidemia de coqueluche na cidade, e o povo ficou sabendo que um passeio de avião era um santo remédio para a tosse comprida.

Arrebanharam mais de cem crianças e enfiaram no bojo do cargueiro, que esquentou os motores e ganhou os ares, dando várias voltas sobre a cidade, com o povo agradecendo o "grande favor".

Só não explicaram que o vôo era de experiência, e o mecânico – que não era nem besta - ficara cá embaixo, que ele não era nem mané de se arriscar a voar naquela trapizonga.

Foi a primeira vez que andei de avião. E tendo passado - muito embora inoportunamente - pelo que passei, não tenho razões para temer uma viagemzinha confortável, com lanches e uísque a bordo, e ainda com a doçura daquele sorriso solícito e escolado das aeromoças uniformizadas, que, em caso de desastre, podem dar o consolo de estarmos morrendo em muito boa companhia.

MÜNCHAUSEN SERTANEJO

liberatopovoa@uol.com.br

Relata um autor alemão do século XVIII, cujo nome não me ocorre, as in-creditáveis façanhas de certo Barão de Münchhausen. Adianta o escritor que aquela insólita figura adornada com um título de nobreza existiu na realidade e que suas espantosas aventuras aconteceram, apesar de contrariar totalmente as leis da lógica.

Apenas a título de ilustração, eis algumas dentre suas presepedas que correram o mundo: certa noite caminhando num campo nevado da Rússia, resolveu dormir, e amarrou o cabresto de seu cavalo num toco que sobressaía da neve, e ao acordar pela manhã, espantou-se ao ver-se deitado no adro de uma igreja que não estava ali na véspera, e mais espantado ainda ficou ao ouvir o relincho de seu animal dependurado no topo do campanário: é que a neve era tão espessa que, derretendo-se durante noite, descobriu a cidade que estivera totalmente coberta. No Ceilão, o Barão de Münchhausen é atacado de frente por um leão feroz e faminto, e pela retaguarda, por um não menos feroz crocodilo, ficando impossibilitado de fugir por se achar entre um rio profundo e um poço imenso; no momento do ataque ele se achata ao solo, e o leão cai justamente na boca do crocodilo, engasgando-o e fazendo-o morrer asfíxiado: o Barão só teve o trabalho de decapitar o leão atordoado. De outra feita o nobre aventureiro se encontra cara a cara com um faminto lobo, e a única coisa que pode fazer foi enfiar a mão na boca de fera e foi empurrando garganta abaixo até agarrar-lhe o rabo e, puxando-o com força, virou-o pelo avesso como uma luva, matando-o.

Estas são algumas das espantosas aventuras do Barão de Münchhausen que encheram um livro inteiro.

Nosso Barão de Münchhausen era, lá no sertão do Duro, o velho Praxedes Máximo, contava suas estórias com uma convicção enorme. Praxedes era vaqueiro do Major Janjão Leal, que, em 1919, morreu assassinado no tronco junto com oito companheiros, dentre os quais meu avô Benedito e meu tio Joca, pela polícia goiana, em episódio que Bernardo Élis retrata com detalhes no seu romance-verdade "O Tronco", e meu mano Osvaldo Póvoa retratou com fidelidade no seu "Quinta-feira Sangrenta".

Praxedes contava alguns fatos reais, mas sua imaginação fértil conduzia-os, não raro, aos terrenos da fantasia. Assim, ele ia contando as coisas e, num derrepente de entusiasmo, tomava um atalho imaginário. Contava ele um caso dos anos vinte, quando a jagunçama da Bahia invadiu o Duro, ocupado pela polícia, a mando dos Caiado:

- Esses home usava uma arma terrive, minino! Era uma tal de manulicha. Quando os jagunço tava atacando, um soldado viu qui tinha um deles atrás dum pé de manga grosso e atirô. Home, foi dito e feito: inquanto o diabo esfregô o zóio a bala varô o tronco e o jagunço caiu morto.

A morte do jagunço ocorrera de verdade, em campo aberto, e a imaginação de Praxedes é que colocou um pé de manga na frente. Mas a terribilidade da arma não ficou só nisso. Praxedes arrematava:

- Vi um soldado dispará u'a manulicha de dentro duma casa: a bala varô treis parede e saiu zuano qui nem bizôro; foi ino, foi ino, e u'a lêgua adiante torô um gaio de tamarino e continuô zuano intê sumi e ninguém iscutô mais...

Ainda não consegui descobrir que arma era a tal de "manulicha".

Mas o mal de Praxedes contagiou o irmão, Bernardino, que também contava suas fanfarronadas, referindo-se à mesma época, conhecida como "o tempo do Barulho":

- No tempo do Baruió, eu era rapaizim e nunca fui home de tê medo à toa. Acuntece qui todo mundo porcurava fugi - num é? - e eu cumpanhava. Mas se os cumpanhêro quisesse ficá perto d'eu num cunticia nada!...

- Por que Bernardino? - logo a gente queria saber.

- Bem, patrão, ancê aqui é home ladino, sabe que tem u'as forças uns magnitismo... Só sei qui é preciso muita arte muita força mode fazê u'a baia dá a volta pra trais...

- Espere aí, Bernadino! Se dessem um tiro em você, você fazia a bala voltar?...

Bernardino ria parecendo convicto, chupitava o cigarro e escorregava:

- Patrão, o magnitismo tem muita força. . .

A Praxedes e Bernardino faltava o baronato apenas, pois suas estórias fantasiadas, mas cheias de convicção, eram dignas de um Münchhausen sertanejo.

MOEDA NA BOCA

liberatopova@uol.com.br

Ouvi dizer que quando uma pessoa é assassinada, é só colocar na boca do morto uma moeda, que o criminoso fica sem achar jeito de fugir, acabando por entregar-se.

Anos atrás, meu ex-sogro (que Deus o tenha!), historiando fatos lá de sua Bahia, contou que morrera um camarada matado por um pistoleiro, que se escafedeu e ficou zanzando no mato, sem sossego, até que achou um conhecido, que o acoitou e a quem narrou a desventurada passagem de ter cortado pelo meio o fio de existência de um pai de família. Disse o criminoso estar zozzo e até meio zoró, sem entender por que - conhecedor dali como à palma da mão - não havia jeito de desaparecer de região, como se mão invisível o impedisse de pôr-se a salvo das malhas da lei. E o amigo informou-o de que - por notícias - soubera que familiares haviam colocado na boca da vítima um centenário de dez tões, com o qual fora sepultado na antevéspera.

Munido da informação e doido para sumir no mundo, o indigitado corrido da justiça foi, na calada da noite, exumar o corpo de sua vítima, constatando a presença da moeda e retirando-a. após a macabra operação, seu tino clareou e abriram-se os caminhos para a fuga.

Não sei se é abusão do povo, mas existe qualquer coisa de mistério nisso tudo.

No início de oitenta e três, "seu" Artur, velho cabo eleitoral pedessista de quatro costados, mandou-nos um convite para assistirmos ao casamento de um filho e uma filha. A família de "seu" Artur é constituída de uma prole grande e muito unida: várias filhas, muito parecidas, todas professoras, todas assustadas com um decretão com que Íris Resende vinha assombrando os assalariados do governo naquele seu primeiro mandato. Mas isto é outro caso.

Vamos voltar à festa de casório.

Realizou-se a cerimônia dupla, fez-se a recepção separada (pois a ala da nora era, ou é, do PMDB, e a filha recém-casada, do PDS, que o "seu" Artur nunca deu liberdade de se falar em outro partido dentro dos limites de seu domínio).

À noite, comemoraram bastante na casa da filha Nitinha, oferecendo uma bebidazinha pros convidados acompanhada de tira-gosto, o que foi até a meia-noite, no mais tardar.

Mas parece que o Cão atenta. No meio da festa, acha e aparecer um senhor de Hortênsio, gente dos Quirino do Abreu e amasiado em Brasília com uma filha de um sujeito por nome Antônio Saia-Velha. E Hortênsio, que nem convidado era, cismou de fazer uma festa na casa alheia, providenciando, por iniciativa própria, uma sanfona e outros apetrechos necessários a um rela-bucho. E danou a tocar, sem autorização, como se estivesse provocando, já que Beto, dono da casa (marido de Nitinha), rapaz pacato e não afeito a festa de dança, já lhe pedira para encerrar a comemoração, pois o povo queria descansar do lufa-lufa do casamento, sem se falar nos recém-casados, por motivos óbvios...

Não conto nada. Hortênsio saiu gungunando desaforos e, juntando-se a um senhor de Wilson, filho de Joaquim Gato, muniu-se de uma peixeira e voltou, havendo quem ouvisse a promessa de que naquele dia iria "aprontar um". E não deu em outra coisa.

O tal Wilson, que já era useiro e vezeiro em promover arranca-rabos por onde passava e que, pouco tempo antes, costurara na faca um ali na Rua do Cemitério, aproximou-se encamboado com o Hortênsio e, pra início de bagunça, esfarelou o pára-brisa do Opala do noivo estacionado na frente da casa e, ato contínuo, atirou uma pedra na porta da casa para provocar a saída de alguém. Foi só a porta se abrir, a peixeira de Hortênsio alumiu reflexos na luz da sala, espalhando o povo que ali se achava arrematando os últimos goles da festa. Houve quem o sustentasse enquanto às forças permitiram, mas, troncudo e enraivado, que nem arapuá, Hortênsio esfaqueou o vento, ante a esquiva de uns dois, enquanto o restante corria para o quintal, fugindo daquela fera acuada, que parecia ter vindo decretado de Brasília para operar uma desgraça.

No corre-corre, o pobre do Beto, o dono da casa, levou a pior: ao saltar a cerca para se livrar de uma facada na barriga, levou-a na coxa, sendo socorrido ali mesmo, enquanto o criminoso ganhava a maravalha, ciente de que cumprira sua promessa. Duas horas depois, Beto morria, esvaindo-se em sangue, que o talho rompera a crural.

Cheio de parentes nas rodeanças da cidade, fácil lhe era esconder-se para fugir ao flagrante. Tomando a frente do caso, pois a família de "seu" Artur estava naufragada na dor, traumática porque nascera de uma alegria de poucas horas antes, como advogado e amigo da família enlutada, reclamei providências da polícia.

Poucas horas depois, localizaram o criminoso num lugar por nome Lajeado, a coisa de uma légua da rua, e ele foi preso sem resistência. Dizem – e houve até quem visse – que alguém colocara na boca de Beto uma moeda para “segurar” o criminoso até ser preso. E não deu outra coisa.

Quanto ao comparsa Wilson Gato, este soverteu no mundo.

MILAGRE SERTANEJO: O CASO RUBINHO

liberatopovoa@uol.com.br

Fatos inexplicáveis ocorrem, mas não sempre. Tenho contado, vez por outra, coisas que parecem estar no reino do trancoso: ora, coincidências, ora histórias de aleivosias, ora casos bestas que, olhando-se bem, têm seu fundamento.

Parece que já contei a história de um menino, lá na Canabrava, na Bahia, que desapareceu misteriosamente atrás de uma vaca, e não houve santo que desse jeito de fazê-lo reaparecer. Muitos anos depois - contando o povo - deu pra surgir lá naquela região um homem inteiramente peludo, acompanhando de uma vaca, e estão calculando que é o tal menino, que, amaldiçoado pela mãe, foi criado no mato, feito bicho.

Falando de seu desaparecimento, lembrei-me de um outro fato, que teria ocorrido ali em Conceição do Tocantins, quando uma criança, de seus cinco anos, sumiu e passou mais de semana no mato, tendo sobrevivido, apesar da época de chuva intensa, córregos cheios e bichos de tudo quanto é espécie caçando presa. E, para tirar a limpo a história, fui lá - como prometi aqui mesmo pra conversar com os pais (Moreno Guedes e Didi) e mantive longo bate-papo com Adonil Silva Guedes, o achador do procurado pirralho, já botado na conta dos desaparecidos.

Foi em janeiro de 1982. O menino Rubinho fora com os pais, moradores na rua, passear na casa de Dezinho, um parente, residente num lugar por nome Buritizinho, a duas léguas do comércio.

Entretidos em conversas de compadres, e confiados em que a meninada devia de estar por ali pelo quintal vadiando, como é o costume, cuidaram que ele estivesse distraído com uma burundanga qualquer.

Uma hora lá, lembraram-se do Rubinho, e cadê o menino? Tinha sumido.

Gritaram, caçaram ali por perto, afundaram mais na vaqueta que cerca a casa, e nada do menino.

Resultado: não houve canto que não fosse escranfunchando, e nem sinal!

Para agravar, o céu carrancudo de pesadas nuvens cumpriu sua ameaça: destampou um aguaceiro medonho, suficiente para deixar os corgos da vizinhança pelas beiradas. Mesmo debaixo de chuva - que chuva não empata sentimento - arrebanharam a vizinhança e abriram mundo, caçando o menino: esmiuçaram todos os locais conhecidos, a Lagoa Torta, o Varjão do Melado, a Lagoa do Mato, o Chapadão do Retiro, o Olho d'Água do Retiro, o Jenipapeiro, enfim tudo quanto era lugar das rodeanças, que foram vasculhados, não ficando um buraco, num raio de duas léguas, que não fosse averiguado. Durante 8 dias, sempre sob a inclemência do aguaceiro terroroso, que ia fazendo de um possível reaparecimento autêntico milagre, sessenta pessoas riscaram o sertão, sem proveito. No nono dia, largaram de mão, botando o causo como perdido. Os pais, tresnoitados, abalados e desesperançados, acharam melhor ir embora, para talvez não levar susto com uma repentina notícia que lhes pudesse trazer indício de restos do filho, comido por bicho do mato, que onça e cobra por ali tinha um bando. Voltaram para Conceição.

No nono dia, passava Adonil, morador na Boa Vista, lá pelas 5 horas da tarde, na barra do córrego da Rapadura com o Melado, quando ouviu choro de criança do outro lado do Melado, que estava cheio.

Atravessou-o e, entre pasmo e medo, viu um menino, peladinho, deitado na lama, chamando pela mãe. Lembrou-se do Rubinho, e sem acreditar que estivesse vivo, criou coragem e aproximou-se, para certificar-se de que não era visagem ou engano das vistas. E, apesar do aspecto deplorável - todo picado de insetos, corpo cheio de curubas, costelas expostas e tiritando de frio -, reconheceu o menino, que, mal o vira, correria para seus braços implorando que o carregasse. Adonil embrulhou-o na camisa (que o menino estava nuzinho) e levou-o pra casa dele - Adonil, para dar-lhe pelo menos comida e um tratozinho, que até os cabelos estavam caindo.

Indagado como sobrevivera 9 dias no mato sozinho, com fome, frio e ríscoso ser comido por bicho, o menino, talvez delirando, disse que a sua madrinha era quem cuidava dele até certo ponto, e dali por diante ele passou a caminhar sozinho. Caminhara 5 léguas, pois fora esta a distância do local onde fora encontrado. É de se calcular que haja caminhado bem mais, pois quem está perdido nunca caminha em linha reta. Segundo o pequeno desgarrado, ele não comia nada, e seu aspecto o demonstrava.

Após cuidar do menino, Adonil arreou o cavalo e foi a Conceição para avisar os pais. Quando chegou, a mãe estava na calçada, sentada, fitando um ponto incerto no céu, trespassada, que nem chorava mais. Ao receber a notícia do achado, Didi caiu ali mesmo desmaiada.

Rubinho foi pra Dianópolis, ficando em recuperação no Hospital São Vicente de Paulo, e tempos depois o vi lá na Conceição gordo e todo galante, sem parecer aquele esquelético garoto que, após jejum e maltrates durante 9 dias no mato debaixo de chuva, chegou lá como prova de que milagre existe, ou, no mínimo, o impossível acontece.

Até agora, está sem ser explicado quem é a tal madrinha do menino, que o protegeu no mato, pois sua madrinha legítima, Diva, mora em Conceição, e se tivesse sido ela, é lógico que, em vez de protegê-lo, cuidaria era de levá-lo pra casa. O povo anda dizendo que era Nossa Senhora.

Sei não: prefiro botar no rol dos fatos inexplicáveis.

MESTRE JOÃO CORREIA

liberatopovoa@uol.com.br

Escolas públicas o Duro não tinha, pois ali era um fim-de-mundo danado, alcançado apenas pelos cascos de tropas que vinham da Bahia. Havia abnegados filhos de Deus, que, possuindo bons conhecimentos e infinita boa vontade, encarregavam-se de ilustrar o povo com as primeiras letras e com os rudimentos necessários para se tocar a vida sem passar vergonha.

Assim, Coquelin e Diana Leal, em cujo sangue corria a nobreza vinda do tempo dos senhores de escravos, fundaram o Colégio João d'Abreu, responsável pela maior parte de alfabetização do povo e o alicerce para o Ginásio das freiras; dona Marluce, que, embora tenha ensinado pouco tempo, não deixou saudades pelos castigos que infligia aos conformados discípulos, que enfiavam à força nos ouvidos moucos o beabá e as casas da tabuada; e João Correia, considerado o terror dos alunos pelos métodos um tanto bruscos que lembravam a Idade Média, mas que se tornou o símbolo do eficiente mestre. Isto, nos tempos velhos, que a revolução do ensino ali em Dianópolis se deu com a vinda do padre Magalhães, de quem falarei a qualquer uma hora destas.

Na escola de tia Diana não faltava a palmatória na hora das sabatina e dos argumentos; tinha até nome: Santa Luzia. Tínhamos por tia Diana devoção de filho para mãe e um respeito de enteado para madrasta. A palmatória não era senão um corriqueiro auxiliar da pedagogia de então e, conquanto fosse vista com arrepios dependurada num torno na parede, não tinha feições de coisa de todo anacrônica.

João Correia gostava de usar a reguada na cabeça, e não era raro ter-se de comprar régua nova, além do castigo de ajoelhar o discípulo por algum tempo ou pô-lo de plantão junto à parede. Muitas vezes, pais recebiam recado para ir buscar os filhos, pois o mestre, tomando umas e outras, ia dormir, esquecendo-se da classe inteira, que ficara de molho.

Baixinho, troncado, vermelho que nem peru, olhos azuis penetrantes, sempre que bebia assumia feições carrancudas e parecia desconhecer as pessoas. Certa noite, escutei-lhe a voz autoritária, sempre entremeada de palavras típicas de seu vocabulário, aproximando-me para lobrigá-lo mestre xingando o toco de um pé de manga que, na escuridão, fora tomado como gente. Outros se cansaram de flagrá-lo passando sonoros pitos em pacíficos jegues lá na praçona, no escuridêu da cidadezinha que só tinha luz nas fases de lua cheia (tempinho bom danado!).

Era seu jeito, sua maneira de viver. Inteligente, inteligentíssimo, João Correia era especialista em curar o povo através de remédios que ele próprio manipulava. Deitou fama pelo tanto de gente que vinha de longe atrás de seus remédios, à base de tintura de iodo, calomelanos, sal amargo, ruão e água vienense.

Saudades todos têm do mestre João Correia, e digo que até seus métodos de castigo são lembrados com uma ponta de reminiscência.

Certa feita (contou-me o meu amigo Carlos Alberto Wolney, já falecido), quando dava aulas no velho sobrado onde assassinaram os nove mártires do tronco, João Correia foi traído pelo sono e saiu da sala para pegar um cochilãozinho no quarto ao lado. Acostumados a ver o mestre varar a tarde dormindo para acordar no entrar do sol, os alunos deliberaram achar um meio de derreter o tempo e aguardar a hora de o mestre retomar a aula.

Dentre as idéias aventadas, foi eleita a de irem ao pé de tamarindo, que ficava atrás do goiabal, buscar tamarindos verdes para fazer chá.

E encabeçados por Carlinhos, Candinho, Santana e outros, foram quase todos, os mais afoitos, ficando alguns mais frouxos, receando talvez que João Correia acordasse subitamente, o que provocaria um tendepá dos infernos.

Passando algum tempo, volta a turma de gazeteiros com os bolsos atonetados, e alguns até com a cintura grossa e pesada de tamarindos agasalhados dentro da camisa.

Ao pularem a janela que haviam utilizado na evasão, o mestre estava esperando-os, fuzilando um a um com o azul dos olhos avermelhados pela sono e carregados de severidade.

Como castigo, fê-los comer todos os tamarindos, cujo azedume doía no pé-do-ouvido. Deve ter sido um coletivo festival de caretas.

A meninada passou vários dias com os dentes embotados, sem ao menos poder abrir a boca, pois até o bater no vento incomodava. Sorrir, então era temerário.

Quando vejo uma pessoa compenetrada de uma seriedade postiça e que parece até pagar para não sorrir, fico imaginando se não comeu os tamarindos do mestre Correia.

MEDO FAZ É COISA

liberatopovoa@uol.com.br

Medo faz é coisa!

Há tempos, em Belo Horizonte, numa roda de chacrinha, meu amigo Pianchão (que, nas minhas crônicas em Minas era para mim o que o João Brandão era para Carlos Drummond) dizia que, certa ocasião, encontrava-se num serviço de campo - topógrafo que ele é - fazendo o alinhamento da estrada de Paulista (SP) a Rio do Norte (ES).

Como em todo acampamento, há muita conversa, muito bate-papo para ajudar a derreter o tempo, onde há mais papo do que realidade, mas o serviço duro conduz todo mundo para as camas improvisadas e as redes armadas nos pés-de-pau.

Certo dia, estava Pianchão em companhia de um tal Paulinho, nome inadequado para um crioulo trabalhador e bem disposto, quando, não se sabe como, viram uma enorme onça pintada, dessas que aparecem nas histórias como comedeiras de boi e de gente. Até que ver uma pintada no meio de um matagal não é vantagem nenhuma: mas o caso assume importância no momento em que a onça apareceu deitada justo no meio da turma.

Pianchão, tirado a corajoso (pelo menos a propaganda é esta, mas, em caso de aperto não meto a mão no fogo), disse que ficou paralisado de frouxura, com a fera ali a três passos deles, lambendo placidamente os beiços descomunais e como que ensaiando um descanso, como quem não está querendo nada com a vida.

O Paulinho, diante daquele quadro de se-correr-o-bicho-pegar-se-ficar-o-bicho-come, ganhou o pé-de-pau mais próximo, e, apesar de calçado numa daquelas botinas cara-de-vaca e de o pau ser fino, em questão de segundos estava encarapitado lá em cima, que nem macaco.

Dali a uns minutos, a fera levantou-se, espreguiçou-se e foi saindo tranqüilamente, como se ali nem houvesse gente. Ganhou a picada e afundou no mundo. Passado o susto, Paulinho desceu do pé-de-pau, e a turma, encabeçado pelo Pianchão (que nunca vi gente chacoteira assim), começou a gozação, dizendo que só o medo tinha condições de ter feito o crioulo subir numa árvore de botina e tudo. Paulinho desconversou, mas a turma insistiu na idéia de Pianchão; Paulinho refugou e, ferido no seu amor próprio, protestou: que subiria tantas vezes quanto quisessem, com botina ou sem botina. E a conversa saiu da chacota e entrou no sério, surgindo até aposta. Apostaram (não sei o quê) que o crioulo não subiria de novo naquela árvore, a não ser que surgisse outra onça.

Naquele momento, após feita a aposta, surgiram uns caçadores, que vinham no piseiro da onça e, diante da admiração do pessoal sobre a mansidão e até passividade daquela besta-fera, chamou todo mundo para voltar um pedaço da picada, onde os caçadores mostraram o estrago que a onça fizera: ela matara uma porca numa tapera ali perto, e só se sabia que era porca devido a certos pedaços que a identificavam, pois o pobre animal estava completamente espostejado, que não dava nem pra se juntar um pedaço a outro. Por isso é que a monstra não bulira com ninguém: estava empanzinada de carne.

No dia seguinte, a turma começou a atucanar o Paulinho, cobrando a aposta de subir na árvore calçado na botina cara-de-vaca. Na verdade, o preto já estava antegozando o resultado da aposta, concho de que eram favas contadas. E, apesar de a turma tê-lo sungado até coisa de dois metros pau acima, ele pelejou horas e horas, mas não conseguiu subir nem meio metro mais na mesma árvore em que, na véspera, trepara em questão de segundos, todo embotinado.

Não é de todo raro ocorrerem causos em que, tangidas pelo medo, as pessoas realizam verdadeiras proezas, atravessando corgo sem saberem nadar, correndo mais do que de costume ou mesmo trepando em paus onde normalmente é impossível.

Lá pelas minhas bandas de meu torrão, um contraparente meu, Marcos Rodrigues, fugindo de uma vaca maluda, parida de novo, achou abrigo num pé de macaúba: como única valência, subiu como bala, que a vaca lhe triscava os calcanhares.

Quando a vaca sumiu, ele não pôde descer de jeito nenhum: o coqueiro ora tão espinhudo, que qualquer movimento era sintoma de graves arranhões. E ele chegara lá em cima incólume. Para descer precisou apelar para ajuda dos outros, que tiveram que improvisar um jirau.

É como eu digo: medo faz é coisa!

MAU OLHADO E BENZEDURAS

liberatopovoa@uol.com.br

No universo da medicina rústica, existe uma série de sutilezas, que, à primeira vista, confundem aqueles que não estão afeitos ao linguajar, ao vocabulário, aos usos e costumes sertanejos.

Veza por outra, refiro-me ao “mau olhado” (ou “zói ruim”); outras vezes, ao “quebranto”, que provocam os mesmos males: debilidade, moleza. Assim, podemos confundir-nos, a ponto de acreditarmos serem sinônimos.

Tanto um como o outro pertence à magia chamada negativa. A diferença entre ambos está apenas quanto ao objeto, isto é, ao alvo, à vítima: quando o efeito é produzido em um ser humano, diz-se que é “quebranto”; quando o é em animais e plantas, é “mau olhado”. Não se bota “quebranto” em animais e plantas, como não se põe “mau olhado” em pessoas.

Os sinais do “quebranto” são conhecidíssimos: bocejo constante, olhos lacrimejantes, corpo mole, tristeza, falta de apetite. Da mesma forma, o animal vitimado pelo “mau olhado”; se é ave, fica encorujada; se é planta, fica murcha. Uma variante do “mau olhado” é a “mão ruim”: só em tocar uma planta, esta pode morrer; se se colhe um fruto, a planta murcha e toma idêntico destino.

Como a diferença está apenas no alvo da misteriosa força, uma pessoa que posua “mau olhado” fatalmente pode pôr “quebranto”.

Todas as pessoas possuem, de alguma forma, irradiação benéfica ou maléfica. O “quebranto” pode vir tanto de pessoas invejosas como de pessoas sinceras. O interessante é que o “quebranto” botado por estas últimas é muito mais forte e difícil de ser retirado.

Conta minha mãe que, em 1945, eu estava com um ano, mais ou menos, um camarada chamado Macilon, famoso pelo seu “mau olhado” admirou umas pombinhas que estavam numa gaiola, e não demorou muito elas morreram de tristeza. Esse mesmo Macilon, passando lá por casa, me viu pequeno, e, tão logo ele saiu, eu comecei a sentir todos os sintomas, quase indo à sepultura, não fosse os esforços de uma boa benzedeira que havia lá no Duro e que me acudiu a tempo. Mas por muito tempo conservei os olhos fundos como seqüela daquela olhação mal encomendada.

Que eu conheça, não existe remédio para o “quebranto” e o “mau olhado”, se não as rezas e benzeduras. Plantas e animais também são benzidos. Mas quando estes são xucros ou ariscos, a benzeção no rastro surte o mesmo efeito.

Tanto para feitiços, “quebranto” e “mau olhado” há defesas, e nada melhor que uma fitinha vermelha amarrando uma figa no braço da criança para desviar os efeitos maléficos dos olhos maus e fortes, repletos de inveja, capazes de transmitir o mal.

Finado Cazuya, um louco que tanto marcou minha geração, não podia ver doce ou sabão sendo fabricado: se o doce era de corte, não havia jeito de endurecer, e se era sabão, a gente podia jogar fora, que não valia nada. Outros são citados como possuidores de uma força negativa tão grande, que não precisava nem olhar: bastava que se ouvisse a voz para as feridas perigarem e as doenças recrudescerem.

Tudo isto parece invencionice do povo, mas tudo pode ser constatado in “loco”: basta que o cético experimente dar uma chegadinha ao sertão e, informando-se da existência de uma dessas pessoas, faça a experiência.

Outros conceitos que são freqüentemente confundidos são os de simpatia e de benzedura ou benzeção. Há, entretanto uma sutil diferença, já que a simpatia e a benzeção se realizam através de rezas, sendo a simpatia uma forma secundária de benzedura. A diferença está em que a benzedura só é realizada por oficiais especializados (curadores, benzedores), e a simpatia pode ser administrada por qualquer pessoa, desde que siga o ritual preconizado: pronuncie as palavras cabalísticas ou utilize os objetos anunciados para a possível cura.

Muito se pode escrever sobre o assunto. A bibliografia é imensa. Existem assuntos interessantíssimos; como o “fechamento de corpo”, os poderes dos patuás, os “curadores-de-cobras” (despontando como o mais famoso o Zé-das Cobras), o “toré”, as “benzedoras itinerantes”, o “doutor em raízes”, os “serviços de mesa”, os “encantados”, as “cousas feitas” (tendo como a mais famosa fazedeira a negra Maria Xangô, moradora nas proximidades do São Francisco, sertão de Penedo, em Alagoas), os “preparos”, as “defesas contra”, os “cortes de doença”, e todo um elenco de assuntos palpitantes que enriquecem o folclore sertanejo, causando verdadeira paixão naqueles que procuram compreender essa estranha sabedoria do povo, do povo que não conhece nem o abecê, mas que vem transmitindo de geração para geração um conhecimento cujas origens debalde buscamos precisar.

MATANDO A CURIOSIDADE

liberatopovoa@uol.com.br

Anos atrás, quando escrevia para o “Diário da Manhã”, de Goiânia, entrei na redação para abraçar a turma e deixar assunto para uma coluna que largava lá toda semana; fiquei de bate-papo com um e com outro. Um queria saber se a pinga daqui é boa; outro contava que o Jorge Braga tornou tinha tornado a cair de moto (estava caindo mais do que nossa moeda) e ficaram especulando coisas daqui, pois parece que o povo da cidade grande já vive é saturado de tanto horário, condução, crediário, SPC, e outros ranços de hoje.

Sentado à máquina, datilografando uma lauda, alguém me chamou pelo nome (seguramente por ter ouvido a conversa no burburinho) e eu, procurando conhecer a todos, quando levantei as vistas pensei que era o Zivaldo aquele camarada tiposo atrás da máquina. Depois, reparando bem, vi que não era o homem de Carangola (ou será Caratinga), pai de "Jeremias, o Bom", há muito falecido. O certo é que a cara não me era estranha, mas logo ele me tirou da dúvida: era o Luiz Augusto, que todos os dias estava (e ainda hoje está nas páginas do jornal, com suas notas sempre interessantes. A pena mágica do desenhista retratou-o quase que fielmente, faltando apenas o aspecto jovial e a coloração dos cabelos do original, que justo naquela hora me falava:

- Pois é, rapaz, leio todas as suas colunas.

- Quem manda você estar por cima. . . - retruquei, apontando o espaço de sua coluna, logo acima da "Página Aberta", que era de minha lavra. Mas o Luís Augusto, com aquele ar bonachão, me cobrou:

- Como é, rapaz, você não diz onde mora, pois nas suas crônicas só fala aqui na “minha cidade”, “no interior” e, quando muito, “lá no Duro”, que não sei ao certo que cidade é a sua.

Pois é, satisfazendo a curiosidade de um bando de gente que vinha telefonando pra redação atrás de endereço meu, aproveitei para informar, ao mesmo tempo em que fiz um retrato de lá de São José do Duro, servindo também para matar a curiosidade do Luiz Augusto.

São José do Duro foi São José do Duro até 1938, quando a vila (também conhecida por Vila do Duro) foi elevada à categoria de cidade com o nome de Dianópolis. Isto, porque, na época, havia várias Dianas (que, na verdade eram Custodianas): Diana Póvoa, Diana Nepomuceno, Diana Leal, Diana Costa, sem se falar em possíveis outras.

Mas isto é só para servir de embocadura. Pela catadura com que me apresentava lá, podem saber que aqui era um interior ainda por desbravar em muitos pontos: faltava luz (ter, tinha, mas todo dia às 6 da tarde ia embora por quase uma hora, para "descansar o equipamento"); não tinha água (aliás, ter, até que tinha, mas a Saneago já andava meio manjada com esse negócio de cobrar do consumidor, que nem sempre podia ter o líquido); comunicação com o "exterior", tínhamos a Votec duas vezes por semana, mas a linha aérea era deficitária e acabou foi acabando mesmo; ônibus, tínhamos diariamente para Brasília e Goiânia, mas o fato de eu só ir lá de carro próprio justificava: de lá pra Brasília há uma linha com nome errado - o nome oficial era Viação Paraíso, mas, pela experiência da última viagem que fiz, devia ser era "Purgatório" (para rodar 700 Km gastávamos nada menos que 30 horas). Para inteirar as medidas, costumava dizer que na empresa a gente, quando embarcava, era passageiro, mas quando desembarcava era sobrevivente. Mas deix'isso pra lá, e vamos adiante, pois com a divisão do Estado, e a conseqüente criação do Tocantins, acabou-se o atraso, pois Brasília caiu na desimportância, e o pólo de atração hoje é Palmas.

A cidade já teve seus dias de glória, quando só havia gente de lá mesmo, mas com a chegada de gente de fora, está ficando cosmopolita até demais. Tem uma história muito triste, que Bernardo Élis retratou no seu romance "O Tronco", onde a polícia de Totó Caiado matou, a sangue frio, vários parentes meus, entre eles meu avô e um tio menor. E sobre o assunto, o mano Osvaldo Póvoa escreveu "Quinta-Feira Sangrenta", que, sem bancar o cabotino, recomendo como excelente e quem quer conhecer nossa história deve ler, ainda mais que saiu recentemente uma edição ampliada que o Governo mandou fazer.

A política andou bagunçando um pouco, com as brigas (por baixo das cortinas) de parentes e os governos estaduais de Goiás, que mais atrapalhavam que ajudavam. No mais tínhamos nossos tipos característicos (Né Velho, Chico Farinha-Seca, Justina e Anjo); a pinga boa de Chico Araújo, a fazedeira de bolo, que era Ditosa; a carne-de-sol melhor do Brasil; os conhecidos dos tempos de infância para o bate-papo de recordações, que levavam a gente a ter assunto a rodo para explorar a minha coluna semanal; enfim, a cidadezinha é a imagem de cidade provinciana, onde todo mundo conhece todo mundo, onde os mexericos andam à solta, transformando comédia em tragédia e vice-versa. Em suma, dali do meu recanto, escutando a natureza e criando os meninos soltos, de pés no chão, sem temor de trânsito, é que semanalmente produzia meu artigozinho, que muitos leitores não sabiam de onde saía.

Veza por outra, metia-me no meu carrinho de segunda mão e ia até a civilização, para assuntar as coisas, que não andavam lá muito bem das pernas, com este custo de vida que sempre está pela hora da morte, e aproveitava para comprar algo de novo nas livrarias, principalmente para estar sempre em dia na advocacia que exercia e que era meu ganha-pão, pois de empregado do Estado já tinha enchido as medidas e pedi as contas, e literatura é como esse biscoito que tratam de papa-ovo: parece que dá pra matar a fome, mas é só forma.

Pois é. O espaço acabou, mas ainda tem muita coisa. Mais logo vou concluir o retrato dali de Dianópolis, pra que meus pacientes leitores, que me lêem toda semana, não façam mau semblante dela.

MARIA SEGURADA

liberatopovoa@uol.com.br

Na medicina popular, misturam-se em busca da cura agentes vegetais, animais e místicos, fazendo da superstição o responsável por quase tudo: é a água no chocalho para apressar a fala da criança, o cipó verde em volta do pescoço para prevenir a azia, o fiapo de baeta vermelha pregado na testa para curar o soluço, a pancada de colher de pau na cabeça do gago para curar a gagueira e uma infinidade de patuás e simpatias que - diz o povo - curam.

Fala-se muito em raizeiro, rezador e curandeiro, (ou curador), sempre que alguém se notabiliza pela cura de doenças, pela quebra de feitiço ou pela prevenção de pragas na lavoura. Mas, apesar da confusão ou mesmo da sinonímia dessas palavras, existe diferença entre elas. Tanto o raizeiro, como o rezador e o curandeiro curam doenças; daí, a confusão. Mas raizeiro é o que prescreve plantas, ervas e raízes, mas não se utiliza de misticismo e sugestão, nem prepara a garrafada; rezador é o que cura doenças por deter muito poder de sugestão, dando volta no quebranto, na espinhela caída, desmanchando o feitiço e curando o vício; o curandeiro, ou curador, é aquele que faz o tratamento do paciente, não a poder de rezas, mas através de remédios do mato e garrafadas que ele mesmo prepara e cuja fórmula é mantida em absoluto segredo, além de dietas rigorosas. O curandeiro difere do raizeiro porque este prescreve as raízes apenas, e aquele prepara as beberagens e acompanha o tratamento. Para o sertanejo, entretanto, todos possuem poder de sugestão e sabem rezas brabas para desfazer inhacas.

No município de Conceição do Tocantins, é legendária a figura de Paraguaio, um misto de curandeiro e rezador, cuja fama deixou raízes: curava doenças, livrava fazendas de cobra, fazia cachaceiro arrenegar a bebida. Morto Paraguaio em época que não cheguei a alcançar, permaneceram o velho Severiano, nas terras de Dô Azevedo, e Maria

Segurada, na Cabeceira Verde. Severiano é o que se podia chamar de "rezador", realizando prodígios - segundo o povo - a poder das rezas fortes, indo gente de longe para os mais diferentes casos. Maria Segurada, por seu turno, era a "curandeira", que não mexia com rezas e feitiços, mas já curou males brabos de gente desenganada pelos médicos.

Em 1971, com uma úlcera no estômago, tive oportunidade de estar com Maria Segurada, que morava a duas léguas e meia da fazenda onde eu sempre passava as férias. Depois de uma consulta sem muitas perguntas, foi-me prescrita uma rigorosa dieta, e três dias depois fui buscar as beberagens preparadas: duas garrafas com uma quantidade meia de pinga com um punhado de raízes e mel de tiúba, para tomar três doses ao dia. Durante mais de 15 dias amarguei a dieta e engoli a meizinha.

Ao retornar, como cessassem as dores de estômago, o médico prescreveu uma radiografia. O mal tinha sumido.

Agora, que meu médico, escarafunchando meus intestinos para achar a razão de uma dorzica que me está roendo por dentro, leu na chapa uma úlcera no duodeno, estou no mato sem cachorro, porque a velha Maria Segurada já não pode receitar suas benditas mixilangas. Desde que morreu, o sertão tornou-se órfão, e a ciência popular perdeu o norte.

MANUEL ANTÔNIO, O BANDEIRANTE DO DURO

liberatopova@uol.com.br

As estradas, hoje, cortam o Brasil em todas as direções. Milhares e milhares de quilômetros levam e trazem o progresso, que não causa mais nenhuma surpresa. No mais longinquo dos lugarejos, caminhões, automóveis e ônibus trafegam ante a indiferença de olhos que, anos atrás, ficavam estarecidos.

No norte tocantinense tornou-se legendária a figura de Manuel Antônio, o homem que pela primeira vez entrou com um caminhão em São José do Duro.

Manuel Antônio - os mais velhos é que contam - saiu de Barreiras, na Bahia, a quase quatrocentos quilômetros do Duro, num velho e chacoalhante caminhão daqueles Ford, lá pelos anos quarenta, com a carroceira cheia de latas de gasolina e enfrentou uma região inóspita cheia de rios, alagadiços e gerais esturricados, fazendo estrada e construindo toscas estivas até que, depois de longa e penosíssima travessia, foi bater em São José do Duro.

A chegada do primeiro veículo ao lugar trouxe um rebuliço danado, pois pouquíssimos conheciam aquela coisa estranha e zoadenta. A esmagadora maioria só conhecia caminhão por notícia de quem já estivera em locais mais avançados, e o povo até fazia chacota quando diziam que automóvel andava sozinho, sem ninguém a empurrar e também sem puxar a modo de carro-de-boi. No dia em que a chimbica de Manuel Antônio entrou no lugar, muita gente correu pro mato imaginando que aquela engenhoca esquisita chegara ali pra engolir o povo.

Passado o susto, a figura de Manoel Antônio tornou-se legendária, uma espécie de herói, cujo retrato estava em quase todos os álbuns da cidade: até hoje deve existir lá em casa num velho álbum a fotografia amarelecida pelo tempo em que o Ford velho aparece rodeado pelos maiorais do lugar, e na frente, com um pé em cima do pára-

choque, o heróico Manuel Antônio, com um boné parecido com aqueles de soldado da polícia.

Hoje, ninguém mais ouve falar em Manuel Antônio: o progresso causa espanto só no início; depois se vulgariza. Mas atrás da trilha desenhada a facão e machado pelo intrépido pioneiro, veio a estrada que carreou muito progresso para o lugar que hoje pontifica entre os mais adiantados do sudeste tocantinense.

Manuel Antônio foi-se embora. Mas de vez em quando, meu pai nos falava dele, de sua coragem, de seu desprendimento e espírito pioneiro, desbravando aquelas imensidões pelo simples espírito de desbravador, pois nem comerciante era, para justificar um alargamento de campo para um possível comércio.

Imagino o trabalho que o velho pioneiro teve naquela época bravia e selvagem, cheia de cobras e impaludismo, pois já nos meus tempos, beirando anos sessenta, meu irmão Osvaldo, prefeito na época, fez a primeira estrada para Conceição do Tocantins levando o caminhão até aonde só cavalo e burro iam. E a passagem do caminhão causou espanto, medo e até terror àqueles ignorantes sertanejos, que levaram abóboras, tapioca e outros agrados para dindinho Juvêncio, motorista do Chevrolet da Prefeitura, não sei se por medo ou para cativar-lhe a amizade. Se vinte anos depois o povo se comportava assim, imaginem como teria sido antes?

A abertura da estrada para Conceição e a conseqüente entrada do Chevrolet na rua não causou o mesmo impacto pois o povo de Conceição do Tocantins, em grande parte, já conhecia carro, porque andava sempre em minha cidade onde já havia mais de meia dúzia de veículos, Mas, como era tempo de eleição, e a cidadezinha estava cheia de gente do mato, ainda se registrou gente correndo. Depois que se viu que aquele trem não comia gente, o povo perdeu o medo e passou até a pedir para andar no caminhão. E quando o caminhão passava perto dos bailes da eleição e o pessoal escutava a buzina, era um tal de rapaz largar moça dançando sozinha, que ninguém era besta de perder um passeio de carro, em cima da carroceira, que ficava durinha de gente.

E Manuel Antônio? Anos depois, estando em Goiânia, soube que ele morava ali por perto - e fui conhecê-lo: velho, alquebrado, desiludido, lutando par conseguir uma pensão do Governo, em reconhecimento pelo seu trabalho desbravador. Até me mostrou algum recortes de jornais, onde aparecia todo imponente exibindo o merecimento justo de sua proeza. Mas estava quase passando fome. Até me pediu para escrever sua história. Mas era uma coisa tão difícil que prometi só para aliviá-lo nos derradeiros dias de vida.

Seu carro velho está hoje exposto num logradouro de Goiânia, segundo me disseram. Quanto a Manuel Antônio, soube que morreu: sem a pensão, esquecido e desamparado, como alguns dos bandeirantes, que enfrentaram tudo para abrir horizontes para os outros, morrendo pobre na proscrição do esquecimento.

MANIAS OU FRESCURAS?

liberatopova@uol.com.br

Mania, excentricidade, todo mundo tem. Um repõe na caixa de fósforos o palito riscado; outro sempre faz o nome-do-padre quando passa em frente a uma igreja ou cemitério; o cachaceiro derrama o tiquinho de bebida pro santo, e o certo é que todo mundo carrega no viver um sestro ou mania qualquer.

Meu padrinho João Barbosa (que viveu aí na velha Macambira, hoje, setor Pedro Ludovico, em Goiânia, e que tanto fuçou até arranjou uma praça para batizar com o nome da velha Zidora) tinha duas: a primeira era a de ser padrinho de Deus e o mundo, e o rol de seus afilhados é capaz de elegê-lo para uma coisa qualquer, pois ele não esperava ser convidado - oferecia-se e acabava arranjando um afilhado, como foi o meu caso, quando ainda estava na barriga, sem saber se ia ser homem ou mulher; pouca gente lá de Dianópolis escapou de ser-lhe afilhado, e com isto ele vulgarizou tanto a figura de substituto do pai, que muitos até se escondiam para não lhe tomarem bênção. A outra mania era a gravata: chovesse ou fizesse sol, de dia ou de noite, na rua ou no mato, jamais o surpreenderam sem a gravata listrada; de tanto vê-lo sempre engravatado com aquele enfeite de pescoço já ensebado pelo uso, o povo até espalhou que ele dormia de gravata. Mas isto é abusão do povo, que tem um prazer em querer desprestigiar os outros, e meu padrinho entrou no dança da falação.

Meu pai tinha três manias, que não eram propriamente manias; eram ojeriza: ninguém ficava dentro de casa de chapéu na cabeça, que ele mandava tirar na mesma da hora, fosse quem fosse, que ele tinha verdadeiro asco; outra era cachaceiro: quem entrasse em casa fedendo a pinga ou falando molengo podia ter a certeza de que ouviria poucas e muito boas de meu pai, que nessas horas se esquecia de quem era amigo, parente ou compadre, e passava exemplar sarabanda em quem quer que fosse; a terceira era galinha perambulando dentro de casa; para ele, galinha, só no prato, e se estivesse à mesa no almoço ou na janta e ouvisse um cacarejar nas proximidades, deixava o prato e ia pessoalmente escorraçar a intrusa, escoltando-a até o portão do quintal. Quando ele chegava à mesa, olhava se o vidro de pimenta malagueta estava ali e se as galinhas estavam presas no quintal, mas deixava alguém, por segurança, de plantão para prevenir possíveis aproximações das pessoas.

Uma espécie de mania que é quase universal no pequeno mundo sertanejo é a prevenção que se tem com a carne, a banha e o toucinho de porca. Os mais velhos acham que a porca é reimosa, e sua carne ou gordura perigam as doenças, recrudescem os defluxos e inflamam as feridas. Quando alguém expõe no açougue as bandas de algum suíno, vem logo a inevitável pergunta:

- E porco ou porca?

Se for porco, cedo se consome. Se, porém, for porca, só os mais jovens comem, pois a fama de reimosa da porca é tradicional.

Contava meu pai que, de certa feita, levou umas garrafas de gordura para sua tia Fabu, que temperou sua panela com a banha durante muito tempo. Depois, passado mais de mês, ele foi indagar sobre o que ela achara da gordura de porco que levava.

- Muito boa, meu filho. Só não posso é com gordura de porca. Cê vê que gordura de porco não me ofende. Se fosse de porca...

Ele riu e confessou-lhe que as garrafas eram de gordura de porca, mas tia Fabu não se deu por vencida:

- Ê por isso que andei sentindo umas dorzadas aqui no fígado...

Era só preconceito contra a pobre porca, pois todo mundo come, desde que não se conheça previamente o sexo do suíno sacrificado para nossa mesa. Isto, porém, jamais aconteceu com minha madrinha Zidora, mulher de João Barbosa (o da gravata, de quem falei aí em cima), que não comia carne de vaca; só de boi. E não adiantava tentar enganá-la, pois, estranhamente, crua ou cozida, ela conhecia quando era boi ou vaca. Até provas fizeram com ela, e os testes revelaram 100% de certos.

Lá em casa, meu irmão Tonho, que vem logo antes de mim e hoje é técnico de rádio e microempresário, tinha cisma: não comia chuchu. Quando se fazia chuchu lá em

casa, ele ia pedir aos vizinhos para trocarem um prato de chuchu por outra mistura qualquer. Não podia ver chuchu. Mas não era mania, era frescura. Senão, assunto:

Um dia, estávamos todos à mesa, quando mãe colocou urna tigela que fumegava uma iguaria esverdeada, misturada com ovos batidos e temperada com cebolinha verde, despertando pelo cheiro o apetite da gente. E Tonho, já olhando de esguelha, e sempre querendo ser as cuecas de Getúlio, indagou:

- Que negócio é isso aí? É chuchu?

- Não - replicaram - É maracujá! É picado de maracujá-verdadeiro.

Ele assumiu ares de importância e, puxando para si a tigelona, comeu até fartar-se, precisando que nós outros lhe reclamássemos que ainda havia gente pra comer. Depois que ele acabou a refeição, fomos dizer-lhe que aquilo era chuchu, mas a reação foi a mesma, e no tampo da fivela:

- Diabo! Só porque cês sabem que não gosto de chuchu, cozinham essa piçarra pra gente comer!

E de barriga cheia de chuchu, saiu xingando.

MAJOR VALENTIM

liberatopova@uol.com.br

Lembro-me perfeitamente do major Valentim. Acho que não é privilégio nenhum guardar na memória por muitos anos sua imagem: forte, preto retinto, que de branco só tinha a serrilha dos dentes e o carço do olho, voz espremida, morando na fazenda, lá pelas bandas das Almas.

Não sei se o título de major remanescia de alguma patente da velha Guarda Nacional, adquirida a peso de muitos contos de réis em selos da Província de Goiás, ou se devido a sua riqueza, que o velho era cheio dos cobres. Dizem, porém, que Aleluia, bonita e vistosa, se casara com ele menos por dinheiro e mais por obra de urucubaca.

Era o símbolo da ingenuidade: durante anos, seu filho, Aduplínio, alisou banco em Belo Horizonte, sem nunca passar do primeiro ano científico, mas engambelou o velho dizendo que precisava de mais dinheiro porque estava fazendo um curso muito pesado, o "curso de repetência". E o major Valentim propalava aos quatro ventos a especialidade do curso que o filho fazia.

Quando começaram a surgir os primeiros rádios a bateria, ele achou interessante aquela novidade e encomendou um ao meu tio Dito. Chegando a preciosa encomenda, pediu a meu tio que botasse pra conversar. E tão admirado ficou, que pegou o rádio (daqueles grandões de bateria imensa e pesada), colocou-o no meio da carga do jegue, e foi tocando seu jerico musicado rumo à fazenda, onde instalou o precioso aparelho num lugar de destaque.

Por descuido, tio Dito não lhe ensinara a desligar o rádio. E o aparelho, que, de início, enchia de novidade e prazer a casa toda, foi-se transformando numa engenhoca incômoda, pois o major Valentim passou a perder sono, que o diabo do rádio não se calava de jeito nenhum. Passou a dormir lá longe, armando a rede no chiqueiro dos bezerros até a bateria esgotar-se por completo.

Quando, nos anos vinte, a Coluna Prestes passou pelo sertão goiano, saqueando fazendas e carregando o que podia, o povo esguaritou-se no mundo, correndo do revoltoso. Major Valentim, ainda novo, mas já rico e ostentando a patente, foi suficientemente esperto para livrar-se: em vez de correr pros brocotôs da serra, vestiu uma roupa velha, rasgada, e entrou num barreiro de amassar barro pra fazer adobes; quando os revoltosos chegaram e indagaram por um tal major Valentim, muito rico e dono de muito ouro e gado, ele se fez de tolo e gungunou qualquer coisa ininteligível: o pessoal da Coluna Prestes acabou deixando aquele negro sujo de barro e atoleimado. E foi sua salvação.

Deus deve ter maior Valentim em bom lugar, para premiar uma vida que não prejudicou ninguém e que deixou passagens que só com ele aconteceria, como a vez em que comprou uma alpercata arreada, mas foi descalço para a cidade, deixando para calçá-la ao entrar na rua, "pra não gastar nos gorgulhos". Quase chegando, levou uma topada, que lhe arrancou a cabeça do dedo. Sua reação foi a de comentar com Aleluia, que viera ajudá-lo a levantar-se:

- Ainda bem que eu tava de pé no chão. Se tivesse calçado, era bem riscoso desferrar minha precata nova!

LÁ NO POÇO DA LAPINHA

liberatopova@uol.com.br

O banho todas as tardes no Poço da Lapinha era uma festa. Reunimos num mutirão mais de vinte moleques e represamos o córrego do Godinho, dentro da roça de

pasto de Joca Costa e lá íamos, diariamente, à tardezinha, tomar nosso banho coletivo. Batíamos uma pelada de bola de mangaba, pois não conhecíamos bola de couro, e depois atravessávamos o pasto e tomávamos um gostoso banho, que não era propriamente banho, pois nem sabão usávamos. Era tirar a roupa e cair de mergulho.

Uma tarde, chegando ao poço, tirei meu calçãozinho de brim ordinário e cujo elástico se soltara, tendo sido substituído por um cinturão que subtraí de um dos irmãos mais velhos; mas em vez de dependurar o calção na cerca de arame ou numa touceira qualquer como os outros, achei de deixá-lo em cima da cangalha de um jegue que cochilava arreado, enquanto Luís Pancinha, um conhecido tipo da cidade, enchia os barris com que transportava água para as obras de construção do mercado. Eu me esqueci do calção, até que, na hora de ir embora, fiquei gelado ao notar a ausência de Luís Pancinha e do jegue com a cangalha.

Muito bobo, em vez de pedir a algum dos companheiros para passar em casa e pegar uma roupa com minha mãe, fiz foi dar uma desculpa, que ia dar uma tchibungada a mais e que mais tarde iria embora etc.

Passados uns minutos, chegaram mais uns colegas de irresponsabilidade e procurei saber se Luís Pancinha estaria voltando para nova viagem em busca de água, para poder reaver meu precioso calção. Informaram-me que Luís Pancinha já havia desarreado o jegue e que estava indo para a Água Boa com "Seo" Ambrósio, em cuja casa vivia. E tive que confessar minha mancada: mandei pedir à minha mãe outro calção, pois, de vestimenta, eu estava apenas com o cinto de couro afivelado à cintura.

Enquanto eu aguardava, fui para a porteira da roça de pasto, em cujo moirão fiquei encarapitado, de olho na estrada, esperando a roupa.

Não demorou muito, ouvi vozes conhecidas, que encurtavam a distância até onde eu estava, e tratei de me esconder, pois era muito vexatório me pegarem ali só com o cinturão na cintura - eu, que já regulava meus treze anos e cultivava as primeiras vaidades, ensaiando namoricos platônicos com as meninas do lugar. E em vez de esperar escondido e pedir que deixassem a roupa, que de longe me anunciavam ter a minha mãe enviado, enchi-me de vergonha e tratei de cair na maravalha, levando a roça de pasto nos peitos e entrando pelo leito do Godinho até alcançar uma grota muito comprida que ia dar quase na praçona onde ficava minha casa.

Arranhando-me em espinhos de veludo e arriscando-me a ser até mordido por alguma cobra ou caranguejeira, muito abundantes naqueles locais, percorri cerca de um quilômetro por dentro da grota, quebrando gravetos e desviando-me dos cipós espinhentos que atravessavam aquele vale de ponta a ponta.

Quando o sol estava quase entrando, consegui sair - todo arranhado, e em petição de miséria - chegando à quina do muro que dava na praçona. Ali, reparava alguns bêbados que conversavam na porta de Joaquininha, que ficava na "linha de tiro" entre mim e a minha casa. Por fim, quando os bêbados voltaram para dentro da venda de Joaquininha para reabastecer seus copos, esperei o movimento mornar-se um tiquinho. Quando achei que a hora estava propícia, mirei o rumo, fechei os olhos e saí como flecha até à porta de casa, onde, desgradaçadamente, dei de cara com o cortejo do enterro da velha Bequinha, e caro me custou desembaraçar-me dos acompanhantes, que começaram a gritar: "Olha um menino pelado aqui", até chegar em casa, são e salvo, embora todo estropiado.

Também não era para menos: minha mãe achou de mandar ao Poço da Lapinha justamente uma turma de meninas da minha idade - Dóris, Netinha, Dinorá e outras - com as quais eu alimentava com certo xamego, e não ficava bem me verem vestido apenas com o cinto de couro em torno da cintura e com o resto do corpo completamente "na base do vento a favor".

A partir daquele fato, eu era o único que se banhava entonado num calção. Por medida de segurança.

COM DOR E SEM DOR

liberatopova@uol.com.br

Sem dentistas formados, o interior valia-se mesmo era dos dentistas práticos, que usavam mais o boticão do que as brocas para obturar cáries, pois o povo deixava para ir ao dentista só quando restavam apenas tocos de dentes, que contavam a história

de muitas dores. Quando a dor apertava, em vez de correr ao dentista para, pelo menos, colocar ácido fênico na cava dolorida, o povo preferia fumar uma mistura de caroço de cedro para, adormecendo o dente, paliar a dor. Outras vezes fazia um sinapismo, machucando alho e amarrando-o na ponta do dente mindinho do lado do dente doído, provocando uma pulsação muito grande no dedinho, "desviando" o pulsar do dente para o local do sinapismo. A Ciência deve ter uma explicação para esse remédio que não poucas vezes me aliviou dores de dente.

Na minha cidade, o dentista era tio Pery, que aprendera a profissão que lhe tornou o segundo meio de vida. Seu consultório resumia-se numa cadeira forrada de veludo azul-marinho, os ferrinhos e o temível obturador, que todos chamavam de motor, que de motor mesmo não tinha nada, pois era movido a pedal, como esses de máquina de costura, para girar as dolorosas e antipáticas brocas que pareciam roer não só o dente, mas também a alma do cliente.

Raros clientes usavam fazer tratamento de dentes, pois a preferência era a extração, substituindo toda a arcada por uma vistosa dentadura, obrigando o paciente a passar por doloroso regime de sopa e líquidos durante vários dias, pois não conseguia mastigar até que a dentadura fizesse um calo nas gengivas e no céu da boca. Isto, depois de tio Pery experimentar tirar diferenças raspando a dentadura com o canivete "Corneta" que ele tinha e repetir dezenas de vezes esse rudimentar ritual de adaptação, até que a encomenda ficava pronta, e o freguês, apto a mastigar.

No seu consultório, que só atendia até as oito ou nove da manhã, no mais tardar (que seu sustento garantido mesmo era o balcão da loja de que era um dos sócios), milhares de bocas se abriram e montes de dentes furados passaram pelo seu boticão. E fatos curiosos decerto ali se deram. Era comum chegar gente do mato querendo extrair todos os dentes, embora perfeitos, para substituí-los por uma dentadura completa, porque o povo mais recorrente usava dentadura. E diálogos como este eram comuns:

- Seu dente está imprestável! O jeito é extrair.

- Não, "seu" Pery, esse miserável tá me atazanando demais e nem durmo direito. Eu queria era outra coisa.

- O quê? - espantava-se tio Pery, completando: - O remédio é extrair o dente.

E o cliente, dando uma de entendido, de corajudo, arrematava a conversa:

- Em vez de "distrain", eu queria mesmo era arrancar o diabo desse dente!

Afixado à porta de seu consultório, um aviso chamava a atenção:

"COM DOR, TRÊS CRUZEIROS.

SEM DOR, CINCO CRUZEIROS".

Muito tempo se passou, até que consegui atinar com o significado daquele aviso, e me explicaram: a extração, "com dor" significava "sem anestesia", e "sem dor", "com anestesia". Era justificável: os tubinhos de anestesia vinham de muito longe e nem sei como chegavam, pois o correio era em lombo de burro; avião, só se conhecia quando coincidia uma rota passar por cima do lugar, e caminhão só ia lá uma vez na vida e outra na morte, pois as estradas de carro-de-boi só deixavam passar carro com muito sacrifício para abastecer o incipiente comércio e voltar carregado de couro de boi, pena de ema, pele de veado e caititu e saco de arroz. A pobreza do povo tinha a alternativa do "com dor", que só os mais providos podiam dar-se ao luxo de aliviosa anestesia.

E a invenção do "com dor" e "sem dor" veio inspirar outras atividades: um dia, vi escrito numa caixa de engraxar: "*Com dor, duzentos réis. Sem dor, quinhentos réis*", e fiquei sem saber de que modo o engraxate poderia exercer sua profissão com dor e sem dor. Quando eu soube que a caixa era de Dalton, filho de dona Dodô, o mais encapetado moleque do Duro, pensei logo que boa coisa não era.

E passei a reparar suas engraxadas. Numa tarde, ele engraxava as botinas de um mascate libanês:

- Com dor ou sem dor? - indagou Dalton, dizendo que o sapato ficaria limpo do mesmo jeito mas com dor era duzentos réis. E o mascate, como era de se esperar, optou pelo "com dor", de duzentos réis.

Logo fiquei sabendo. "Com dor" era, após cada escovada no sapato uma "escovada" com as costas da escova na canela do freguês.

CRÉDITO ESPIRITUAL

liberatopova@uol.com.br

Antes de 1952, eu conhecia padre quando um chegava lá pelo sertão para rezar a missa de São José, o padroeiro, no dia 19 de março. Nessa oportunidade, eram feitos

casamentos e batizados. O padre, que variava (uma vez, era o finado padre Faustino; outra, o padre José Klauss), era disputado como hóspede pelos grandes do lugar, que tinham na igreja uma coisa de outro mundo, e levar um padre para casa representava uma indulgência que equivalia a salvar a alma.

Um dia do ano de 52, deram na gente um banho mais caprichado, vestiram-nos o uniforme da escola e colocaram-nos em fila ao longo da rua principal: íamos receber o primeiro padre, que inauguraria a paróquia. Era o padre Magalhães, que tanta influência teve na formação da juventude de minha cidade, mais na condição de educador do que na de padre mesmo, pois viera de Belo Horizonte, onde recebera excepcional formação no seminário. E com o mesmo entusiasmo com que recebeu os ensinamentos de grego, hebraico, latim e teologia, tentou abrir nossas cabeças para jogar lá dentro coisas que não entendíamos e que soavam como do outro mundo.

Depois, poucos meses, inauguraram o Ginásio João d'Abreu, e chegaram as primeiras freiras da congregação das Escravas Concepcionistas do Divino Coração, algumas das quais "importadas" diretamente da Espanha, trazendo arraigado o sentimento religioso e puritano do regime de Franco, que era endeusado pelas freiras. Chegaram as madres Aránzazu, Belém, Glória, Anunciata e a única brasileira, a madre Consolata, que servia de intérprete. Era velhinha piedosa inocente como criança e que veio se constituir num símbolo da benevolência: como professora de inglês (por falta de alguém que soubesse rudimentos da língua) a madre Consolata jamais reprovou alguém: em compensação, a gente saía do ginásio sem saber conjugar nem mesmo o verbo "to be". Também, pudera, pois a "cola" era livre, e às vezes a piedosa velhinha queria ajudar alguém que ia choroso para saber o que ia cair na prova, e a madre Consolata, inocentemente, dava todas as questões para ele "estudar e fazer boa prova, viu, meu filho?". No dia da prova, aproveitando-se de que a madre tinha as vistas curtas, a turma em peso levava a prova respondida, pois até o papel almaço timbrado do ginásio era conseguido por baixo das cortinas.

A chegada das freiras foi durante muito tempo motivo de curiosidade, quer pelo hábito preto e pesado, quer pelos costumes europeus, quer pelo falar castelhano, uma "conversa misturada e ligeira", como o povo dizia. Vinha gente só pra escutar as freiras conversando.

Lembro-me de um dia, quando chegou um matuto para vender uma carga de lenha no ginásio (onde as freiras moravam) e enquanto a madre Consolata foi lá dentro apanhar o dinheiro para pagar o homem, ficou a madre Glória na saleta com ele. Ficaram calados, porque ela não sabia conversar em português, e quando o matuto falava alguma coisa ela se limitava a arregalar os olhos sem entender, ainda mais que o palavreado dele era cheio de "mode quê", "esturdia", "condafê", "pondorô" e outras peculiaridades. Vendose sem resposta e reparando que a madre Glória se esforçava para entendê-lo, o homem achou que devia pelo menos demonstrar a ela que ele estava bem impressionado. E, querendo ser agradável, aproxima-se da religiosa e falou todo enfático, como se estivesse "abafando":

- Eta diabinha danada de bonita!

Espantada estava, espantada continuou a madre Glória.

Na rua em frente do ginásio morava Olímpio, marido de Glória, ambos de cor negra. Vindas de um lugar onde preto é fruta rara (senão inexistente), as freiras custaram a acreditar que era gente. E foi um deus-nos-acuda quando apareceu à porta do Ginásio o Tonho, filho dos dois, que, com seus três ou quatro anos, andava pelado na rua (como os de sua idade). Foi um escândalo para as freiras, que ficaram muito tempo sem abrir a janela que dava para a rua de Olímpio.

Hoje, tudo se modernizou: o Estado encampou o ginásio, as freiras mudaram de hábito e de hábitos com a modernização da congregação, as antigas foram para a

Espanha e a madre Consolata foi transferida para o Rio de Janeiro, onde passou seus derradeiros dias à sombra da casa que a congregação tem na Gávea.

Belos tempos do colégio, quando tudo era mais gostoso! Inesquecíveis dias em que tínhamos que rezar o terço antes das aulas e a Ave Maria antes e depois de cada intervalo!

Hoje quase não rezo. Não por falta de tempo, mas porque o que rezei naquele tempo já me deu um crédito para muitos anos mais de heresia.

IOIÔ BENEDITO

liberatopova@uol.com.br

As presepadas de meu pai, suas brincadeiras e seu humor espontâneo não começaram nele: seu pai, ioiô Benedito - contam os mais velhos, pois meu avô morreu 25 anos antes de eu nascer - era o tipo bonachão, cheio de prosa e xingador. Conversava alto; andava xingando os outros, não com o intuito de ofendê-los, mas por força de seu temperamento aberto e espalhafatoso. Às vezes, ia com a família todinha hospedar-se em casa de parentes ou amigos na vila (naquele tempo, era tudo vila; cidade, só no Sul), e era useiro e vezeiro em pregar peças e deixar os menos acostumados com seu jeito em situação difícil: sisudos anfitriões ficavam sem graça quando meu avô dava uma de suas tiradas:

- Cê precisa dar de comer esses meninos magros, Fulano! Deixe de ser miserável, homem!

Muitas vezes, convidava os mais influentes da Vila de São José do Duro para almoçarem com ele na fazenda Prazeres, onde morava. Mas nada avisava a minha avó, iaiá Amélia. No dia aprazado, logo cedinho, ele dizia:

- Amélia, faça aí um cirigadinho ligeiro, que vou fazer uma viagensinha, mas volto de tarde! - e arreava sua mulona, escanchava e ganhava a estrada.

Lá para as dez horas, chegava a caravana e, para espanto de minha avó, descia o farrancho todo, apeava na maior intimidade, uns afrouxando a cilha dos arreios, outros trazendo já os pelegos e coxonilhos para dentro.

- Tão indo pra Sicupira, minha gente? - indagava minha avó.

O pessoal entreolhava-se sem entender a justificada ignorância de minha avó, e um dos mais íntimos se adiantava:

- Uai, Amélia, o Benedito nos chamou pra almoçar aqui hoje...

Ela punha as mãos na cabeça:

- Esse Dito não se corrige! Sempre fazendo das suas - e desdobrava-se com a criadagem no preparo do almoço, matando leitoa e frangos capões que sempre mantinha no ceveiro.

Na hora em que o pessoal estava todo em redor da mesa comendo, chegava ioiô Benedito, fazendo o maior espalhafato do mundo, rindo das expressões de desconcerto dos convidados.

Assim era meu avô. Mas não era só isso.

Fazendeiro, todo ano tocava boiada para vender na Bahia. E uma ocasião, na época da seca braba, ele chegou a uma fazenda nos sertões de Jacobina, com seu gado estropiado e morto de sede. Procurou o dono da fazenda, que estava no terreiro queimando beijus bosta de gado seca para espantar muruim. Falou em alugar um curral para o gado passar a noite, pois era capaz de a boiada arrancar-se, ficando solta e apenas pastoreada pelos peões. Mas o homem nem deu ligança, e ainda lhe disse uns desaforos: que não vivia de aluguei, que isto, que aquilo.

Ioio Benedito não criou caso, pois, apesar de espalhafatoso, era de muita paz e sempre preferia uma boa avença. E mandou que a Peonagem acendesse fogueiras ao redor da boiada para prevenir que alguma rês se desgarrasse. Passaram a noite em claro, enquanto meia dúzia de vaquinhas mirradas do homem ocupava um curralzão vazio. Por milagre de Deus, não sumiu nenhum boi.

Vai daí que, estando meu avô na fazenda Prazeres, tempos depois, avistou uma boiada que adentrava o vaquejador, ao som do berrante. Ao chegar a gadama ao pátio, um cavaleiro se destaca do grupo de peões e toma chegada.

- Boa tarde! - salvou o chegante.

- Tarde! Vamos desarreando, amigo! - meu avô respondeu, com a mão em pala sobre os olhos, para melhor divulgar contra o sol vespertino.

Ao grelar o olho em meu avô, o chegante quis refugar o arrancho, meio sem graça: era o tal que lhe negara curral lá em Jacobina. Mas ioiô Benedito, todo bonachão, fez de conta não ter reconhecido o homem e deixou-o a vontade. Mandou desocupar o curral, que batia chifres, de tanto gado, pois naquele dia juntara uma boiada para levar à Bahia, como fazia todo ano.

- Mas, “Seo” Benedito, o senhor tá desocupando seu curral?...

- Curral é pra gado, homem! Se precisar de mais espaço, mando o resto de seu gado pro curral de Chicada, aqui pertinho! - e soltou seu gado no manga de pasto, esvaziando a curralama pro chegante, àquela hora todo sem graça.

O homem foi tratado com fidalguia, jantar abundante para a peonagem toda, aranjou dormida, e de manhã só saiu após quebrar o jejum com requeijão, cuscuz e leite farto. Na hora de sair, quando meu avô recusou qualquer pagamento, o homem, todo desacorçoado, deu a mão à palmatória e pediu-lhe desculpas pelo que fizera no sertão de Jacobina. Meu avô, mordendo a ponta dos bigodes que lhe desciam até aqui assim, no canto da boca, respondeu calmamente:

- Não foi nada não. É que aqui no Goiás a gente quer curral é pra botar gado dentro, e não como na sua terra, que o senhor quer curral é pra botar sua mãe, seu filho duma égua!

Segundo meu pai, a homem aceitou o xingamento sem dizer palavra. E tornaram-se amigos íntimos, a ponto de ir com a família para a casa do outro passar temporadas, quando a história do curral era motivo de sonoras gargalhadas.

E quando meu avô foi morto pela Polícia goiana no episódio que Bernardo Elis descreve magistralmente em “O Tronco”, aquele amigo, conquistado de modo tão inusitado, botou luto fechado por muito tempo, como se fosse um irmão.

IMAGENS DE VAQUEIRICE

liberatopova@uol.com.br

Cada um dos vaqueiros de meu pai tinha sua história. Nos tempos mais longínquos, que não cheguei a alcançar, os fazendeiros costumavam morar nas próprias fazendas, convivendo com a família do vaqueiro, que se transformava numa espécie de criadagem.

Quando meus pais se mudaram do Santo Antônio, onde nasceram alguns de meus irmãos, era vaqueiro Estanislau, cujo único vestígio que ficou foi uma cruz numa velha tapera na manga de pasto, onde - dizem - costumam aparecer aleivosias em noites pesadas. Nélio e Osvaldo, os irmãos mais velhos, conviveram com Estanislau e contam causos de seu tempo, das visagens que apareciam debaixo dos pés de pequi e embiruçu na época das esperas.

Depois, creio que foi o velho Jobilino, preto retinto, mas que detestava preto e cuja marca registrada eram os xingamentos descomedidos que não escolhiam palavras, local e circunstâncias.

Nélio, logo após o casamento, também andou sendo vaqueiro, aventurando umas crias na sorte de um bezerro para cada quatro paridos.

Do velho Manoel Dourado pouco me recordo. Só me lembro do dia em que o vi num caixão coberto de flores de boca-de-leão e sempre-lustrosa, enquanto a velha Isabel e os filhos (Antônio, Roberto, Teresa, Xixico, Dondona e Maroto) davam alho para ela cheirar e água com flor de laranjeira e colônia "Regina" para tomar, para não beber o fôlego.

Meu irmão César, que chegou a prefeito de minha cidade por duas vezes, teve seu período de vaqueirice, assim como meu cunhado Moreno, que teve efêmera passagem pelo Santo Antônio.

Um dia, aqui lá praça Liberato Póvoa (que naquela época se chamava Pedro Ludovico), o gadão dos Valente descansava para prosseguir a viajona rumo aos gerais para o refrigério da seca. Meu pai, na calçada lá de casa, reparou um forasteiro que, ao contemplar a gadama, não segurou as lágrimas, passando a manga da camisa nos olhos, como se algo o tocasse lá no íntimo. Intrigado, o velho Liberato quis saber o motivo daquilo. Ele explicou que era chegante da Bahia, um apaixonado pelo gado. Levado para o Santo Antônio, Chico Rodrigues foi o melhor vaqueiro que passou naquela fazenda.

Depois, Chico Rodrigues, a quem a sorte sorriu e lhe propiciou uma gleba de terra comprada com sacrifício, arrebanhou o gado ganho por sorte e tornou-se um quase fazendeiro.

Aí, veio compadre Zeferino, que passou a vaqueirice ao filho Wilton muito depois. Compadre Zeferino, indolente e analfabeto, sempre foi vaqueiro, mas jamais sustentou um bezerro, pois vivia "da mão pra boca", vendendo o que tinha para sustentar a filharada e a netaiada imensas, que sempre lhe viveram nas costas fracas. Sempre esfarrapado, descalço e vestido em uma perneira e um gibão rotos, até as roças que seus braços indolentes plantavam eram vendidas na palha. Pobre nasceu, pobre viveu e ainda vive, pobre morreu, cheio de filhos e empencado de netos.

Isto, no Santo Antônio.

No Pintado, acolá no sertão de Conceição do Tocantins, terra do impaludismo, só dois vaqueiros atravessaram os mais de cinqüentanos: o velho Sérgio Canela, que, descendente de escravos, guardava na subserviência e na lealdade profundas marcas de suas origens. Foi ele quem amargou a época em que a Coluna Prestes atravessou o sertão nos anos vinte, bem como os jagunços da Bahia - Abílio Batata, Roberto Dourado, Passarinho e outros - que, após os combates na Vila do Duro, promoveram violenta sebaça, empobrecendo os ricos e judiando dos pobres. E o velho Sérgio Canela morreu

amargando a suspeita de ter devastado a fazenda de meu pai, que ficou quase arrasada, pois, de mamando a caducando, o gado quase acabou.

Por último - este eu alcancei -, foi Justino Rocha. Bem apessoado, vozeirão desimpedido e muito engraçado, Justino foi bom vaqueiro, conhecendo o gado por dentro e por fora. Mas, inobstante bem conceituado, era analfabeto; e não fazia segredo disso. Bilhete de meu pai era levado longe, à procura de um letrado. E todo ano, para não ter que mandar um positivo até o Pintado para dar o recado de boca, meu pai fazia Justino caminhar léguas e léguas atrás de quem lesse.

Mas Justino, apesar de analfabeto, não era besta, e acertou com meu pai a maneira de poupar-lhe o sacrificio sem precisar de recorrer a um emissário decretado:

- Pois bem, patrão, fica assim: quando vossemecê quisé qui eu junte gado mode vendê, desenha um bando de gado e um curral; mas quando vossemecê desenhá uma vaca e uma faca, já sei: é mode matá um gado, fazê as manta, secá a carne e levá na rua!

Hoje não existe mais nada disso: o Santo Antônio foi transformado em empreendimento agrícola de meus irmãos Solon e Deodato, e o gado vendido; o Pintado, com a morte de meu pai, foi dividido, e hoje pertence a Nélio e Solon, que adquiriram o quinhão dos demais.

De tudo isto restou só a imagem dos vaqueiros que conheci aboiando o gado e as histórias que a boca do povo trouxe para traçar o perfil daqueles que labutavam no curral e na campeação de gado.

HUMANO COMO NÓS, HOMENS

liberatopova@uol.com.br

No ano de 1979, um dos contos que escrevi, “A Vaca Cristalina”, teve a sorte de ser premiado nos dois concursos literários em que o inscrevi: o XIV Concurso de Contos e Poemas da Revista Literária da UFMG e no II Concurso Nacional de Contos da Academia Ribeiro-pretana de Letras. Hoje, ele integra o livro “Besta-Fera e Outros Contos”.

Pois bem, esse conto retrata a história de uma vaca que, criada com o carinho dedicado a um animal de estimação, tornou-se tão humana, que entendia os sentimentos do pessoal da casa. Euclides Marques de Andrade, respeitado contista e crítico mineiro ressaltava no conto a fuga à temática da violência, tão explorada hoje em dia por todos. E seu comentário acrescentou muita coisa ao conto, valorizando-o sobremaneira.

De fato, ao escrever aquele conto, eu quis mostrar que pode existir muito de humano nos animais, humanidade que logo se vincula à fidelidade. Aqui, na cidade grande, só se toma conhecimento dessa faceta animal através de livros, filmes e da TV, mas no interior perde-se a conta das demonstrações muito humanas do animal para com o homem.

Em uma de minhas férias de julho, anos atrás, por exemplo, eu vinha de Conceição do Tocantins para a fazenda de meu ex-sogro, lá pelas oito da noite, quando, de repente, os faróis do carro iluminaram um corpo estendido no meio do cascalho da estrada. Imaginei logo que fosse alguém vitimado por um mal súbito. Parei o carro, e meu companheiro, conhecedor de todo o pessoal das redondezas, não demorou a identificar a pessoa estendida, ao lado de uma garrafa vazia, mostrando que estava bêbada:

- É Raimundinho Piauí, e tá é chilado.

Como estávamos com o carro cheio, não havia condições de transportá-lo para lugar mais seguro, pois naquele ermo o pobre do Raimundinho podia até servir de comida de onça. E sugeri que ele fosse colocado ao lado da estrada, enquanto suas sandálias ficariam ali mesmo no meio da estrada, bem à vista, a fim de que algum carro que parasse, atraído pelas sandálias, visse Raimundinho e o levasse para lugar mais seguro. E saímos tranquilos, porque era dia de festa em Conceição e a todo momento cruzávamos com gente passando de carro.

Quando nos preparamos para remover Raimundinho, seu cachorro, um vira-lata malhado de preto-e-branco por nome "Turco", avançou na gente, e a pulso conseguimos dominá-lo para socorrer seu desfalecido dono, pois o fei cachorrinho virou onça em cima da gente.

Retirando Raimundinho para a beira do caminho, lá ficou "Turco", assentado nas patas traseiras, montando guarda, e nem bem rodamos meio quilômetro, vinha uma camioneta em sentido contrário, a cujo motorista pedimos socorresse o pobre do Raimundinho. Ao retomarmos para ajudá-lo a colocar o infeliz bêbado em cima da carroceria, tivemos o mesmo trabalho: "Turco" avançou em nós, e custou-nos muito colocar seu dono no carro por causa do cachorro. E Raimundinho, vez por outra, vivia dando lambadas de cipó nas costelas expostas do pobre vira-lata; nem por isso o animal abandonou a fidelidade, que causa inveja a nós, humanos.

Quando a camioneta deu partida veloz, o cachorrinho sumiu no rolo de poeira levantada pelo carro, procurando, inutilmente, seguir o carro.

DEVE HAVER EXPLICAÇÃO

liberatopovoa@uol.com.br

Quando morava em Belo Horizonte, certa noitinha, precisei de ir ao alto da avenida Afonso Pena, perto de onde ficava um laboratório de análises clínicas de que me tornei cliente antigo, mercê das macacoas da família.

Aquele trajeto era velho conhecido, e sempre ia pelo mesmo caminho, que já sabia de cor e salteado. Mas ocorreu desta vez uma coisa inexplicável: fui descendo a Afonso Pena, assuntando para não passar do ponto onde sempre estacionava. E nessa marcha, passaram-se muitos minutos, após os quais fiquei perplexo ao me sentir repentinamente perdido: num derrepente que não sei como ocorreu, não reconheci mais nada - a avenida estava diferente; os edifícios estranhos; os sinais luminosos dos cruzamentos em nada me pareciam familiares.

Depois de muito andar, agora cautelosamente, com a sensação de ter sido misteriosamente transportado para outra cidade em questão de centésimos de segundo (como nos filmes e livros de ficção), achei melhor parar o carro para tomar pé de situação, indagando a alguém que diabo de lugar era aquele. Só encontrei um casal de namorados, muito entretidos num meio-escuro, encostados a uma árvore. No aperto em que estava, não me incomodei em perturbá-los:

- Moço, por favor, me diga se esta é a Afonso Pena.

Embora possivelmente remoendo um resmungo pela impertinente intromissão minha, ele conseguiu rir e apontar pra outro lado, indicando que a Afonso Pena estava acolá longe. Cocei a cabeça, sem entender como eu fora parar ali, exatamente no bairro Santa Efigênia, atrás da Santa Casa. Aliás, até agora estou sem entender como me perdi num lugar tão conhecido.

Esse negócio de perder-se em lugar conhecido não é novidade. Quando se perde, o individuo fica completamente variado, sem a mínima noção de tempo, espaço, nada.

Lembro-me de um caso que me contaram ocorrido na fazenda Santo Antônio, de meu pai. Morava lá Dominginho, criado a vida toda ali, conhecendo todos os buracos e tocos de pau da chapada das redondezas, capaz de cortar rumo no escuro para ir a um vizinho distante até coisa de meia-légua sem risco de se perder.

Pois bem, uma tarde, sol pendendo, saiu Dominginho para buscar um feixe de lenha na chapada, que começava a pouco mais de duzentos metros de casa, logo no limite do pátio.

Passou-se a tarde, e nada de Dominginho voltar, ele que era ativo e quando saía para qualquer quefazer, voltava sem tardança. O pessoal já estava pegando a preocupar-se com aquela demora.

O sol já havia sido engolido pelo lusco-fusco, e meu pai, sentado no alpendre proseando com o vaqueiro, ouviu gritos que vinham ali de pertico, a coisa de cento e tantas braças. E pegou um ali de companheiro, rumando para lá. E encontraram Dominginho sentado no feixe de lenha, a distância besta da casa, variado, sem saber onde é que estava. Tinha perdido o norte. Só após chegar à casa é que veio tomar reconhecimento das coisas, relembrando o lugar em que vivera a vida toda.

Corre no sertão a história de que existe uma espécie de rama com propriedades misteriosas: se uma pessoa, ao passar, tocar nessa rama, perde completamente o rumo, passando a zanzar feito galinha tonta. O sertanejo não sabe que planta é essa, mas já lhe deu um nome: "rama variola" (não é variola, é variola mesmo), porque "se triscar na gente a gente vareia".

Coisa de sertanejo, mas que, diante dos casos completamente inexplicáveis, não deixa de nos colocar a pulga atrás da orelha.

FIM DO MUNDO (DE NOVO)

liberatopovoa@uol.com.br

Em crônica anterior, eu falava sobre o fim do mundo, profecias e outras coisas que vivem preocupando os crédulos, a ponto de o início do ano 1000 ter sido precedido de grande inquietação, que levou muita gente a morrer do coração... de medo.

Não é só a passagem de um milênio que causa essa celeuma toda; a passagem de um século sempre trouxe a mesma gastura no espírito, principalmente da população mal informada, que fica remoendo a conversa trazida de boca em boca pelos antepassados.

E a propósito de fim de mundo, os mais velhos contam que a passagem do século XVIII para o século XIX teve suas inquietações, e a entrada do século XX foi talqualmente inquietante, pois já se tinha naquela época a concepção de que o último instante do ano de 1899 seria o termo do mundo.

Na passagem de ano e de século, malgrado as funestas previsões, nada ocorreu de anormal. Pelo contrário: na História do Brasil, o Governo Campos Seles atravessou galhardamente seu mandato, corrigindo o descalabro financeiro produzido pela emissão de papel-moeda, e pela guerra civil do Governo Prudente de Moraes. Em resumo, o século XX foi inaugurado com alvissareiras promessas: três anos depois, o Brasil ganhava da Bolívia, pelo Tratado de Petrópolis, o atual Estado do Acre; houve um saneamento em regra das finanças nacionais. No panorama internacional, o século XIX terminou apresentando o novo século com as invenções do automóvel, dos raios-X, do avião; Planck formulara a teoria dos "quanta", o casal Curie isolara o rádio, além de outros memoráveis feitos que ajudaram a abrir as cortinas do século XX com excelentes perspectivas.

Saiu Campos Sales, em 1902, entrou Rodrigues Alves, que governou até 1906, notabilizando-se por transformar o Rio de Janeiro numa das capitais mais belas do mundo, que, até aquela época, mostrava sinais de plena vitalidade. E nada de o mundo acabar. Saiu Rodrigues Alves, entrou Afonso Pena, que governou o Brasil até junho de 1909. Ai, sim, o mundo acabou. Mas só pra ele, pois morreu no exercício do mandato, tendo sido substituído pelo vice-presidente Nilo Peçanha, e este pelo marechal Hermes, e assim por diante, nada acontecendo que viesse dar mostras de que o fim do mundo estaria próximo.

Mas aí é que ocorreu um episódio que pareceu mostrar que o fim do mundo estava às portas, dando ao povo do interior a impressão de que houvera um erro de cálculo quanto ao ano em que o mundo iria acabar.

Logo nos primeiros dias de janeiro de 1910, o dia amanheceu sem novidades. Mas quando menos se esperou, o céu se escureceu, as trevas caíram sobre o mundo, causando grande alvoroço. Tio Dirico, menino na época, contava:

- Ninguém acredita se eu contar, mas as galinhas correram pro poleiro, pensando que era de noite, e o povo assombrou.

Não só tio Dirico, mas tia Herculina, tia Isabel e outras pessoas que testemunharam o fato, contavam que o povo se apavorou e correu pra igreja, os meninos choravam, todos lamuriavam, num samba-lelé inaudito, pois onde é que se vira o sol escurecer repentinamente e sem dar oportunidade a que muitos não tivessem tido tempo de acender um bibiano?

No sertão, o gado arribou no mundo, os que viajavam pelas estradas desmaiaram de medo, os beatos batiam bico nas rezas, pois para todos, sem exceção, o mundo estava era acabando mesmo. Não havia jornais, não havia rádio, muitos nem sabiam quem era o presidente da República. Era justificável que não soubessem que escuridão sem propósito era aquela.

Mas não demorou muito para que o sol resplandecesse, aliviando o povo. Quando a escuridão se dissipou é que voltaram à tranqüilidade, mas com uma baita impressão de que, após aquele "ensaio do fim do mundo", haviam ressurgido.

Depois, muito tempo depois, vieram saber tinha sido o cometa de Halley que, em 10 de janeiro daquele ano, cobrira a Terra de escuridão por uns momentos, dando a impressão apocalíptica que desnorteou o povo.

Mas na mente de muitos deste sertãozão, que até hoje desconhecem a razão do fato, ainda permanece algo de sobrenatural. Não faz tempo, ouvi de um deles:

- Minino, eu posso dizê qui vi o mundo acabá. Na era de dez, Deus insaiô cumé qui ele vai acabá cum nós: é bateno nos zonzotro inté morrê. Cê vai vê é no ano de noventa e nove, qui dois mil num chegará. Com a graça de Deus, inté lá eu já espichei as canela!

FILOSOFIA DO BARIRU

liberatopovoa@uol.com.br

Jamais dispense qualquer leitura que focalize os costumes do povo do mato, com seus feitiços, benzeções, simpatias e superstições, não só porque são a evocação de minhas raízes, mas também porque no palavreado do matuto de pés rachados existe muita filosofia.

Por estas e outras é que não deixo de ler e reler Mário Palmério, Guimarães Rosa, Carmo Bernardes, Leonardo Mota, que tão bem mostram a alma do homem simples. Na imprensa mineira, Celso Bonfim é o mensageiro do espírito puro do homem sem a burilamento das novidades impostas pelo progresso, retratando em suas crônicas um outro mundo: o mundo que cheira a mato, o chão molhado, e muita coisa que dá a impressão de que seus personagens são alienígenas; e isto o deixa na cômoda situação de retratista ímpar.

Nos milhares de páginas que li e tenho lido, já vi gostosíssimas comparações vincadas a uma lógica inadmissível a quem sequer sabe ler, como aquele coronel nordestino citado por Leonardo Mota (em "Sertão Alegre"), que, acostumado a certas regalias do longo período de D. Pedro II à testa do Império, estranhou a troca de presidente nos primeiros anos da República Velha, comentando desconsolado:

- A gente botava um porco no ceveiro, dava mio, dava pvide de abobra, dava lavage, e aí ele dava carne e toicim. Agora, não, bota um porco magro no chiqueiro, taca mio, lavage, mandioca e quando o capado pispia a tomá carne, eles tira e bota outro.

É a filosofia do homem simples, é sua lógica.

Comentávamos certo dia, numa roda de amigos, sobre o casamento, sobre o dote, lembrando os fazendeiros antigos que davam as filhas em casamento e se encarregavam de prover o genro de gordo dote, enquanto hoje os pais procuram é um bom partido para as filhas, acabando com esta história de ajudar o genro. E recordo-me de outra passagem em que um fazendeiro tinha a casa cheia de filhas e um só filho, o caçula, que era os dengos do velho.

A cada filha que ele despachava, fazia uma festona de fechar o comércio da cidade: foguetes, churrasco e bate-chinelo a noite inteira. E com festança casou uma a uma. O povo do lugar, ao anúncio de um novo casamento, antegozava a fartura com que o fazendeiro se despedia das filhas.

Quando o caçula ficou noivo, o povo já imaginou a festa, que deveria marcar história, pois o rapaz era o dodói do velho.

No dia do casamento, todo mundo estranhou: só houve um cafezinho muito do mixuruca, que nem biscoito acompanhou. Quando foram indagar-lhe a razão daquela inusitada atitude, o fazendeiro filosofou:

- No caso das meninas, eu fiz festa porque estava dando a carga pros burros; desta vez, não tenho motivo pra festa: eu é que estou fornecendo o burro pra carga!

FELIZES TEMPOS DE MOLECAGENS

liberatopova@uol.com.br

Sempre que se aproxima o Natal na cidade grande, a TV, o rádio e os jornais começam a bombardear a gente com a propaganda, fazendo-nos adquirir brinquedo que nem sabemos como funciona, utensílio doméstico que jamais é utilizado e outros supérfluos impostos pelo consumismo desenfreado. Inventaram, certa época, até um tal de Falcon, que, se fosse no meu tempo, daria o que falar, pois ninguém me tira da cabeça que aquilo é uma forma disfarçada de ensinar menino-homem a brincar de bonecas. As coisas já andam esquisitas no natural, imaginem agora, cutucando o lado feminino com invencionice de brinquedo besta!

A criança de hoje se automatizou, não possuindo criatividade para nada: já compra tudo feito. Digo-o com conhecimento de causa, pois quando os meus eram pirralhos só sabiam era pedir brinquedos de corda e até esse tal de Falcon, que acabam sendo danificados no sair da caixa, como se o dinheirinho da gente tivesse nascido como fruta do mato.

Parece inconcebível, mas o menino do interior é muito mais criativo, possuindo invejável gênio inventivo, encontrando formas de divertimento criadas por ele mesmo, em locais onde até o plástico é desconhecido. É o pião de goiabeira, a carrapeta de marmelada, a finca de arame, as brincadeiras que surgem intuitivamente na época própria.

Para começar, toda cidade pequena que se preza possui uma "rua de cima" e "uma rua de baixo", mesmo que elas se localizem no plano. É por razões que não sei explicar, existe uma certa rivalidade entre os grupos de moleques dessas ruas. Em Conceição do Tocantins, por exemplo - contam-me colegas que lá viveram a meninice - os dois grupos marcavam até combates a tapa e às vezes jogando mamona com baladeira, para ver quem era melhor. Chegaram certa vez a tomar dos mais afoitos canivetes e outras armas a serem utilizadas em entreveros, pois na disputa da hegemonia tudo valia.

Na minha cidade, havia essa rivalidade, mas de forma bastante cavalheiresca, em comparação com a meninada de Conceição do Tocantins, pois nos limitávamos a disputar partidas de futebol, quase sempre empatadas pelo acirramento da disputa. Se a Rua de Baixo tinha torcedores fanáticos, com Augustinho Fotógrafo, a nossa Rua de Cima superava no entusiasmo, pois nosso torcedor número um era Otacilinho Barbeiro, que ficava solitário gritando, escorado num moirão de amarrar animal, na porta de Confúcio:

- Vamo vê, meus minino! Cês precisa tê é intonomia! Se ocês ganhá na bola, vão ganhá um agrado!

Naquela época, nos anos cinqüenta, Otacilinho foi, sem sombra de dúvida, quem criou o "bicho" no futebol amador. Se a gente ganhasse, ele dava coisa de dez cruzeiros para dividir com o time. Como a divisão de 10 por onze jogadores era difícil, o jogador que marcasse o gol da vitória já se sentia plenamente recompensado, nada ganhando. Eu, como sempre fui o pior da Rua de Cima, só era escalado porque era o dono da bola. Questão de "poder econômico" no futebol.

Meus irmãos mais velhos já contam casos de rivalidades mais ásperas, como trocar tapas e furar a cabeça dos outros com caco de telha, sem se mencionar outras espécies de desforço.

Como não havia luz elétrica naquele tempo, a meninada costumava fazer fogueiras para, em seu redor, ficar contando causos ou planejando as artimanhas do dia seguinte. Os da Rua de Cima faziam cá sua fogueira e os da Rua de Baixo, lá a sua, numa porta qualquer, ficando vigilantes, pois não era raro aparecer um da rua rival e espalhar os tições para estragar a festa e em seguida sair correndo.

Uma noite, escura de se meter dedo nos olhos, os meninos da Rua de Cima fizeram uma fogueira debaixo das mungubeiras lá da porta de casa. Lá estavam meus irmãos mais velhos, Nélio e Osvaldo, além de outros companheiros de rua. Na calçada fronteira, a uns cinco metros, sentados na calçada, estavam meu pai, minha mãe e parentes conversando, esperando tardar um pouco para se recolherem.

Dali a pouco, saindo do breu da noite, apareceu Seudé, filho de Isaura Moura, uma pegadeira de menino nas parições, que morava na Rua de Baixo. Seudé nunca fora boa bisca, e de tempos em tempos costumava atrapalhar a turma da Rua de Cima. Quando ele tomou chegada na roda, todos ficaram de olho, pois ele era bem capaz de espalhar o fogo e sair correndo rua abaixo. Ainda lhe falaram para não caçar indaga, no que ele desconversou:

- - Que é isso, gente! Só quero uma beiradinha aqui pra tapar esse frio um pouco! – e até agasalhou os tições e deu uma sopradinha no fogo, ganhando a confiança da turma.

Quando a turma estava mansa e se despreocupou, Seudé, aproveitando a distração, espalhou os tições e saiu que nem bala. No terceiro ou quarto passo, só escutaram um baque surdo na escuridão, seguido de um gemido espremido.

Foram ver. Seudé se esquecera de que no seu caminho havia um moirão de amarrar cavalo e peitara com ele, de frente, precisando ser levado nos braços para casa, passando muitos dias de cama bebendo chá de arruda e outras mixilangas pra ganhar seu natural.

FAZENDO PARTE DE GENTE

liberatopova@uol.com.br

A manha, a astúcia e a inteligência não são privilégio do ser humano. É lendária a inteligência do macaco nas histórias que os índios nos deixaram, e a esperteza da raposa nas fábulas de Esopo e de La Fontaine.

Quanto ao macaco, embora muitos lhe creditem a inteligência à sua incrível aparência com o homem, sabemos que sua propalada esperteza não é sem fundamento: ele é dos bichos mais apreciados para se ter em casa pelo verdadeiro festival de palhaçadas que promove, para deleite dos adultos e crianças. No interior não é raro a gente ver um macaco atado pela cintura e preso a um jirau normalmente num dos cômodos perto do terreiro. Isto mesmo: atado pela cintura, pois se deixar um macaco à solta, ele perde sua finalidade de palhaço e passa à de vândalo - mexe em tudo, bisbilhota as coisas, rouba e promove coisas inconcebíveis para um bicho sem miolos.

Normalmente, o esperto símio é preso por uma espécie de correntinha, pois corda e cinto afivelado não são empecilho para sua liberdade: logo ele arruma um jeito de desatar o nó ou desafivelar o cinto. Diz minha mãe que seu pai, ioiô Bené, sempre tinha em casa um macaco para lhe fazer graças, subir-lhe nos ombros e caminhar-lhe pelo colo.

Mas o macaco do mato, sem qualquer contato com a civilização, parece mais esperto que o domesticado, talvez porque sua esperteza está mais aguçada pelo instinto de sobrevivência: quando existe uma roça de milho no ponto (isto é, embonecada ou com as espigas começando a amadurecer), junta-se um bando enorme de macacos para atacá-la. Um outro bicho simplesmente invade a roça e ali mesmo come o que pode, deixando o rastro de destruição no milharal praticamente falido. O macaco, não. Como que gente, o macaco não se limita a comer o milho: cada um come um pouco e carrega tantas espigas para comer mais tarde. E para garantir as mãos limpas e livres para uma possível fuga, elas amarram as espigas ao redor da cintura. E não ficam só nisso: sua inteligência o previne de que o homem pode surpreendê-lo a qualquer momento. E a exemplo do homem, ele também adota um procedimento que reputamos exclusivamente nosso: enquanto o bando desenfreado destrói o milharal, fica um vigia no alto de uma árvore para prevenir a chegada do homem. Quando este se aproxima, ele emite um grito, e o bando desaparece como que por encanto. Se, por acaso, o bando é surpreendido pela ação do homem sem que o vigia tenha prevenido, todos os macacos se reúnem, lá longe, no fundo da mata, e aplicam exemplar sova no distraído o negligente sentinela, além de deixá-lo sem a cota a que teria direito no rateio que costumam fazer. Isto é praxe, uma espécie de lei dos macacos.

É comum as macacas, a exemplo de outros animais, carregarem os filhos agarrados às costas. Quando há necessidade de parar para alguma coisa, o filhote fica ali ao lado, ao alcance da mãe. Um dos filhos de Camilo Canela, velho vaqueiro dos nossos sertões, campeava numa fazenda nos sertões de Conceição do Tocantins, quando viu uma macaca quebrando coco numas pedras. Ao lado, acomodara o macaquinho sentado numa pedra ao lado. O rapazola desceu do cavalo, esgueirou-se por trás das moitas e lajedos para dar um susto na macaca. Quando ele surpreendeu a distraída mãe acorçada quebrando coco, ela se assustou e deu um salto para o local mais seguro que encontrou naquela emergência, deixando o macaquinho à mercê do filho de Camilo, que o carregou para casa para criá-lo. A pobre macaca seguiu-o mais de légua até à fazenda, guinchando desesperada e inutilmente, na tentativa de reaver o filho, permanecendo vários dias rodeando a casa até desistir, diante da indiferença humana. Aquele macaquinho virou macaco grande, e todas as vezes em que eu ia à fazenda ficava horas e

horas vendo o esperto bicho fazendo coisa de gente, pitando cigarro e bebendo cachaça, sem se falar em outras presepadas que "Chico" aprontava, para deleite nosso.

DOROTEU

liberatopovoa@uol.br

Quem vive no sertão sempre ouve falar em feitiços, que atrapalham a vida dos outros, carreando doenças para os sadios e, muitas vezes, transformando pessoas tradicionalmente honestas em refinados vigaristas, arruinando-lhes os negócios e submetendo-as ao descrédito público de maneira inexplicável.

Contam-se casos de abastados fazendeiros que, de uma hora para outra, viram seus currais vazios e as lavouras esturricadas e chochas, apesar do tempo de chuva; de gente que, apesar de abstinência por natureza, passou a invernarse na cachaça, vendendo até o sustento para alimentar o vício, acabando muitos por morrer em decorrência disso.

Na beira do córrego do Itaboca, no município de Conceição do Tocantins, ali no sertão, o velho Severiano, se ainda vivo estiver, já perdeu a conta dos feitiços que desmanchou, dos atrasos de vida que consertou, dos cachacismos que eliminou. Lá pelos anos vinte, a figura de Joaquim Paraguaio tornou-se legendária nesse mister de desembaraçar vidas atravancadas pelas porqueiras botadas pelos mandraqueiros do sertão.

Acreditem ou não, isto existe. Eu, por exemplo, conheço um caso concreto e atual que poderá ser confirmado a qualquer momento, ao qual só posso atribuir a alguma coisa botada, pois desde menino conheci meu amigo Doroteu Araújo, filho de família que sempre gozou de excelente conceito pela honestidade, pelo procedimento correto no honrar seus mais elementares compromissos.

Doroteu, muito inteligente e esforçado, dono de um talhe de letra de fazer inveja, tinha suas terrinhas herdadas do velho Joaquim Araújo e seu gadinho bom, tocando vida mansa de gente remediada. Quando rapaz, trabalhou de caixeiro na "Loja Póvoa", tendo sempre demonstrado correção e honestidade. Para quem conheceu meu pai, que era um símbolo do rigor e que jamais transigia quando se tratava de honestidade, o fato de viajar e deixar Doroteu gerindo a loja dias e dias era o maior atestado de seu procedimento exemplar.

Apesar de feio, cabeçudo, olhos arregalados e corpulento, sua correção e equilíbrio levaram-no a um bom casamento, com Miné, filha do velho Dãozinho, outra pessoa corretíssima e que sabia criar as filhas de forma a serem muito bem prendadas.

Anos felizes viveram Doroteu e Miné, cujo casamento lhes deu duas filhas. Maristela e Stela Maris, moçonas, e, se não me engano, já casadas.

A vida corria calma, remansosa para o casal. Mas num derrepente, cujo momento não se sabe precisar, a vida de Doroteu começou a dar pra trás, com os negócios goldando, as dívidas aumentando, os avisos do banco fazendo os avalistas irem saldar os débitos por eles garantidos, para não lhes sujar o nome.

Quando me contaram que Doroteu estava regredindo na vida, não acreditei, e numa das minhas estadas no sertão, tive o desprazer de ver Doroteu na cadeia da cidade, exposto ao escárnio público. Por fim, pegou a envolver-se em artimanhas próprias dos vigaristas, como inventar que havia ganho na loteria para poder lesar os amigos mais chegados, vender coisa que não possuía e outras coisas que, na época honesta de sua vida, sempre reprovou.

Certa vez, não se sabe o que lhe deu na cabeça, ele fez anunciar no serviço de alto-falante da cidade que havia ganhado sozinho na loteria esportiva, convidando os credores a comparecerem à sua casa a fim de combinarem o recebimento dos débitos. Quando sua casa ficou cheia de gente, ele ainda andou tirando proveito dos credores, com "adiantamentos" por conta da loteria, que, afinal, era mentira. Houve casos em que ele vendeu gado para uns boiadeiros (sempre recebendo adiantado) e no momento de entregar o gado, caía em verdadeiro pranto: "Este boi, não, porque foi herança do meu pai! Esta vaquinha, não pois é de minha filha!" e a muito custo conseguiram arrancar pelas metades o gado adquirido.

Outras vezes, dava uma de doido quando lhe iam cobrar qualquer débito:

- Estou doido! Não respondo pelo que faço! Eu mato um hoje, se vier me cobrar!

Por fim, de tanto passar vergonha, até Miné o abandonou e foi morar com as filhas, pois Doroteu até pegou aquele jeitinho dos vigaristas, achando tudo fácil, tudo legal, dando na gente um abraço para filar uns trocados. Muita gente pagou dívidas de Doroteu para, de início, não sujar o nome do amigo avalizado, e, depois, para não sujar o seu próprio, pois viram que o Doroteu já estava pedindo a bênção pros cachorros. Acabou morrendo matado lá no Pará.

Quem deve estar se regozijando disso é aquele que, por inveja ou olho gordo, fez a desgraça de Doroteu num despacho qualquer.

ENFRENTANDO A FOME

liberatopovoa@uol.br

Assim no feitio de enxerido, vou entrando no terreno que consagrou Bariani Ortêncio e Carmo Bernardes - a cultura popular - como se a veia de escritor e a cultura assombrosa já não bastassem para encher balaios de elogios.

E no prestigiar do que é nosso, um jornal de Goiânia mostrava, semanalmente, as seções "Almanaque", sob a responsabilidade do excelente Pernagrossa, e "Caça e Pesca", do neófito (para mim) João Ribeiro, xará no notável sergipano, misto de poeta ("Tenebrosa Luz"), crítico ("Páginas de Estética"), filólogo ("Estudos Filológicos"), sociólogo ("O Elemento Negro"), folclorista ("O Folclore"), e mais uma carrada de outros predicados. E o nosso João Ribeiro, que tem Álvares no meio, estreou muito bem, com suas passagens de caçador de onça pintada.

Morando em São José do Duro, lá ficava eu, socado no mato, só admirando o que era natural e contando nos dedos as horas de chegar o jornal, que lá no Duro circulava só no outro dia.

O costume do cachimbo é que entorta a boca, e de tanto ler nossos patricios vou acabando é por assimilar-lhes o jeito, tirando, no entender dos mais puristas, a originalidade. Na minha primeira visita a Carmo Bernardes lá no setor Pedro Ludovico, falei-lhe sobre isto: o receio meu de - pela admiração de seu estilo - imitá-lo sem querer. Rindo assim só de canto de boca, ele me tranqüilizou: que a gente tirar da boca do povo as expressões não é imitar, pois ele tirou foi de lá, e se eu assim também agisse, estaria simplesmente absorvendo a cultura popular.

E aqui é que digo que estou entrando na área de Carmo Bernardes, Bariani Ortêncio e outros. Certo dia, meu mano Osvaldo me lembrou de um assunto sobre o qual parece que ainda não tratei no jornal. Lembrou-me, e muito, de haver lido em Carmo Bernardes, principalmente em "Areia Branca", várias páginas sobre a culinária popular. E é aí que quero chegar.

A lembrança traz um bando de iguarias e merendas que estão em extinção, porque agora deu para aparecer uma série de comida estranha, que vai empurrando pro canto do esquecimento nossas tradições de gosto. Surgiu a tal de "maionese", "suflê", "pavê" e um rosário de nomes estranhos, muitos dos quais só foram rebatizados com nome estrangeiro, que a gente tem de torcer a boca pra poder falar.

Nossas coisas do mato são bem mais gostosas. Dá gosto a gente esbarrar num brejo, onde impera um buritizal, e lá ficar horas esquecido roendo buritis, sem carência de açúcar mesmo. Mas o buriti tem outras espécies de preparo: a saieta, que é o buriti raspado a colher e temperado com rapadura ou açúcar, ainda fresco; e a sebereba, que é feita com a polpa seca, depois de botar de molho e acrescida de leite e doce, embora a água seja suficiente. Quem já comeu um doce de buriti (de corte ou de colher) não se esquece mais. Faz medo é a indústria descobrir a magia do gosto e danar a fazer picolé e sorvete, pra depois desgraçar o gosto, com a adição daquelas porqueiras de corantes e adoçantes de ciclamato.

Um beiju (de massa ou tapioca) tem seu lugar, ainda mais besuntado de gordura de coco. Não essa que vendem aí, desodorizada, mas aquela de coco torrado e socado no pilão, que deixa no encastão da língua o sabor de mato.

Uma lasquinha de carne seca, bem seca, picada de comprido bem fina, afogada numa panela d'água bem temperada e engrossada com farinha de mandioca é a suficiente para uma deliciosa cabeça-de-bode, que está desaparecendo. E quando a carne anda vasqueira e a gordura falha, o sertanejo não se aperta: um picado de abóbora ou qualquer outro, legume, temperado só com sal e pimenta, transforma-se no delicioso quibebe, que sustenta o pobre na época da safra da roça e na escassez de carne.

Tendo só o feijão e o arroz, o sal e a gordura, não carece fazer duas iguarias: cozinha-se o feijão primeiro (pois leva mais tempo) e no estar amolecendo, junta-se-lhe o arroz, para fazer o popular rubacão, o baião-de-dois ou casadinho, que outros tratam de João-e-maria e, indevidamente, mugunzá ou mucunzá. Sem ligar pro nome de batismo, o sabor continua o mesmo.

Da família das refeições, não podemos nos esquecer do cirigado, que lá pro Sul chamam de arroz carreteiro, e por aqui ainda é conhecido por maria-isabel.

Há urna infinidade de outras coisas típicas, que só a cadência de esperar uma hora só pensando faz vir à cabeça.

Forante a farinha com rapadura, que serviam de merenda (hoje, os meninos querem é balinha, sorvete e outras porqueiras furadeiras de dente), ainda me lembro de ter saciado a fome com as mais simples das merendas: a jacuba e a jiguitaia. A primeira é a mistura de rapadura raspada, com farinha e água fria. E a segunda é farinha de mandioca com sal e pimenta (do reino ou malagueta verde). E só.

Sempre que posso, volto aos tempos de infância, saboreando um escalfado, uma sebereba, ou um cirigado com pequi antes que a evolução tome conta do sertão e o povo até se esqueça daquilo que o sustentou desde o nascimento.

Depois volto ao assunto, imaginando a inveja que os conterrâneos nortistas não estão tendo ao recordar aqueles sabores.

FALANDO NOS AZEVEDO

liberatopova@uol.com.br

Creio que Biluca não é dos mais velhos da irmandade dos Azevedo, todos eles, desde as raízes, tocantinenses; o grosso da família morava em Conceição do Tocantins.

Gente importante, os Azevedo: o ancestral coronel Francisco Ferreira dos Santos Azevedo ocupou importantíssimos cargos na Província de Goiás antes da era dos Caiado, chegando por três vezes a governar a Província, como vice-presidente que foi. Um outro ilustre Azevedo foi D. Francisco Ferreira de Azevedo, o Bispo Cego de Goiás.

Por motivos com que não chego a atinar, vieram para Conceição, onde conheci Joaquim, Totó, Dô, Pompeu e Biluca, já falecidos, por quem sempre tivera muita amizade. Todos carregavam ares de fidalgos, vindos por herança do manancial da família; todos, à exceção de Pompeu, encaminharam os filhos para centros mais avançados em busca de estudos, formando-os dentro das possibilidades de cada um. Joaquim Azevedo, morando em Taipas, era o entendido de remédio e dizem que até de benzeção e reza forte; Totó, os filhos puxaram pro Duro e depois para Goiânia, onde veio a falecer; Dô Azevedo foi para Arraias, onde tocava farmácia e morreu descansando das cachaçadas de Tatá, o filho que vivia em pés-de-briga no sertão; Pompeu, que se chamava era Francisco (Pompeu era apelido), era o lavrador da família, vivia da roça e do gadinho que lhe coube por sorte em umas vaqueirices; e Biluca, o velho amigo Biluquinha, foi um eterno delegado de polícia de Conceição do Tocantins.

Lá no ano de 78, tarde modorrenta, um grupo fazia chacota no armazém de Custódio Cardoso, lá no Duro. Daí a pouco, chega Totó: porte esquelético, rosto comprido e cara de doente por causa dos cabelos agrisalhadados e a barba por fazer:

- Boa tarde, gente!

- Tarde! - respondem em coro.

No balcão, sentado de pernas cruzadas, pitando um cigarro de palha, um homem de chapéu de couro e alpercatas salga-bunda assunta o movimento, quando Totó, num gesto largo dos braços magros, saúda-o:

- Como vai o senhor?

O homem respondeu mecanicamente:

- Bem...

E Totó ficou ali, encostado no balcão, espiando a conversa dos outros, quando o homem, dando uma risadinha miúda, pegou-o pelo ombro, virando-o de frente:

- Uai, Totó, tá me conhecendo, não?

Totó semicerrou os olhos, espiou bem e titubeou:

- Não... mas já vi o senhor nalgum lugar. . .

- Ce tá é bestando, Totó!

Totó ficou indeciso diante da firmeza do homem:

- Ta broco, Totó? Parece que tá e caducando! Sou Pompeu, seu irmão!

- Será?... - depois de conferir, teve certeza – De vera! Bem qu'eu tava desconfiando!...

Biluca, tirante o esquecimento do nome era muito ativo. Político, uma vez apoiava o PSD, outras a UDN, sempre cercado de excelente roda de amigos. Baixinho, conversa boa e a matreirice de todo político escolado na vida, Biluca não se apertava no desempenho da função de delegado, apesar de não ter um só policial a seu serviço. Mas a pacatez do lugar ajudava. Que me lembre, só houve um homicídio no meu tempo, quando Felisbino de Tio Dirico foi assassinado.

Mas um dia, Biluquinha se viu apertado: uma ordem judicial lá de cima determinava que ele prendesse uma certa pessoa. Não sei se o aperto era por força de alguma amizade com o camarada ou se devido à valentia deste. O certo é que Biluca não queria, de jeito maneira, melindrar o sujeito: mas também não era de faltar ao dever, principalmente porque, sendo raríssimas as prisões, ficava feio roer a corda justamente na única oportunidade que aparecera.

Engenhoso, imbuiu-se de uma boa doce de maquiavelismo e decidiu que ia resolver o caso politicamente, granjeando a simpatia do tal moço:

- Fulano, vamos dar uma chegadinha ali, que tou precisando que você me tire de um aperto.

Passou a mão no ombro do sujeito, e desceram a rua no rumo da cadeia, batendo papo, contando casos e rindo, até que a chave rangeu na fechadura e entraram ambos. Botando a mão em pala sobre os olhos, Biluca falou que precisava tirar uma goteira, mas não alcançava. O camarada, sentindo um precioso achado naquela súbita precisão do delegado, logo arranhou uma escada e subiu para atender prontamente. Fazer favor ao delegado poderia significar um favor de lá pra cá. Muito justo!

Quando o homem estava lá em cima entretido com a tiração da goteira, Biluca temperou a garganta e disse, fechando a porta e girando a chave:

- Cê me desculpe, Fulano, mas cê tá preso!

ENTRUDOZINHO MUITO DO SAFADO

Liberatopovoauol.com.br

Não sei por que, as brincadeiras de antigamente eram muito mais gostosas: linha-de-ferro, chicote-queimado, pião, entrudo, um bando deles.

Destas, o que a gente ainda vê em Arraias, Taguatinga, Natividade (e olhe lá!) é o entrudo, no Carnaval. Era gostoso a gente pegar uma vasilha d'água e surpreender alguém que passava todo pelintra. Tínhamos a cadência de fabricar seringas de taboca, para, cá de longe, esguichar água, sem susto de revide imediato.

Mas o entrudo de hoje está tão sem graça, que Deus me livre! Não sei se é porque a água hoje é da SANEATINS, e, quando não falta, custa dinheiro à beça, o certo é que não é tão "molhado" como antes. No meu tempo, homem molhava mulher, e vice-versa.

Nada não: muitos anos longe de minha cidade, cuidei que as regras eram as mesmas do meu tempo de menino.

Cheguei à praça Liberato Póvoa (homenagem que fizeram a meu pai), em frente à casa de minha mãe, desci do carro, assuntei as coisas, pois não queria tomar um banho gelado à força, e logo bem cedinho. Reparei umas moças lá longe, seguramente atrás de alguma vítima. Aqui perto, debaixo das mungubeiras da porta, havia uma turma de rapazes curtindo alguma ressaca momesca.

Despreocupadamente, fui até eles: estavam lá uns filhos de Quinca Valente, dois de Celina e uns cachaceiros que vêm de Brasília todo Carnaval só pra beber cachaça, apalpar filha alheia numa senvergonhice excomungada, e virar as costas deixando conta pros pais pagarem.

Malapenas dei dois passos, um deles me pegou pelo braço, e pela firmeza no agarrar, já pressenti que havia algo de errado naquela agarração.

Em questão de segundos, fizeram um "vapt-vupt" e despejaram água no meu cangote, dois me segurando, um chegando água corpo abaixo e outro batendo a mão aberta, safadamente, nos meus peitos, costas, no popão e nas pernas, para assegurar a completa encharcação da roupa. Nem as meias escaparam. Fiquei escritinho um pinto que caiu no azeite.

Não esbocei a mínima reação. Fiquei foi besta e sem ação diante daquela inoção: homem molhado homem, para mim - que aprendi a brincar molhando só mulher - estava mais cheirando a coisa de frescuragem, atitude de zé-mulher.

Isto, no ano de 1981.

Em 1982, como residia no Instituto de Menores, no mato, a seis quilômetros da rua, era preferível não me arriscar a vir à cidade tomar uma cervejinha para rebater o calor. Se fosse à cidade durante o dia, rodaria pelas ruas com os vidros do carro lacrados, que não era nem mané de me arriscar a ser atacado de ambos os flancos: de um lado, as mulheres, o que era perfeitamente concebível; do outro, os antipáticos dos cachaceiros, fazendo parte de mulher, ensopando a gente sencerimoniosamente.

Felizmente, aquele ano São Pedro parece que adivinhou, e tratou de fazer o entrudo por conta própria: foi um inverno de matar sapo no tríduo momesco.

Hoje em dia, não se fala mais no entrudo, pois a SANEATINS, apesar da diligência de seus agentes, continua a pregar boas peças, regrado a água, sem a contrapartida de regrar nossos parques bolsos, há muito acometidos de uma crônica "lepra de algibeira", doenzazinha que grassou como epidemia de uns tempos para cá.

DOUTOR MAGALHÃES E SUA TURMINHA

liberatopova@uol.com.br

Quando chegou o primeiro Juiz de Direito a São José do Duro, foi uma festa. Nós, do grupo escolar, perfilamo-nos ao longo da rua principal para recepcioná-lo, pois era uma preciosa aquisição para a cidade, que assumia foros de importância, passando para trás outras das vizinhanças.

Chegava o Dr. Joaquim Ribeiro Magalhães Filho, goiano mesmo, que escolhera aquela cidadezinha para tomar como sua. Viera de Posse, onde exercera a magistratura e em Dianópolis permaneceu até aposentar-se, fincando o umbigo e criando os filhos. E, abrindo um parênteses, coincidentemente, após mais de ano de jejum de justiça com a comarca vaga, chegou ali Dr. Rui Epifânio Pereira, que, talqualmente o Dr. Magalhães, também viera de Posse, e cá conosco estávamos torcendo que pegasse a mesma trilha do primeiro, ali permanecendo até aposentar-se, no mister de distribuir a justiça e moralizar a cidade, no que foi indo muito bem, e pelo acerto de suas sentenças, só esperávamos que também tomasse a cidade como sua para também marcar história. Mas acabou foi pedindo promoção pra Filadélfia.

Mas, voltemos ao Dr. Magalhães, que, logo de chegada, fez amizades, e cativou a cidade, mormente nós, a meninada, que descobrimos ter sido ele excelente jogador de futebol, tendo até defendido as cores da seleção goiana. Não demorou muito, ele já organizava um timezinho de estudantes e treinava-o todas as tardes no campo velho ao lado do pé de tamarindo nos fundos de um goiabal. E o negócio foi avante, pois a meninada era entusiasmada.

Cidadezinha escassa de gente, não havia meio de se formar a não ser dois times: de um lado, o time do Ginásio, orientado pelo Dr. Magalhães, e do outro, o da Cidade, dirigido pelo meu primo Zito. O do Ginásio era praticamente formado de meninotes: Tezinho, Jeovah, Baúcho, Ney, Zé Afonso, Juarez Bruaca, Diógenes e outros franzinos rapazolas. O da Cidade era de homens feitos: Zuza Morredeira, Hercy, Nezinho Pantame, Dário de Brasilina, Tico de Maria Viúva, Leônidas Peidorreira, Generino, Petinha e outros respeitáveis pais de família, mais afeitos à colher de pedreiro e ao careco de massa de cal e cimento do que propriamente à bola,. Mas enganavam muito bem. Havia gente que levava jeito - como Tico, de Maria Viúva - que, se fosse hoje, estaria tranqüilamente envergando a camiseta de um time grande num estádio qualquer, sem fazer vergonha. Esse terrível Tico parece que nascera com o futebol na massa do sangue, pois era tão bom no gol como na ponta-esquerda, passando por todas as posições.

A fragilidade da meninada de Dr. Magalhães não o animava a colocá-la frente a frente com os taludos atletas da Cidade: onde é que uns frangotes daqueles iam dar vencimento ao muque daqueles pedreiros e serventes de obra, sem se falar noutros fornidos braços? Home quá!

Dr. Magalhães ia treinando sua turminha para um dia - quando sentisse que ela estivesse preparada pelo menos psicologicamente - enfrentar a turma de Zito. Mas foi levando com paciência, pois a meninada estava numa cegueira danada para se exhibir e queria porque queria medir forças com os experimentados varapaus citadinos.

Foi nada, não. Vão assuntando: um dia, Dr. Magalhães viajou para Arraias, e na sua ausência a turminha deu uma de desobediência e ajuntou-se num fim de semana,

desafiou a sisuda equipe da Cidade, que estava seca pra responder no campo às provocações da gurizada.

No dia do jogo clandestino, uma verdadeira multidão disputou as margens do campinho. E a gurizada, toda descalça, deu um "banho" nos velhos, fazendo por sua própria conta um batismo de fogo sempre adiado pelo Dr. Magalhães, que só não deu uma sapituca porque seus pupilos haviam aplicado homérica e histórica goleada, que serviu para marcar os futuros prêmios como disputadíssimos clássicos, sempre com gosto de revanche.

Mas a experiência da turminha serviu para afamar o time, que saiu "catando" tudo quanto era seleção: de Taguatinga, Natividade, Porto Nacional e outras cidades. E o entusiasmo embriagou Dr. Magalhães de tal forma, que nossa timinho, resolveu ir até Barreiras, na Bahia, cutucar com vara curta o temível Corinthians, que jogava pau-a-pau com times até da capital.

Partiu a caravana para Barreiras. Dias depois, a turma voltou: tinha levado uma respeitável goleada de 6 a zero, que deixou Dr. Magalhães apaixonado de desgosto, sem fazer a barba por seis meses, inconformado com a derrota.

Hoje, mais de anos, depois permanece intacta a fama de Dr. Magalhães, como verdadeiro líder dos meninotes de minha época (hoje, todos pais de família), que guardam numa gaveta especial do escaninho da memória aqueles joguinhos ao pé do tamarindeiro.

ESPERTEZA RAPOSISTA

liberatopova@uol.com.br

Desde cedo, aprendemos que a raposa é o símbolo da matreirice, da esperteza. De matreirice e safadeza, tenho cá comigo que o macaco é o bicho mais esperto de todos, pelas presepadadas, pela saliência, pela imitação de racionalidade de seus gestos e atitudes quase humanas. Quem vive na cidade grande conhece o macaco pela TV, cinema e revistas e, quando muito, confinado nas grades do zoológico. Mesmo com esse pálido e arremedado conhecimento do impagável comedor de bananas, a gurizada fica é horas e horas imaginando como um ser inferior pode ser capaz de tanta coisa, desde o estender a mão para pedir comida até os malabarismos cheios de graça e habilidade do natural trapezista.

Nem de longe, entretanto, a meninada cidadina pode supor do que é capaz a criatura que Darwin quis nos empurrar como ancestral. Mas quem é vivente do interior e sente de perto a vida do mato, as peripécias do macaco "civilizado" são meros rascunhos de sua capacidade inventiva quando em liberdade.

Em geral, os macacos vivem encamboados em bandos, e em bandos saqueiam as roças de milho, causando verdadeira devastação, o que leva o homem a persegui-los impiedosamente, apesar de difícil surpreendê-los em atividade. O bando, quando resolve atacar uma roça de milho, coloca um deles de vigia, e, ante a aproximação do perigo, dá o alarme, sumindo todos, como que por encanto. E se o acaso faz com que o bando seja surpreendido, o sentinela toma exemplar surra de cipó, pela fatal desatenção, além de não receber a cota de espigas que lhe seria reservada.

Afirma-se também que a guariba, fêmea do bugio (macaco maior que o comum), ao sentir-se na alça de mira de algum caçador e encontrando-se parida, pega o macaquinho das costas e mostra-o, como que tentando demover o homem, dissuadindo-o de matá-la. Dizem outros que, quando parida e desacompanhada do filho, tenta convencer o caçador, espremendo o peito e derramando o leite numa folha, provando sua condição de mãe. Mas nem sempre o sertanejo abre o coração nessas horas, e ao se lembrar da roça devastada, acaba matando-a.

Quanto à raposa, sua fama de matreira está vinculada às fábulas de Esopo compiladas por Fedro e La Fontaine e estudadas nos cursos de latim, que a retratam manhosa e esperta. Também as histórias de bichos, que Monteiro Lobato colocou na boca de Tia Nastácia, traçam-lhe idêntico retrato. Mas o sertanejo parece conhecê-la apenas como terrível comedeira de galinha e bebedeira de cachaça, desconhecendo as apregoadas matreirices raposistas.

Uma das histórias conta que, estando a Rei Leão muito nervoso, andou sacrificando alguns súditos por qualquer meu-pê-me-dói: se falassem algo de mal, morriam; se falassem de bem para agradá-lo, era interpretado como puxa-saquismo, tendo a mesma sorte. Chamada a palácio a raposa, foi-lhe perguntado o que achava do aroma dos jardins reais; ela respondeu que estava gripada e não sentia o cheiro; e para outras perguntas, ela encontrou respostas inteligentes o suficiente para voltar viva.

Na Escola Técnica Federal de Minas Gerais, onde trabalhei, ocorreu um fato que me fez lembrar a raposa: um professor, desobedecendo a determinações internas, estacionou o carro num local proibido, e, apesar das reclamações do zeloso porteiro, fez

ouvidos moucos e foi dar aula. O porteiro foi dar parte ao sisudo, enérgico e respeitado encarregado da disciplina, um coronel que tinha carta branca para agir. Este, ao querer tomar satisfações com o recalcitrante professor, acabou foi ganhando sonoros desaforos, com o que não concordou o ofendido assessor, que, para formalizar uma comunicação à Diretoria, dirigiu-se à primeira pessoa que passava, para testemunhar. Era meu amigo, Prof. Raimundo Adriano, também amigo do professor desaforado; e foi inquirido pelo coronel:

- O senhor viu o desaforo dele?

- O que a senhor falou? Hoje estou meio surdo...

- Não - retomou o irado assessor - Estou perguntando é se o senhor VIU?

Aí, o Raimundo Adriano coçou a cabeça, qualquer resposta seria comprometedora: se dissesse "não", estaria sujeito a comprar briga com o assessor; se dissesse "vi", prejudicaria o colega. E respondeu:

- Sabe, estou sem óculos, e não enxergo quase nada sem eles, de forma que não posso dizer que vi! - e seguiu em frente.

Deu uma de raposa no palácio do leão.

ENGANOSA NATUREZA

liberatopvoa@uol.com.br

Quem me lê semanalmente e toma conhecimento de causos e passagens ocorridas no sertão tocantinense, já formou uma concepção do sertanejo: crédulo, subserviente, humilde. Quando se fala em Camilo Canela, Maria Segurada, Antonhão Pé-de-Janta, forma-se um juízo aparentemente perfeito do nosso homem do mato.

Entretanto, apresso-me em adiantar uma outra faceta que vem completar o sertanejo, o crédulo, o supersticioso e ingênuo bariru: sua crueza, sua natureza malvada com os animais, praticando atos para nós considerados de extrema barbaridade. Não que seja de sua índole fazer o mal; é muito mais uma espécie de instinto de sobrevivência num sertão onde ele divide com a fauna o sustento da família.

É comum, comuníssimo ver-se a destruição de ninhos de pássaros pelos meninos sertanejos. No tempo do plantio, de parição do arroz e da colheita, o roceiro incumbe um dos meninos de vigiar a roça, de bodoque em punho, espiando - e se possível matando - rolinhas fogo-apagou, maritacas, periquitos o pássaros-pretos, a fim de não darem prejuízo na roça. Os ninhos desses pássaros, quando encontrados, são sumariamente queimados e os filhotes mortos, como espécie de faxina antiecológica.

Certa ocasião - isto, há um bando de anos - estando na fazenda, um dos vaqueiros, por nome Carlos de Madalena, andou atirando numas guaribas que (dizendo ele) ameaçavam a roça de milho, quando se sabe que a guariba é uma nação de símio que não dá prejuízo, pois só come fruta do mato. E num raro acaso, a guariba ferida deixou escapar o filhote que carregava na cacunda. Eu estava por perto e decidi levar o macaquinho para casa. Era um animalzinho esperto, de natureza mansa, pois, mal saíra de seu "habitat", já estava subindo-me aos ombros e apanhando restos de comida em minha mão. Criado em casa, seguramente o macaquinho iria tornar-se um animal de estimação, com a vantagem de divertir-nos com as presepadas de natural equilibrista, um exímio assobiador e criador de inusitadas situações, com suas gatimônias.

Pois bem, ausentando-me por um dia para pescar na beira do Palmeiras, ao retornar não vi mais o macaquinho que já começara a estimar e que parecia já conhecer-me. Procurando por ele, soube que o menino do vaqueiro o matara com uma paulada e o jogara num buraco de cupim. Fui indagar a razão daquela malvadeza. E ele, como se tivesse feito uma vantajona deste tamanho, falou apenas que o matara porque os macacos, guaribas e bugios são danados pra dar prejuízo às roças, e quando ele crescesse iria dar prejuízo também. Inútil argumentar.

Assim, o sertanejo não titubeia em destruir esses animais, tidos por nocivos, no seu curto modo de ver.

Ouvi contar - e não boto pé na parede pra desacreditar - que nas rodeanças da nossa fazenda um camarada possuía uma cachorra comedeira de ovo. Como no mato o sertanejo divide sua criação de galinhas com as raposas, que as comem, e os teiús, que acabam com os ovos, é inconcebível que também um animal de dentro de casa também belisque sua parcela. Mas como o sustento é precário - o decomer é escasso e malmente dá pros racionais - cachorros e gatos tratam de buscar seu sustento de qualquer jeito: é a carniça, quando disputam com os urubus um naco de carne putrefata; é o resto de matalotagem, quando se sacrifica uma rês para ter carne sadia; é o ninho da galinha que bota no mato, pois a indolência do sertanejo não lhe abre os olhos para a necessidade de

construir pelo menos um cercado para livrar as galinhas de um eventual ataque noturno de bicho do mato.

O sumiço dos ovos estava sendo debitado a esses bichos, até que um dia flagraram a cachorra magrela comendo ovos no ninho.

Aí, entrou em ação o instinto malvado do sertanejo. Não bateu na cachorra, sequer ralhou com ela, chamando-a com um estalar de dedos, vindo ela, abanando o rabo para roçar nas pernas de seu dono. Este ficou fazendo-lhe festa, enquanto a cachorrinha deitava e rolava de satisfação, usufruindo daqueles carinhos temporões.

Enquanto ele brincava com ela, como se aprovando sua irracional ação no ninho atrás da moita do quintal, na trempe fumegava a chocolateira, fervendo um ovo. E quando o borbulhar da água expulsava respingos fora da vasilha, ele pegou uma colher, tirou o ovo, abriu a boca da cachorrinha, que lhe trançava nas pernas inocente, e jogou lá no fundo o ovo quente, não sem antes segurar com força o focinho da miserável cadela, a fim de que não cuspiasse fora o ovo com sabor de brasa.

Segundo ele, era para a cachorrinha nunca mais comer ovo. De fato, o pequeno e feio animal jamais voltou a comer ovo, pois dali a poucos dias, sempre gemebunda e cortando o coração da gente, ela morreu de fome, pois as queimaduras da boca e de garganta não deixaram mais nem beber água.
